

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Daniela Schwarcke do Canto

**A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO
COMENTADA DE ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN,
DE ELIZABETH PORTER GOULD**

Santa Maria, RS/Bruxelas, BE
2020



Thesis submitted in fulfilment of the requirements
for the degree of Doctor in Translation Studies

**A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO
COMENTADA DE ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN,
DE ELIZABETH PORTER GOULD**

Daniela Schwarcke do Canto

2020

Supervisors:

Prof. Dr. Anselmo Peres Alós

Prof. Dr. Philippe René Marie Humblé

Daniela Schwarcke do Canto

**A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE ANNE
GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER GOULD**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM)
Orientador: Prof. Dr. Philippe René Marie Humblé (VUB)

Santa Maria, RS/Bruxelas, BE
2020

do Canto, Daniela Schwarcke
A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE
ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER
GOULD / Daniela Schwarcke do Canto.- 2020.
319 p. r 30 cm

Orientador: Anselmo Peres Alós
Coorientador: Philippe René Marie Humblé
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2020

1. Tradução 2. Biografia 3. Anne Gilchrist 4. Walt
Whitman I. Alós, Anselmo Peres II. Humblé, Philippe
René Marie III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da ODSM. Dados fornecidos pelo
autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DANIELA SCHWARCKE DO CANTO, para os devidos fins e sob as
penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de
curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias
objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente
referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi
apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau
acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração
poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras
consequências legais.

Daniela Schwarcke do Canto

**A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE ANNE
GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER GOULD**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Aprovado em 17 de dezembro de 2020:

Anselmo Peres Alós, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)
Videoconferência

Philippe René Marie Humblé, Dr. (VUB)
(Orientador)
Videoconferência

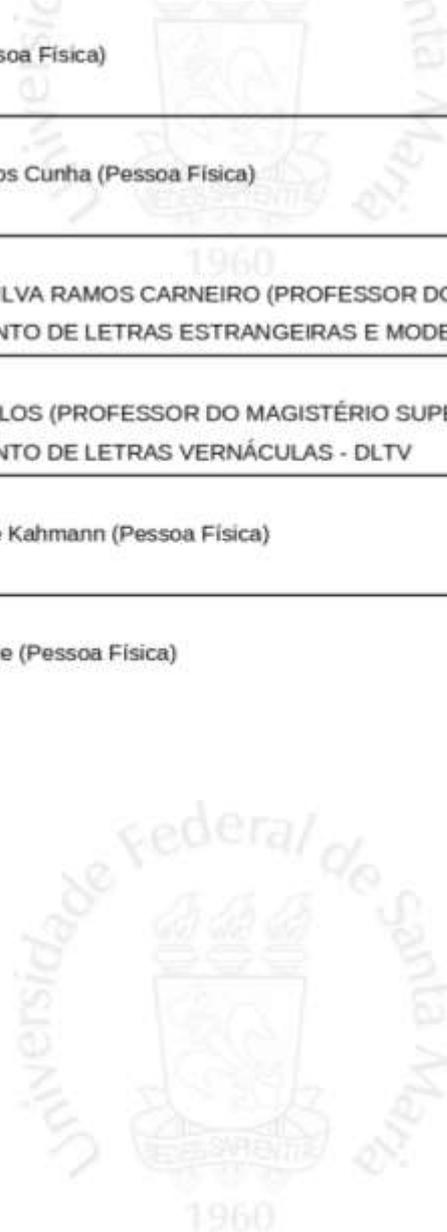
Arvi Sepp, Dr. (VUB)
Videoconferência

Andrea Cristiane Kahmann, Dra. (UFPel)
Videoconferência

Andrei dos Santos Cunha, Dr. (UFRGS)
Videoconferência

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro, Dra. (UFSM)
Videoconferência

Santa Maria, RS/Bruxelas, BE
2020

| | | |
|--|--------------------|---|
| NUP: 23081.064151/2020-91 | | Prioridade: Normal |
| Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação 134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação | | |
| COMPONENTE | | |
| Ordem | Descrição | Nome do arquivo |
| 2 | Folha de Aprovação | Folha de Aprovação.pdf |
| Assinaturas | | |
| 23/12/2020 11:12:19 | | |
| EXTEP373649 - Arvi Sepp (Pessoa Física) Usuário Externo (EP3*****) | | |
| 23/12/2020 12:48:09 | | |
| 69136238015 - Andrei dos Santos Cunha (Pessoa Física) Usuário Externo (691.***.***.**) | | |
| 23/12/2020 15:09:11 | | |
| 3017371 - MARIA CLARA DA SILVA RAMOS CARNEIRO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE | | |
| 11/01/2021 17:03:55 | | |
| 1865687 - ANSELMO PERES ALOS (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.38.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLTV | | |
| 14/01/2021 19:08:29 | | |
| 00158561007 - Andrea Cristiane Kahmann (Pessoa Física) Usuário Externo (001.***.***.**) | | |
| 19/01/2021 05:35:12 | | |
| EXTEM395102 - Philippe Humble (Pessoa Física) Usuário Externo (EM3*****) | | |
|  | | |
| Código Verificador: 472800 | |  |
| Código CRC: 7c02ed0a | | |
| Consulte em: https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html | | |

Daniela Schwarcke do Canto

**A WOMAN'S ESTIMATE OF WALT WHITMAN: A COMMENTED
TRANSLATION OF ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN BY ELIZABETH
PORTER GOULD**

Thesis submitted to the PHD Program in Applied Linguistics: Translation Studies of the Faculty of Arts and Philosophy of Vrije Universiteit Brussel (VUB) in fulfilment of the requirements for the degree of **Doctor in Translation Studies** (VUB).

Approved on December 17, 2020:

Anselmo Peres Alós, Dr. (UFSM)
(President/Supervisor)
Video conference

Philippe René Marie Humblé, Dr. (VUB)
(Supervisor)
Video conference

Arvi Sepp, Dr. (VUB)
Video conference

Andrea Cristiane Kahmann, Dra. (UFPel)
Video conference

Andrei dos Santos Cunha, Dr. (UFRGS)
Video conference

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro, Dra. (UFSM)
Video conference

Santa Maria, RS/Brussel, BE
2020

| NUP: 23081.064151/2020-91 | | Prioridade: Normal |
|---|----------------|---|
| Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação 134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação | | |
| COMPONENTE | | |
| Ordem | Descrição | Nome do arquivo |
| 3 | Approval Sheet | Approval Sheet.pdf |
| Assinaturas | | |
| 23/12/2020 11:12:19 | | |
| EXTEP373649 - Arvi Sepp (Pessoa Física) Usuário Externo (EP3*****) | | |
| 23/12/2020 12:48:10 | | |
| 69136238015 - Andrei dos Santos Cunha (Pessoa Física) Usuário Externo (691.***.***-**) | | |
| 23/12/2020 15:09:11 | | |
| 3017371 - MARIA CLARA DA SILVA RAMOS CARNEIRO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE | | |
| 11/01/2021 17:03:55 | | |
| 1865687 - ANSELMO PERES ALOS (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.38.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLTV | | |
| 14/01/2021 19:08:58 | | |
| 00158561007 - Andrea Cristiane Kahmann (Pessoa Física) Usuário Externo (001.***.***-**) | | |
| 19/01/2021 05:35:12 | | |
| EXTEM395102 - Philippe Humble (Pessoa Física) Usuário Externo (EM3*****) | | |
| Código Verificador: 472801 Código CRC: 325e65b Consulte em: https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html | |  |

Aos meus filhos, com todo o amor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Não vou dizer que foi fácil, mas posso dizer que tive a felicidade de ter ao meu lado, nesses quatro anos de doutorado, pessoas que me ajudaram, que me apoiaram e que me fizeram acreditar que seria possível. A vocês, meu agradecimento de todo o coração!

Dentre essas pessoas, algumas não posso deixar de citar e fazer um agradecimento especial:

Aos meus incríveis orientadores, que hoje tomo a liberdade de dizer que se tornaram amigos queridos: Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM), por todos os ensinamentos, por todo o carinho e pela amizade (e aqui já estendo o meu mais profundo agradecimento à UFSM e ao PPGL); e Prof. Dr. Philippe Humblé (VUB), pelas orientações precisas, pela acolhida fantástica na VUB e pela paciência em ser orientador/amigo, dentro e fora da VUB, para o Rafael e para mim no ano que passamos na Bélgica;

Ao Prof. Dr. Walter Carlos Costa, que fez a minha vontade de fazer um doutorado sanduíche virar uma cotutela e me presenteou com a oportunidade de ir para a Bélgica passar um ano na VUB;

À minha magnífica banca, formada por pessoas que admiro demais, pela disponibilidade, em meio ao caos do ano de 2020, e pelas contribuições valiosas a este trabalho: Prof. Dr. Arvi Sepp (VUB), Prof. Dr. Andrei Cunha (UFRGS), Profa. Dra. Andrea Kahmann (UFPel) e Profa. Dra. Maria Clara Carneiro (UFSM);

Ao meu chefe, Prof. Dr. Érico de Moraes Flores, pelo incentivo e por conceder a licença que possibilitou a escrita desta tese, e aos meus colegas/amigos da SAI/UFSM, que entenderam e apoiaram o tempo todo. Um agradecimento especial à minha parceira de NITRA, Amy Graham Lee, que “segurou as pontas” sozinha no ano que estive fora;

Aos *Capirotos*, que entraram na minha vida ainda no mestrado e que provaram ser o grupo de doutorado mais maluco e maravilhoso que se pode ter!

Às minhas lindas amigas da vida inteira, em especial à Gio, à Cris, à Dey e à Rachel, que tantas vezes (mesmo à distância neste último ano) foram “ouvidos” tão necessários.

À Conja, Alexandra Almeida de Oliveira, pela amizade e pela parceria “de Bruxelas para a vida”!

E, principalmente, à minha família, a melhor de todas: aos meus filhos e à minha netinha (ainda no “forno”), que são a minha razão de ser e minha maior motivação; ao meu marido, que entendeu e apoiou todo o turbilhão do doutorado; e aos meus pais, pelo suporte incondicional e irrestrito. Obrigada por acreditarem que eu conseguiria!

RESUMO

A APRECIÇÃO DE UMA MULHER: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER GOULD

AUTORA: Daniela Schwarcke do Canto
ORIENTADOR (UFSM): Anselmo Peres Alós
ORIENTADOR (VUB): Philippe René Marie Humblé

Anne Gilchrist foi uma escritora, biógrafa e tradutora. Aos trinta e três anos de idade, viúva e mãe de quatro filhos, ela se torna conhecida da cena literária londrina ao terminar o *Life of William Blake* (1863), obra deixada inacabada pelo marido, o também escritor Alexander Gilchrist, ao morrer. Alguns anos depois, um outro homem de letras se beneficia dos talentos de Anne, só que desta vez do outro lado do oceano. O poeta estadunidense, Walt Whitman, passando por um momento ruim de sua carreira literária, tem a felicidade de encontrar nessa mulher uma amiga e admiradora sem precedentes, que escreve uma inspirada resenha de sua obra *Leaves of Grass* (1855), mudando a impressão desfavorável que alguns nutriam do poeta e de sua obra. Esta tese de doutoramento busca apresentar ao público leitor de língua portuguesa a talentosa Anne Gilchrist, através da tradução da biografia intitulada *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, escrita por Elizabeth Porter Gould e publicada em 1900, que abrange o período que Anne passa nos Estados Unidos na companhia de Whitman. São quatro capítulos: no primeiro, trago uma breve biografia de Anne Gilchrist; no segundo, apresento uma análise concisa sobre a biografia enquanto gênero literário; no terceiro, discuto a importância da língua e da cultura do outro e o papel do tradutor; e no quarto e último, apresento o projeto de tradução da biografia de Gould e os comentários acerca das estratégias tradutórias.

Palavras-chave: Tradução. Biografia. Anne Gilchrist. Walt Whitman.

ABSTRACT

A WOMAN'S ESTIMATE: A COMMENTED TRANSLATION OF ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN BY ELIZABETH PORTER GOULD

AUTHOR: Daniela Schwarcke do Canto
SUPERVISOR (UFSM): Anselmo Peres Alós
SUPERVISOR (VUB): Philippe René Marie Humblé

Anne Gilchrist was a writer, biographer and translator. At the age of thirty-three, a widow and mother of four, she became well-known in the London literary scene when she finished *The Life of William Blake* (1863), a work left unfinished by her husband, the also writer Alexander Gilchrist, when he died. A few years later, another literarian benefits from Anne's talents, only this time from across the ocean. The American poet, Walt Whitman, who was at the time going through a difficult period in his literary career, is fortunate to find in this woman an unprecedented friend and admirer, who writes an inspired review of his *Leaves of Grass* (1855), helping change the negative impression some people had of both the poet and his work. This doctoral dissertation aims to introduce the talented Anne Gilchrist to the Portuguese-speaking public through the translation of Elizabeth Porter Gould's *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, published in 1900, which covers the period Anne spent in the United States in Whitman's company. This dissertation is divided into four chapters: chapter one brings a brief biography of Anne Gilchrist; chapter two presents a concise analysis of biography as a literary *genre*; chapter three concerns the importance of language and culture and the role of the translator; and the fourth and last chapter consists of the translation of Gould's biography with comments on the translation strategies.

Keywords: Translation. Biography. Anne Gilchrist. Walt Whitman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 – Casa dos Gilchrist na Cheyne Row, em Londres..... | 29 |
| Figura 2 – Anne Gilchrist..... | 33 |
| Figura 3 – <i>Leaves of Grass</i> - Primeira edição (1855)..... | 37 |
| Figura 4 – <i>Leaves of Grass</i> - Frontispício e página de rosto da primeira edição (1855)..... | 37 |
| Figura 5 – <i>Poems of Walt Whitman</i> selecionado e editado por William Michael Rossetti | 41 |
| Figura 6 – Walt Whitman em 1872 | 52 |
| Figura 7 – <i>The Tea Party</i> , de Herbert Gilchrist (1884) | 64 |
| Figura 8 – <i>Anne Gilchrist and Walt Whitman</i> , de Elizabeth Porter Gould..... | 78 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|------------|
| Quadro 1 – Tradução comentada de <i>Anne Gilchrist and Walt Whitman</i> (1900), de Elizabeth Porter Gould | 113 |
|--|------------|

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 ANNE GILCHRIST E WALT WHITMAN: QUANDO AS PALAVRAS DEIXAM DE SER PALAVRAS | 17 |
| 2.1 ANNE (BURROWS) GILCHRIST | 17 |
| 2.2 O encontro com o poeta: do amor idealizado à amizade infinda | 35 |
| 2.2.1 A apreciação de uma mulher | 35 |
| 2.2.2 Uma aventura além-mar | 54 |
| 3 CONTANDO O OUTRO | 71 |
| 3.1 ESCREVENDO UMA VIDA: O GÊNERO BIOGRAFIA | 71 |
| 3.2 UMA MULHER CONTANDO OUTRA: ANNE GILCHRIST AOS OLHOS DE GOULD | 75 |
| 4 O TEXTO DO OUTRO: QUESTÕES DE LÍNGUA E CULTURA NA TRADUÇÃO | 89 |
| 4.1 “FIEL” AO ORIGINAL OU UM NOVO TEXTO? | 89 |
| 4.2 TRADUÇÃO COMO MEDIAÇÃO ENTRE CULTURAS | 96 |
| 4.3 O TRADUTOR (IN)VISÍVEL | 102 |
| 5 A TRADUÇÃO COMENTADA DE ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER GOULD | 109 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 277 |
| REFERÊNCIAS | 281 |
| APÊNDICE A - A TRADUÇÃO DE “A WOMAN’S ESTIMATE OF WALT WHITMAN” (1870) | 289 |

1 INTRODUÇÃO

Sempre gostei de biografias e, desde muito menina, encantava-me ao ler sobre a vida das pessoas, bem como descobrir o que elas faziam, o que elas comiam, como elas se divertiam. A primeira biografia que tenho lembrança de ter lido foi a de Helen Keller¹, a menina cega, surda e muda que teve sua vida transformada ao conhecer a professora Anne Sullivan, ela própria deficiente visual e que, com muito carinho e paciência, consegue tirar Helen do isolamento em que vivia, ensinando-a a se comunicar e permitindo com que ela estudasse. Sua história foi se tornando cada vez mais conhecida, a ponto de chamar a atenção de personalidades famosas e influentes na época, como o escritor Mark Twain (1835-1910) e o trigésimo Presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge (1872-1933). Helen forma-se, *cum laude*, na Radcliffe College, em 1904, aos vinte e quatro anos, tornando-se uma escritora, conferencista e ativista conhecida no mundo todo, e provando que, com trabalho árduo, determinação e persistência, a pessoa pode deixar para trás as adversidades impostas pela vida.

Vários anos depois de graduada em Letras, e já trabalhando como tradutora, resolvi aventurar-me no mestrado. Em conversa com uma antiga professora da época da graduação, sobre a minha aspiração ao título de mestre, ela sugeriu que eu contatasse quem, posteriormente, seria o meu futuro orientador, Prof. Dr. Enéias Farias Tavares, dizendo que ele tinha um projeto que envolvia tradução. Foi ele que me “apresentou” a William Blake (1757-1827) e à sua história, contada de maneira primorosa pelo biógrafo Alexander Gilchrist. Desse encontro, nasceu uma curiosidade, uma vontade de conhecer mais acerca desse fantástico artista, de intrigantes e enigmáticas obras, mas pouco apreciado e estudado. William Blake foi um artista completo: um pintor de grande talento, um poeta de palavras provocantes e um gravurista de exímia aptidão.

A ideia inicial para meu projeto de mestrado era, então, a de fazer a tradução comentada da biografia *Life of William Blake: Pictor Ignotus*, escrita por Alexander Gilchrist e publicada em 1863². Ao realizar as pesquisas para a escrita da dissertação, percebi que, diferentemente do que havia em princípio programado, esse seria um trabalho impossível de ser realizado no curto período de um mestrado. O livro tem mais de 700 páginas, sua tradução tomaria praticamente o total dos dois anos. Por uma sugestão do Prof. Michael Phillips, grande estudioso de Blake, e com o aval e o suporte do meu orientador, optei por trabalhar com a *escrita* da biografia,

¹ DAVIDSON, Margaret. **Hellen Keller**. New York: Scholastic Inc., 1969.

² Apresento, no decorrer da tese, a data de 1863 para esta obra porque é a data da primeira publicação, mas nas referências, a data que coloco é 1999 por ser a edição que eu tenho.

direcionando as pesquisas para tentar responder à questão de quais teriam sido as fontes usadas por Gilchrist, já que elas não estavam citadas explicitamente (realidade muito comum nas obras daquela época)³. Ao realizar tais pesquisas, deparei-me com a história de Anne Gilchrist, esposa do biógrafo. Alexander Gilchrist morreu de escarlatina antes de finalizar a biografia de Blake, e Anne⁴, aos 33 anos, viúva e com quatro filhos pequenos, tomou para si a responsabilidade de terminá-la e publicá-la, empreitada para a qual ela contou com a ajuda dos amigos Dante Gabriel e William Michael Rossetti. A obra é então finalizada e publicada em 1863, tornando-se uma das mais importantes fontes de pesquisas para os estudiosos de William Blake até os dias de hoje, e mostrando, mais uma vez, como o trabalho árduo, determinação e persistência são determinantes para o êxito.

Ao aprofundar as pesquisas da vida de Anne Gilchrist, compreendi o quanto essa mulher determinada e perseverante foi de grande importância, não só na vida do marido Alexander, como também na vida de outro homem de letras, o poeta estadunidense Walt Whitman, e que muito pouco, ou quase nada, há de estudos envolvendo essa grande figura feminina. Existem apenas três biografias⁵ dedicadas à Anne Gilchrist, escritas em três momentos diferentes. A primeira, publicada em 1887, dois anos após a sua morte, escrita pelo filho Herbert Gilchrist; a segunda, publicada no ano de 1900 e escrita por Elizabeth Porter Gould; e a última, de 1991, escrita por Marion Walker Alcaro, biografia que partiu de uma tese de doutoramento na Drew University, em New Jersey, nos Estados Unidos, e é hoje a mais completa obra de pesquisa sobre Anne Gilchrist de que se tem notícia.

Resolvi, então, dedicar as minhas pesquisas de doutoramento à Anne Gilchrist e à tradução da biografia intitulada *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, escrita por Elizabeth Porter Gould, que narra o período em que ela conheceu a obra de Whitman, bem como as várias correspondências trocadas entre eles (e que culminaram com a ida de Anne aos Estados Unidos, atrás de quem ela pensava ser, àquela ocasião, o seu grande amor). É importante salientar que Gould foi responsável pela publicação, em 1889, de uma seleção de poemas de Whitman,

³ O resultado da pesquisa foi a minha dissertação de mestrado intitulada *O casal Gilchrist e a vida de um pintor desconhecido: o gênero biografia e a recepção da obra de William Blake no século XIX*, defendida em dezembro de 2015 na UFSM, sob orientação do Prof. Dr. Enéias Farias Tavares. Disponível em: <repositorio.ufsm.br/handle/1/9948>. Acesso em: 16 mai. 2018.

⁴ Apesar de não ser o mais comum na escrita acadêmica, optei, ao referir-me à Anne Gilchrist, por tratá-la apenas pelo primeiro nome ou pelo nome completo, para que fique claro ao leitor tratar-se dela, e não do filho Herbert Gilchrist ou do marido, Alexander Gilchrist, ambos também escritores.

⁵ GILCHRIST, H. **Anne Gilchrist**: her life and her writings. London: T. Fischer Unwin, 1887.

GOULD, E. P. **Anne Gilchrist and Walt Whitman**. Philadelphia: David McKay Publisher, 1900.

ALCARO, M. W. **Walt Whitman's Mrs. G.**: A Biography of Anne Gilchrist. New Jersey: Associated University Press, 1991.

intitulada *Gems from Walt Whitman*, sendo, ela própria, grande admiradora do poeta e que também, como Anne, teve a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

Apesar de achar que a biografia de Alcaro é uma fonte mais completa de informações, por ter sido a última a ser escrita e publicada, a opção pela biografia de Gould se dá por algumas razões, entre as quais o fato de que ela foi escrita por uma mulher do século XIX, contemporânea de Anne, e também porque, devido ao ano de sua publicação, já se encontra em domínio público, não implicando em questões jurídicas que a tradução da obra de Alcaro trariam.

Quando iniciei os meus estudos de doutoramento, ficou claro que eu sabia muito pouco, ou praticamente nada, de tradução literária, pois meu trabalho na UFSM envolve somente tradução técnica. Para aprofundar os meus conhecimentos no assunto, optei por realizar a tese em cotutela com a Vrije Universiteit Brussel (VUB), o que oportunizou um ano de estudos em Bruxelas, na Bélgica, sob a supervisão do Prof. Dr. Philippe Humblé. Um ano estudando e pesquisando na VUB me permitiu adquirir, além de conhecimentos na área de tradução e interculturalidade, uma vivência acadêmica em um ambiente rico e diversificado culturalmente, e também possibilitou o intercâmbio de ideias e a interação com pesquisadores de várias partes do mundo.

Esta tese está dividida em quatro capítulos além desta introdução. O capítulo intitulado “Anne Gilchrist e Walt Whitman: quando as palavras deixam de ser palavras”, apresenta uma curta biografia de Anne Gilchrist, contando um pouco de sua história, desde o nascimento até o período em que Anne teve acesso aos poemas de Whitman e os anos que ela passou nos Estados Unidos. No capítulo “Contando o Outro”, trago uma breve análise da biografia como gênero literário, examinando a biografia *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, escrita por Elizabeth Porter Gould. O capítulo “Questões de Língua e Cultura na Tradução” é dedicado à tradução, no qual discuto a questão da importância da língua e cultura do outro e o papel do tradutor. Finalmente, no capítulo “A Tradução Comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, de Elizabeth Porter Gould”, apresento minha tradução da biografia escrita por Gould, comparando-a à tradução feita pelo tradutor automático (TA) *Google Translate*, verificando a que extensão uma tradução deve ser mais orientada à semântica ou até que ponto a mão do/a tradutor/a pode (ou deve) se revelar ao/à leitor/a, levando em conta autores como Venuti (2002), Berman (2012), Benjamin (2000), Heidermann (2010), Vinay e Darbelnet (1995), Aubert (1998), entre outros. Ao final desta tese, ainda apresento a minha tradução de “A Woman’s Estimate of Walt Whitman” (1870), resenha que foi o ponto de partida da linda relação de amor e amizade entre Anne Gilchrist e o “Good gray poet” Walt Whitman.

O simples fato dessa biografia ter sido publicada há mais de um século e não ter sido ainda traduzida para o português, por si só, justificaria a escolha pela tradução do livro. Mas, além de possibilitar ao leitor brasileiro o conhecimento de tão importante figura no cenário literário de século XIX, pretendo ainda analisar a forma como Gould apresenta Anne Gilchrist em comparação à biografia anterior, de 1887, escrita por Herbert Gilchrist, e a posterior, de 1991, escrita por Marion Walker Alcaro. Cada uma das biografias dedicadas a essa importante mulher revela uma das facetas de Anne Gilchrist, mas nenhuma dá a ideia completa. O meu trabalho como tradutora e como cotejadora pretende construir uma visão mais ampla de quem foi Anne Gilchrist, uma visão destinada, principalmente, ao leitor em língua portuguesa que não tem acesso a nenhuma das três biografias na sua língua original. Ainda assim, mantenho a consciência de que a visão que vou apresentar não é a mais verdadeira ou a mais definitiva, mas tão somente o ponto de partida para que futuros/as pesquisadores/as construam visões ainda mais amplas de quem foi Anne Gilchrist.

2 ANNE GILCHRIST E WALT WHITMAN: QUANDO AS PALAVRAS DEIXAM DE SER PALAVRAS

2.1 ANNE (BURROWS) GILCHRIST

She combined in an unusual degree the qualities of mature wisdom, fine literary tact, and a perfect womanly sweetness of temper⁶.

(Elizabeth Porter Gould)

Anne Burrows nasceu em 1828, em Londres, filha de John Parker e Henrietta Burrows. Os pais de Anne – apesar de atitude incomum na época em relação às meninas – sempre a incentivaram a estudar, o que foi de fundamental importância para que ela se tornasse a mulher que foi. Descendente de uma família de proprietários de terras, a mãe de Anne, Henrietta, fora criada em meio aos costumes associados a uma mulher de família tradicional vitoriana, muitos dos quais passou à sua filha, como seria apropriado a uma boa mãe fazer. O neto Herbert Gilchrist descreve a avó maternal, na biografia *Anne Gilchrist: her life and her writings*, de 1887, da seguinte forma: “[a] witty and delightful grand-dame she seemed to us, whose stately manners were reminiscent of the ‘grand old style’”⁷ (GILCHRIST, 1887, p. 2, grifo do autor).

O pai de Anne, John Parker Burrows, era um advogado de sucesso, um tanto altruísta, muitas vezes aceitando clientes que, sabidamente, não poderiam pagar pelos seus serviços. Ele gostava muito de música, e sempre incentivou a filha a acreditar tanto na sua habilidade musical quanto na sua capacidade de aprender tudo o que quisesse, estimulando-a também na leitura e na escrita. Eles mantinham uma ligação muito forte, lembrada sempre por Anne com carinho e descrita pelo neto, que não conheceu o avô, mas que, pelas informações passadas pela mãe, escreve: “Annie (Gilchrist) possessed ‘a kind and good father’, who recognised ability in his daughter, and did all he could to develop the child’s mind and character”⁸ (GILCHRIST, 1887, p. 11-12, grifo do autor).

⁶ Nota publicada pelo *The Academy* (jornal especializado em literatura, publicado em Londres entre 1869 e 1902), no dia cinco de dezembro de 1885, por ocasião da morte de Anne Gilchrist: “Ela combinava, em um nível incomum, uma sabedoria madura, um preciso tato literário e uma perfeita delicadeza feminina no temperamento” (todas as traduções nesse trabalho são da autora).

⁷ “Para nós, ela era uma encantadora e espirituosa dama, cujos modos majestosos eram remanescentes do ‘grande estilo antigo’” (todas as traduções nesse trabalho são da autora).

⁸ “Annie (Gilchrist) tinha um ‘pai amável e bondoso’, que reconhecia as habilidades da sua filha e fazia tudo o que podia para desenvolver sua mente e seu caráter”.

Anne foi sempre uma aluna exemplar e, desde muito cedo, passava horas dos seus dias lendo filosofia e ciências. A família, frequentemente, visitava a localidade de Earls Colne, um pequeno vilarejo na região de Essex, onde havia nascido Henrietta, mãe de Anne. Marion Walker Alcaro (1991), biógrafa de Anne, conta que, mesmo depois de casada e mãe de quatro filhos, Anne fazia questão de visitar o local que povoava as suas lembranças de infância, e que ela considerava o seu segundo lar (ALCARO, 1991, p. 25). Ainda criança, aos três anos, Anne perdeu a irmã mais nova. Segundo Alcaro (1991), a visão da irmãzinha no caixão permaneceu na cabeça de Anne pelo resto de sua vida⁹ (1991, p. 34). Com a morte da irmã, Anne tornou-se muito próxima de seu irmão, John, a quem ela chamava carinhosamente de Johnny. Herbert Gilchrist (1887) transcreve um trecho do conto “Lost in the woods”, escrito por Anne e publicado em 1861, em que ela descreve uma visita de seis semanas à casa do tio. Toda a narrativa é permeada com menções ao irmão, às brincadeiras e às aventuras ao lado dele e dos primos, incluindo o episódio do “quase afogamento”, uma experiência de “quase morte” que Anne lembraria pelo resto de sua vida, quando ela caiu em um poço e foi salva pelo irmão:

But I was told afterwards that my little brother has saved my life: for hearing Frank give a scream of terror, he came running into the yard, and had the sense to lie down by the well, and when I came up for the second time, lay hold of my hair, and then by means of that, of my head, and managed to keep hold, too, till their continued shouts and screams brought the gardener running to see what was the matter, and to pull me out, as he had pulled out poor Grim, only a week before¹⁰ (GILCHRIST, 1887, p. 18).

Graças ao incentivo dos pais, Anne foi matriculada, aos seis anos, na escola para meninas da Srta. Cahusac em Highgate, uma escola evangélica com um currículo considerado bastante avançado para a época. Gilchrist (1887) a compara à escola frequentada pela avó, em Baddow, onde “[...] the headmistress’s share of instruction consisted in teaching deportment, of stepping in and out of a carriage, or of walking magnificently through the school-room once a day, as a lady should walk”¹¹ (GILCHRIST, 1887, p. 19-20). Diferente das prioridades educacionais da escola frequentada pela mãe, na escola de Anne as alunas eram instruídas, pelo

⁹ “When Anne was three, her baby sister died. The memory of her little sister, shrouded in black velvet and lying in her coffin, remained with Anne as long as she lived” [Quando Anne tinha três anos, sua irmã caçula morreu. A memória de sua irmãzinha, envolta em veludo preto e deitada no caixão, permaneceu com Anne pelo resto de seus dias].

¹⁰ “Mas depois fui informada que meu irmãozinho havia salvo a minha vida: ao ouvir Frank soltar um grito de pavor, ele veio correndo ao pátio e teve a percepção de deitar ao lado do poço e, quando eu emergi pela segunda vez, ele agarrou-me pelos cabelos e conseguiu segurar a minha cabeça, até que os gritos incessantes chamaram a atenção do jardineiro, que veio correndo ver o que estava acontecendo e me puxou para fora, da mesma forma que ele havia puxado o pobre Grim, uma semana antes”.

¹¹ “A cota de instrução da diretora consistia em ensinar postura, como entrar e sair de uma carruagem ou como atravessar de forma magnífica a sala de aula, uma vez por dia, como uma dama deve caminhar”.

menos de forma introdutória, em Matemática, Literatura, História e, sugere Alcaro (1991, p. 37), provavelmente Francês, pois Anne lia e traduzia o idioma com bastante desenvoltura. A facilidade com que Anne absorvia os ensinamentos é lembrada nas conversas que sua colega, Julia Mary Newton, tem com Herbert, por ocasião das suas pesquisas para a escrita da biografia da mãe. Segundo Julia, Anne era a preferida entre os professores, por sua habilidade e excelente memória: “[...] upon one occasion, a page of Boileau’s *Satires* had to be learnt within the space of ten minutes. When my friend’s turn came to repeat the lesson, she was able to take up her part in the book at the right time”¹² (GILCHRIST, 1887, p. 20, grifo do autor), e segue dizendo que, vinte anos depois, Anne ainda lembrava com perfeição da passagem, sem ter lido o livro sequer uma outra vez desde então.

Além das aulas de matemática, história e línguas, a escola da Srta. Cahusac também oferecia às alunas aulas de música, dança e de “técnicas domésticas”. Anne adorava as aulas de música e participava com afinco das aulas de dança, mas detestava aquelas em que teria que sentar e bordar ou costurar. Para a sua felicidade, as aulas de bordado eram acompanhadas de uma leitura em voz alta, tarefa para a qual Anne sempre se voluntariava. Aos onze anos, em 1839, Anne perdeu o pai, vítima de complicações decorrentes de uma queda de cavalo. A viúva Henrietta mudou-se, então, com os dois filhos, para uma casa menor em Highgate. Anne ainda estudou até os dezesseis anos, limite máximo permitido na escola da Srta. Cahusac, onde encerrou o ciclo dos seus estudos formais. Ela seguiu, porém, lendo muito. Sua sede de aprender fazia com que lesse autores transcendentalistas¹³, como Comte (1798-1857), Rousseau (1712-1778) e Emerson (1803-1882), leituras consideradas controversas para uma menina da sua idade. Alcaro (1991, p. 39) diz que é nessa mesma época que Anne começa a desenvolver suas habilidades como crítica literária, que culminariam com a resenha *A Woman’s Estimate of Walt Whitman*.

Nos anos que seguiram, Anne provou, cada vez mais, que a capacidade intelectual das mulheres não é inferior a dos homens: “in her post-Cahusac years of self-education, without making a great to-do about it, as would always be her way, Anne demonstrated to herself – and to anyone else who might care to notice – that a woman’s intellectual capacity is not inferior to

¹² “Em certa ocasião, tínhamos que decorar uma página das *Sátiras*, de Boileau, em dez minutos. Quando chegou a vez da minha amiga de repetir a lição, ela foi capaz de decorar a sua parte dentro do tempo certo”.

¹³ “Transcendentalism: an idealistic system of thought based on a belief in the essential unity of all creation, the innate goodness of humanity and the supremacy of insight over logic and experience for the revelation of the deepest truths” [Transcendentalismo: um sistema idealista de pensamento, baseado na crença da unidade essencial de toda a criação, na bondade inata da humanidade, na supremacia do discernimento sobre a lógica e na experiência para a revelação das verdades mais profundas] (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Transcendentalism American movement. In: BRITANNICA. Article. [S.l], [S.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Transcendentalism-American-movement>. Acesso em: 16 ago. 2019).

a man's”¹⁴ (ALCARO, 1991, p. 39). Com a ausência do pai, ela e o irmão haviam se tornado ainda mais próximos, pois Anne sempre gostou da companhia masculina, e viu em Johnny uma companhia inteligente e agradável, perdendo isso também com a morte inesperada do irmão em 1847. Em carta à amiga Julia, em setembro de 1848, Anne confessa estar sofrendo de “inanição mental”. Alcaro explica a provável causa da sensação de Anne da seguinte forma:

At Colne, twenty-year-old Anne must have been suffering not only from mental starvation but from mental loneliness. She must have been especially starved for masculine intellectual companionship, for all her life Anne enjoyed and was stimulated by communication with the masculine mind. It began with her companionship with her father. It continued in the happy years when, in their evenings together, Johnny must have listened with interest to his sister's accounts of what she had been reading, discussing and debating salient points¹⁵ (ALCARO, 1991, p. 55).

O fato de Anne encontrar na companhia masculina um maior estímulo à sua intelectualidade se deve, certamente, ao fato de que os homens tinham muito mais oportunidades de estudo e, portanto, mais possibilidades de “expandir” a mente¹⁶. Alcaro (1991) ressalta, no entanto, que, no decorrer dos anos, Anne conheceria e se corresponderia com várias mulheres brilhantes e talentosas, entre elas Jane Carlyle (1801-1866)¹⁷, Christina Rossetti (1830-1894)¹⁸ e George Eliot (1819-1880)¹⁹. Alcaro (1991) explica a especial influência de Jane Carlyle na vida de Anne, descrevendo a esposa do escritor Thomas Carlyle como uma mulher que, apesar de solitária e sem filhos (algo quase inadmissível para a época), atendia ao esposo com sabedoria e graça, mas, por outro lado, se recusava a ficar em casa enquanto o marido ficava recluso no sótão trabalhado por dias a fio. Jane frequentava festas

¹⁴ “Nos seus anos de autodidata, após a sua saída da escola da Srta. Cahusac, sem fazer alarde, como era seu costume, Anne demonstrou a si mesma – e a qualquer um que prestasse atenção – que a capacidade intelectual da mulher não é inferior à do homem”.

¹⁵ “Em Colne, aos vinte anos, Anne deve ter sofrido não só de privação mental, mas de solidão mental. Ela deve ter ficado, especialmente, carente por companheirismo intelectual masculino, pois, toda sua vida, Anne desfrutou e sentia-se estimulada pela comunicação com a mente masculina. Começou com sua forte ligação com seu pai, e continuou nos anos felizes, quando, à noite, Johnny ouvia com interesse os relatos de sua irmã sobre o que ela vinha lendo, discutindo e debatendo com ela os pontos importantes”.

¹⁶ Essa mesma ideia é desenvolvida por Virgínia Woolf em *A Room of One's Own* (WOOLF, 1929).

¹⁷ Jane Welsh Carlyle foi esposa do ensaísta e grande amigo dos Gilchrist, Thomas Carlyle. Jane ficou conhecida no meio literário não só pelo seu casamento turbulento com Carlyle, mas também pelo seu provável romance com a escritora Geraldine Jewsbury. A relação amorosa entre as duas nunca foi confirmada, mas rendeu um ensaio da escritora Virginia Woolf em seu livro *The Common Reader* (1984).

¹⁸ Christina Georgina Rossetti era poetisa e irmã de Dante Gabriel e William Michael Rossetti, os quais foram grandes amigos de Anne e de seu marido e a ajudaram no término e na publicação da biografia *Life of Blake: Pictor Ignotus* (1863).

¹⁹ A romancista Mary Anne Evans usava o pseudônimo masculino George Eliot, para que seus trabalhos fossem melhor recebidos e reconhecidos, querendo fugir do lugar-comum que ditava que mulheres só poderiam escrever romances leves e sem muito enredo, além da preocupação em preservar a sua vida pessoal e o seu relacionamento com um homem casado que durou cerca de vinte anos.

sem a companhia do marido, mantendo o seu espaço na sociedade e provando que uma mulher pode ser inteligente e independente:

Anne learned an important lesson from Jane. A lesson in feminine independence. In contradiction to the social edicts of the time, Anne learned that even without a husband at her side a woman of intelligence could function on her own; that she could make a place for herself in a social environment that she enjoyed – a place in which she was both welcome and respected²⁰ (ALCARO, 1991, p. 78).

Os ensinamentos de Jane foram de vital importância para Anne anos mais tarde, quando ela se viu sozinha depois da morte do marido. Graças a isso, e à sua agudeza de espírito, ela conseguiu sustentar (e terminar de criar sozinha) seus quatro filhos.

Em 1839, Sarah Stickney Ellis escreveu *Women of England, their social duties, and their domestic habits*. Nesse livro, que seria uma espécie de “guia” de conduta para a mulher do século XIX, ela descreveu o que seria o comportamento e as ações ideais de uma mulher vitoriana. Herbert Gilchrist, na biografia da mãe, descreveu Anne de uma forma que se encaixa perfeitamente nos moldes ditados por Ellis: como uma irmã cuidadosa e zelosa, que, depois de encerrados os seus anos na escola da Srta. Cahusac, dedicava, totalmente, o seu tempo ao irmão, que o esperava chegar do trabalho ou do lazer, e tocava lindas canções para ele quando solicitada. Alcaro (1991) questiona essa descrição de Anne, achando que Herbert, sendo um filho de hábitos vitorianos, teria idealizado a mãe como se saída das páginas do livro de Ellis:

There are, however, a few simple rules, but which I should suppose all kindly-affectioned women would be willing to be guided. No woman in the enjoyment of health should allow her brother to prepare his own meals at any time of the day, if it were possible for her to do it for him. No woman should allow her brother to put on linen in a state of dilapidation, to wear gloves or stockings in want of mending, or to return home without finding a neat parlour, a place to sit down without asking for it, and a cheerful invitation to partake of necessary refreshment²¹ (ELLIS, 1839, p. 136).

No entanto, Alcaro (1991) não contesta o fato de que Anne e o irmão eram muito unidos, e que Anne deve ter, sim, o esperado muitas vezes com satisfação, tocando o que ele lhe pedisse,

²⁰ “Anne aprendeu uma importante lição com Jane. Uma lição de independência feminina. Contradizendo os padrões sociais da época, Anne aprendeu que, mesmo sem um marido ao seu lado, uma mulher inteligente pode ter êxito sozinha; que ela pode garantir o seu lugar no ambiente social que lhe agrada – um lugar no qual ela seja tanto bem-vinda quanto respeitada”.

²¹ “Há, no entanto, algumas regras simples, mas pelas quais acredito que todas as mulheres com terna afeição estariam dispostas a serem guiadas. Nenhuma mulher, gozando de plena saúde, deveria deixar o seu irmão preparar as suas próprias refeições a qualquer hora do dia, se for possível a ela prepará-las para ele. Nenhuma mulher deveria permitir a seu irmão colocar linho em estado de deterioração, a usar luvas ou meias que necessitem de remendos, ou voltar para casa sem encontrar uma sala arrumada, um lugar para sentar-se sem pedir e um alegre convite para partilhar um necessário refresco”.

mas não que isso fosse uma obrigação, fazia porque lhe dava prazer (ALCARO, 1991, p. 43). O que se sabe com certeza é que, com a saúde da mãe cada vez mais debilitada, Anne se vê mais absorvida pelos cuidados com ela e com os afazeres da casa, deixando as poucas horas vagas para suas leituras.

A família mudou-se, novamente, em 1846, com o intuito de ficar um pouco mais perto do local de estudo de Johnny. Pouco tempo depois, porém, Johnny ficou seriamente enfermo. Herbert descreve a doença do tio como “febre maligna”, talvez uma referência à escarlatina, doença que levava muitas pessoas à morte na época e que causou o prematuro falecimento de seu pai, Alexander Gilchrist, anos mais tarde. Todavia, pelo tempo que Johnny ficou doente, (pelo menos seis meses), Alcaro (1991) sugere que a doença talvez tenha sido tuberculose: “it seems more likely, since the illness continued for a number of months, that Johnny had consumption, the disease that afflicted so many young adults in the nineteenth century”²² (p. 43). Herbert Gilchrist menciona a tristeza de Anne, a quem não foi permitido ver o irmão: “[...] and the sister was not allowed even the sad satisfaction of seeing her brother from the time that he was taken ill to the day of his death”²³ (GILCHRIST, 1887, p. 24).

Alcaro (1991) atesta mais uma vez o amor que unia os dois irmãos ao descrever um presente que Anne recebeu da mãe, após a morte de Johnny. Junto ao instrumento musical, uma espécie de piano, havia um bilhete. De um lado da folha, o irmão pedia que Anne aceitasse o presente e o tocasse pensando nele. Do outro lado, um bilhete da mãe, explicando que o instrumento havia sido comprado com o dinheiro que ela estava guardando para dar ao filho uma vez que ele completasse vinte e um anos. “The note is a touching portrait in miniature of Henrietta Burrows – her elegance, her unquestioning belief in consoling concepts of death and the afterlife, her Victorian sentimentality. Anne kept it all her life”²⁴ (ALCARO, 1991, p. 45).

Ao ver Anne e a mãe sozinhas em Londres, Henry Carwardine, irmão de Henrietta e herdeiro das terras em Earls Colne, resolveu que seria melhor que a irmã e a sobrinha fossem viver permanentemente em suas terras, dizendo que assim ele poderia prestar mais assistência as duas. Uma casa foi reformada, e um quarto adaptado no andar térreo, pois a enfermidade de Henrietta não a permitiria subir as escadas para os aposentos no andar superior. Anne e a mãe mudaram-se para Earls Colne em 1848, um ano após a morte de Johnny.

²² “Parece mais provável, devido ao fato de a doença ter se estendido por vários meses, que Johnny tenha tido tuberculose, a doença que afetou muitos jovens adultos no século dezoito”.

²³ “[...] e à irmã não foi permitida nem a triste satisfação de ver o irmão do dia em que ele adoeceu até o dia de sua morte”.

²⁴ “Este bilhete é um tocante retrato em miniatura de Henrietta Burrows – sua elegância, sua inquestionável crença nos conceitos consoladores da morte e da vida após a morte, seu sentimentalismo Vitoriano. Anne o guardou por toda a vida”.

A primeira vez que Alexander Gilchrist é mencionado na biografia de Herbert é por ocasião de uma carta que Anne escreveu à amiga Julia Newton, na qual ela dizia que estava apaixonada, mas que ainda não havia pensado em casamento. Tal carta é datada de 1848. Nela, Anne refere-se à Gilchrist da seguinte forma: “I know not how to describe him to you, dear Julia, except by telling you that he is altogether, both in intellect and heart, great, noble and beautiful”²⁵ (GILCHRIST, 1887, p. 30). Alcaro (1991) lembra que não há registros de como Anne e Alexander conheceram-se, mas que, se eles se conheceram quando Anne tinha dezoito anos, como a própria Anne contou em uma carta à Whitman, datada do dia três de setembro de 1871 (HARNED, 2015, p. 69), isso deve ter sido entre 1846 e 1847, época em que Anne morava em Londres. Herbert Gilchrist diz que a casa em que a avó materna morava com os filhos era alugada de uma Sra. James Gilchrist (GILCHRIST, 1887, p. 24) e, apesar de Herbert não fazer nenhuma menção a isso, Alcaro acredita que a referida senhora poderia ser a mãe de Alexander, e que ele e Anne poderiam ter se conhecido por isso (ALCARO, 1991, p. 47). A mesma autora ainda menciona que Alexander começou a estudar para ser advogado em 1846, mesma época que Johnny, outra possibilidade de Anne ter conhecido Alexander (ALCARO, 1991, p. 48).

Muito pouco se sabe sobre a infância de Alexander Gilchrist além do que Anne escreveu no memorial dedicado ao marido na segunda edição de *Life of William Blake* em 1880. Penúltimo de sete filhos, Alexander Gilchrist nasceu em Newington Green em 25 de abril de 1828. O pai, James Gilchrist, ministro da Igreja Unitariana, é também escritor e filósofo com interesse no uso da linguagem como ferramenta intelectual, tendo trabalhado por algum tempo na *Enciclopédia Britânica*. Depois de se desligar do ministério, James Gilchrist comprou um moinho em Mapledurham, às margens do Tâmsa. Alcaro (1991) diz que, assim como Anne, Alexander era muito próximo ao pai, e também como ela o perdeu muito cedo. James Gilchrist morre em 1835, quando Alexander contava apenas sete anos de idade. Com a morte do patriarca, a família mudou-se para Londres.

Em Londres, Alexander frequentou a London University College School, na qual, segundo Anne descreveu no memorial, Alexander foi apresentado à poesia. Alcaro observa que, provavelmente, os estudos de Alexander foram financiados pelos dois irmãos mais velhos (ALCARO, 1991, p. 51). Em 1844, Alexander começou a estudar Direito. Contudo, conforme os anos passavam, ele começou a se dar conta que, apesar de gostar de Direito, é a literatura que o encanta. Ele se formou advogado em 1849, quando, pela primeira e também última vez, veste a peruca e a toga:

²⁵ “Eu não sei como descrevê-lo a você, querida Julia, a não ser dizendo que ele é, ao todo, tanto de intelecto quanto de coração, grande, nobre e lindo”.

[...] although he did not dislike the law, he found himself becoming more and more deeply convinced that he would rather have even a modest literary achievement, if it were genuine, than the most brilliant legal career. When he was called to the bar²⁶ in 1849, he put on the wig and gown for the first and also the last time and, for the rest of his life, devoted himself to literary work²⁷ (ALCARO, 1991, p. 51-52).

Não foi tarefa fácil, porém, para o jovem Gilchrist convencer Anne a casar-se com ele. Em carta a Whitman, Anne contou como foi o cortejo de Alexander:

After we had known each other for about a year he asked me to be his wife. But I said that I liked him well as my friend, but could not love him as a wife should love & felt deeply convinced I never should. He was not turned aside, but went on just the same as the conversation had never passed. After a year he asked me again, and I, deeply moved by his steady love, and so sorry for him, said yes. But next day, terrified at what I had done and painfully conscious of the dreary absence from my heart of any faintest gleam of true, tender, wifely love, said no again²⁸ (HARNED, 2015, p. 69).

Na mesma carta, ela conta ainda que, mesmo depois de lhe dizer toda a verdade sobre os seus sentimentos, Alexander insiste no casamento, dizendo que preferia tê-la dessa forma do que não a ter. Alguns críticos de Whitman acusam Anne de ter distorcido a realidade nas cartas que escreve ao poeta muitos anos mais tarde, atribuindo essa “distorção” à sua paixão pelo poeta estadunidense. Quando alguém escreve sobre si, essa pessoa alicerça suas palavras na memória, que por sua vez remete a um conjunto de funções psíquicas, o que pode fazer com que as palavras escritas não sejam completamente fiéis à verdade. Le Goff (1991) explica: “La memoria, como capacidad de conservar determinadas informaciones, remite ante todo a un complejo de funciones psíquicas, con el auxilio de las cuales el hombre está en condiciones de actualizar impresiones o informaciones pasadas, que él se imagina como pasadas”²⁹ (LE GOFF, 1991, p. 131).

²⁶ “Bar” é a associação profissional dos advogados ingleses.

²⁷ “[...] apesar de não ter aversão ao Direito, viu-se, cada vez mais, profundamente convencido de que preferiria ter uma realização mais modesta na literatura, sendo genuína, do que a mais brilhante carreira no Direito. Quando foi nomeado advogado, em 1849, ele vestiu a peruca e a toga pela primeira e, também, última vez, e pelo resto de sua vida devotou-se à literatura”.

²⁸ “Quando fazia, mais ou menos, um ano que nos conhecíamos, ele me pediu em casamento. Eu disse que gostava dele como uma amiga, mas não podia amá-lo como uma esposa deve amar, e estava, seriamente, convencida de que nunca o amaria. Ele não se retirou e continuou como se a conversa jamais tivesse acontecido. Depois de um ano ele me pediu novamente, e eu, profundamente tocada pela firmeza do seu amor, e com pena dele, disse sim. No dia seguinte, no entanto, apavorada com o que eu havia feito e dolorosamente consciente da total ausência de qualquer vestígio de um amor de esposa, verdadeiro e carinhoso dentro do meu coração, disse não novamente”.

²⁹ “A memória, como capacidade de conservar determinadas informações, refere-se, sobretudo, a um complexo de funções psíquicas, com a ajuda das quais o homem é capaz de atualizar impressões ou informações passadas, que ele imagina passadas”.

Schons e Grigoletto (2008) afirmam que os escritos de si estão sujeitos ao resultado do que é tecido pela nossa memória, que por sua vez é móvel, dependendo do lugar que ocupamos naquele determinado momento, variando os efeitos projetados. Sendo assim, é possível que Anne tenha “distorcido”, mesmo que inconscientemente, os seus sentimentos por Alexander, baseada agora no que sentia por Whitman e o que tinha – ou pelo menos pensava ter – como parâmetro de amor entre homem e mulher:

O sujeito não preexiste aos seus próprios atos de fala, de fazimento, de vontade e de desejo. Cada um de nós, enquanto sujeito, é resultado de uma fabricação tecida pela rede memória e seus efeitos. Cada um faz não o que quer, senão aquilo que pode, senão aquilo que lhe cabe na posição de sujeito que ele ocupa num dado momento. Esses lugares são móveis, a rede está sempre se rompendo, aqui e ali, de modo que o ponto que cada um ocupa está sempre sujeito a variações e sob determinados efeitos (SCHONS; GRIGOLETTO, 2008, p. 410).

As críticas atribuídas às cartas de Anne a Whitman teriam sido baseadas, principalmente, na já citada carta que Anne enviou à amiga Julia Newton em 1848 anunciando seu noivado com Alexander. Na carta, Anne diz que está muito feliz por amar e ser amada por aquele que realizará o seu desejo de um casamento ideal: “[...] guess that your friend is very happy, for she loves and is beloved by one who can fulfill her aspirations, realize her ideal of a true marriage, one who is her friend and helper, as well as her lover”³⁰ (ALCARO, 1991, p. 54). Alcaro questiona se Anne estava realmente tão feliz e realizada, ou se não seriam apenas as palavras esperadas de uma jovem de vinte anos, do século dezenove, ao contar à melhor amiga que vai se casar:

Reading the letter closely, isn’t it significant that, although she describes Alex and the advantages that marriage to him will bring, Anne – who was never one to express herself dispassionately about anything – describes her feelings for him only with a perfunctory “she loves”? Isn’t it possible that Anne was trying to convince herself, as well as Julia, that she was “very happy”?³¹ (ALCARO, 1991, p. 54, grifos da autora).

Concordando com Alcaro e voltando à questão da memória nas escritas de si, é possível afirmar que, como Alexander foi o primeiro homem na vida de Anne depois de seu pai e seu irmão, ele foi a sua única referência de amor romântico. Parece bastante justificável que, à

³⁰ “[...] imagine que sua amiga está muito feliz, pois ela ama e é amada por aquele que pode concretizar suas aspirações, realizar o seu ideal de um casamento verdadeiro, aquele que é seu amigo e companheiro, assim como seu amante”.

³¹ “Lendo a carta cuidadosamente, não é significativo que, mesmo que ela descreva Alex e as vantagens que casar com ele traria, Anne – que nunca foi de se expressar sem paixão por nada – tenha descrito seus sentimentos por ele apenas com um superficial ‘ela ama’? Não seria possível que Anne estivesse tentando convencer a si mesma, assim como a Julia, que ela estava ‘muito feliz’?”.

medida que Anne vai amadurecendo, suas referências também mudem, e ela possa ter se dado conta de que o que sentia por Alexander e que na época achava que era amor, parecesse para ela agora como uma intensa amizade. Alcaro ainda afirma que aceitar casar-se com Alexander, a quem amava apenas como um amigo, seria uma tentativa de Anne para libertar-se das amarras que os costumes de sua época aplicavam às mulheres. Alexander era um homem à frente do seu tempo, que entendia que a mente feminina é tão sedenta de conhecimento quanto a masculina, e sempre incentivava Anne. Isso, com certeza, era uma das razões pelas quais Anne o admirava tanto. Pode-se ver, nas palavras de Anne, na carta à amiga, que ela nutria, sim, um grande carinho por Alexander, um amor que poderia não ser de esposa, mas um amor de amiga. Uma grande afinidade unia os dois e o casamento seria, de alguma forma, a passagem de Anne para uma vida na qual ela poderia expor seus ideais, tendo a seu lado alguém com quem conversar sobre os assuntos de interesse comum, alguém para compartilhar suas ideias e seus conhecimentos.

A situação de Anne, após a morte do irmão e a mudança com a mãe para o interior era de “filha em casa”, segundo Alcaro, uma denominação comum no século dezenove. Os compromissos e as obrigações de Anne como tal eram, basicamente, os cuidados com a casa e com a mãe, assim como alguns compromissos sociais, entre os quais chás e visitas. Frequentar com assiduidade a igreja também fazia parte de suas obrigações. Alcaro segue, afirmando que:

Marriage, even if her mother lived with her or next door, as Anne told Julia she would insist, would bring a change of status. Without abandoning her responsibilities to her mother, it would free her from the bondage – and that is what she must often have secretly felt that it was – of being “the daughter at home”³² (ALCARO, 1991, p. 55, grifo da autora).

Alexander seria não só uma companhia agradável, mas também o passaporte de Anne para uma vida em que ela teria contato com grandes poetas e escritores da época, podendo exercer a sua capacidade intelectual, mesmo que ainda em menor grau do que os homens. Diferente do que se esperava de uma “esposa vitoriana”, que era praticamente um ornamento na casa, existindo quase que exclusivamente para satisfazer os desejos do marido, Alexander entendia Anne, suas aspirações e sua ideia de um “casamento ideal”:

Alex knew that she had a good mind, and he respected it. He knew that her “aspirations” were intellectual, and encouraged them. And he knew that her “ideal of

³² “O casamento, mesmo com a mãe morando ao lado, como Anne disse à Julia que insistiria, traria a ela uma mudança de status. Sem abandonar suas responsabilidades com a mãe, a libertaria da servidão – e é isso mesmo que ela deve ter, muitas vezes, secretamente sentido que era – de ser a ‘filha em casa’”.

a true marriage” was one in which a husband was a woman’s “friend and helper, as well as her lover”, and he concurred³³ (ALCARO, 1991, p. 57, grifos da autora).

Mesmo que Alexander a compreendesse em toda a sua vontade de aprender e sua incontestável capacidade intelectual, para Gould (1900) foi importante destacar, na sua biografia de Anne, que ela era admirada também por ser uma excelente dona de casa, como se esperava das mulheres da época. Ao escrever sobre o relacionamento de Anne com Jane Carlyle, ela diz:

Anne would relieve her cares by having a chat with ‘lively’ Jane, who possessed a ‘charming audacity and winning gaiety of manner.’ In many little ways each helped the other. Jane looked up to Anne as a fine housekeeper. As Carlyle thought Anne made the best bread, Jane took lessons of her³⁴ (GOULD, 1900, p. 9, grifos da autora).

Apesar de ter lido muito, durante toda a sua vida, sobre ciências e filosofia, Anne, como todas as jovens de sua idade naquela época, sabia muito pouco sobre sexualidade e tudo que um casamento traria neste sentido. Alcaro (1991) sugere que, ao casar-se, Anne (com toda a inocência comum a uma jovem educada em uma sociedade vitoriana) teria imaginado que sua relação com Alexander seria mais parecida com a de um irmão do que a de um marido: “[...] and although she must have has some idea of the basic facts of reproduction, Anne Burrows was as naïve about the powerful interplay of the physical and the emotional in the marriage relationship as any other carefully brought up and sheltered young girl of her generation”³⁵ (ALCARO, 1991, p. 61).

Toda a sua educação foi baseada na premissa de que a mulher precisa reprimir a sua sexualidade, que essa “pureza” seria a grande virtude que as mulheres levariam para o casamento. É ainda Alcaro (1991) quem cita a descrição feita por William Acton, um conhecido médico da época, da “esposa ideal” nos moldes ingleses: “[...] kind, considerate, self-sacrificing, and sensible, so pure-hearted as to be utterly ignorant of and averse to any sensual

³³ “Alex sabia que ela tinha uma boa mente, e ele respeitava isso. Ele sabia que suas ‘aspirações’ eram intelectuais, e as encorajava. Ele sabia que o ‘ideal de casamento verdadeiro’ dela era aquele em que o esposo era ‘amigo e companheiro, assim como amante’ da esposa, e ele concordava”.

³⁴ “Anne aliviava as suas preocupações conversando com a “animada” Jane, que possuía uma “ousadia encantadora e modos alegres e conquistadores”. De muitas formas uma ajudava a outra. Jane admirava Anne como uma boa dona de casa. Como Carlyle achava que Anne fazia o melhor pão, Jane teve aulas com ela”.

³⁵ “[...] e mesmo que ela tivesse alguma ideia dos fatos básicos da reprodução, Anne Burrows era tão ingênua no que dizia respeito à poderosa interação física e emocional de um casamento quanto qualquer menina de sua geração, cuidadosamente, criada e protegida”.

indulgence, but so unselfishly attached to the man she loves, as to be willing to give up her own wishes and feelings for his sake”³⁶ (ALCARO, 1991, p. 61).

Completa ainda com um “conselho” aos homens, dizendo que as melhores esposas e mães são aquelas que somente se preocupam com os afazeres domésticos e com os filhos, sendo submissas aos maridos, entregando-se para satisfazer todas as suas vontades, sem qualquer necessidade ou desejo sexual próprio.

A visão do tal médico vem ao encontro do que diz Sarah Sickney Ellis em seu livro *The Women of Engalnd, Their Social Duties, and Domestic Habits* (1839), no qual ela cita que a maior qualidade da mulher inglesa é sua bondade altruísta: “[...] with regard to the women of England, I have already ventured to assert that the quality for which, above all others, they are esteemed and valued, is their disinterested kindness”³⁷ (ELLIS, 1839, p. 48). Ellis questiona as escolas que não ensinam as meninas a serem mais abnegadas, sugerindo que deveriam ser oferecidos prêmios às alunas que apresentassem mais altruísmo: “[...] awarding the honours and distinctions of the school to such as have exhibited the most maritorious instances of self-denial for the benefit of others”³⁸ (ELLIS, 1839, p. 49). Antes mesmo de casar-se com Anne, Alexander havia sido exposto a este tipo de informação, levando-o, provavelmente, a ignorar – ou até mesmo a desconsiderar – o fato de que a sua doce Anne poderia, sim, ter sua própria sexualidade.

Depois de um longo noivado, para os padrões da época (de dois anos e meio), Anne e Alexander casaram-se e, logo após o casamento, em 1851, o jovem casal mudou-se para York, a fim de facilitar as pesquisas de Alexander para o livro em que trabalhava: a biografia de William Etty (1787-1849). Alcaro (1991) diz que as pesquisas e a publicação da biografia de Etty foram de extrema importância para o casal Gilchrist. Para Alexander, foi a grande oportunidade de aproximação com um de seus grandes ídolos, Thomas Carlyle, apesar da grande diferença de idade entre os dois (Carlyle já passava dos sessenta anos e Gilchrist tinha somente vinte e sete). Para Anne, pesquisar Etty, que era um pintor controverso na época e considerado indecente por muitos pelas suas pinturas de figuras nuas, foi a possibilidade de uma preparação emocional para absorver toda a explicitação física e a celebração do corpo contida na poesia de Whitman, anos mais tarde:

³⁶ “[...] gentil, atenciosa, que se sacrifica e que é sensível, de coração tão puro a ponto de ter ignorar e ser contrária a qualquer indulgência sensual, mas tão altruístamente ligada ao homem que ama a ponto de desistir de seus próprios desejos e sentimentos por ele”.

³⁷ “No que diz respeito às mulheres inglesas, já me arrisquei a afirmar que a qualidade, acima de todas as outras, pela qual são reconhecidas e valorizadas é a sua bondade desinteressada”.

³⁸ “[...] premiando com honras e condecorações da escola aquelas que exibissem os mais louváveis exemplos de abnegação pelo benefício de outros”.

For Alex, it led to acquaintance with his idol, Thomas Carlyle, an acquaintance that developed into a close friendship between the two men, one in his sixties, the other twenty-seven. For Anne, it prepared her for the physical explicitness of Whitman's poetry, for Walt's celebration of the human body³⁹ (ALCARO, 1991, p. 68).

A biografia de Etty foi publicada em 1855, mesmo ano em que Alexander anunciou à esposa qual seria o seu próximo empreendimento literário: a biografia de William Blake, conhecido como visionário, pintor e poeta. Nessa época, Anne já havia dado à luz aos dois primeiros filhos do casal: Percy (em 1851) e Beatrice (em 1854).

Para colocar em prática seu novo projeto literário, Alexander teria que realizar muitas pesquisas em Londres. Esse motivo, aliado à crescente amizade com os Carlyle, fez que a família se mudasse, em 1856, para uma casa na Cheyne Row (Figura 1), vizinha a dos amigos em Londres. Morar na capital inglesa foi crucial para as pesquisas de Gilchrist, e a amizade com Carlyle o colocou em contato com colecionadores e admiradores de Blake.

Figura 1 – Casa dos Gilchrist na Cheyne Row, em Londres



Fonte: (Arquivo pessoal da autora).

³⁹ “Para Alex, levou a uma aproximação com seu ídolo, Thomas Carlyle, uma aproximação que se desenvolveu em uma grande amizade entre os dois homens, um nos seus sessenta anos e outro com vinte e sete. Para Anne, a preparou para a explicitação física da poesia de Whitman, da celebração de Walt do corpo humano”.

Nesta casa, Anne deu à luz aos dois filhos mais novos: Herbert, em 1857, e Grace, em 1859, e ainda conseguiu conciliar os trabalhos domésticos, os cuidados com os quatro filhos e a ajuda ao marido nas pesquisas para o *Life of Blake* com os seus próprios estudos. Encorajada por Alexander, foi na casa da Cheyne Row que ela escreveu os seus primeiros artigos a serem publicados. O assunto sobre o qual ela mais gostava de escrever e principal tópico de seus artigos era a ciência, indo na contramão dos assuntos que normalmente permeavam a literatura feita por mulheres na época, que eram, na sua maioria, romances, histórias para crianças ou assuntos domésticos. Em 1861, faltando poucos capítulos para terminar o livro, a escarlatina bate à porta dos Gilchrist. A primeira a ficar doente é Beatrice e, logo em seguida, seu irmão Percy. Anne isolou-se com os filhos e os cuidava dia e noite, até que eles deram sinais de melhora. Por maior que fosse o esforço de Anne em isolar os filhos doentes do restante da família, foi Alexander o próximo a ser acometido. Ao notar a piora do marido, Anne manda os dois filhos mais novos para Earls Colne. Sobre a doença, Alcaro escreve: “Scarlet fever was the scourge of the nineteenth century, raging through worldwide populations and, for those who survived, often leaving tragic aftereffects like elephantiasis. In the epidemic in 1863, thirty thousand people died in England alone”⁴⁰ (ALCARO, 1991, p. 89).

No entanto, ao atacar o corpo cansado de Alexander, a terrível doença o leva à morte em poucos dias. Nas suas memórias, escritas quase vinte anos após a morte do marido, Anne descreve os dias finais de Alexander:

The brain was tired with stress and work; the fever burned and devastated like a flaming fire: to four days of delirium succeeded one of exhaustion, of stupor; and then the end; without a word, but not without a look of loving recognition. It was on a stormy night, November 30, 1861, that his spirit took flight. If life be measured not by years, but by what it contains, this life of thirty-three summers was not short. With a sweetness of disposition, a tenderness of heart that gave and took the utmost of happiness in domestic life; a sturdy enjoyment of work; fair, though not strong, health; a fitness of perception and an ardent love for all that is genuine or great in literature, in art, in nature, in humanity, and a silent faith in immortality, I think he knew no moments of tedium or *ennui*, though of sorrow, toil, pain and privation he had his share. To such a nature the cup of life is full of fine flavours⁴¹ (GILCHRIST, 1887, p. 101-102, grifo da autora).

⁴⁰ “Escarlatina era o flagelo do século XIX, alastrando-se pela população mundial, e naqueles que sobreviviam, deixava sequelas trágicas, como a elefantíase. Na epidemia de 1863, somente na Inglaterra, foram trinta mil mortes”.

⁴¹ “A mente estava cansada do trabalho; a febre queimava e devastava como fogo: a quatro dias de febre se sucedeu um dia de exaustão, de estupor, e aí o fim. Sem uma só palavra, mas não sem um olhar de amoroso reconhecimento. Foi em uma noite tempestuosa, em 30 de novembro de 1861, que seu espírito alçou voo. Se a vida fosse medida por feitos e não por anos, essa vida de trinta e três verões não teria sido curta. Com uma doce disposição, uma ternura no coração que trazia o máximo de felicidade à vida doméstica; uma grande satisfação no trabalho; uma saúde razoável, mas não forte, uma boa percepção e uma ardente paixão por tudo que é genuíno e nobre na literatura, na arte, na natureza, na humanidade, e uma fé silenciosa na imortalidade, eu acredito que ele não tinha

Poucos dias depois da morte de Alexander, Anne recebeu a notícia de que seus dois filhos mais novos, Herbert e Grace, haviam também contraído a doença, o que a obrigou a apressar-se até Earls Colne, deixando os mais velhos, ainda em fase de recuperação, aos cuidados de uma enfermeira e de um médico, e supervisionadas pelas amigas Jane Carlyle e Isabella Erskine Ireland⁴². As duas visitavam as crianças diariamente, cuidando para que nada lhes faltasse e ajudando nos trabalhos domésticos.

Com a morte do marido, Anne se vê, então, sozinha com quatro filhos pequenos e uma obra inacabada. Mostrando firmeza e coragem, Anne escreveu à editora pedindo mais prazo para a entrega do livro. Ela justifica a sua atitude dizendo que, como havia ajudado o marido durante todo o tempo de pesquisa e escrita, poderia completar o livro. Mishra (1990) descreve Anne como uma mulher de grande força de vontade, inteligente e capaz, que decidiu terminar o livro como uma homenagem póstuma ao marido: “[...] a woman of strong will, intelligent and capable, who decided to issue the book as a monument to her husband’s memory”⁴³ (MISHRA, 1990, p. 64). Alcaro lembra que o curso natural dos acontecimentos, para a época, seria Anne voltar para Earls Colne e viver sob a proteção dos familiares:

In the nineteenth century, widowhood was regarded as a catastrophe that destroyed the foundation on which a woman’s financial, social, and emotional security depended. A widow was seen as a helpless and pitiful creature. It would have been expected, as the only logical course, that Anne, as a young widow, would return to the protective haven of her family at Earls Colne⁴⁴ (ALCARO, 1991, p. 94).

Mas voltar a ser uma “filha em casa” não estava nos planos de Anne. Ela mudou-se, então, com os quatro filhos, todos pequenos, para uma pequena vila chamada Shottermill, apesar dos pedidos dos amigos, em especial os Carlyle, que acreditavam que seria melhor para Anne permanecer na casa da rua Cheyne com os filhos. Mais uma vez Anne contou com o auxílio das amigas Jane Carlyle e Isabella Ireland, que a ajudaram a organizar e a devolver para os donos os livros e demais materiais emprestados a Alexander para suas pesquisas de *Life of*

momentos de tédio ou *ennui*, mas de tristeza, de trabalho árduo, de dor e de privação ele teve seu quinhão. A tal natureza o cálice da vida transborda com refinados sabores”.

⁴² Segundo Alcaro (1991, p. 243), Isabella Ireland e Anne Gilchrist eram muito próximas e Isabella tinha muito carinho pelos filhos da amiga. Há registros de cartas trocadas entre Grace Gilchrist e Isabella Ireland em que falam sobre Anne, informações estas que seriam usadas por Herbert Gilchrist ao reunir informações para a biografia da mãe. Nestas cartas, a filha mais nova de Anne é tratada por Isabella como “My dearest Giddy”, demonstrando um alto grau de intimidade e afeto.

⁴³ “Uma mulher de grande força de vontade, inteligente e capaz, que decidiu publicar o livro como um monumento à memória de seu marido”.

⁴⁴ “No século XIX, a viuvez era considerada uma catástrofe que destruía a base da qual dependia a segurança financeira, social e emocional de uma mulher. Uma viúva era vista como uma criatura lastimável e indefesa. Seria esperado, como único caminho, que Anne, sendo uma jovem viúva, voltasse ao porto seguro de sua família em Earls Colne”.

Blake e também a destinar os seus pertences que não iriam com ela para a nova morada. Alcaro (1991, p. 99) explica que Anne, assim como Alexander, era uma perfeccionista e, ao afirmar aos irmãos Macmillan que terminaria o trabalho iniciado pelo marido, mergulhou na tarefa de corpo e alma, tornando-se, ela própria, uma “autoridade em Blake”.

Ao saber das intenções da viúva, Dante Gabriel Rossetti ofereceu sua ajuda e a de seu irmão William para completar a biografia, pois eram conhecedores do trabalho e dos planos de Alexander. Anne aceitou a ajuda, esperando que o trabalho ajudasse Rossetti a também lidar com o sofrimento. Rossetti era, assim como Anne, recém viúvo, tendo perdido sua esposa a poucos meses, e ainda sofrendo com as dores desta perda. Na biografia escrita por Herbert Gilchrist (1887), ele transcreve as cartas trocadas entre Anne e os irmãos Rossetti, pouco depois da morte de Elizabeth Siddall, esposa de Dante Rossetti. Nelas, fica claro que, ao oferecer ajuda à Anne, Rossetti estava também fazendo um pedido de ajuda para si próprio, pois acreditava que o trabalho amenizaria seu sofrimento. Transcrevo aqui trechos de duas cartas. O primeiro, da carta enviada por Dante Gabriel Rossetti à Anne Gilchrist, e o segundo, parte da carta escrita por Anne a William Rossetti a respeito da proposta recebida:

Whenever it may be necessary to be thinking about the ‘Life of Blake’, I hope you will let me know; as my brother is equally anxious with myself, and perhaps at the present moment better able to be of any service in his power. While writing this, I have just read your letter again, and again feel forcibly the bond of misery which exists between us; and the unhappy right we have of saying to each other what we both know to be fruitless. Pray believe that I am not the less grateful to you, at least, for the heartfelt warmth with which it is said. – I remain my dear Mrs. Gilchrist, yours ever sincerely, D. G. Rossetti⁴⁵ (GILCHRIST, 1887, p. 122, grifo do autor).

My Dear Sir: Mr. [Gabriel] Rossetti has so earnestly assured me you are willing to render help in my sorrowful task that I venture at once to trouble you. I have not at present found, and much fear I shall not find, any memoranda respecting the ‘Selections’ from Blake’s writings, which were to form an important part of the volume. I would by no means trust my own judgment in making these selections. Will you therefore, in those cases in which I did not know my dear husband’s intentions, help my choice?⁴⁶ (GILCHRIST, 1887, p. 122-123, grifo do autor).

⁴⁵ “Quando se fizer necessário pensar sobre o *Life of Blake*, por favor informe-me, meu irmão se encontra tão ansioso quanto eu, talvez no presente momento capaz de ser mais útil no que tiver ao seu alcance. Enquanto escrevo, releio sua carta e, novamente, sinto o laço de desgraça que nos une, e o triste direito que temos de dizer um ao outro o que ambos sabemos ser infrutífero. Acredite que não sou menos grato por isso, pelo menos pela forma acalentadora com que foi dito. – Sinceramente, D.G. Rossetti”.

⁴⁶ “Estimado Sr.: o Sr. (Gabriel) Rossetti me assegurou da disposição de vocês em auxiliar-me na minha triste tarefa, portanto, arrisco-me em lhe perturbar. Não encontrei, até o presente, e temo não encontrar, qualquer registro de seleção dos escritos de Blake, que formariam parte importante do volume. Não poderia, de forma alguma, confiar a meu próprio julgamento fazer tal seleção. Poderia o senhor, nos casos em que eu não consiga saber as intenções do meu querido esposo, me ajudar na decisão?...”.

Com a ajuda dos irmãos William Michael e Dante Gabriel Rossetti, Anne terminou e publicou a biografia em 1863. Não se sabe ao certo a extensão da interferência de Anne (Figura 2) no texto do marido, mas, até o final de seus dias, ela afirmava ter sido somente “editora” dos textos escritos por Alexander.

Figura 2 – Anne Gilchrist



Fonte: (Disponível em: <https://www-tc.pbs.org/wnet/religionandethics/files/2009/01/whitmanannegilchristfinal.jpg>). Acesso em: 12 abr. 2018).

Na mesma época em que *The Life of William Blake: Pictor Ignotus* foi publicado, Anne ainda escreveu dois artigos para a *Macmillan Magazine*. O primeiro, publicado em 1862, tem como título “The Indestructibility of Force”⁴⁷ e se tratava de um complexo artigo científico. Herbert Gilchrist o menciona, com muito orgulho, na biografia de Anne, mas datando-o erroneamente, afirmando haver sido publicado em 1865. Para Alcaro (1991), Herbert ignora o

⁴⁷ Artigo publicado, em 1862, no Volume 6 da *Macmillan Magazine*. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101076425576&view=1up&seq=9>. Acesso em: 10 dez. 2018.

segundo artigo, intitulado “A Neglected Art”⁴⁸ (este fora realmente publicado em 1865), por seu conteúdo. A biógrafa explica que, sendo um “vitoriano ultra convencional”, Herbert deve ter achado o conteúdo do referido artigo um tanto constrangedor. Nele, Anne afirma a sua posição de defensora dos direitos iguais entre homens e mulheres, mas defende que a igualdade também significa responsabilidade. No artigo, Anne toca em outro ponto crucial para a sociedade vitoriana: a desigualdade de classes: “here Anne is expressing not only her impatience with the majority of women of her own class, but protesting inequities of the English socioeconomic system and the chasms of misunderstanding and antagonism between classes that it creates”⁴⁹ (ALCARO, 1991, p. 107). A mesma autora lembra, ainda, que “A Neglected Art”, apesar de referir-se à arte de cozinhar, não é um tratado culinário ou um livro de receitas. É um comentário social no qual, pela primeira vez se ouve a voz de Anne Gilchrist expondo suas ideias, sua inteligência, sua energia e sua independência (ALCARO, 1991, p. 103).

Embora nutrisse suas próprias ambições literárias, Anne fez dos filhos a sua prioridade. Ela teria tempo de pensar em si assim que tivesse cumprido a sua missão de mãe, o que fazia com todo carinho e dedicação. Marsden (2006) confirma: “though possessing a strong instinct for intellectual independence and a deep commonsense rejection of empty conventionality, Anne was a devoted mother who had temporarily sacrificed the literary goals that were so important to her in order to raise her children as a single parent”⁵⁰ (p. 95). Um amigo próximo da família, em carta a Herbert Gilchrist, por ocasião da publicação da biografia de Anne, relata as lembranças que tem da amiga como uma mãe amorosa e devotada aos filhos:

“Dear Herby,” congratulating him on the publication of his mother’s biography, he wrote: “Reading the name Wagoners’ Wells [a site not far from Brookbank] reminded me of a Sunday when your mother sat there, the children were playing about, your mother spoke, I looked at her: transfiguration ensued, and for half a minute she had the face of an angel”⁵¹ (ALCARO, 1991, p. 109, grifos da autora).

⁴⁸ Artigo publicado, em 1865, no Volume 12 da Macmillan Magazine. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015014567195&view=1up&seq=14>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

⁴⁹ “Aqui, Anne expressa não só a sua impaciência com a maioria das mulheres de sua própria classe, mas reclama as injustiças do sistema socioeconômico inglês e o abismo de incompreensão e antagonismo gerado entre as classes”.

⁵⁰ “Embora possuísse um forte instinto de independência intelectual e uma profunda rejeição à convencionalidade vazia, Anne era uma mãe dedicada que havia sacrificado, temporariamente, seus objetivos literários, que lhe eram tão caros, a fim de criar seus filhos como mãe solteira”.

⁵¹ “Caro Herby”, e, ao parabeniza-lo pela publicação da biografia de sua mãe, escreve: “Ler o nome Wagoners’ Wells [um local não muito longe de Brookbank] me fez lembrar de um domingo, quando sua mãe estava ali sentada, as crianças brincando, sua mãe falou, eu olhei para ela: a transfiguração se seguiu, e por meio minuto ela teve o rosto de um anjo”.

Oito anos após ficar viúva, Anne conheceu os poemas de Walt Whitman, através do amigo Ford Madox Brown, que lhe emprestou uma seleção de *Leaves of Grass* (1855), organizado por William Michael Rossetti, e imediatamente se encantou pelo homem e pelo poeta. É a partir das cartas de Anne ao amigo Rossetti, narrando a sua experiência ao ler os poemas, que a resenha “A Woman’s Estimate of Walt Whitman” foi escrita e publicada, tornando Anne uma das maiores e mais importantes críticas do poeta estadunidense.

2.2 O ENCONTRO COM O POETA: DO AMOR IDEALIZADO À AMIZADE INFINDA

2.2.1 A apreciação de uma mulher

A primeira edição de *Leaves of Grass* (Figura 3 e 4), com apenas 795 cópias, foi impressa em 1855, e totalmente custeada pelo próprio autor, Walt Whitman. Comercialmente, a obra foi um fracasso e teve uma venda mínima nos Estados Unidos. Considerada pelos críticos e pelo público como “aberta” demais nos assuntos relacionados a sexo, a obra é repleta de passagens de erotismo, o que era incomum no período. Veja-se o excerto abaixo, a título de ilustração do argumento:

This is the female form,
 A divine nimbus exhales from it from head to foot,
 It attracts with fierce undeniable attraction,
 I am drawn by its breath as if I were no more than a helpless vapor...
 All falls aside but myself and it,
 Books, art, religion, time...
 The visible and solid earth...
 The atmosphere and the fringed clouds...
 What was expected of heaven or feared of hell are now consumed,
 Mad filaments, ungovernable shoots play out of it...
 The response likewise ungovernable,
 Hair, bosom, hips, bend of legs, negligent falling hands – all diffused...
 Mine too diffused,
 Ebb stung by the flow, and flow stung by the ebb...
 Loveflesh swelling and deliciously aching,
 Limitless limpid jets of love hot and enormous...
 Quivering jelly of love...
 White-blow and delirious juice.
 Bridegroom-night of live working surely and softly into the prostrate dawn,
 Undulating into the willing and yielding day,
 Lost in the cleave of the clasping and sweetfleshed day⁵² (WHITMAN, 1855, p. 79).

⁵² “Esta é a forma fêmea, / que dos pés à cabeça exala um halo divino, / ela atrai com ardente e irrecusável atração, / sou sugado pela sua respiração como se eu fosse não mais que um indefeso vapor... / tudo se põe de lado a não

Leaves of Grass sofreu várias críticas negativas, era classificada como obra “obscena” e “repleta de vulgaridades”, e Whitman foi taxado de “lunático” e de “ser tão familiarizado com a arte quanto um porco é com a matemática”. Entre os poetas, o livro não teve melhor impacto. Alguns o destruíram, outros simplesmente o ignoraram, e houve até mesmo casos de devolução do livro. Jerome Loving (2000), no site *American National Biography*, fala sobre o tema central da obra de Whitman: “Whitman’s central theme is that the body is as good as the soul and that all of its parts and sexual acts are worthy of poetic celebrations”⁵³, certamente assuntos que causavam estranheza e constrangimento à sociedade da época. Carpenter (1909) explica o mal-estar causado pelo livro:

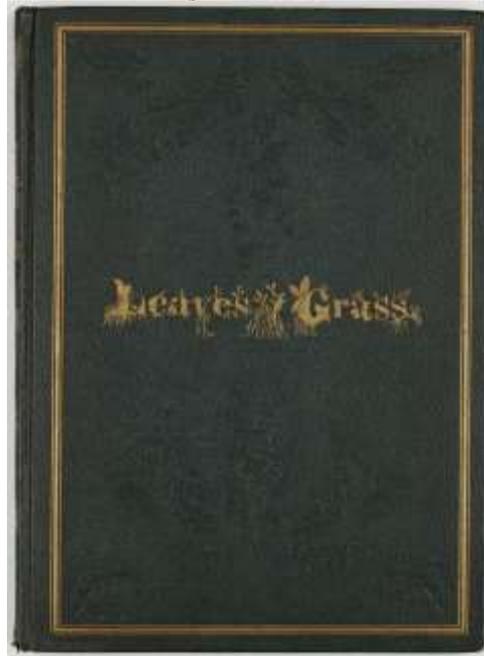
American life half a century ago is unanimously declared to have been prudish; but even if it had been as daring as it was timid, it might well have been aghast at the full tone of sensuous exaltation, of phallic frenzy, that sounded throughout these poems, finding expression everywhere in sexual imagery⁵⁴ (CARPENTER, 1909, p. 62).

ser ela e eu, / — livros, artes, religiões, tempo... / a terra visível e sólida, / o céu margeado de nuvens... / do que se esperava do paraíso e o que do inferno se temia está agora extinto, / estranhos filamentos, brotos incontroláveis vêm à tona... / a resposta é igualmente incontrolável, / cabelos, peitos, quadris, curvas de pernas, displicentes mãos caindo / tudo difuso...e os meus também difusos, / refluxo aferroado pelo fluxo e fluxo aferroado pelo refluxo... / carne de amor dilatada e deliciosamente dolorida, / inesgotáveis jatos límpidos de amor, quentes e enormes... / trêmula geleia de amor... / branco sopro e sumo em delírio; / a noite de amor de noivos laborando certa e maciamente rumo ao amanhecer prostrado, / ondulando-se ao pronto e proveitoso dia, / perda na separação do dia de carne doce e envolvente”.

⁵³ “O tema central de Whitman é que o corpo é tão bom quanto a alma e que todas as suas partes e atos sexuais são dignos de celebrações poéticas”.

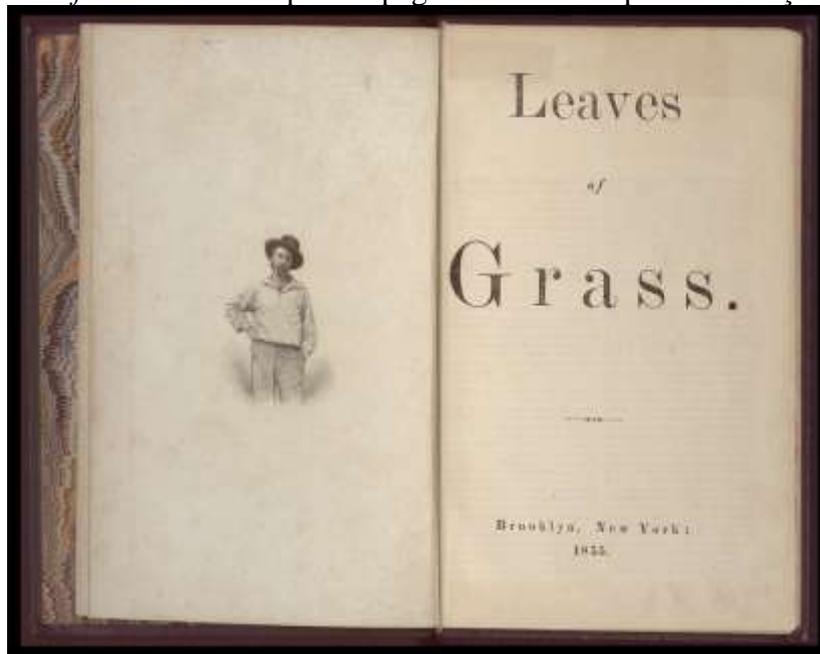
⁵⁴ “A vida na América, há meio século, é, unanimemente, declarada pudica; mas mesmo que ela fosse tão ousada quanto era tímida, provavelmente ficaria perplexa diante do tom de exaltação sensual, de frenesi fálico que soava através destes poemas, encontrando expressão em toda parte do imaginário sexual”.

Figura 3 – *Leaves of Grass* - Primeira edição (1855)



Fonte: (SMU.LIBRARIES. **All Goes Onward and Outward.** [S.d.]. Disponível em: <<https://www.smu.edu/libraries/degolyer/Exhibits/Whitman/Section-1>>. Acesso em: 24 ago. 2020).

Figura 4 – *Leaves of Grass* - Frontispício e página de rosto da primeira edição (1855)



Fonte: (GPA PHOTO ARCHIVE. **Leaves of Grass, 1855.** [S.d.]. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/iip-photo-archive/27102624032>>. Acesso em: 24 ago. 2020).

Em fevereiro de 1860, Whitman recebeu a proposta dos editores Thayer e Eldridge para publicar uma nova versão de *Leaves of Grass*. O poeta aceitou e, assim, 450 páginas,

cuidadosamente revisadas por ele, foram publicadas. A edição de 1860 foi melhor recebida pelos leitores, principalmente pelas mulheres, que, segundo Folsom, Robertson e Price (2006), ficaram animadas com a forma que Whitman abordava a questão do corpo e do sexo, trazendo uma maior igualdade entre homens e mulheres. Os autores explicam, no texto “Walt Whitman”, o objetivo do livro do poeta estadunidense:

Leaves of Grass was not a book that set out to shock the reader so much as to *merge* with the reader and make him or her more aware of the body each reader inhabited, to convince us that the body and soul were conjoined and inseparable, just as Whitman’s ideas were embodied in words that had physical body in the ink and paper that readers held physically in their hands. Ideas, Whitman’s poems insist, pass from one person to another not in some ethereal process, but through the bodies of texts, through the muscular operations of tongues and hands and eyes, through the material objects of books⁵⁵ (FOLSOM; ROBERTSON; PRICE, 2006, p. 147-148, grifos dos autores).

Sobre o autor, Carpenter (1909) coloca que o primeiro biógrafo de Whitman, e também seu grande amigo, John Burroughs, diz que o poeta, quando jovem, aproveitou todas as experiências da vida. Carpenter (1909, p. 63) cita ainda um trecho de uma carta de Whitman a John Addington Symonds⁵⁶, na qual ele diz que sua vida foi “jolly bodily, and doubtless open to criticism”⁵⁷. Conta também que teve seis filhos, dois já falecidos, e um neto: “Tho’ unmarried, I have had six children – two are dead – one living southern grandchild, fine boy, writes to me occasionally – circumstances (connected with their fortune and benefit) have separated me from intimate relations”⁵⁸ (CARPENTER, 1909, p. 63). Carpenter (1909) ainda afirma que Whitman teria se apaixonado por duas mulheres durante a sua vida, mas não cita nomes. Diz também que, apesar de Whitman não falar sobre o assunto nem com seus amigos mais íntimos, ele teria dito, certa vez, que faria um documento, a ser mantido selado, que só deveria ser usado, caso necessário, após a sua morte e apenas na necessidade de proteger aqueles que lhe eram caros. Tal documento, no entanto, nunca foi redigido.

Whitman era conhecido por ajudar a todos. Carpenter (1909) descreve o amor que o poeta sentia por homens e mulheres. Falando em “love of man to man”, o biógrafo em alguns

⁵⁵ “A proposta inicial de *Leaves of Grass* não era a de chocar o leitor, mas sim de fundir-se com o leitor, e torná-lo consciente do corpo em que habita, convencer-nos de que corpo e alma eram unidos e inseparáveis, assim como as ideias de Whitman eram incorporadas em palavras, que continham corpo físico, na tinta e no papel que os leitores seguravam, fisicamente, em suas mãos. As ideias, os poemas de Whitman insistem, passam de uma pessoa à outra não de como um processo etéreo, mas através do corpo dos textos, através das operações musculares das línguas e mãos e olhos, através dos objetos materiais dos livros”.

⁵⁶ John Addington Symonds (1840-1893) foi um poeta e crítico literário inglês, sendo um dos primeiros admiradores de Whitman na Europa. Symonds foi um dos primeiros a escrever sobre a homossexualidade na Grã-Bretanha.

⁵⁷ “Alegremente corporal e, sem dúvidas, passível de críticas”.

⁵⁸ “Apesar de não ter casado, tive seis filhos – dois já falecidos – um neto sulista, um bom menino, ocasionalmente, me escreve – circunstâncias (conectado à fortuna e benefício deles) me separaram das relações íntimas”.

momentos expressa claramente a homossexualidade de Whitman, e em outros parece querer convencer o leitor que tal amor era apenas um amor pela humanidade:

For many years he had been strongly attracted to the stage-drivers of Broadway, men of a very special type, who had usually been bred in the country, and who had become expert in the extraordinarily difficult art, compounded of strength, skill and intelligence, of managing a clumsy vehicle in a congested thoroughfare [...]. He was more drawn towards the younger men [...] He caught a glimpse of a new law – the good will and tender sympathy of man for man, on which all social progress might be said to rest. He began voluntarily to sacrifice himself for such men, to tend them in their sickness; and to comfort them in their afflictions⁵⁹ (CARPENTER, 1909, p. 80-81).

Há passagens na biografia de Carpenter (1909) que mostram o poeta em situações em que ele passava seus dias cuidando dos feridos de guerra, confortando-os em suas dores – de corpo e de alma – e também em ocasiões em que ele aparecia ensinando outros homens sobre arte, música e literatura, por muitas vezes emprestando livros de sua biblioteca particular. Sobre os cuidados que Whitman tinha com os doentes, Carpenter (1909) escreve: “his devotion surpassed the devotion of a woman⁶⁰. It would take a volume to tell of his kindness, tenderness, and thoughtfulness”⁶¹ (p. 93). Durante os cinco anos em que a Guerra Civil castigou os Estados Unidos, Whitman trabalhou em hospitais, cuidando dos doentes e feridos, servindo-lhes de companhia e apoio, mas descuidando de sua própria saúde e situação financeira.

Whitman também sofreu algumas retaliações por conta de *Leaves of Grass*. Em 1865 ele conseguiu um emprego no Departamento do Interior, em Washington. O Secretário de Interior na época, James Harlan, ficou sabendo que ele guardava em sua mesa um “livro imoral”. Um dia, após o expediente, Harlan foi até a mesa do poeta e encontrou uma cópia de *Leaves of Grass*, que Whitman estava revisando para uma nova edição. Harlan folheou o livro e chegou à conclusão de que o livro continha “passagens indecentes”, e Whitman foi afastado de suas funções sem maiores explicações. Ao ser questionado, o Secretário afirmou que ser autor daquele livro fazia de Whitman um “homem imoral”.

⁵⁹ “Por muitos anos ele fora fortemente atraído por motoristas das diligências da Broadway, homens de um tipo muito característico, que normalmente haviam sido criados no campo e que haviam tornando-se experts na, extraordinariamente, difícil tarefa, que combinava força e inteligência de manejar o desajeitado veículo pela congestionada via [...] Ele era mais atraído aos homens mais jovens [...]. Ele vislumbrou uma nova lei – a bem-intencionada e terna simpatia do homem pelo homem, no qual todo progresso social repousa. Ele começou, voluntariamente, a se sacrificar por tais homens, a cuidar deles nas suas doenças e a confortá-los nas suas aflições”.

⁶⁰ Aqui podemos, mais uma vez, notar a mentalidade da época, na qual se esperava que as mulheres fossem melhores cuidadoras do que os homens, de quem se esperava força bruta e inteligência.

⁶¹ “Sua devoção ultrapassa a devoção de uma mulher. Seria necessário um volume inteiro para falar da sua bondade, ternura e consideração”.

A edição de 1867 de *Leaves of Grass* foi bem aceita no mundo de língua alemã, onde mereceu uma crítica bastante razoável no *Allgemeine Zeitschrift* em 1868. Carpenter (1909) atribuiu essa melhor aceitação ao fato de que a Alemanha já havia se acostumado ao estilo mais livre de composição de Wagner (1813-1883), e, portanto, aceitava melhor tal estilo também em verso. É importante salientar que esse mundo de língua alemã contava com grande românticos e humanistas, e alguns setores da sociedade eram bastante liberais, já familiarizados com o conceito de *Weltliteratur* de Goethe (1749-1832), introduzido no início do século XIX, que traz a ideia de que a literatura é propriedade comum da humanidade e, assim sendo, precisa circular de forma universal⁶². Na Inglaterra o livro também foi bem aceito, onde “caiu nas mãos” de um grupo de jovens homens das letras, entre eles Swinburne (1837-1909), William Michael Rossetti (1829-1919) e Symonds (1840-1893), entre outros. Segundo o biógrafo, esses homens eram “eclectic in their tastes and disposed to welcome good poetry, in whatever garb it was attired”⁶³ (CARPENTER, 1909, p. 133).

Em 1868 foi lançado um volume com uma seleção dos poemas de Whitman editado por William Michael Rossetti, direcionado, especialmente, aos leitores ingleses. Rossetti havia conseguido o aval de Whitman para selecionar, por sua conta, os poemas que fariam parte da seleção, contando que eles fossem publicados por inteiro. Ou seja: Rossetti poderia subtrair alguns poemas que pudessem, de alguma forma, desagradar os conservadores leitores ingleses. Por outro lado, aqueles que fossem publicados deveriam o ser na sua completude, sem omissões de qualquer espécie. Foi a seleção de Rossetti que tornou Whitman conhecido – e admirado – por alguns poucos, mas importantes leitores britânicos: “Whatever limitation Rossetti set on his praise of Whitman, his selection served to make the poet known to a small but important set of readers in Great Britain, and formed for some years the central point of the movement, if such it may be called, in Whitman’s favour”⁶⁴ (CARPENTER, 1909, p. 135).

Apesar de Rossetti orgulhar-se em dizer que manteve os poemas em sua forma original, a versão de *Leaves of Grass* editada por ele apresentava várias alterações (Figura 5), incluindo troca ou omissão de palavras e mudanças de títulos. Alcaro (1991) escreve:

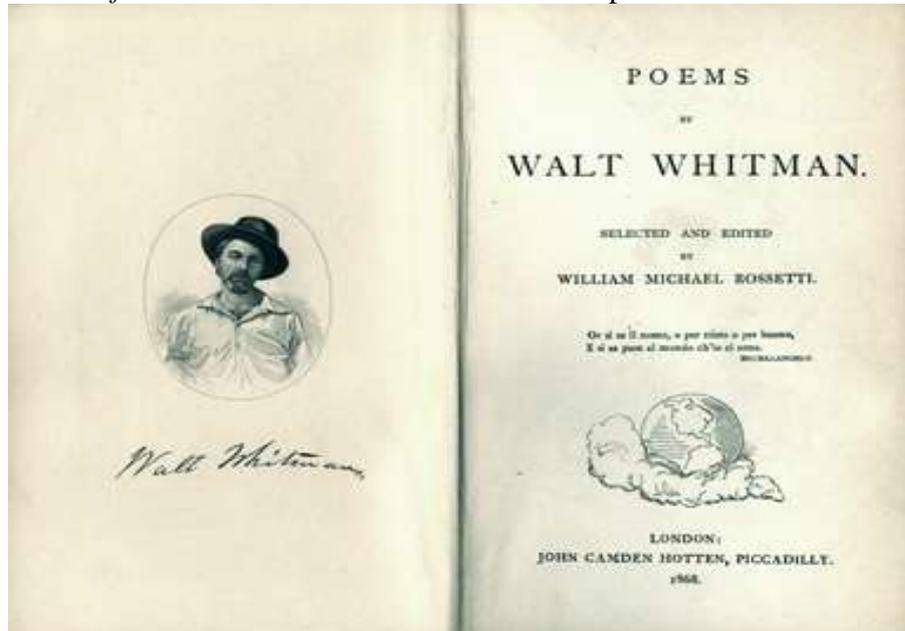
⁶² “Ao definir claramente *Weltliteratur* como ‘patrimônio comum da humanidade’, Goethe também oferece pistas para que esse ideal se torne real: ‘é preciso informar-se do que acontece em outros países’, sem limitar nosso gosto ao ‘apertado ambiente’, voltando sempre a ‘olhar para fora’. Em outras palavras, é preciso estabelecer um diálogo com o outro. A ideia de uma literatura mundial surge da crença na existência de um constante processo de efeitos recíprocos entre as literaturas nacionais” (cf. HEISE, 2007, p. 43).

⁶³ “Ecléticos nos seus gostos e dispostos a acolher a boa poesia em qualquer traje que ela se apresentasse”.

⁶⁴ “Qualquer que fosse a limitação apresentada por Rossetti na sua exaltação a Whitman, sua seleção serviu para fazer com que o poeta ficasse conhecido por um pequeno, mas importante grupo de leitores britânicos, e formou por alguns anos o ponto central do movimento, se pode ser assim chamado, a favor de Whitman”.

Although Rossetti prided himself on printing the poems used in the selections without any omissions or changes, nevertheless he had fussed over the volume like a pursed-lipped English nanny in order to make the work acceptable to the British public – changing titles, altering Walt’s arrangement of the poems, leaving words like *womb* and *prostitute* out of the 1855 preface⁶⁵ (ALCARO, 1991, p. 119, grifos da autora).

Figura 5 – *Poems of Walt Whitman* selecionado e editado por William Michael Rossetti



Fonte: THE WALT WHITMAN ARCHIVE. **About de Archive**. [S.d.]. Disponível em: <<https://whitmanarchive.org/about/tour/app.00009.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

Segundo Alcaro, o propósito de Rossetti ao editar a seleção dos poemas de Whitman era o de apresentar ao público inglês um poeta a quem ele considerava “[...] a few steps below Shakespeare on the throne of immortality”⁶⁶ (ALCARO, 1991, p. 116), mas que estava refreado em seu país de origem. Foi através desta seleção que Anne Gilchrist teve seu primeiro contato com a obra de Walt Whitman. Diante do seu entusiasmo contagiante, Rossetti resolveu lhe enviar o livro completo. Alguém que valorizava Whitman como Anne valorizava, deveria lê-lo por inteiro, na sua completude. Ao ler os poemas, Anne sentiu o que não conseguia explicar. Em carta ao amigo Rossetti, ela escreve sobre isso: “I can read no other book [...] it holds me entirely spellbound, and I go through it again and again with deepening delight and wonder”⁶⁷

⁶⁵ “Apesar de Rossetti se orgulhar em ter impresso os poemas usados nas seleções sem mudanças ou omissões, não obstante ele teria remexido no volume como uma reprovadora babá inglesa, com o intuito de tornar o trabalho aceitável ao público inglês – mudando títulos, alterando os arranjos que Walt havia feito dos poemas, deixando de fora palavras como útero e prostituta do prefácio de 1855”.

⁶⁶ “[...] poucos passos abaixo de Shakespeare no trono da imortalidade”.

⁶⁷ “Não consigo ler outro livro [...] fiquei totalmente encantada, leio e releio com crescente deleite e admiração”.

(GOULD, 1900, p. 3). Respondendo a Anne Gilchrist (na carta transcrita no livro *Walt Whitman's Mrs. G.* (1991), de Marion Walker Alcaro), William Rossetti atribui a dificuldade de aceitação dos poemas de Whitman à forma franca e direta com a qual ele fala dos assuntos físicos:

The sort of thing that people object to in Whitman's writings is not so easily surmised until one sees them. It might be expressed thus – that he puts into print physical matters with the same bluntness and directness almost as that with which they present themselves to the eye and mind, or are half worded in the thought. From one point of view this is even blameless; but from another, the modern reader's point of view, it is quite intolerable⁶⁸ (ALCARO, 1991, p. 116-117).

Alcaro (1991) ainda explica que, ao ler a seleção completa dos poemas, o impacto sentido por Anne fora tão grande que, por vezes, era obrigada a largar o livro por algum tempo para conseguir absorver as emoções. Na memória da filha Grace, ficou a imagem da mãe lendo o livro: “She read and absorbed it. She read and re-read and dreamed over the book”⁶⁹ (ALCARO, 1991, p. 117). Em 23 de junho de 1869, Anne escreveu à Rossetti, agradecendo a cópia “sem restrições” de *Leaves of Grass*, iniciando assim, uma troca de cartas com Rossetti a respeito da obra de Whitman que levariam a publicação de “A Woman's Estimate of Walt Whitman” em 1870. Edith Wyatt (1919) explica que a reação favorável de William Rossetti e Anne Gilchrist à obra de Whitman se deve também ao fato de que ambos eram grandes conhecedores da obra de William Blake (1757-1827) e, portanto, familiarizados com o “intenso misticismo democrático” que ele trazia na sua arte: “it is not surprising that William Rossetti and Anne Gilchrist, who had known so deeply the intense democratic mysticism of the genius of Blake, should have responded fully to the greatest singer of the faith of democracy”⁷⁰ (WYATT, 1919, p. 390).

Entusiasmado pela reação de Anne e pelos elogios tão sinceros e bem escritos a Whitman, Rossetti pediu que ela levasse em consideração a possibilidade de publicar alguma coisa sobre o poeta, pois as palavras de Anne seriam a melhor maneira de expressar o que devia ser dito: “the very words of your letters would be the best you or anyone could find to express

⁶⁸ “As coisas que as pessoas desaprovam nos escritos de Whitman não são, facilmente, supostas até que se tenha contato com eles. Pode ser considerado, então, que ele expressa os assuntos físicos com a mesma franqueza e objetividade quase como eles se apresentam ao olho ou à mente, ou como meias-palavras nos pensamentos. De um ponto de vista, isso chega a ser inocente; mas de outro, do ponto de vista do leitor moderno, é praticamente intolerável”.

⁶⁹ “Ela lia e o absorvia. Ela lia, relia e sonhava com o livro”.

⁷⁰ “Não é de surpreender que William Rossetti e Anne Gilchrist, profundos conhecedores do intenso misticismo democrático do gênio Blake, tenham respondido plenamente ao maior cantor da fé na democracia”.

what claims to be said”⁷¹ (GILCHRIST, 1887, p. 183). Os elogios da amiga inglesa são enviados ao poeta norte-americano, por intermédio de O’Conner, que os mostra a Whitman dizendo ser de uma “esposa e mãe”. Allen (1955) diz que, mesmo que o poeta tenha ficado satisfeito com a resposta positiva da mulher aos seus poemas, tudo leva a crer que ele levou vários meses até lembrar de responder a Rossetti, manifestando a sua satisfação com as enaltecidas palavras da mulher inglesa ainda sem nome: “coming from a woman and England [...] this emphatic and smiling well done from the heart and conscience of a true wife and mother”⁷² (HARNED, 2015, p. 67), e enviando, juntamente com a carta, uma fotografia dele para ser entregue à mulher, sem saber que seria o início de uma grande história de amor e amizade:

At this time Whitman had no intimations of romantic longings concealed in these appreciative criticisms of his poems, and he could hardly have dreamed that by sending his photograph and suggesting that his letter be passed on to her he was encouraging this unknown admirer to fall passionately in love with him”⁷³ (ALLEN, 1955, p. 416).

A forma com que Anne pensou e escreveu sobre o americano era exatamente o tipo de crítica positiva que Whitman precisava desesperadamente, pois, segundo Alcaro (1991, p. 122), todas as frases desfavoráveis e palavrões no vocabulário dos críticos haviam sido usados para descrever o trabalho do poeta. Rossetti então sugere à Anne que publicasse suas impressões sobre o trabalho de Whitman. Ela confidenciou ao amigo, no entanto, não se sentir segura para publicar as suas impressões, dizendo que acreditava não ser uma boa crítica: “you know I am but a poor critic – indeed adverse to criticism; what I like, I grasp firmly but silently; what I do not like I prefer to let go silently, too...”⁷⁴ (GILCHRIST, 1887, p. 182).

Finalmente, em junho de 1869, Anne escreveu a Rossetti, dizendo que aceitava escrever sobre Whitman e que seria um prazer escrever qualquer coisa que ajudasse a “[...] clear away the clouds of misapprehension that now hide Walt Whitman from men’s eyes”⁷⁵ (GILCHRIST, 1887, p. 183). O assunto da resenha foi ainda abordado em várias ocasiões, em diversas cartas

⁷¹ “As palavras das suas cartas seriam as melhores que você ou qualquer pessoa poderia escolher para expressar o que precisa ser dito”.

⁷² “Vindo de uma mulher e da Inglaterra [...], esse enfático e sorridente bem feito do coração e da consciência de uma verdadeira esposa e mãe”.

⁷³ “Nesse momento, Whitman não tinha percebido os desejos românticos ocultos nessas críticas aos seus poemas, e ele não sonhava que, ao mandar a fotografia e sugerir que a sua carta fosse passada a ela, estivesse encorajando essa admiradora desconhecida a se apaixonar perdidamente por ele”.

⁷⁴ “Você sabe que sou uma crítica mediana – de fato adversa às críticas; às coisas das quais gosto, me agarro em silêncio; e do que não gosto, me desapego, também em silêncio”.

⁷⁵ “[...] abrir caminho através das nuvens de equívocos que escondem Walt Whitman dos olhos dos homens”

trocadas entre Anne e Rossetti, que fortemente acreditava que a resenha de Anne ajudaria o livro completo a ser melhor aceito na Inglaterra. A opinião de uma mulher da sociedade, viúva e mãe traria um respeito indiscutível, fazendo com que as pessoas lessem os poemas de Whitman com outros olhos.

Com a resenha pronta, Rossetti a enviou para W. D. O'Connor⁷⁶, cuja amizade com Whitman era sabidamente longa e sincera. Em maio de 1870, O'Connor escreveu a Rossetti, falando da publicação do artigo de Anne. Ele diz: “I need not to add a word about the article. It is great – and better even in type than it was in manuscript. The friends of Walt Whitman are indebted, beyond words for so broad and luminous an interpretation of his pages. It cannot fail to let in light, and to do good”⁷⁷ (GILCHRIST, 1887, p. 201).

Em nenhum momento, até aqui, o nome de Anne foi citado por O'Connor, e Herbert Gilchrist também não comentou na sua biografia da mãe, mas Alcaro (1991) lembra que o artigo foi publicado sem o nome da autora, pois Rossetti receava que a poesia de Whitman, considerada por muitos como indecente e desrespeitosa, pudesse causar algum tipo de constrangimento à Anne e à sua família, e considerava sua obrigação proteger a imagem da autora, a quem tinha como uma irmã. O que é bastante paradoxal, visto que era justamente o fato de Anne ser mulher, mãe e viúva que tornava a sua opinião tão importante.

Em 1870, “A Woman’s Estimate of Walt Whitman” foi publicado na revista *The Radical*. Essa resenha brilhante do trabalho de Whitman fez de Anne a primeira grande crítica de *Leaves of Grass*⁷⁸ e foi realmente muito cara a Whitman, por ter sido publicada quando o poeta passava por um período muito ruim de sua carreira. Jenny Higgins, no seu artigo “French Poetry and Prose in *Fin-de-Siècle* England: how women translators broke new ground” (2007), afirma que a resenha de Anne era a defesa ao pensamento liberal que Whitman nutria a respeito da sexualidade, sendo publicada em uma época que seu trabalho era extremamente hostilizado: “this ‘Estimate’ constitutes a passionate defense of Whitman’s liberal thought and open

⁷⁶ W. D. O'Connor e Walt Whitman se conheceram em 1860. Dois anos depois, seus caminhos cruzaram-se novamente, desta vez em Washington, onde Whitman procurava nos hospitais pelo irmão ferido na guerra. Nesta ocasião, O'Connor hospedou o poeta em sua residência, o que estreitou os laços de amizade e fez de O'Connor um grande admirador e defensor de Whitman e de suas obras. Foi O'Connor quem auxiliou Rossetti a conseguir que “A Woman’s Estimate of Walt Whitman” fosse publicado no *The Radical*.

⁷⁷ “Eu nem preciso falar sobre o artigo. É maravilhoso – e ainda melhor impresso do que era em manuscrito. Os amigos de Walt Whitman estão, infinitamente, agradecidos, para além das palavras, por tão ampla e iluminada interpretação de suas páginas. Não falhará em iluminar e fazer o bem”.

⁷⁸ Trago, nos apêndices desta tese, uma versão bilíngue da resenha “A Woman’s Estimate of Walt Whitman”, que teve seu título modificado para “An Englishwoman’s Estimate of Walt Whitman”, em 1887, por Herbert Gilchrist, por ocasião da publicação da biografia de Anne Gilchrist, por ele escrita.

discussion of sexuality, and appeared at a time when his work met many hostile reactions”⁷⁹ (HIGGINS, 2007, p. 240, grifos da autora), e Cavitch (2005) diz que a resenha é, até os dias de hoje, uma livre apreciação do trabalho de Whitman e, ao mesmo tempo, uma espécie de carta de amor: “[...] still reads as a marvelously unencumbered appreciation of Whitman at his best: [...] the rhythmic sophistication of poetry that rewards, not the counting of syllables, but the ear willing to turn to new music; and especially his frank and fearless language of instinctual and bodily life in both men and women. Gilchrist’s essay is a love letter”⁸⁰ (CAVITCH, 2005, p. 250).

Ao ler a resenha de Anne, Louisa Van Velsor Whitman, mãe do poeta, disse: “that Lady seems to understand your writing better than ever any one did before, as if she could see right through you. She must be a highly educated woman”⁸¹ (ALCARO, 1991, p. 139). É difícil mensurar o quanto o artigo de Anne teve de impacto, ou modificou a carreira de Whitman, e certamente não operou o milagre de fazer o poeta ser aceito por todos, mas com certeza foi uma semente para a aceitação de que aquele homem era um *autêntico* poeta. Como escreve Alcaro:

No one can say with certainty what effect, if any, the publication of “Estimate” had on Whitman’s career. It certainly did not bring about the miracle of acceptance of the poet by the Boston literary establishment. On the other hand, it may have contributed to a gradual, grudging tolerance by that august body, acknowledgement that “that awful Whitman” was an authentic poetic force. But if the publication of “Estimate” was not a turning point in Whitman’s career, it was at least a milestone (ALCARO, 1999, p. 139).⁸²

Carpenter (1909) cita a resenha de Anne como “the greatest and most delightful tribute which Whitman received at this period”⁸³ (p. 135). Sobre as cartas que deram origem à “A Woman’s Estimate”, o autor diz:

⁷⁹ “Esse ‘Estimate’ representa uma defesa passional do pensamento liberal de Whitman e sua discussão aberta sobre sexualidade, e aparece em um momento que seu trabalho recebia muitas reações hostis”.

⁸⁰ “[...] ainda é uma apreciação maravilhosamente livre de Whitman no seu melhor: [...] a sofisticação rítmica da poesia que recompensa não a contagem de sílabas, mas o ouvido disposto a explorar novas músicas; e, especialmente, sua linguagem franca e destemida da vida instintiva e corporal, tanto em homens como em mulheres. O ensaio de Gilchrist é uma carta de amor”.

⁸¹ “Essa moça parece entender seus escritos melhor do que qualquer outra pessoa, como se ela pudesse enxergar através de você. Ela deve ser uma mulher altamente educada”.

⁸² “Ninguém pode dizer, com certeza, que efeito, se algum, a publicação de ‘Estimate’ teve na carreira de Whitman. Certamente não operou um milagre fazendo com que o poeta fosse aceito pelo estabelecimento literário de Boston. Por outro lado, pode ter contribuído para uma tolerância gradual e relutante por parte daquela ilustre instituição, reconhecendo que ‘aquele horrível Whitman’ é uma força poética autêntica. Mas se a publicação de ‘Estimate’ não proporcionou uma reviravolta na carreira de Whitman, pelo menos foi um marco”.

⁸³ “O melhor e mais encantador tributo que Whitman recebeu no período”.

Their influence for decreasing the attacks on Whitman for indecency of expression is scarcely to be exaggerated. When once a woman of refinement had declared that the wife and mother understood his meaning and was not shocked by it, the ground was, as it were, cut out from under the prudish male critic⁸⁴ (CARPENTER, 1909, p. 137).

Em uma dessas cartas trocadas com Rossetti, Anne se comparou à Lady Godiva, dizendo que a nobre despiu o corpo da mulher por uma boa causa e ela despiu a alma da mulher, também por uma nobre causa: “I often feel as if my enterprise were very like Lady Godiva’s [...] for she stripped the veil from a woman’s body for a good cause and I from a woman’s soul for a great cause”⁸⁵ (GILCHRIST, 1887, p. 191).

Ao ler *Leaves of Grass*, no qual Whitman escreve que o sexo deve ser uma experiência “gloriosa” tanto para o homem quanto para a mulher, Anne mensurou, pela primeira vez, a frustração sexual que a acompanhou durante todo o seu casamento com Gilchrist. As palavras do poeta proporcionam a Anne uma sensação de prazer absoluto até então desconhecida, fazendo com que ela direcionasse a ele um sentimento de paixão nunca experimentado, como deixou transparecer nas cartas escritas a Whitman ao longo de muitos anos. Para Marsden (2006, p. 9), a leitura de *Leaves of Grass* tirou Anne de uma vida que, apesar de muito ocupada, estava sendo “[...] deadening to her intellect, stifling to her spirit, and repressive to body and heart”⁸⁶.

Edith Wyatt (1919) explica que na época que Anne conheceu o trabalho de Whitman ele tinha em torno de cinquenta anos de idade, mas que devido a sua saúde abalada, aparentava mais, sendo conhecido, já nessa época, como “the good, gray poet”⁸⁷. Wyatt (1919, p. 391) afirma que Anne deve tê-lo considerado um profeta, e lembra ainda que, para alguém que estudou Blake por tantos anos e tão profundamente, “profeta” e “poeta” seriam termos praticamente intercambiáveis. Anne teria mesclado sua devoção ao profeta à adoração ao ser humano, transferindo uma admiração à obra do poeta ao poeta homem.

Dois anos depois da carta de Whitman a Rossetti, agradecendo as palavras da “dama” a respeito de seu *Leaves of Grass*, em três de setembro de 1871, Anne escreveu diretamente a Whitman apresentando-se e contando um pouco de sua vida e de seu casamento com Alexander Gilchrist, que ela assumiu ter acontecido sem que houvesse, por parte dela, “amor de esposa”.

⁸⁴ “A influência [das cartas] na redução dos ataques a Whitman por indecência de expressão dificilmente será exagerada. Quando uma mulher refinada declara que a esposa e mãe entendeu seu significado e não ficou chocada por ele, o chão foi, literalmente, tirado debaixo dos pés dos pudicos críticos masculinos”.

⁸⁵ “Às vezes sinto como se o meu empreendimento fosse muito parecido ao de Lady Godiva, pois ela despiu o véu do corpo da mulher por uma boa causa, e eu, da alma da mulher, por uma ótima causa”.

⁸⁶ “[...] mortificante para seu intelecto, asfixiante para seu espírito e repressiva para o corpo e o coração”.

⁸⁷ “O bom e velho poeta”. Aqui, a palavra em inglês usada foi “gray”, que significa cinza, grisalho. Optei por usar “velho” por soar melhor em português e já ser uma expressão bastante conhecida.

Em seguida ela declarou seu amor a Whitman, atitude que, segundo Wyatt (1919), inevitavelmente leva a acreditar que ela estava sendo vítima de algum tipo de “auto-hipnose”: “As you read on, in spite of the beauty of her feelings, you cannot help believing her to be the victim of a species of self-hypnotization”⁸⁸ (p. 391).

Nesta carta, Anne descreveu seu casamento com Alexander como feliz, porém sem amor de verdade. Ela diz, inclusive, que os primeiros meses foram “obscuros e sombrios”, e que ela chegou a se questionar se havia feito a escolha correta ao aceitar casar-se, mas com a chegada do primeiro filho ela havia se convencido de que a criança era a forma de Deus “selar a união” deles:

The first few months of my marriage were dark and gloomy to me within, and sometimes I had misgivings whether I had judged aright, but when I knew there was a dear baby coming my heart grew light, and when it was born, such a superb child – all gloom & fear forever vanished. I knew it was God’s seal to the marriage, and my heart was full of gratitude and joy⁸⁹ (HARNED, 1918, p. 70).

Entretanto, em várias ocasiões Anne relatou que teve um casamento feliz com Alexander, fazendo com que alguns autores questionem a sua sinceridade. Wyatt (1919) defende que Anne foi, sobretudo, uma mulher de inquestionável sinceridade. Para a autora, Anne amava e admirava o marido, tendo aprendido muito com ele, mas que, ao olhar para o passado, influenciada por essa nova paixão arrebatadora, Anne teria confundido os sentimentos de outrora, pensando que não teria amado Alexander como deveria, e também confundido os sentimentos do presente, pensando ser Whitman o seu grande amor:

But looking back at her emotions for him, through the mist of this overwhelming later infatuation, she saw it not as it really was, or as it seemed to herself even in his lifetime, but as it seemed seen through the veil of her new devotion, which confused her vision not only of the present reality, but of the reality of the past⁹⁰ (WYATT, 1919, p. 392).

⁸⁸ “Ao ler, apesar da beleza de seus sentimentos, você não pode deixar de acreditar que ela é vítima de uma espécie de auto-hipnose”.

⁸⁹ “Os primeiros meses de meu casamento foram sombrios e melancólicos e, às vezes, eu tinha dúvidas se havia avaliado corretamente, mas quando soube que havia um querido bebê vindo, meu coração se iluminou, e quando ele nasceu, uma criança tão soberba – toda a tristeza e o medo desapareceram para sempre. Eu sabia que era o selo de Deus para o casamento e meu coração se encheu de gratidão e alegria”.

⁹⁰ “Parece mais provável que ela estivesse, profundamente, apaixonada pelo marido tanto antes quanto depois do casamento, que ela se devotou a ele e que veio, por essa razão, a aprender e possuir algumas de suas qualidades. Mas olhando para o passado e para seus sentimentos por ele, através da névoa dessa paixão arrebatadora de agora, ela o enxergou não como realmente era, ou como parecia a ela enquanto Alexander era vivo, mas como parecia através do véu dessa sua nova devoção, que confundiu sua visão não somente da realidade do presente, mas também da realidade do passado”.

Seguindo mais ou menos na mesma linha, vários anos mais tarde, Steve Marsden, em “A Woman Waits for Me” (2006) afirma que o “romance” entre Anne e Whitman foi, acima de qualquer coisa, uma relação entre livro e leitora, explicando que a forma como a leitora Anne recebeu as palavras de Whitman se deu muito por conta de quem ela era, da sua trajetória de vida como mulher, como mãe, como escritora. Quando Anne foi apresentada à Whitman, ela era uma mulher madura de quarenta e um anos, mãe de quatro filhos que haviam sido criados somente por ela desde muito pequenos. Ela havia finalizado o trabalho do marido na excelente biografia de Blake e também já havia publicado vários artigos. Para Marsden (2006), amores anteriores, assim como livros anteriores, criam expectativas e deixam espaços a serem preenchidos pelas futuras experiências amorosas e literárias. Para ele, o casamento com Alexander e a experiência do trabalho com a biografia *Life of Blake* deixaram espaços na vida de Anne que ela acreditava que pudessem ser preenchidos por Whitman e sua obra. O fato de ter finalmente conseguido extravasar uma sexualidade reprimida durante toda a sua vida certamente a fez “amar” Whitman – se não pelo homem, ao menos pelo artista. Por suas palavras e não por seus gestos. Ela estava apaixonada pela fantasia, não pelo homem.

Marsden (2006) explica que, para entendermos porquê Anne responde de forma tão significativa aos poemas de Whitman, devemos entender a relação que ela teve com a literatura desde a sua mais tenra idade. Desde muito cedo, Anne tinha uma espécie de curiosidade insaciável. O autor afirma: “as a reader, we might say, Gilchrist was something of an explorer, continually widening her sphere of sympathy, reading to be challenged, to grow and change”⁹¹ (MARSDEN, 2006, p. 99). Ele cita uma carta que Anne escreveu aos dezessete anos a uma amiga, que mostra o quanto era amante da leitura. Na carta, ela dizia que gostaria muito de viajar e conhecer lugares importantes da Europa, mas que ela preferia ler sobre tais lugares descritos pelos seus autores favoritos, pois assim ela teria a descrição destes lugares através dos olhos e das mentes brilhantes dos autores, pois ela temia que o seu olhar não fosse capaz de enxergar tamanha beleza e imponência.

Muito antes de ter acesso à obra de Whitman, Anne já era uma leitora entusiasmada, Alcaro (1991) transcreve uma carta dela à amiga Julia Newton datada de dezembro de 1851, onde ela fala um pouco sobre sua vida de recém-casada e das leituras que ela e o marido faziam: “Most of all, delightful are our evenings – the reward and crown of the day, when he reads

⁹¹ “Como leitora, podemos dizer que Gilchrist era uma exploradora, continuamente ampliando sua compreensão, lendo para ser desafiada, para crescer e mudar”.

aloud earnest books to me”⁹² (1991, p. 63). Marsden (2006) lembra que, já nessa época, Anne falava da obra e do autor com o mesmo entusiasmo. Os elogios eram para Thomas Carlyle (1795-1881), por ocasião da leitura de seu *Life of Sterling*: “surely never before was there in any man the union of such Titan strength and keenest insight, with soft, tenderest, pitying gentleness. Never surely a man who had so the power of winning deep, reverent heart’s love from his readers”⁹³ (GILCHRIST, 1887, p. 37). Anne apresentava, desde aquela época, uma tendência a confundir o autor com o seu trabalho: “she shows a well-developed tendency here to extrapolate an image of an author from his work and to enter into emotional sympathy with that image”⁹⁴ (MARSDEN, 2006, p. 105). Anne teria visto em Whitman alguém com tanto coração quanto intelecto de um grande poeta, diferentemente – segundo as próprias palavras de Anne em carta a Whitman⁹⁵ – de Alexander Gilchrist. Anne veria Whitman, segundo o autor, como alguém que poderia impulsionar o seu crescimento intelectual. A ideia de um homem que poderia fazer com que experimentasse sensações que ela jamais havia experimentado a fez entregar-se a uma paixão que ela julgava real.

Anne nunca leu de forma passiva. Para ela, toda leitura merecia uma reação, deveria causar algum tipo de efeito no leitor. Marsden (2006, p. 100) completa: “reading calls for work in response; both work and response have spiritual value in the development of the self; and the best reading rouses the mind to its own activity”⁹⁶. Assim como acreditava que a leitura deveria sempre trazer crescimento ao leitor, ela também acreditava na importância de uma religião que elevasse as mentes e os espíritos e rejeitasse a ideia de religião como dogma ou regra a ser rigorosamente seguida: “she shows her sympathy with Romantic and Transcendentalist writers by emphasizing religious experience in life and development of the potentials of the individual human self rather than some hypothesized reward after death”⁹⁷ (MARSDEN, 2006, p. 100).

O mesmo autor diz ainda que Anne lê Whitman com a percepção de poucos, entendendo a estrutura e o contexto dos seus poemas, bem como a forma como eles devem ser lidos e compreendidos: “perception and understanding are put to work not in judging Whitman’s work

⁹² “Acima de tudo, encantadoras são nossas noites – a recompensa e a coroa do dia, quando ele lê em voz alta grandes obras para mim”.

⁹³ “Certamente nunca houve em um homem a união de tal força de um Titã e percepção intensa, com uma gentileza piedosa, suave e sensível. Nunca um homem que tivesse o poder de merecer o amor profundo e reverente dos seus leitores”.

⁹⁴ “Ela demonstra uma forte tendência a extrapolar a imagem do autor com a de sua obra e entrar em simpatia emocional com aquela imagem”.

⁹⁵ Carta de Anne Gilchrist a Walt Whitman, datada de 3 de dezembro de 1871 (HARNED, 2015, p. 69).

⁹⁶ “A leitura pede uma ação em resposta; tanto a ação quanto a resposta têm valor espiritual no desenvolvimento do ser; e a melhor leitura desperta a mente à sua própria atividade”.

⁹⁷ “Ela demonstra simpatia pelos escritores românticos e transcendentalistas, enfatizando a experiência religiosa na vida e no desenvolvimento do ser humana ao invés de um prêmio hipotético pós-morte”.

against an external standard, but in the service of reading Whitman as she thinks he wishes to be read”⁹⁸ (MARSDEN, 2006, p. 105). Quando Anne escreveu a Rossetti dizendo que nunca imaginou que palavras pudessem deixar de ser palavras para tornarem-se “correntes elétricas”, e que por vezes ela sentia como se não fosse ter força física suficiente para continuar a ler os poemas, Anne estava fazendo algo que a poesia de Whitman sugeria, algo que alguns místicos fazem e que Anne parecia ter uma enorme habilidade para fazer: ler o texto com o corpo (MARSDEN, 2006, p. 109).

Para Allen (1955), Anne Gilchrist se iludiu desde o princípio. Ele diz que as cartas dela transbordavam um amor que nunca foi correspondido nas cartas de Whitman, não porque ele não quisesse, mas simplesmente porque era um tipo de amor que ele não *podia* dar, e que, ironicamente, a intuição feminina de Anne não conseguiu perceber nos poemas o seu real sentido:

This whole correspondence was destined to be extremely pathetic from the beginning to end. Whitman fully appreciated the supreme compliment that this talented and large-hearted woman had paid him, and probably, for her sake if not for his own, he would have liked to make her happy. But he knew only too well where he was “most weak, most lacking.” It was simply impossible for him to feel the emotions that would have satisfied her. He did say: “I send you my love,” but the whole tone of his letter – and his obvious struggle to make his words say more than he honestly meant – conveyed clearly that it was not the “love” that Anne Gilchrist felt for him. It is ironic that the “Calamus” poems had seemed to her a plea for love such as she could give. Her woman’s intuition was not able to fathom the meaning of those poems – precisely because she was a woman⁹⁹ (ALLEN, 1955, p. 438, grifos do autor).

Wolfgang Iser (1978) afirma que uma obra literária só tem significado uma vez que é lida. Na sua Teoria da Recepção, o *implied reader* é aquele leitor que se coloca “dentro” do texto, fundindo-se com ele, quando o leitor passa a fazer parte do texto, potencializando o seu sentido. O envolvimento de Anne com a obra de Whitman e sua dificuldade em separar o homem do poeta expressa exatamente isso. Como ilustração, um trecho da carta escrita diretamente a Whitman, em que ela revela: “in May, 1869, came the voice over the Atlantic to

⁹⁸ “Entendimento e compreensão são colocados a trabalhar não em julgar o trabalho de Whitman em contraste com padrões externos, mas a serviço de ler Whitman como ela acredita que ele quisesse ser lido”.

⁹⁹ “Toda essa correspondência estava destinada a ser extremamente patética do início ao fim. Whitman apreciava, profundamente, os elogios dessa mulher talentosa e de grande coração, e, provavelmente, para o bem dela senão para o dele, adoraria fazê-la feliz. Mas ele sabia onde era ‘mais fraco, mais desprovido’. Para ele, era simplesmente impossível ter os sentimentos que a teriam satisfeito. Ele realmente escreveu: ‘lhe envio o meu amor’, mas o tom de suas cartas – se seu esforço óbvio em fazer as suas palavras dizerem mais do que ele realmente sentia – transmitiam claramente que não era o mesmo ‘amor’ que Anne Gilchrist sentia por ele. É irônico que os poemas do ‘Calamus’ tenham transmitido a ela um apelo por um amor que ela poderia dar. Sua intuição feminina foi incapaz de compreender o sentido dos poemas – precisamente por ela ser mulher”.

me – O, the voice of my mate”¹⁰⁰ (HARNED, 2015, p. 71). O autor aponta que essa afirmação denota o quanto Anne se envolveu com a leitura dos poemas. Ele explica que, na frase descrita, ecoam as palavras do poema de Whitman “The Word Out of the Sea”. Neste poema, a *persona* do autor relembra uma cena de infância, quando ouve um pássaro chamando em vão pelo seu companheiro perdido. Segundo Marsden (2006), Anne não só falhou em entender o poema como uma reflexão do rapaz ao ouvir o canto do pássaro, mas ela se identifica não com o rapaz, ou com o pássaro, mas com o companheiro perdido, e entendeu o chamado do pássaro como a voz do próprio Whitman, chamando-a do outro lado do oceano. Alcaro (1991) observa, no entanto, que mesmo sentindo-se apaixonada por Whitman, Anne não se menosprezava. Ela era ciente de sua capacidade intelectual e literária, ao contrário da grande maioria das mulheres de sua época, que tinham poucas oportunidades de estudo e de liberdade de expressão. Anne sabia-se à altura de Whitman intelectual e sexualmente (ALCARO, 1991, p. 21). Cavitch (2005) sugere que Anne sabia bem dos obstáculos que teria que transpor para chegar ao coração de Whitman, mas que ela o fazia de caso pensado, e que eram justamente essas dificuldades que a provocavam e a impulsionavam a seguir:

It was not just because Gilchrist was a woman that her advances were frightening. On some level Gilchrist knew this, and in calling Whitman’s bluff she may have experienced an enhancement of the erotic excitement of her pursuit of a man whose desires had yet to be clearly settled in relational terms¹⁰¹ (CAVITCH, 2005, p. 252).

Whitman, por outro lado, pareceu ter se dado conta que os sentimentos de Anne eram bem mais direcionados às suas obras do que à sua pessoa. Sua resposta à Anne, em carta datada de 23 de outubro de 1871 foi, como todas a partir dela, curta e objetiva. Ele enviou, juntamente com a carta, seu novo livro de poemas, dizendo não ser insensível ao amor de Anne, e, desculpando-se pela tão breve carta, afirmou que seu livro é a sua melhor resposta, a melhor explicação: “but I must at least show without further delay that I am not insensible to your love. I too send you my love. And do you feel no disappointment because I now write so briefly. My book is my best letter, my response, my truest explanation of all”¹⁰² (HARNED, 2015, p. 77). O que fica claro, todavia, é que desde a primeira correspondência, Whitman sabia se tratar de

¹⁰⁰ “Em maio de 1869 chegou até mim a voz do outro lado do Atlântico – Ah, a voz do meu parceiro”.

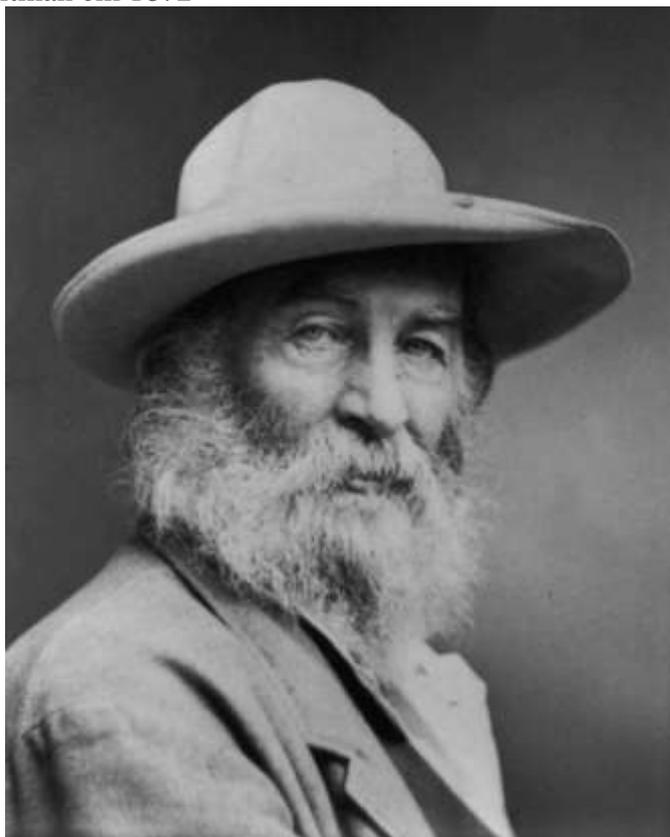
¹⁰¹ “Não era só por Gilchrist ser uma mulher que os seus avanços eram assustadores. Em algum nível, Gilchrist sabia disso e, ao aceitar o blefe de Whitman, ela pode ter experimentado um aumento da excitação erótica de sua busca por um homem cujos desejos ainda não tinham sido claramente estabelecidos em termos relacionais”.

¹⁰² “Mas eu preciso ao menos mostrar, sem mais delongas, que não estou insensível ao seu amor. Também lhe envio o meu. E não fique desapontada por agora escrever-lhe tão brevemente. Meu livro é minha melhor carta. Minha melhor resposta, minha mais sincera explicação de tudo”.

uma mulher extraordinária, intelectual e espiritualmente, e suas cartas foram guardadas como tesouro pelo poeta.

Em 1873, já com a saúde bastante debilitada e financeiramente arruinado, Whitman sofreu um derrame, deixando seu lado esquerdo parcialmente paralisado, mudando-se, então, para a casa de seu irmão George e de sua esposa Lou, em Camden, New Jersey. Em 1876, um artigo assinado por Robert Buchanan é publicado no *London News*, acusando o povo americano de negligência em relação a Whitman (Figura 6), agora velho, doente e pobre. Carpenter (1909) diz que, mesmo que tal denúncia não fosse totalmente verdadeira, serve para alertar os amigos britânicos de Whitman, que, liderados por Rossetti, fazem uma generosa encomenda de livros do poeta, alguns pagando até o dobro do preço original do livro. A soma é, então, enviada a Whitman.

Figura 6 – Walt Whitman em 1872



Fonte: (ADRECICLARTE. **Walt Whitman.** [S.d.]. <<https://br.pinterest.com/pin/541276448939555637/>>. Acesso em: 13 out. 2020).

Disponível em:

Anne Gilchrist não foi, no entanto, a primeira mulher a defender Whitman e sua obra. Em 10 de maio de 1856, Sara Payson Willis Eldridge Farrington Parton, conhecida como Fanny Fern, publicou uma resenha de *Leaves of Grass* em sua coluna no *New York Ledger*. Em 1860, Juliette Hayward Beach publicou, em *The Saturday Press*, uma resenha muito favorável de *Leaves of Grass*, assinando apenas como “A Woman”¹⁰³ e proclamando Whitman como o novo gênio nacional, e, no dia três de junho de 1860, outra resenha é publicada no *New York Sunday Mercury*, essa assinada por Adah Isaacs Menken. Adah escreve que Whitman estava séculos à frente dos seus contemporâneos e o compara ao poeta Edgar Allan Poe, primeiro incompreendido para depois ser aclamado.

Não foram somente as mulheres que foram fascinadas pelas palavras do poeta. O escritor e poeta irlandês Bram Stoker (1847-1912) também foi seduzido pelo surpreendente *Leaves of Grass*. Assim como Anne Gilchrist, Stoker teve o seu primeiro acesso à obra de Whitman através da seleção de William Rossetti. O autor de *Drácula* (1897) escreveu, em 1872, uma carta a Whitman, onde ele demonstrou toda a sua admiração, mas que só teve coragem para enviar quatro anos mais tarde, no dia de São Valentin do ano de 1876:

I love all poetry and high generous thoughts make the tears rush to my eyes, but sometimes a word or a phrase of yours takes me away from the world around me and places me in an ideal land surrounded by realities more than any poem I have ever read [...]

How sweet a thing it is for a strong healthy man with a woman’s eye and a child’s wishes to feel that he can speak to a man who can be if he wishes father, and brother and wife to his soul ¹⁰⁴ (STOKER, 2016, [n.p.]).

Ao escrever a carta a Whitman, Stoker ainda era um homem solteiro, mas veio a casar-se com Florence Balcombe em 1878, aos trinta anos. Essa união, não obstante, segundo Maria Popova (2019), seria um “relacionamento celibatário”. Curiosamente, a noiva havia sido, anteriormente, a pretendida de Oscar Wilde (1854-1900), assumidamente homossexual que, por sua vez, também teve seu “momento de encanto” com Whitman e de quem Stoker era conhecidamente admirador.

¹⁰³ “Uma Mulher”.

¹⁰⁴ “Eu amo toda poesia e pensamentos elevados e generosos, fazem as lágrimas apressarem-se aos meus olhos, mas por vezes uma palavra ou frase sua me afasta do mundo ao meu redor e me leva a uma terra ideal rodeado de realidades, mais do que qualquer outro poema que eu já tenha lido [...]. Como é doce, para um homem forte e saudável com um olhar de mulher e os desejos de uma criança, sentir que ele pode falar com um homem que pode ser, se ele desejar, pai, irmão e esposa para a sua alma” (Estes são trechos da carta de Stoker a Whitman, publicada no *Paris Review*, em 2016).

Alcaro (1991) ressalta que, por mais sinceros e valorosos que tenham sido todos os argumentos e demonstrações a favor de Whitman, nenhum se compara à resenha de Anne Gilchrist:

In addition to defending Whitman's work against the charges most commonly leveled against it – sensuality, indecency, the lack of a “poetic” diction and form – “Estimate” is a thoughtful and penetrating consideration not only of what he wrote, but how and why. It explores and defines his philosophy and analyzes in depth the close relationship between Walt's poetry and science. And it contains an eloquent plea for new understanding of the physical nature and needs of women. In its structure, in the management of its varying tensions in the sure touch that creates crescendo after crescendo without loss of control, in the logical progression of points that are made, and in its persuasive skill, Anne's essay is a flawless piece of expository writing¹⁰⁵ (ALCARO, 1991, p. 130, grifos da autora).

Anne Gilchrist e Walt Whitman corresponderam-se durante seis anos, após a publicação de “Estimate”. As cartas dela, sempre cheias de entusiasmo e admiração, as dele sempre mais breves e cautelosas.

2.2.2 Uma aventura além-mar

As correspondências trocadas com Whitman e a sua forma de escrever, principalmente sobre a sexualidade feminina e a liberdade de expressão das mulheres, tocaram Anne profundamente. Durante os seis anos em que Anne Gilchrist e Walt Whitman se corresponderam, os filhos de Anne cresceram e sua mãe, a quem ela cuidava, faleceu. Whitman, por sua vez, teve sérios problemas de saúde, fazendo com que seus planos de, talvez um dia, visitar Anne na Inglaterra, se tornassem impossíveis.

A notícia de que os Gilchrist iriam para a América foi dada ao poeta por carta, em 1876: ela e os filhos, com exceção de Percy, o mais velho, embarcariam em breve. Segundo Alcaro (1991), a notícia pegou o poeta de surpresa, e que, aturdido, ele escreveu, imediatamente, à Anne, tentando dissuadi-la da ideia:

¹⁰⁵ “Além de defender a obra de Whitman contra as acusações, comumente, levantadas contra ela – sensualidade, indecência, falta de fluência e forma ‘poética’ – ‘Estimate’ é uma análise atenciosa e penetrante, não somente do que ele escreveu, mas como e por quais motivos. Explora e define sua filosofia e analisa a fundo a relação estreita que existe entre a poesia de Walt e a ciência. Contém um eloquente apelo à nova compreensão da natureza física e necessidades das mulheres. Em sua estrutura, na administração de suas tensões variáveis no toque certo, intensificando-se sem perder o controle, na progressão lógica de afirmações feitas e na sua habilidade persuasiva, o texto de Anne é um exemplo de escrita informativa impecável”.

My dearest friend, I do not approve your American trans settlement. I see so many things here you have no idea of – the social, and almost every other kind of crudeness, meagreness, here (at least in appearance). Don't do anything towards it nor make any move at all in it without further advice from me¹⁰⁶ (HARNED, 1918, p. 151).

Sobre a reação de Whitman, Don James McLaughlin escreve, no *Lapham's Quarterly*, em abril de 2020: “Flirtation by mail was one thing; in-person obligation was another”¹⁰⁷. Mas pedidos do poeta não a comoveram. Anne estava resolvida. Com o duplo propósito de dar novas oportunidades aos filhos e buscar quem ela achava ser o grande amor da sua vida, ela não esmoreceria. Em carta a Whitman, aos 21 dias do mês de abril de 1876, Anne pede que ele não a desencoraje na sua decisão, explicando que não há sacrifícios para nenhuma das partes envolvidas, pois seu filho Percy está bem encaminhado profissionalmente e prestes a casar-se, e Beatrice poderia frequentar a *Woman's Medical College of Pennsylvania* e completar os estudos iniciados em Londres, pois as leis na Inglaterra não permitiam que as moças obtivessem um diploma em Medicina. O filho Herbert poderia dar novos rumos aos seus estudos em Artes, e a caçula Grace teria a oportunidade de conhecer um mundo totalmente novo. Cavitch (2005, p. 250-251) relata a coragem de Anne ao tomar a decisão de mudar-se para a América: “Gilchrist not only snaps her fingers in the face of contemporary interdictions against women's direct sexual pursuit of men, but also runs the risk – dangerous in any era – of acting on libidinal investments made in distant objects”¹⁰⁸.

Cavitch (2005) lembra ainda que as cartas que Anne escrevia a Whitman eram sempre diretas e claras, e em alguns casos, um tanto constrangedoras: “some of her solicitations are as embarrassing to read now as they must have been frightening for Whitman to read then”¹⁰⁹ (p. 251). Saber que havia uma mulher como Anne Gilchrist que o venerava certamente lisonjeia o “Good, Gray Poet”, mas as palavras dela, principalmente quando entregava-se a ele, sugerindo que ainda era jovem o suficiente para dar-lhe filhos (“I am yet young enough to bear thee children, my darling, if God should so bless me”¹¹⁰ (HARNED, 2015, p. 76)), ao mesmo tempo que o engrandeciam, de alguma forma o perturbavam.

¹⁰⁶ “Minha amiga querida, eu não aprovo a sua mudança para a América. Eu vejo tantas coisas por aqui que você não tem ideia – o social, e quase todo outro tipo de rudeza e miséria aqui (pelo menos aparentemente). Não resolva nada nem tome nenhuma providência sobre a viagem sem futura orientação minha”.

¹⁰⁷ “O flerte por correspondência era uma coisa; a obrigação de flertar pessoalmente era outra”.

¹⁰⁸ “Gilchrist não só despreza as interdições contemporâneas contra a perseguição sexual direta das mulheres aos homens, como também corre o risco – perigoso em qualquer época – de fazer investimentos libidinais em objetos distantes”.

¹⁰⁹ “Algumas de suas demandas são tão constrangedoras de se ler agora quanto devem ter sido assustadoras para Whitman naquela época”.

¹¹⁰ “Ainda sou jovem suficiente para carregar seus filhos, meu querido, se assim Deus me abençoasse”.

Sobre a viagem de Anne e os filhos para os Estados Unidos, Herbert Gilchrist (1887) conta que uma visita à América do Norte estava sendo programada a algum tempo por Anne, e cita uma carta que ela escreveu ao amigo William Rossetti: “I hope you will not all have flown on your summer rambles when I return from South Wales in July; for we are veritably going to America this year, we sail in the *Ohio* for Philadelphia on August thirteenth, 1876”¹¹¹ (GILCHRIST, 1887, p. 225).

Wyatt (1919) classifica essa viagem de Anne com os três filhos mais novos como: “a generous, humble, and uncommon international adventure that is creditable somehow to the human heart, if not to the understanding”¹¹² (WYATT, 1919, p. 393), querendo dizer com isso que, racionalmente, Anne sabia que estava cometendo um erro, não no que diz respeito à grandeza de Whitman, mas na possibilidade de uma relação maior do que uma grande amizade. Wyatt ainda afirma que Anne precisava fazer essa viagem, mesmo que ela estivesse totalmente baseada numa má interpretação dos sentimentos: “unless she had come to America, she never would have been delivered from the spell of her passion”¹¹³ (WYATT, 1919, p. 397). McLaughlin (2020), todavia, reafirma a hipótese de que Anne tinha como principal objetivo proporcionar os estudos da filha Beatrice, o que seria impossível na Inglaterra. Ele diz que estudar medicina seria o grande sonho da filha mais velha de Anne, e atribui isso ao fato de que, ainda criança, Beatrice foi a primeira a contrair escarlatina, doença que acabou por levar a vida de seu pai. Por ter escutado várias vezes dos pais que os médicos haviam sido inábeis no tratamento da doença em seu início, ela decidiu ser, ela própria, médica:

One does not get the sense that Beatrice assumed an unjustified burden of responsibility for introducing the fever to her family’s home. More than guilt, a desire for control and a serious disposition became pronounced characteristics as she grew older. If one part of the tragedy stuck with the family more than any other, it was a sense Alex had expressed that the medical care they had received when Beatrice became sick was substandard. Growing up in a household that contextualized Alex’s death in the inability of doctors to provide a solution, Beatrice decided she would become a physician herself¹¹⁴ (MCLAUGHLIN, 2020, [n.p].)

¹¹¹ “Espero que vocês todos não tenham saído nas suas andanças de verão quando eu retornar de Gales do Sul em julho, pois realmente vamos para a América esse ano. Embarcaremos no *Ohio* para a Filadélfia no dia 13 de agosto de 1876”.

¹¹² “Uma generosa, humilde e incomum aventura internacional, que de alguma forma é creditável ao coração humano, se não à compreensão”.

¹¹³ “Se ela não tivesse vindo à América, ela nunca teria se libertado do feitiço da sua paixão”.

¹¹⁴ “Não se tem a sensação de que Beatrice tenha assumido uma responsabilidade injustificada por introduzir a febre na casa de sua família. Mais do que culpa, um desejo de controle e uma disposição rigorosa se tornaram características pronunciadas à medida que ela envelhecia. Se uma parte da tragédia pesou mais do que qualquer outra na família, foi o sentimento de Alex ter expressado que os cuidados médicos que eles receberam, quando Beatrice adoeceu, estavam abaixo das normas. Crescendo em uma casa que contextualizou a morte de Alex na incapacidade dos médicos de oferecer uma solução, Beatrice decidiu que ela própria se tornaria médica”.

Independente de qual tenha sido o real, ou mais forte motivo que levou Anne a deslocar-se com os filhos para os Estados Unidos, a possibilidade de conhecer Whitman pessoalmente certamente pesou na decisão. No dia 30 de agosto de 1876, no porto da cidade de Liverpool, Anne embarcou com destino aos Estados Unidos. Com ela, os três filhos, alguns móveis, livros, porcelanas e obras de arte. Depois de dez dias navegando, os Gilchrist chegaram ao seu destino: Filadélfia. O encontro de Anne com Walt Whitman, que durante tantos anos havia povoado a mente dos dois de curiosidades e fantasias – pelo que se tem registrado, mais da parte dela – aconteceu poucos dias após a chegada da família à América.

O primeiro contato que os Gilchrist têm ao chegar à Filadélfia é com John Burroughs, com quem Anne já havia se correspondido em prol de arrecadar fundos para Whitman, nos momentos em que o poeta passara por grandes dificuldades financeiras. Alcaro (1991) transcreve uma carta de Burroughs à esposa, na qual ele relata a sua impressão de Anne: “Mrs. Gilchrist is a rosy woman without a gray hair in her head. I like her much”¹¹⁵ (ALCARO, 1991, p. 159). Em 13 de setembro, ao ser avisado da chegada dos amigos aos Estados Unidos, Whitman saiu de Camden, onde mora, rumo ao tão esperado encontro com os Gilchrist.

Existem diferentes versões por diversos autores a respeito do instante que Whitman e Anne se viram pela primeira vez. Allen, em sua biografia de Whitman, lembra que nem Anne, nem Whitman deixaram qualquer registro desse momento, mas faz uma suposição:

That first meeting was probably embarrassing for Walt and painful for Mrs. Gilchrist. To judge by her impassioned letters, her impulse to rush into his arms must have been almost overwhelming – and his reluctance to encourage her delusion was no doubt as strong as it had been throughout this strange one-sided courtship. But no one left any record whatever of that first meeting¹¹⁶ (ALLEN, 1955, p. 475).

Alcaro, por sua vez, na sua biografia de Anne, diz que poucos encontros foram tão comentados e sujeitos a análises alheias:

In the history of letters, few meetings have been the subject of so much conjecture and speculation – and of so many conflicting opinions about what happened – as the first meeting of Anne Gilchrist and Walt Whitman. Each had a preconceived image of the other. For each it was meeting both a total stranger and a singularly intimate friend. For each it was an intensely dramatic moment¹¹⁷ (ALCARO, 1991, p. 159-160).

¹¹⁵ “A Sra. Gilchrist é uma mulher rosada, sem um fio de cabelo branco na cabeça. Eu gostei muito dela”.

¹¹⁶ “O primeiro encontro foi, provavelmente, embaraçoso para Walt e doloroso para a Sra. Gilchrist. A julgar por suas cartas apaixonadas, o impulso dela em se atirar nos braços dele deve ter sido praticamente irresistível – e a relutância dele em encorajar a ilusão dela foi, sem dúvida, tão intensa quanto tinha sido durante todo o tempo desse estanho cortejo unilateral. Mas não há registros deste primeiro encontro em lugar algum”.

¹¹⁷ “Na história das cartas, poucos encontros foram tão sujeitos a conjecturas e especulações – e de tantas opiniões conflitantes sobre o que realmente aconteceu – do que o primeiro encontro de Anne Gilchrist e Walt Whitman.

Mais uma vez, apoio-me no que diz Alcaro para explicar o que cada um (provavelmente) sentiu no momento que se encontraram¹¹⁸. Há várias histórias a respeito desse primeiro encontro, da impressão que cada um causou no outro. Há uma unanimidade, no entanto, no que diz respeito à impressão causada por Anne em Whitman. O poeta simpatizou, imediatamente, com os Gilchrist, admirando tanto a mãe, “[...] with her gracious manners and gentle dignity”¹¹⁹ (ALCARO, 1991, p. 160), quanto os filhos, sentindo-se confortável com eles desde o primeiro momento, o que lhe dava uma agradável sensação de aconchego familiar e de carinho. É na reação de Anne que se encontram as divergências. Alguns dizem que ela imediatamente percebeu que o que existia ali era uma forte e eterna amizade, outros afirmam que Anne Gilchrist acabou se desapontando e abandonando sua paixão por Whitman, ou ainda que ela largou tudo e voltou para a Inglaterra “desiludida” e “derrotada”. Há até mesmo um estudioso que diz que Whitman teve que fugir de Anne para escapar de suas investidas. McLaughlin (2020, [n.p.]) conclui: “their encounter in Philadelphia thus tends to be narrated as a meeting of mismatched intentions, in which Gilchrist, having taken considerable risks to be with Whitman, was rebuffed and left to endure her disillusionment in an unfamiliar country”¹²⁰.

Contudo, o que há de mais plausível, segundo Alcaro (1991, p. 162), é que Anne tenha imediatamente percebido seu engano ao achar que Whitman seria o companheiro perfeito e que os dois viveriam uma linda história de amor. O homem parado na sua frente estava longe de ser uma figura sem graça, mas também não era em nada a figura do amante perfeito que ela fantasiara. Desde o primeiro aperto de mão, ficou claro para Anne que, apesar do poeta parecer, genuinamente, feliz em conhecê-la, sua esperança de um grande amor correspondido não se concretizaria. Se Anne realmente não havia identificado a incapacidade de Whitman em relacionar-se sexualmente com ela, isso parece não ter sido um impecílio para que ela tirasse proveito da sua estada nas terras estrangeiras. Em pouco tempo ela fez grandes amigos e usufruiu de todas as coisas boas que a América pôde dar a ela e aos filhos.

Enquanto alguns críticos colocam Anne como uma figura patética que sofreu uma grande desilusão ao conhecer Whitman pessoalmente, Alcaro (1991) descreve Anne como uma mulher forte e corajosa que, ao dar-se conta de que suas pretensões amorosas com o poeta eram

Cada um tinha uma imagem pré-concebida do outro. Para ambos, era como conhecer um total estranho e, ao mesmo tempo, um amigo íntimo. Para ambos, era um momento intensamente dramático”.

¹¹⁸ Lembro aqui que Alcaro (1991) torna-se a fonte mais confiável por ser a última biografia a ser escrita e, portanto, a que se utilizou de todas as fontes disponíveis.

¹¹⁹ “[...] com sua educação graciosa e gentil dignidade”.

¹²⁰ “O encontro deles, na Filadélfia, tende assim a ser narrado como um encontro de intenções desencontradas, no qual Gilchrist, tendo assumido riscos consideráveis para estar com Whitman, foi repudiada e deixada para suportar sua desilusão em um país desconhecido”.

um equívoco, conseguiu transformar o que poderia ser uma grande derrota e uma terrível decepção em uma amizade genuína e duradoura. Wyatt (1919) diz que só se pode fazer suposições sobre o que aconteceu quando Anne e Whitman se conheceram pessoalmente. A sua opinião é que, uma vez chegada à Filadélfia, Anne, sem se desapontar com o poeta, percebeu que o que havia fantasiado seria impossível de acontecer. Ao vê-lo, enxergou não a figura de um amante, mas de um querido amigo, e Cavitch (2005, p. 249) completa, dizendo que um ajustou-se ao outro, formando assim, uma bela amizade: “but, upon finding her behavior less than predatory, he warmed to her presence just as she quickly adjusted her comportment to his sexual inavailability, and their friendship lasted until her death, back in England, in 1885”¹²¹.

Alcaro (1991) diz que, apesar de ter se identificado tanto com os poemas de Whitman, Anne havia falhado em perceber, ou se negado a aceitar, a possibilidade de seu grande amor, seu “par” perfeito, fosse homossexual: “although she must have become aware that there was a great energizing force in Walt’s life that she could not share, she never seems to have recognized his homosexuality”¹²² (ALCARO, 1991, p. 182). O conjunto de poemas “Calamus”, contido em *Leaves of Grass*, que Anne leu tão intensamente, apresenta uma celebração do poeta do “manly love of comrades”¹²³, e parece contar a história de um relacionamento do autor com outro homem. A escolha pela planta *calamus*¹²⁴, segundo alguns estudiosos, seria por conta do seu formato fálico e sua cor rosada, associando sua imagem ao amor homossexual: “Whitman [...] embraced the Long Island Calamus with its sweeter odor, pale pink color and more phallic shape” (SHIVELY, 1987, p. 13). Sobre os poemas, Joseph Cady (1978, p. 6) explica que *Calamus* seria uma forma de Whitman lidar com a sua própria homossexualidade: “the collection is Whitman’s most concerted attempt, if perhaps only a partly conscious one, to respond to his oppression as a homosexual by finding a voice and situations that express his positive sense of his homosexual experience”¹²⁵.

¹²¹ “Mas, ao perceber que o seu comportamento era menos que predatório, ele se aqueceu à sua presença, assim como ela rapidamente ajustou o seu comportamento à indisponibilidade sexual dele, e essa amizade durou até a morte dela, na Inglaterra, em 1885”.

¹²² “Embora ela deva ter se dado conta que havia uma grande força energizante na vida de Walt, que ela não poderia compartilhar, ela parece nunca ter reconhecido a sua homossexualidade”.

¹²³ “Amor másculo de camaradas”.

¹²⁴ O açoro, (*Acorus calamus*) também conhecido como cálamo-aromático, acorina, lírio-dos-charcos ou canacheirosa, é uma planta medicinal pertencente à família das *Acoraceae*. É proveniente da Índia e foi introduzida no ocidente no século XIII. Possui uma raiz aromática e de sabor acre (WIKIPEDIA. Açoro. [S.l.], 2020. Disponível em: <wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7oro>>, Acesso em: 15 mar. 2020.

¹²⁵ “A coleção de Whitman é a tentativa mais concertada, mesmo que talvez somente parcialmente consciente, de responder à sua opressão enquanto homossexual, por encontrar uma voz e situações que expressem o sentimento positivo de sua experiência homossexual”.

Aparentemente, Anne não era a única a ter dificuldades em constatar a homossexualidade do “Good, gray poet”. Cady (1978) explica que Burroughs também tinha uma “tolerância afetuosa” no que tangia os relacionamentos amorosos de Whitman. Em 21 de março de 1877, Burroughs escreveu, em seu diário, que Whitman havia o visitado alguns dias antes levando consigo o jovem Harry Stafford. Ele descreve o comportamento dos dois como “like two boys”¹²⁶, chegando, por vezes, a irritá-lo.

Entre os autores que não veem Anne com bons olhos, podemos destacar Charley Shively, que, além de insinuar que Anne sabia da homossexualidade de Whitman, afirma que ela viajou aos Estados Unidos, em 1876, na esperança de conquistar Whitman, e que, ao compreender que isso não seria possível, teria usado o filho Herbert para atrair a atenção do poeta. Shively (1987) alega que Herbert teria aceito a tarefa de forma entusiasmada, o que teria despertado a ira de Harry Stafford, o jovem amante de Whitman:

Herbert Gilchrist was the well-educated, handsome and sophisticated young son of Anne Gilchrist, who had come to the United States in 1876 in hopes of being impregnated by Whitman. When that scheme failed, she used her son to retain the poet's interest. Herbert enthusiastically took up the task. He remained a life-long friend of Whitman and Carpenter, but he aroused the ire of Harry Stafford. Herbert went out of his way to court Harry, but the country boy was unyielding¹²⁷ (SHIVELY, 1987, p. 146).

Alcaro (1991) também cita o desconforto de Stafford em relação a Herbert Gilchrist, mas não se refere à possível homossexualidade do filho de Anne. A autora relata, no entanto, uma ocasião em que Harry reclama ao poeta sobre Herbert, recebendo, em retorno, uma carta em tom mais severo do que o normal, mandando-o deixar Herbert em paz. Alcaro (1991) diz que Harry usava um anel (assim como Anne), que havia ganho de Whitman, mas que, durante o tempo em que se relacionaram, Whitman também estava envolvido com outros jovens: “at the same time that he was involved with Harry, Walt carried on intense, although briefer relationships with three other young men”¹²⁸ (ALCARO, 1991, p. 183). Sobre as escolhas de Whitman, Shively (1987, p. 17) afirma que a preferência do poeta estava nos jovens homens da

¹²⁶ “Como dois garotos”.

¹²⁷ Herbert Gilchrist era o jovem, bem-educado, bonito e sofisticado filho de Anne Gilchrist, a qual havia chegado aos Estados Unidos, em 1876, na esperança de engravidar de Whitman. Quando esse esquema falhou, ela usou seu filho para manter o interesse do poeta. Herbert, entusiasmado, assumiu a tarefa. Ele foi amigo de Whitman e Carpenter pelo resto da vida, mas despertou a fúria de Harry Stafford. Herbert fez o que pôde para cortejar Harry, mas o moço do interior permaneceu inflexível”.

¹²⁸ “Ao mesmo tempo em que estava envolvido com Harry, Walt continuava tendo relacionamentos intensos, porém mais breves, com outros três jovens”.

classe trabalhadora: “all of Whitman’s sexual partners, whether casual pick-ups or intimate lovers, were younger than he and working class”¹²⁹.

Mas não só os trabalhadores braçais interessavam ao poeta. Um episódio curioso da vida de Whitman nos é contado por Euler de França Belém, em um artigo para o jornal *Opção*, publicado em 13 de janeiro de 2013, no qual ele relata o encontro de Walt Whitman com Oscar Wilde. O primeiro, um senhor de sessenta e três anos, de barbas e cabelos brancos e de caminhar lento, sequela deixada pelos derrames sofridos. O segundo, uma figura ímpar e inesquecível, irreverente e sem o mínimo de diplomacia. Suas roupas extravagantes de cores berrantes atraíam o olhar tanto de homens quanto de mulheres. Em 1882, Oscar Wilde, aos vinte e oito anos e praticamente falido, havia aceitado proferir uma série de palestras nos Estados Unidos. Os assuntos de suas conferências eram variados: de Renascimento Inglês à decoração e artesanato. Wilde encontrou-se com diferentes figuras importantes da América, mas o encontro que mais impressionou o jovem artista foi com Walt Whitman. Belém (2013) conta que foram dois encontros, o primeiro, acompanhados de outras pessoas, durou cerca de duas horas. Em uma segunda visita, os dois estavam sozinhos, a conversa teria sido mais animada, e Wilde teria dito a um amigo que Whitman não se preocupou em esconder sua homossexualidade.

Apesar de não sugerir nenhum tipo de tendência homossexual – o que não surpreende, pois o *background* vitoriano de Gilchrist jamais permitiria isso – Herbert Gilchrist descreve, em sua biografia de Anne, várias lembranças suas do tempo de convívio com o “good, gray poet”. Em todas elas, pode-se notar o quanto Gilchrist o admirava. Ele lembra com carinho das conversas que tiveram, dos poemas lidos e das anedotas contadas. Não há menção, tampouco, aos sentimentos da mãe em relação ao poeta e nem do quanto Whitman foi primordial na decisão de Anne em passar uma temporada nos Estados Unidos. Em “Chats with Walt Whitman” (1898), Grace Gilchrist transcreve alguns trechos de cartas escritas por Whitman ao seu irmão Herbert. As palavras do poeta evidenciam o quanto ele e os Gilchrist tornaram-se próximos durante os anos em que moraram nos Estados Unidos, e o quanto essa amizade permaneceu pelo resto de seus dias. Nas cartas, Whitman refere-se à Herbert como “Dear Herb”¹³⁰, assinando-as “Your old Walt”¹³¹.

Como não há cartas trocadas entre Anne Gilchrist e Walt Whitman durante os três anos em que ela esteve com ele nos Estados Unidos, não se pode afirmar nada de forma concreta,

¹²⁹ “Todos os parceiros sexuais de Whitman, fossem amantes casuais ou mais íntimos, eram mais jovens que ele, e da classe trabalhadora”.

¹³⁰ “Querido Herb”.

¹³¹ “Seu velho Walt”.

mas as cartas posteriores ao retorno de Anne à Inglaterra se mostram mais amistosas e menos apaixonadas do que as primeiras. Sabe-se, através das cartas trocadas no período com amigos, como Rossetti, e também nos depoimentos dos filhos de Anne, que Whitman estava, durante esse tempo, constantemente na companhia dos Gilchrist.

Anne com certeza voltou diferente dessa “aventura além-mar”. Marsden (2006) lembra que todos os casos de amor, até os não concretizados ou “platônicos”, envolvem muita coisa, e deixam mudanças no seu caminho:

Like most remarkable love-affairs, it involved mind, body, and soul, past hopes and future dreams, and left everything changed in its wake. We could speak of it as an intellectual revolution, a spiritual illumination, a physical arousal, a personal passion. In this case, it might be sophistry to attempt to separate them¹³² (MARDSEN, 2006, p. 96).

Com Anne e Whitman não foi diferente. Talvez as coisas não tenham saído exatamente como Anne havia planejado ou sonhado, mas ela voltou à Inglaterra com a certeza de que ganhou um amigo para a vida. E assim foi.

Há poucas cartas escritas por Anne que foram preservadas da época em que esteve nos Estados Unidos. Infelizmente, nenhuma das cartas escritas por ela ao filho e à nora na Inglaterra foram preservadas, cartas estas que poderiam nos trazer uma Anne mais íntima, mais descoberta. Somente depois que os Gilchrist deixaram a Filadélfia é que podemos novamente ter acesso à voz de Anne, em cartas, perfeitamente preservadas, que ela escreveu aos filhos Herbert e Beatrice: “Anne’s voice could be heard again speaking intimately in miraculously preserved letters to Herby and Bee – chatty, confinding, sometimes rebuking, but always loving letters, which describe Anne’s new experiences and also reveal her concerns”¹³³ (ALCARO, 1991, p. 189).

Herbert Gilchrist (1887) transcreve a primeira carta de Anne para William Rossetti depois de chegar aos Estados Unidos, foi no dia 12 de setembro de 1876. Na carta, Anne conta sobre a sua impressão da cidade da Filadélfia, com as suas ruas longas e arborizadas, o seu ar limpo e seu céu azul, onde o sol brilha todos os dias, cita algumas pessoas que já encontrou, e faz uma menção especial, como não poderia deixar de ser, ao poeta Walt Whitman. Anne conta,

¹³² “Como os mais notáveis casos de amor, este envolveu mente, corpo e alma, esperanças passadas e sonhos futuros, e deixou tudo mudado em seu rastro. Poderíamos dizer que se trata de uma revolução intelectual, uma iluminação espiritual, uma excitação física, uma paixão pessoal. Neste caso, poderia ser sofisma tentar separá-los”.

¹³³ “A voz de Anne podia ser novamente ouvida, falando intimamente nas, milagrosamente preservadas, cartas para Herby e Bee – tagarela, confidente, algumas vezes repreensiva, mas sempre cartas amáveis, que descrevem as novas experiências de Anne e também revelam suas preocupações”.

ainda, que o poeta era pessoalmente tudo que ela havia suposto ao ler seus poemas: “but I need not to tell you our greatest pleasure is the society of Mr. Whitman, who fully realizes the ideal I had formed from his poems, and brings such an atmosphere of cordiality and geniality with him as is indescribable”¹³⁴ (GILCHRIST, 1887, p. 229). Anne seguiu falando da sua lenta, mas boa, recuperação, atribuindo isso à alegria de ter uma boa aceitação dos seus poemas na Inglaterra. Herbert Gilchrist escreve, em seguida, uma opinião pessoal sobre o poeta, lembrando o quanto era agradável passear na sua companhia e também dos diferentes tipos de pessoas que o cumprimentavam alegremente. Nos anos que os Gilchrist passaram nos Estados Unidos, Whitman passou grande parte com eles, tornando-se parte da família e desenvolvendo um grande afeto pelos filhos de Anne, no que foi retribuído em igual medida. Em especial o menino Herbert, que aspirava a seguir uma carreira nas Artes e via em Whitman um grande mestre, tomando notas de suas conversas e idealizando-o quase como um pai.

Gilchrist ainda transcreve uma outra carta da mãe a Rossetti, datada de 30 de dezembro de 1877, na qual ela cita muito Walt Whitman. A carta é carregada de informações que nos dão claramente a entender o quanto Whitman frequentava a casa dos Gilchrist, e o quanto Anne e seus filhos se agradavam da sua companhia: “we are having delightful evenings this winter; how often do I wish you could make one in the circle round our tea table where sits on my right hand every evening but Sunday Walt Whitman”¹³⁵ (GILCHRIST, 1887, p. 230). Whitman teria dito em certa ocasião ao amigo Traubel que eles eram como uma família feliz, e Alcaro (1991. p. 172) transcreve: “After all, Horace, we were a family – a happy family”¹³⁶. Momentos felizes que foram eternizados no quadro *The Tea Party* (Figura 7), pintado por Herbert Gilchrist em 1884, na qual a família aparece tomando chá. A pintura original localiza-se na *Walt Whitman Collection*, no Departamento de Coleções Especiais da Biblioteca Van Pelt, na Universidade daof Pensilvânia.

¹³⁴ “Mas não preciso lhe falar que nosso maior prazer é a associação ao Sr. Whitman, que alcança inteiramente o que eu havia idealizado a partir de suas poesias, e traz consigo uma atmosfera de cordialidade e genialidade indescritível”.

¹³⁵ “Estamos tendo agradáveis noites nesse inverno; quantas vezes anseio por tê-lo conosco ao redor da nossa mesa de chá, onde senta à minha direita, todas as noites menos aos domingos, Walt Whitman”.

¹³⁶ “Afinal de contas, Horace, éramos uma família – uma família feliz”.

Figura 7 – *The Tea Party*, de Herbert Gilchrist (1884)



Fonte: (MCLAUGHLIN, Don James. Walt Whitman's Gift: His friendship with the Gilchrist family survives in art. In: LAPHAM'S QUARTERLY. **Roundtable**. 2020. Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/walt-whitmans-gift>>. Acesso em: 03 set. 2020).

Herbert era, sem dúvida, o filho de Anne que mais se afeiçoou a Whitman. Mesmo depois da volta dos Gilchrist à Inglaterra e a morte de Anne, ele fazia questão de manter um relacionamento muito pessoal com o poeta, fazendo viagens aos Estados Unidos várias vezes para visitá-lo. Herbert pintou Whitman mais de uma vez, mas o quadro *The Tea Party* expressa muito bem a relação que existia entre Anne, seus filhos e o poeta. Alcaro teve a oportunidade de analisar o quadro pessoalmente, descrevendo-o na sua biografia:

There are fascinating details in the picture. Half-concealed in shadow, behind Anne's right shoulder there is a curious figure who appears to be a little maid¹³⁷. She is wearing a white cap; her hair, eyes, and brows are very dark; and her head is much too large for the rest of her. She is holding what looks like a wine bottle. Describing

¹³⁷ Pelo que se sabe, Anne não tinha empregadas na Filadélfia. Alcaro escreve: "Giddy's main occupation for several months after the Gilchrist's arrival must have been helping her mother, not only with unpacking and arranging the family's belongings, but with the daily housework at 1929. Rossetti wrote to Anne in early January that he was alarmed by her report that she was 'serventless'" (ALCARO, 1991, p. 170, grifo da autora). (A principal ocupação de Giddy, por vários meses depois da chegada dos Gilchrist, deve ter sido ajudar a sua mãe, não somente desfazendo as malas e arrumando os pertences da família, mas também com os afazeres domésticos na casa 1929. Rossetti escreveu à Anne, no início de janeiro, dizendo que estava impressionado com o relato dela de estar sem empregados).

the picture to Walt in a letter on 6 May, 1883, Herbert wrote: “I am standing up bending over the tea-pot, with the kettle, filling it up” (*Letters*, 214). Did he invent a little maid because he found a self-portrait too difficult? Anne is wearing a black dress with a wide, white, ruffled organdy collar; her eyes are clearly hazel (Herbert says in his biography that his mother’s eyes were hazel, although William Rossetti described them as dark and liquid); and, as Burroughs described her, she is indeed a “rosy woman”. Grace has a lovely, alert young face and a graceful figure. There is an empty place at the table in the foreground and there are four cups on the tea tray in front of Anne. Did the artist leave the table to paint the picture? Or was Beatrice expected? Through an open window, green trees and another house a little distance away are visible. Herbert explained to Walt that this was a “pretty view of Cannon Place, Hampstead”. He told Walt that he had titled the picture *The Good Gray Poet’s Gift* because “you play a prominent part in the picture – seated at the table bending over a nosegay of flowers, poetizing, before presenting them to mother”¹³⁸ (ALCARO, 1991, p. 257, grifos da autora).

Nos anos passados na Filadélfia, era comum que os dias terminassem com a família reunida, com Anne ao piano e Whitman declamando. As conversas eram longas e divertidas, e Whitman lembrava desses momentos, até o final dos seus dias, com muito carinho, especialmente das conversas que tinha com a amiga Anne, com quem dizia poder ter uma conversa sem precisar “aparar as asas do pensamento”, devido à “limitação da mente feminina”:

[...] conversation with brilliant, unaffected, serious but fun-loving Anne Gilchrist was a contituing source of wonder to Walt. With her, he told William Sloane Kennedy, ‘you did not have to abate the wing of your thought downward at all, in defence to any feminine narrowness of mind’¹³⁹ (ALCARO, 1991, p.178, grifo da autora).

As conversas dessas duas mentes brilhantes eram das mais variadas. Eles conversavam sobre assuntos variados: ciências, política, literatura, música e filosofia. Nem sempre havia uma concordância de opiniões, mas as discussões eram sempre clorosas e entusiasmadas.

¹³⁸ “Há detalhes fascinantes na pintura. Parcialmente oculta na sombra, atrás do ombro direito de Anne, há uma curiosa figura que parece ser uma pequena empregada. Ela está usando uma touca branca; seu cabelo, seus olhos e suas sobrancelhas são bastante escuros; sua cabeça parece muito grande para o restante do corpo. Ela está segurando o que parece ser uma garrafa de vinho. Ao descrever a pintura em uma carta para Walt, no dia seis de maio de 1883, Herbert escreveu: ‘Eu estou em pé, debruçado sobre o bule, com a chaleira, enchendo-o’ (*Cartas*, 214). Terá ele inventado a pequena empregada porque achou um autorretrato muito difícil? Anne está usando um vestido preto com uma gola de organdi grande, branca e cheia de babados; seus olhos são cor de mel (Herbert diz na sua biografia que a mãe tinha olhos cor de mel, embora William Rossetti os tenha descrito como escuros e líquidos); e, como Burroughs a havia descrito, ela é realmente uma ‘mulher rosada’. Grace tem um rosto lindo, jovem e alerta e uma figura elegante. Há um lugar vazio à mesa no primeiro plano e há quatro xícaras na bandeja de chá na frente de Anne. Terá o artista saído da mesa para pintar o retrato? Ou será Beatrice esperada? Através de uma janela aberta podem ser vistas árvores verdes e uma casa à pouca distância. Herbert explicou a Walt que esta era uma ‘bonita vista de Cannon Place, Hampstead’. Ele disse a Walt que havia intitulado o quadro de O Presente do Bom e Velho Poeta porque ‘você é uma parte proeminente da pintura – sentado à mesa debruçado sobre um ramallete de flores, poetizando, antes de presentear-lo à minha mãe”.

¹³⁹ “[...] Conversas com a brilhante, sincera, séria, mas divertida Anne Gilchrist era uma fonte de admiração para Walt. Com ela, ele disse a William Sloane Kennedy, ‘você não precisava aparar as asas de seu pensamento por causa de qualquer limitação da mente feminina””.

Enquanto os Gilchrist moraram na casa da rua 22nd North, Whitman foi uma presença constante, é lá que ele se sentia melhor. Sob os cuidados da zelosa Anne, a saúde do poeta melhorava a cada dia. A intimidade com os Gilchrist era tamanha, e ele se sentia tão em casa com eles, que era comum que algumas das visitas fossem direcionadas ao poeta, como se ele fosse dono da casa. A grande dedicação de Anne levou alguns amigos (e principalmente a filha Grace) a questionar se todo o cuidado que ela tinha com Whitman e sua total dedicação a ele não levavam o poeta a abusar de tanta caridade. Alcaro (1991) afirma, no entanto, que Anne era uma mulher inteligente demais para não ter se dado conta disso. Certamente, assim como outros admiradores de Walt Whitman, ela foi conscientemente vítima do seu charme e pagou esse preço pelo prazer da companhia do homem que um dia ela pensara ser sua “cara metade”, mas que se tornara um grande amigo e companheiro. A biógrafa ainda aposta na possibilidade de que o instinto maternal de Anne teria falado mais alto ao confrontar-se com aquele grande homem com alma de criança.

Higgins (2007) afirma que, durante a sua estada nos Estados Unidos, Anne trabalhou na tradução da obra *La Légende des Siècles*, de Victor Hugo, tradução que foi publicada apenas após a sua morte. A escolha por Victor Hugo (1802-1885) deve-se muito à semelhança de pensamento entre Hugo e a tradutora, que lutava pelo direito de escolha, principalmente das mulheres. Higgins (2007) lembra que este foi o único trabalho de Anne como tradutora de poesia e que, apesar do original ser em verso, a tradução foi realizada em prosa, evitando a linguagem arcaica, frequentemente utilizada nas traduções vitorianas. A autora atribui essa “liberdade” de Anne à influência que as obras (e a pessoa) de Whitman exerciam sobre ela: “the translation of *La Légende des Siècles* marks Gilchrist’s return to creative literary output during her time in America, and coincides with the liberating influence not only of Whitman’s work, but also his friendship upon her”¹⁴⁰ (HIGGINS, 2007, p. 242, grifo da autora). Alcaro fala que a paixão por um Whitman imaginário teve um impacto de tamanha força na vida de Anne que ela passou por uma espécie de “bloqueio criativo”, que a impediu de escrever qualquer coisa publicável – com exceção do “Estimate” – durante sete anos:

Anne’s absorption in her passion for an imaginary Whitman had had another stultifying effect on her life. It had paralyzed her own creative powers. For seven years, with the exception of “Estimate”, she had written nothing for publication. As another sign of the return of her former self and the emergence of a new and more

¹⁴⁰ “A tradução de *La Légende des Siècles* marca o retorno de Gilchrist à produção literária durante a sua estadia na América, e coincide com a influência libertadora que não só do trabalho de Whitman, mas também da sua amizade tiveram sobre ela”.

eclectic self, not long after her arrival in America, Anne began to write again¹⁴¹ (ALCARO, 1991, p. 171, grifo da autora).

Quando, em 1878, Beatrice recebe seu diploma da *Woman's Medical College*, Anne resolveu que estava na hora de deixar a Filadélfia. Herbert foi estudar arte em New York, Beatrice partiu para Boston, onde realizaria estágio no *New England Hospital for Women and Children* e ela, na companhia de Grace, foi para Massachussets passar o verão, antes de voltar para a Inglaterra.

No dia sete de junho de 1879, os Gilchrist embarcam no navio *Circassia*, que os levaria de Nova York para Glasgow. Alcaro (1991, p. 201-202) cita duas versões do momento da despedida de Anne Gilchrist e Walt Whitman. A primeira, contada por J. H. Johnston (1837-1919)¹⁴², diz que o encontro teria sido à tarde na sua casa, e que Anne e Whitman teriam ficado por um longo tempo a sós, conversando na sala de estar, de onde saíram visivelmente abalados. Allen (1955, p. 468) confirma essa primeira versão e sua biografia de Whitman: “what passed between them was locked in their hearts”¹⁴³. Já Grace Gilchrist lembra o encontro como sendo à noite, na casa em que eles estavam hospedados, na avenida Madison, e que Whitman teria ido até lá para uma última despedida. Ele teria beijado cada um dos Gilchrist no rosto e, em seguida, saído caminhando, lentamente, sendo acompanhado até a porta pela família. Aqui é importante salientar que uma versão, no fim das contas, não descarta a outra: se fundirmos as duas em uma única cena, elas não são contraditórias. Whitman, muito possivelmente, pode ter ido até os Gilchrist para um último adeus depois do encontro na casa de J. H. Johnston.

As cartas trocadas entre Anne e Whitman, após a temporada de Anne nos Estados Unidos mostram claramente um relacionamento baseado em respeito e carinho. Alcaro (1991) assegura que, diferente das anteriores, que eram recheadas de palavras carinhosas e promessas (mais da parte dela do que dele) tais cartas não eram, nem de longe, cartas de amor, afirmando que, se precisávamos de alguma prova do que aconteceu quando a autora de “Estimate” e o “Good, gray poet” se conheceram pessoalmente, as cartas pós-1879 são precisas e indubitáveis:

They reflect a warm, affectionate, comfortable friendship between two persons who find each other consummately stimulating and congenial. They are *not* love letters. There is no faintest trace of the ardor, the impassioned declarations, the fervent

¹⁴¹ “A absorção de Anne na sua paixão por um Whitman imaginário teve outro efeito, estuprificante, na sua vida. Havia paralisado seus poderes criativos. Por sete anos, com a exceção de ‘Estimate’, ela não havia publicado nada. Como outro sinal do retorno de sua antiga personalidade e da emergência de uma nova e mais eclética mulher, não muito tempo depois de sua chegada à América, Anne começou a escrever de novo”.

¹⁴² “John H. Johnston era um joalheiro e grande amigo de Walt Whitman. Era na casa dele que Whitman se hospedava em Nova York”.

¹⁴³ “O que se passou entre eles ficou trancado nos seus corações”.

phrasing of Anne's pre-Philadelphia letters to the poet. To "My Dearest Friend" she sends news of herself and her children, inquires solicitously about his health, sends remembrances to the Staffords and Whitmans, and ends with "love from us all"¹⁴⁴ (ALCARO, 1991, p. 191-192, grifos da autora).

Sarah Ferguson-Wagstaffe, em um artigo intitulado "Points of Contact: Blake and Whitman" ([S.d.]), conta que Whitman teria lido o livro de Gilchrist, *Life of Blake*, em 1881, e que tanto a história de Blake quanto as reproduções dos seus trabalhos, incluídos por Gilchrist na biografia, teriam chamado a atenção do poeta. Whitman teve especial interesse pela ilustração "Death's Door", de 1856, e resolveu usá-la como modelo para o seu próprio túmulo. A autora diz que o túmulo de Whitman é um grande sinal da ligação entre os dois poetas: "Whitman's tomb is a compelling sign of connection between Blake and Whitman – two poets who printed and self-published multiple versions of poems that engage the imagination and grapple with issues of religion, sexuality, and politics"¹⁴⁵. Não podemos deixar de imaginar que talvez tenha sido essa simetria com Blake, que Anne conhecia tão bem, que a encantou em Whitman.

Em 1881, em uma visita à filha Beatrice, em Edimburgo, Anne descobriu que sofria de enfisema. Poucos meses mais tarde, já doente, mais uma vez Anne sofreu a dor da morte, quando sua filha Beatrice, depois de desaparecida por quase um mês, é encontrada morta após cometer suicídio. Talvez tenha sido a característica de Beatrice de se cobrar muito para ser uma médica de sucesso, aliada a forte perseguição que as mulheres médicas e estudantes de medicina sofriam dos homens no mesmo posto, que a tenha levado a dar fim a própria vida, aos vinte e sete anos.

No mesmo ano, Anne foi diagnosticada com câncer de mama. Durante toda a sua doença, ela manteve segredo da sua real condição, ocultando-a de seus filhos, que acreditavam que o enfisema estava progredindo, culminando na sua morte, em 1885.

Desde que voltara dos Estados Unidos, Anne havia retomado seus trabalhos literários, dos quais se destaca a biografia de Mary Lamb (1764-1847), publicada em 1883. A tristeza pela morte da filha Beatrice, seus próprios problemas de saúde e sua consciência de que o fim se

¹⁴⁴ "Elas [cartas] refletem uma amizade acolhedora e confortável entre duas pessoas que se acham perfeitamente estimuladoras e agradáveis. Elas não são cartas de amor. Não há o menor traço das declarações ardentes e apaixonadas e das frases fervorosas das cartas Pré-Filadélfia de Anne ao poeta. Ao "meu melhor amigo" ela manda notícias de si e dos filhos, pergunta solicitamente sobre a sua saúde, manda lembrança aos Stafford e aos Whitman e termina com 'saudações de todos nós'".

¹⁴⁵ "O túmulo de Whitman é um sinal irrefutável da conexão entre Blake e Whitman – dois poetas que auto-imprimiram e publicaram múltiplas versões dos poemas que envolvem a imaginação e lutam com questões de religião, sexualidade e política".

aproximava a levaram a escrever o que seriam as suas “últimas palavras” sobre o grande amigo Whitman. O artigo intitulado “A Confession of Faith” (1885) tem um tom um pouco diferente do “A Womans’s Estimate”, mostrando um Whitman pelos olhos de uma amiga querida, que havia convivido com ele de forma muito próxima por três anos.

Mesmo não tendo realizado seu desejo de “um grande amor” com o poeta Walt Whitman, Anne sempre teve a certeza dos benefícios que os poemas de *Leaves of Grass* trouxeram para a sua vida. Muitos críticos abordam a história de Anne e Whitman como algo unilateral, como se Anne não tivesse recebido tanto amor quanto doou. Marsden (2006) lembra, porém, que a própria Anne escreveu que invejava Alexander por tê-la amado com a intensidade que ela jamais conseguiu. Ela acreditava que era mais benéfico amar do que ser amada: “no matter how one-sided, loving relations in the right spirit, with the right people, lead to spiritual progress”¹⁴⁶ (MARSDEN, 2006, p. 121).

Talvez o amor que Anne sentia (ou achava que sentia) por Whitman não tenha sido correspondido na mesma intensidade; talvez os planos que Anne tinha, ao deixar seus amigos, sua casa e seu país e atravessar o oceano naquele ano de 1876, não tenham sido executados da forma como ela havia pretendido. Anne não se casou com Whitman, não tiveram uma relação amorosa como homem e mulher. O que resultou desse encontro de grandes corações e mentes brilhantes foi uma imensa e duradoura amizade. Depois da morte de Anne, Whitman compôs “Going Somewhere” para a amiga, um lindo tributo a uma mulher que soube, melhor que ninguém, entender o homem e o poeta Walt Whitman.

GOING SOMEWHERE

My science-friend, my noblest woman-friend,
 (Now buried in an English grave — and this a memory-leaf for her dear sake.)
 Ended our talk — “The sum, concluding all we know of old or modern learning,
 intuitions deep,
 “Of all Geologies — Histories — of all Astronomy — of Evolution, Metaphysics
 all,
 “Is, that we all are onward, onward, speeding slowly, surely bettering,
 “Life, life an endless march, an endless army, (no halt, but it is duly over.)
 “The world, the race, the soul—in space and time the universes,
 “All bound as is befitting each—all surely going somewhere”¹⁴⁷.

A ALGUM LUGAR

Minha amiga da ciência, minha mais nobre amiga-mulher,
 (Agora enterrada numa sepultura inglesa - e isto é um memorial em seu nome,)

¹⁴⁶ “Não importa quão unilateral, relações de amor no espírito próprio, entre as pessoas certas, levam a um progresso espiritual”.

¹⁴⁷ WHITMAN, Walt. Going Somewhere. In: THE WALT WHITMAN ARCHIVE. **Published works:** books by Whitman. [S.d.]. Disponível em: <<https://whitmanarchive.org/published/LG/1891/poems/342>>. Acesso em: 25 maio 2018.

Terminou a nossa conversa - "A soma, concluindo tudo o que sabemos sobre a aprendizagem antiga ou moderna, intuições profundas,
"De todas as Geologias - Histórias - de todas as Astronomias – da Evolução, Metafísica e tudo,
"É que todos nós vamos em frente, em frente, acelerando lentamente, seguramente melhorando,
"Vida, a vida, uma marcha sem fim, um exército sem fim, (sem pausa, mas devidamente acabada,)
"O mundo, a raça, a alma - no espaço e no tempo, os universos
"Ligados como convém a cada um - tudo indo certamente a algum lugar" (Tradução minha).

A história desse encontro foi contada de muitas formas distintas, por autores diferentes, em várias biografias dedicadas a Walt Whitman, mas apenas três biografias são dedicadas a contar a história de Anne, uma delas concentrando-se justamente nessa relação com o poeta estadunidense. A certeza de que Anne Gilchrist teve um papel de extrema importância na reputação de Whitman e a relevância de sua voz na discussão da sexualidade e dos direitos das mulheres no século XIX a fazem uma personagem muito interessante para não ser conhecida pelo público de língua portuguesa.

3 CONTANDO O OUTRO

3.1 ESCREVENDO UMA VIDA: O GÊNERO BIOGRAFIA

Há uma estreita linha que separa a ficção da realidade. Essa linha se torna ainda mais estreita com o advento da literatura pós-moderna e contemporânea. Defoe, Richardson e Fielding são considerados os primeiros escritores de romances, forma literária que, segundo Ian Watt, em seu livro *A ascensão do romance*, de 1957, diferencia-se da prosa de ficção do passado, justamente por sua qualidade e pretensão de *real*. No seu livro, Watt examina as principais características do romance e diz que a mais relevante delas seria o apego à realidade: “em resumo, consideraram o ‘realismo’ a diferença essencial entre a obra dos romancistas do início do século XVIII e a ficção anterior” (WATT, 2019, p. 10, grifo do autor). Levando em consideração essa afirmativa, podemos dizer que a biografia é, *também*, um *romance*.

Vamos pensar na origem da palavra *biografia*, de origem grega, que é formada por *bio*, que significa “vida”, e *grafia*, que significa “escrita”: portanto, *escrever uma vida*. O dicionário on-line Michaelis ([S.d.], [n. p.]), traz os seguintes verbetes para a palavra “biografia”: 1. Relato não ficcional de uma série de eventos que constituem a vida (ou parte da vida) de uma pessoa, em geral notável por seus feitos ou obras; 2. Livro, filme, peça teatral etc. que constitui uma biografia; 3. Relato ou sucessão de eventos da vida de uma pessoa comum; 4. Relato em forma biográfica, no qual é comum a mistura de fantasia e elementos factuais, em que o autor apresenta a vida de alguma coisa (um animal, uma moeda etc.)¹⁴⁸. É essa facilidade de introduzir o ficcional no factual que faz com que o gênero biográfico e a historiografia andem lado a lado, mas impossibilitados de se tornarem um só.

Momigliano (1993) defende que, oficialmente, a biografia teve as suas origens ainda no Século V a. C., mas que, devido à escassez de documentos, existe uma possibilidade de terem existido obras biográficas ainda mais antigas. Dosse (2009, p. 123), em seu livro *O desafio biográfico: escrever uma vida*, escreve: “durante muito tempo, da Antiguidade à época moderna, o gênero biográfico teve por função essencial identificar. Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras”.

¹⁴⁸ DICIONÁRIO Michaelis On-line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia/>>. Acesso em 14 set. 2020.

O mesmo autor ainda afirma que, sendo um discurso moral e de virtudes, a biografia traz consigo uma *expectativa de verdade*. Para Dosse (2009), a biografia é um gênero híbrido, algo entre a realidade e a ficção, pois o seu autor precisa movimentar-se entre a veracidade dos fatos, a representação exata da vida do biografado e a impossibilidade de reproduzir, fielmente, o mundo real, lidando com lacunas existentes nos documentos e depoimentos. Sendo um “[...] gênero híbrido, a biografia situa-se em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador” (DOSSE, 2009, p. 55).

Tais lacunas são preenchidas, então, pelo biógrafo, na tentativa de tornar a leitura mais prazerosa e agradável, aproximando a biografia de um romance. No entanto, o autor lembra que é importante que o biógrafo baseie-se em documentos originais e autênticos, assemelhando-se, desta forma, a um cientista. Porém, Dosse não deixa de salientar que escrever uma vida por inteiro é uma ilusão:

[...] o biógrafo pode então tirar o melhor dessa documentação íntima, pois se encontra o mais perto possível do autêntico, a ponto de alimentar às vezes a ilusão de poder restituir inteiramente uma vida. À maneira do cientista, o biógrafo tem que cruzar suas fontes de informação, confrontá-las para se aproximar da verdade (DOSSE, 2009, p. 59).

Apesar do esforço do biógrafo em manter o seu relato o mais fidedigno possível, a biografia sempre será um pouco ficcional, pois é impossível captar todas as facetas da mentalidade, todas as nuances dos sentimentos de alguém. Dosse ainda lembra que a própria vida é um “entretocado” de lembranças e esquecimentos, no qual temos de preencher os hiatos existentes:

O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real. Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entretocado constante de memória e olvido. Procurar trazer tudo à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo e uma aporia que o condena ao fracasso (DOSSE, 2009, p. 55).

Hohlfeldt (2015) compara as pesquisas para se escrever uma biografia a um trabalho de arqueologia: “você tem que escavar os materiais que sobraram. Por mais que haja tais materiais [...], há que dar sentido a eles, porque, em um primeiro momento, o que temos são fatos ou acontecimentos brutos, fragmentados, que se exaurem em si mesmos” (HOHLFELDT, 2015, p. 45). O autor ainda argumenta que a vida de alguém com muitos feitos, certamente, resultará

em uma biografia mais densa, mais cheia, mas não necessariamente mais interessante do que aquela de alguém com poucas façanhas. O trabalho do biógrafo é justamente saber identificar e valorizar o que há de mais interessante na vida do biografado:

É um modo de percepção muito específico, que pode partir de um ponto de vista específico, definido desde *antes* da escrita, mas que pode, igualmente constituir-se *ao longo* da escrita. É o que dará sentido aos fragmentos, relacionando-os e constituindo uma narrativa, propriamente dita. E saber aproximar isso tudo da sensibilidade de um leitor potencial (HOHLFELDT, 2015, p. 46, grifos do autor).

Até o século XIX, as biografias preocupavam-se em mostrar os feitos heroicos do sujeito biografado, não necessariamente observando detalhes de linearidade cronológica, o que gera uma preocupação por parte dos historiadores com a credibilidade das obras biográficas. Ressalva essa que se justifica pelo fato de que, com uma maior liberdade para citar acontecimentos e datas, sem necessariamente comprovar a autenticidade de suas fontes, as biografias passam a ser, em muitos casos, uma mistura de realidade e ficção. Schmidt (2014) aponta o século XIX como uma reação à supervalorização do espiritual que ocorreu no século XVIII, como o momento em que a história busca separar-se da literatura, apegando-se a uma maior cientificidade, marcando um período em que se acreditava nos “poderes emancipadores” da ciência, sendo possível, através dela, compreender, racionalmente, a natureza, a sociedade, o homem, e até mesmo o sobrenatural. Caberia aos historiadores “descrever e/ou explicar o passado de maneira racional e objetiva” e aos literatos “reinventar os fatos de acordo com a sua imaginação e subjetividade” (SCHMIDT, 2014, p. 192). O biógrafo seria ele próprio um “híbrido”, fazendo um trançado de fatos verídicos e ficção para poder contar a vida do outro.

Dosse (2009) afirma ainda que a escrita da biografia vacila entre o respeito ao quadro cronológico e as liberdades do autor, lembrando que, na ânsia de dar maior eficácia ao relato, o biógrafo pode se utilizar de várias vozes narrativas no decorrer do texto:

O empenho em dar mais eficácia ao relato pode conduzir ao rompimento da linearidade cronológica e à adoção das múltiplas vozes narrativas que participam dos vários registros de temporalidade [...] Resulta daí um relato misto que procura reencontrar duas coerências de temporalidade diferentes, a da lógica própria à sucessão dos eventos e a que emana da unidade da pessoa resgatada pelo biógrafo. A narração biográfica não é, pois, como salienta Madelénat, homogênea. É, bem ao contrário, uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros. Nisso, lembra a escrita da história e do romance (DOSSE, 2009, p. 67).

O hibridismo da biografia, ao qual se refere Dosse, dá-se pela forma como ela é escrita. Se por um lado ela emprega palavras verdadeiras e descreve situações autênticas, por outro lado ela recorre, inevitavelmente, à intuição e à imaginação do biógrafo:

À diferença do que ocorre no romance, o emprego de palavras verdadeiras, a descrição de longos estados de espírito autênticos permite situar o gênero biográfico na categoria da escrita histórica. Por outro lado, escrevem-se sempre biografias novas das mesmas personagens, o que não apenas se deve à descoberta de documentos inéditos como se explica pelo surgimento de questões novas, de novos paradigmas interpretativos, e também pela intuição e imaginação do biógrafo – ou seja, por sua capacidade inventiva (DOSSE, 2009, p. 68).

Montagner (2007), analisando Bourdieu, aponta que não existe uma linearidade lógica nos acontecimentos da vida de uma pessoa. Todos esses acontecimentos, interligados, mas não necessariamente sequenciais, são organizados depois pelo pesquisador, no momento de produzir a narrativa. Ele explica, ainda, que para Pierre Bourdieu é impossível dar sentido e explicar o “todo” do indivíduo. O grupo no qual o indivíduo está inserido é responsável pela formação de parte de suas características, e é justamente essa parte que fica à descoberta e “visível” ao pesquisador. Podemos explicar somente o que é socialmente determinado, podemos identificar o *habitus*, a “persona social”, o que acaba por formar um todo biográfico que, na verdade, não existe; uma

[...] *ilusão biográfica*: [...] como se fora uma lesma, as marcas distintivas ligadas ao nome, ao biológico e ao percorrer histórico dos agentes, acabam por deixar traços quase transparentes que, quando unidos a todos os outros traços dos grupos sociais, definem trajetórias comuns, feixes de percursos muito semelhantes, ou afinal, uma trajetória (MONTAGNER, 2007, p. 253, grifo do autor).

No artigo “Biografia literária: duas tradições”, Pereira (2012) apresenta o que ele chama de duas “tradições” para a escrita de biografias. A primeira, chamada de *tradição monumental*, é aquela utilizada em biografias que retratam a vida de grandes personalidades, na sua maioria já reconhecidas como parte do cânone. Elas são caracterizadas por serem extensas e trazerem a vida do biografado em ordem cronológica. Outra característica importante, segundo Pereira (2012), é o compromisso de trazer à luz fatos da vida do biografado que justifiquem a obra produzida por ele, corroborando, assim, a simetria existente entre *vida* e *obra*. A segunda tradição, a chamada *tradição processual*, traz uma forma totalmente inversa de se conceber uma biografia, e é a mais usada nas biografias modernas. Aqui, a preocupação com a cronologia sede espaço à atenção a fatos da vida do biografado que não é, na maioria dos casos, pertencente ao cânone. O biógrafo é visível, não raro contando ao leitor a história do seu contato com o

biografado e expressando a sua opinião pessoal a respeito da pessoa e da obra. “A primeira pessoa do biógrafo é patente e saliente, e as zonas lacunares, os espaços de não-saber, têm oportunidade de tematização e exploração, assim como os impasses, equívocos de juízo, e processos decisórios da natureza mais diversa” (PEREIRA, 2012, p. 42). A biografia analisada nesta tese – *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, de Gould (1900) – claramente se enquadra na segunda tradição exposta por Pereira (2012). Nela, a biógrafa Elizabeth Porter Gould opta por retratar uma parte da vida de Anne Gilchrist, a quem ela muito evidentemente admira, e se faz uma biógrafa que Pereira (2012) chama de “visível”, fazendo uma analogia – mesmo que a princípio inconsciente – ao processo identificado por Lawrence Venuti (1995) em *The Translator’s Invisibility*. Para Pereira (2012, p. 45), isso seria o “núcleo agonístico da produção de biografias”, isto é, a grande diferença entre as duas tradições propostas por ele.

3.2 UMA MULHER CONTANDO OUTRA: ANNE GILCHRIST AOS OLHOS DE GOULD

Filha uma família de classe média-alta, Elizabeth Porter Gould nasceu em Manchester-by-the Sea, Massachusetts, em oito de junho de 1848, mas ainda menina mudou-se para Chelsea. Gould foi uma grande admiradora do poeta Walt Whitman, tendo publicado *Gems from Walt Whitman* em 1889, que incluía, além de uma seleção dos poemas extraídos de *Leaves of Grass* (1855), um poema e um ensaio escritos pela própria autora, a segunda pessoa a obter a permissão do poeta para publicar uma seleção dos seus poemas, a primeira tendo sido William Michael Rossetti. Apesar da resposta positiva ao pedido de Gould, o poeta se mostrou um tanto indiferente à publicação e, em uma conversa com o amigo Traubel, Whitman desabafa: “I don’t know why I should object: neither for that matter do I know why I should approve; it is a matter of indifference to me”¹⁴⁹. E segue: “while I don’t interfere I have no vehement desire to see the project furthered”¹⁵⁰ (TRAUBEL, 1906 [1961], p. 395-396).

Mesmo sem grande entusiasmo por parte de Whitman, o livro de Gould teve, na sua maioria, críticas positivas. Willard e Livermore, no livro *A Woman of the Century* (1893), escrevem que, mesmo se *Gems from Walt Whitman* fosse o único trabalho de Gould, ela ainda assim mereceria destaque no mundo literário. As autoras não falam, todavia, dos recortes feitos por Gould nos poemas de Whitman; elas apenas citam que o ensaio contido no livro agradou ao poeta como nenhum outro: “no word said of the poet has brought a deeper expression of

¹⁴⁹ “Não sei porque devo negar: tampouco sei porque devo aprovar; é uma questão de indiferença para mim”.

¹⁵⁰ “Embora não interfira, não tenho nenhum desejo veemente de ver o projeto avançar”.

thanks from him than the essay in the book on his life among the soldiers” (WILLARD; LIVERMORE, 1893, p. 329), talvez porque tenha sido a única palavra de Whitman a respeito da obra. Edward Whitley (2008) sugere que o livro de Gould foi publicado não só com o intuito de sanar as demandas do mercado editorial do final do século XIX, mas também para agradar ao público e trazer novos leitores à obra de Whitman, enquadrando-a nos costumes da época. Whitley (2008) lembra que, apesar de Gould ser conservadora no que diz respeito às obras de Whitman e na maneira como elas abordavam principalmente a questão da sexualidade – e uma cristã orgulhosa de suas raízes puritanas –, ela era também uma sufragista que lutava pelo direito das mulheres, especialmente no que tange à educação, participando, ativamente, em organizações como “Woman Suffrage Association” e “The Massachusetts Society for the University Education of Women”, entre outras.

Willard e Livermore (1893) também exaltam a versatilidade de pensamento de Gould, destacando a importância do seu trabalho em organizações filantrópicas, especialmente aquelas que visavam a reformas em áreas como a educação universitária para mulheres e o sufrágio, afirmando que ela foi e segue sendo uma inspiração às mulheres por sua grandeza intelectual:

Besides her unique work in private circles, Miss Gould, as an officer in philanthropic organizations in Boston and Chelsea, has struck important chords for more efficient work, especially in the line of reform. Her brochure ‘How I Became a Woman Suffragist’ is a book of personal experience¹⁵¹ (WILLARD; LIVERMORE, 1893, p. 330, grifo das autoras).

Foi, provavelmente, o grande fascínio de Gould por Whitman e a sua afinidade com as ideias de Anne que a levaram a escrever, em 1900, *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, no qual relata a relação entre a escritora inglesa e o poeta estadunidense. A edição de oito de setembro de 1900, do *The New York Times*, descreve o livro de Gould como “modesto” e “discreto”, mas “sem dúvidas situado entre os bons livros do ano”: “this little volume is modest and unobtrusive, but is without doubt worthy of a place among the good books of the year, if only as a record of ‘one of the grandest, purest affections this age or any other age has revealed’”¹⁵² (THE NEW YORK TIMES, 1900, grifo do autor). A Anne Gilchrist descrita por Gould é uma mulher inteligente e de personalidade forte, que já conquistou o seu lugar no círculo literário britânico, mas, ao mesmo tempo, a autora tem uma visão romântica e sentimental de Anne,

¹⁵¹ “Além de seu trabalho singular em círculos privados, a Srta. Gould, como agente em organizações filantrópicas em Boston e Chelsea, atingiu importantes feitos para um trabalho mais eficiente, especialmente, na linha da reforma. Seu prospecto ‘How I Became a Woman Suffragist’ é um livro de experiência pessoal”.

¹⁵² “Este pequeno volume é modesto e discreto, mas é sem dúvida digno de um lugar entre os bons livros do ano, ainda que apenas como um registro de ‘uma das mais grandiosas e puras afeições que esta época ou qualquer outra época revelou’”.

colocando-a como uma heroína em uma história de amor, dando ao leitor a impressão de estar lendo um romance e não uma biografia. Alcaro (1991) descreve isso como uma “apoteose”, proporcionada pela extrema admiração da biógrafa pela biografada:

Carried away by an almost fatuous admiration of Anne, what Elizabeth Porter Gould creates is not a biography of her but an apotheosis. Hers is a sentimental view of Anne. In her book – which in its emotional climate, often seems perilously close to the nineteenth century’s “domestic” novels – she makes Anne the implausibly noble and selfless heroine of a story of implausibly idealized love, “one of the greatest, purest affections this age has revealed”¹⁵³ (ALCARO, 1991, p. 19, grifo da autora).

É relevante dizer que o livro de Gould, sobre o relacionamento de Anne Gilchrist e Walt Whitman, foi publicado antes que as cartas que eles trocaram durante seis anos fossem reveladas ao público por Thomas Harned em 1918. Talvez, se Gould tivesse tido acesso a elas, sua visão de Anne fosse outra. Alcaro (1991, p. 19, grifos da autora) questiona: “one wonders how ‘pure’ Miss Gould would have considered Anne’s love if she could have known that Anne, in her letters, had urgently offered herself to Walt in body – ‘I am yet young enough to bear thee children, my darling’ – as well as soul”¹⁵⁴.

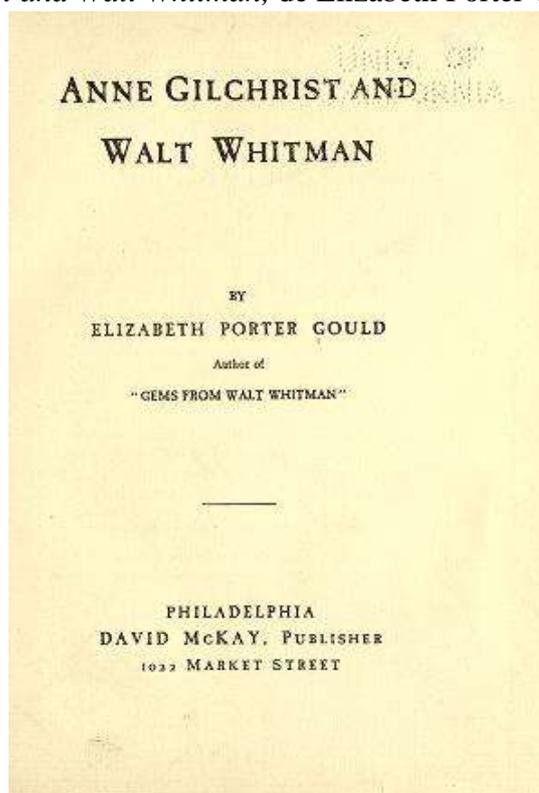
Datada de 1900, *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (Figura 8) foi a segunda biografia escrita e publicada sobre Anne. A primeira, publicada em 1887, dois anos após sua morte, foi escrita pelo filho Herbert Harlakenden Gilchrist. A biografia intitulada *Anne Gilchrist: her life and her writings* é baseada, além da sua vivência como mãe e filho, nas cartas deixadas por Anne, cartas essas trocadas com amigos e parentes. No prefácio de seu livro, Herbert Gilchrist diz que, graças ao cuidado que os parentes e amigos tiveram com as cartas escritas pela mãe, foi possível recuperar quarenta anos de informações. Herbert menciona que pediu autorização de Whitman para publicar as cartas trocadas entre a mãe e ele na íntegra, pois, na sua opinião, eram as mais belas que Anne havia escrito, pedido para o qual o poeta o respondeu: “I do not know that I can furnish any good reason, but I feel to keep these utterances exclusively to myself”¹⁵⁵ (GILCHRIST, 1887, p. v). E assim foi feito enquanto ele viveu.

¹⁵³ “Levada por uma admiração quase pretenciosa de Anne, o que Elizabeth Porter Gould cria não é uma biografia dela, mas uma apoteose. A dela é uma visão sentimental de Anne. Em seu livro – que em seu clima emocional, muitas vezes, parece perigosamente próximo aos romances ‘domésticos’ do século XIX – ela faz de Anne a heroína implausivelmente nobre e abnegada de uma história de amor, implausivelmente idealizada, ‘uma das maiores e mais puras afeições que esta época revelou’”.

¹⁵⁴ “Uma pessoa se pergunta quão ‘puro’ Miss Gould teria considerado o amor de Anne se ela soubesse que Anne, em suas cartas, tinha, insistentemente, se oferecido a Walt em corpo – ‘Eu ainda sou jovem o suficiente para te dar filhos, meu querido’ – assim como em alma”.

¹⁵⁵ “Eu não sei se posso fornecer uma boa razão, mas sinto que devo manter essas declarações, exclusivamente, para mim”.

Figura 8 – *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, de Elizabeth Porter Gould



Fonte: Internet Archive. Disponível em: <<https://archive.org/details/annegilchrist00goulrich/page/n3/mode/2up>>
Acesso em: 08 de nov. 2019.

Somente muitos anos após a morte de Whitman, em 1918, um de seus testamenteiros literários, Thomas Biggs Harned, publica o livro chamado *The Letters of Anne Gilchrist and Walt Whitman*¹⁵⁶, contendo, na íntegra, as cartas trocadas por Anne e Whitman. No prefácio, Harned esclarece que, mesmo sabendo que Whitman não havia permitido que Herbert Gilchrist publicasse as cartas, era de se supor que o poeta tivesse guardado as cartas por mais de vinte anos, recusando-se a destruí-las como fizera com tantas outras, porque talvez existisse a intenção de um dia torná-las públicas, ou simplesmente porque eram importantes demais para ele. Cartas tão cercadas de carinho e cuidados não poderiam ser simplesmente esquecidas pelo tempo. Ele resolveu, então, dividir com o público o que ele considerava “so beautiful, a tribute to the poetry that he had written, no less than to the personality of the poet”¹⁵⁷ (HARNED, 2015, p. 8-9).

Gould projeta, na biografia de 1900, uma Anne de acordo com os padrões sociais da época. Uma Anne corajosa e inteligente, mas ao mesmo tempo ainda devotada à família e ao

¹⁵⁶ Para a elaboração desta tese, utilizei a edição de 2015.

¹⁵⁷ “Tão lindo tributo à sua poesia, assim como à personalidade de poeta”.

lar. Ela, certamente, entregou aos leitores o que eles queriam ler, assim como fez com os poemas de Whitman, alguns anos antes. É importante salientar que me refiro aqui a uma escritora do século XIX, escrevendo sobre uma outra escritora também do mesmo período. Mesmo as mulheres estando presentes na literatura há muitos séculos, nos mais variados estilos, o período ainda era de hegemonia masculina nas artes como um todo, e elas ainda tinham que lidar com o estigma da inferioridade e o sufocamento de suas ideias pelas imposições sociais e culturais:

A atividade criativa da mulher era tida como resultado de seu deslocamento em relação às expectativas culturais de gênero, como por exemplo a sublimação do instinto e função maternal. O próprio ato de escrever, partindo de uma mulher, era considerado como um sinal de mente perturbada, um capricho que deveria ser convenientemente erradicado (SCHMIDT, 2017, p. 59).

Schmidt (2017) lembra que, a partir do século XVIII, a mulher de classe média começou a escrever, embora ainda “sujeita à coerção da ideologia da domesticidade e do ‘anjo do lar’” (p. 59-60, grifo do autor), o que ainda demonstra a marginalidade na qual se encontravam as escritoras da época. Esperava-se delas um texto “sentimental”, o que passava uma imagem “[...] piegas da mulher tola e excessivamente emotiva que celebra a bem-aventurança de seu cativo doméstico” (SCHMIDT, 2017, p. 60). No século XIX, as mulheres escreviam basicamente romances, e o que produziam era uma ficção voltada apenas para um público feminino, na qual ainda as temáticas como a vida doméstica e a criação dos filhos eram recorrentes. Traços bem presentes na biografia de Gould. Schmidt (2017, p. 62) lembra que, mesmo as autoras consideradas “rebeldes” na época, como Jane Austen e George Eliot, são comedidas nas suas colocações e, apesar de apresentarem personagens femininas fortes e “pensantes”, revelam uma resignação frente à situação da mulher na sociedade. Vale lembrar aqui que George Eliot era o pseudônimo de Mary Anne Evans (1819-1880), que assinava com um nome masculino com o intuito de preservar a sua vida íntima, mas também para que pudesse publicar obras mais profundas, fugindo do estereótipo de que as escritoras da época somente deveriam publicar romances leves, destinados a outras mulheres.

As escritas feministas a partir do final do século XIX tem buscado experimentar alternativas, desenvolvendo uma nova linguagem que vai além daquela engessada pelas convenções patriarcais. Uma linguagem voltada às mulheres e que possa precisar seus pensamentos e suas ideias. É importante salientar que a base da escrita feminista é justamente a desconstrução da objetificação do corpo feminino. É possível afirmar que a obra de Whitman teve um impacto semelhante em Anne Gilchrist. Quando ela lê *Leaves of Grass* pela primeira vez, em 1869, ela sente como se uma energia atravessasse seu corpo, sendo obrigada, muitas

vezes, a interromper a leitura para se reestabelecer emocional e fisicamente: “I had not dreamed that words could cease to be words, and become electric streams loke these” (HARNED, 2015, p. 25). Os poemas de Whitman a fizeram enxergar o seu corpo de uma forma nova e, possivelmente, a fizeram consciente de que sua sexualidade havia sido reprimida até então, levando-a a um conflitante sentimento de amor pelo poeta/homem. Na série de poemas “Children of Adam”, Whitman celebra o corpo humano e sua sexualidade, tópico, aliás, muito explorado pelo poeta, e que lhe rendeu severas críticas durante a sua vida. Não é difícil de imaginar o impacto que as palavras do poeta, ditas de forma tão clara sobre um assunto tão delicado – para uma mulher criada por uma mãe vitoriana no século XIX – tiveram na vida de Anne. Finalmente podendo expressar seus sentimentos, ela escreveu a Rossetti, na carta que foi depois publicada como “An Englishwoman’s Estimate of Walt Whitman”:

For the sake of all that is highest, a truthful recognition of this life, and especially of that of it which underlies the fundamental ties of humanity – the love of husband and wife, fatherhood, motherhood – is needed. Religion needs it, now at last alive to the fact that the basis of all true worship is comprised in “the great lesson of reception, neither preference nor denial”, interpreting, loving, rejoicing in all that is created, fearing and despising nothing¹⁵⁸ (HARNED, 2015, p. 37, grifos do autor).

Alcaro descreve a biografia de Gould, dedicada a Anne Gilchrist, como “carefully and lovingly researched”¹⁵⁹ (1991, p.18), apesar de ser basicamente um recorte da biografia escrita por Herbert Gilchrist. Nas suas pesquisas, buscando conhecer um pouco mais da mulher que se tornou tão importante na vida de Whitman, Gould escreveu cartas às pessoas conhecidas de Anne, como Joaquin Miller e William Rossetti, e também recorreu a outras poucas fontes, mas, segundo Alcaro (1991), sua principal fonte de informação e inspiração foi a biografia de Herbert Gilchrist.

A mulher que conta a história de outra mulher. A autora, poeta e crítica literária que conta a história de outra com tantos dons quanto os seus. Elizabeth Porter Gould narrou uma parte da história de Anne Gilchrist com uma admiração que transparece nas suas palavras. Sabendo que cada vez que uma história é narrada, ela é narrada de uma forma diferente, porque o narrador traz um pouco de si para aquilo que narra, temos a certeza de que a visão que Gould tem de Anne Gilchrist, a forma como ela entende as cartas escritas e as frases ditas,

¹⁵⁸ “Para o bem de tudo o que é mais elevado, é necessário um verdadeiro reconhecimento desta vida e, especialmente, daquela que está subjacente aos laços fundamentais da humanidade – o amor do marido e da mulher, a paternidade, a maternidade –. A religião precisa dela, agora finalmente viva para o fato de que a base de todo a verdadeira adoração está na ‘grande lição da recepção, nem preferência nem negação’, interpretando, amando, alegrando-se em tudo o que é criado, não temendo e desprezando nada”.

¹⁵⁹ “Cuidadosamente e carinhosamente pesquisada”.

indubitavelmente influenciaram na sua forma de narrar. Nota-se na Anne projetada pela obra de Gould uma figura romantizada, a perfeita dona de casa e mãe do século XIX. Susana Kampff Lages, em seu livro *Walter Benjamin: tradução e melancolia* (2002), afirma que a arte da narrativa é alimentada por influências psíquicas, relacionadas à melancolia:

Assim como é praticada pelo narrador tradicional, que conta as suas histórias de cor, a arte da narrativa nutre-se de influxos psíquicos afins à melancolia, pois, como observa Benjamin, para bem memorizar as histórias é preciso um particular estado de distensão, propício à conservação das histórias com o intuito de recontá-las (LAGES, 2002, p. 127).

Narrar uma vida que foi vivida, de uma pessoa real, é uma tarefa complicada. Dosse (2009, p. 11) diz que “[...] a biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte de autor”. É notável a empatia existente entre a autora, Elizabeth Porter Gould, e sua biografada, Anne Gilchrist. No decorrer de todo o livro, não há uma menção negativa à Anne. Gould traz uma Anne inteligente e educada, que teve em Alexander seu primeiro e verdadeiro amor. Comparada ao que encontramos na biografia posterior, de Alcaro (1991), a perspectiva da narradora/biógrafa Gould é bem mais inocente. Nessa história narrada em terceira pessoa, a biografada é colocada como objeto do olhar da outra. Alguém que parece a conhecer com intimidade, capaz de saber como ela se sentiu ao ler pela primeira vez os poemas de Walt Whitman, como podemos observar na passagem que segue: “*she became conscious of a new and most powerful influence affecting her*”¹⁶⁰ (GOULD, 1900, p. 3, grifo meu). A narradora/biógrafa certamente deduziu esse sentimento de Anne tendo acesso às cartas trocadas entre ela e Rossetti, que foram publicadas na biografia de Herbert Gilchrist e que, certamente, foram sua principal fonte de informação. A biografia é toda entrecortada por trechos de cartas ou de conversas (não podemos saber ao certo, pois a autora não cita as fontes), que aparecem no texto entre aspas.

Gould segue na sua exaltação a Anne Gilchrist, descrevendo os meses anteriores ao casamento com Alexander e os meses que se seguiram de uma forma que nem Alcaro nem mesmo o filho Herbert Gilchrist descreveram nas suas respectivas biografias de Anne. Gould (1900) tomou trechos da carta que Anne escreveu à amiga Julia, já anteriormente citada, e completou dizendo que, aos vinte anos, “*came into her life the absorbing love of Alexander Gilchrist*”¹⁶¹ (p. 8), e continuando, disse que “*sweet pictures are given us of the happy days*

¹⁶⁰ “Ela tomou consciência de uma nova e poderosa influência que a influenciava”.

¹⁶¹ “Entrou na sua vida o envolvente amor de Alexander Gilchrist”.

after the marriage”¹⁶² (p. 8), mas hoje supomos que o amor não foi tão envolvente assim, e não sabemos se as tais fotos existiram, pois não são reproduzidas no livro, tampouco citadas pelos outros biógrafos.

Aqui pode-se dizer que a perspectiva de Gould com relação a Anne é diferente da que tinha o filho Herbert, que aliás, fala muito pouco do casamento de Anne e Alexander na biografia que escreveu, limitando-se a dizer que “Anne Burrows and Alexander Gilchrist were married quietly at Colne Church – on Tuesday morning, February 4th, 1851”¹⁶³ (GILCHRIST, 1887, p. 31). Já a biografia de Alcaro (1991) concentra no que teriam sido os dias seguintes ao casamento para Anne, levando em consideração sua falta de informação relativa a tudo que envolvia “estar casada”. Gould descreveu o quanto os dias eram felizes para Anne e o marido, inclusive usando aspas nas suas frases, como se estivesse citando alguém, mas sem mencionar a fonte:

[...] also at Lyme Regis¹⁶⁴, within sight and sound of the sea, when “daily writing and reading, daily music and daily walks” were theirs – crowned by happy evenings, when he read aloud earnest books, while she worked with the needle, or “read” music, playing and singing all that he selected for her¹⁶⁵ (GOULD, 1900, p. 8, grifos da autora).

Para Ansgar Nünning (2001), a perspectiva da personagem e a perspectiva do narrador são condicionadas pelo conhecimento, pelas características mentais, pelas atitudes e pelo sistema de valores. O conhecimento sobre algo é sempre parcial e limitado pela perspectiva individual da qual é considerado, ou seja, o meu conhecimento sobre algo é limitado ao meu ponto de vista. Podemos dizer que a perspectiva que Gould tem, em relação à personagem Anne, é limitada ao seu conhecimento, que era oriundo da biografia de Herbert, dos artigos que Anne havia publicado e dos relatos de amigos e parentes com quem ela manteve contato. A Anne que Gould narrou é fruto do casamento desse pouco conhecimento com sua imaginação, trazendo como resultado uma personagem que, provavelmente, não corresponde exatamente à realidade, mas que traz uma versão compatível com os parâmetros de expectativa que circundavam toda e qualquer figura feminina do século XIX.

¹⁶² “Doces momentos são retratados dos dias felizes após o casamento”.

¹⁶³ “Anne Burrows e Alexander Gilchrist casaram-se, discretamente, na Colne Church – na terça-feira pela manhã, do dia 4 de fevereiro de 1851”.

¹⁶⁴ Lyme Regis é uma cidade costeira da Inglaterra.

¹⁶⁵ “[...] também em Lyme Regis, vendo e ouvindo o mar, quando ‘escritas e leituras diárias, música diária e caminhadas diárias’ eram deles – coroadas por noites felizes, quando ele lia alto livros importantes, enquanto ela trabalhava com a agulha, ou ‘lia’ música, tocando e cantando tudo o que ele selecionava para ela”.

É preciso lembrar que Anne Gilchrist viveu entre 1828 e 1885, e Elizabeth Porter Gould publicou a biografia de Anne em 1900, ainda uma época em que as mulheres tinham pouquíssimos direitos. É compreensível, portanto, que a visão de mundo e a interpretação dos fatos de Gould sejam diferentes da interpretação de Alcaro, que publicou sua biografia 91 anos mais tarde. No texto “Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada” (2007), Constância Lima Duarte cita Virginia Woolf, que em 1929 constatou o número quase insignificante de obras escritas por mulheres, atribuindo isso à misoginia que afirmava a inferioridade intelectual e física das mulheres. Até as últimas décadas do século XIX (e mesmo nas primeiras do século XX) era raro uma mulher que pudesse se expressar livremente e que, efetivamente, conseguisse concluir um curso superior. Duarte (2007) escreve que, para poderem publicar os seus trabalhos, muitas mulheres usavam pseudônimos, ou publicavam no anonimato, caso da resenha “An Englishwoman’s Estimate of Walt Whitman”, publicada em 1869 por Anne Gilchrist, e que seria a resenha mais cara à reputação do poeta norte-americano no momento em que ele passava por uma fase ruim em sua carreira.

Obviamente, ao lermos a biografia de Herbert Gilchrist (1887) ou de Gould (1900) hoje, a nossa perspectiva como leitores será bem diferente daquela de um leitor do início do século XX. Citando Ryan (1991), Nünning (2001) lembra que construímos o mundo do universo textual de acordo com nossa representação do mundo real: “we will project upon these worlds everything we know about reality, and we will make only the adjustments dictated by the text”¹⁶⁶ (NÜNNING, 2001, p. 211). A perspectiva depende, em última instância, do leitor. Nünning (2001, p. 211) diz que há um “[...] sistema comunicativo de pré-condições”, e elas incluem o conhecimento da pessoa, as suas habilidades, suas motivações, suas necessidades, suas intenções, suas expectativas, seu estado mental e físico, bem como as condições econômicas, sociais, políticas e culturais sob as quais essa pessoa vive. A perspectiva do narrador é semelhante à da personagem, porém, enquanto a imagem da personagem é construída pela fala do narrador e as suas próprias ações no texto, a do narrador é construída apenas pelas suas palavras. Mas, alerta o autor, em ambos os casos, as informações fornecidas pelo texto são complementadas por inferências por parte do leitor.

Respeitando a ordem cronológica da biografia, analiso mais um episódio importante da vida de Anne descrita por Gould. A morte do marido foi tratada de forma bastante superficial, citando em poucas linhas a doença e a morte de Alexander e dizendo que ela precisou mudar-se com os filhos para outra casa, porque não poderia ficar onde “[...] life had been so full of

¹⁶⁶ “Projetamos nesses mundos tudo o que sabemos da realidade, fazendo apenas os ajustes ditados pelo texto”.

blessing”¹⁶⁷ (GOULD, 1900, p. 11). Alcaro (1991, p. 94) explica que no século XIX, viúvas eram vistas como “[...] a helpless and pitiful creature”¹⁶⁸. Não querendo voltar para a casa da mãe, como seria de costume após a morte do marido, e também sabendo que “[...] remaining at 6 Cheyne Row, with its bitter memories, would be unbearably painful”¹⁶⁹ (ALCARO, 1991, p. 94), Anne resolve encontrar um novo local para recomeçar.

Durante todo o texto, é possível notar as impressões da biógrafa/narradora. O uso de expressões como “she felt” (ela sentiu), “she never forgot” (ela nunca esqueceu) e “she believed” (ela acreditava) denotam claramente o quanto a narradora se envolveu com a personagem, o quanto ela acreditava que podia “entrar” na cabeça de Anne e absorver-lhe os pensamentos. A narradora se manteve, em quase todo o texto, de uma forma que o leitor acredita que ela faz parte da história. Ela deu opiniões e colocou os pensamentos de Anne como certos, verdadeiros. Esse tipo de narrador, chamado de *ouvert* por Chatman, citado em Nünning, coloca-se de forma semelhante às outras personagens da história: “[...] the reader treats their beliefs, projections, wishes and opinions as existing on a par with those of characters”¹⁷⁰ (NÜNNING, 2001, p. 214). No trecho que segue, pode-se ver claramente ao que Nünning se refere: a biógrafa/narradora “se coloca” na história, no momento em que ela descreve a reação de Anne ao ler um dos poemas de Whitman:

Even for the prostitute she found him divinely tender and sympathetic, as in *The City Dead House*. **I doubt if** that poem will ever be more appreciated by any human being than by this woman who could write that inspired letter to Dante Gabriel Rossetti, on “Jenny”, when his first volume of poems appeared in 1870 – a poem which moved her to anguish, coming upon her “after she had been gazing into the very sanctuary of love where women sat divinely enthroned”¹⁷¹ (GOULD, 1900, p. 20, grifo meu).

Vale lembrar aqui que o primeiro contato de Anne com os poemas de Whitman foi através de uma seleção feita por Rossetti. Nessa seleção, Rossetti havia “cortado” algumas partes, até mesmo alguns poemas inteiros, por achar que eles não seriam “bem vistos” pelo público inglês. Palavras como “womb” (*ventre*) e “prostitute” (*prostituta*) foram subtraídas na versão de Rossetti, apresentando o poeta, como Alcaro (1991, p. 119) coloca, citando Paul

¹⁶⁷ “[...] a vida fora tão cheia de bençãos”.

¹⁶⁸ “[...] uma criatura impotente e lamentável”.

¹⁶⁹ “[...] ficar na Cheyne Row número 6, com suas lembranças amargas, seria insustentavelmente doloroso”.

¹⁷⁰ “[...] o leitor trata as suas crenças, suas projeções, seus desejos e suas opiniões como existentes no mesmo nível daqueles da personagem”.

¹⁷¹ “Até para a prostituta ela o achou divinamente sensível e simpático, como em *The City Dead House*. Eu duvido que esse poema seja algum dia mais apreciado por qualquer ser humano do que por essa mulher que pôde escrever aquela inspirada carta a Dante Gabriel Rossetti a respeito de ‘Jenny’, quando seu primeiro volume de poemas apareceu em 1870 – um poema que a levou à angústia, a atingindo ‘depois de ela estar olhando para o santuário de amor onde a mulher sentava divinamente glorificada’”.

Ferlazzo como: “a properly dressed up Whitman invited to a proper afternoon tea”¹⁷². Alcaro (1991) lembra que foi ao ler a versão completa dos poemas que Anne experimentou algo totalmente novo para ela. Foi ali que ela encontrou o verdadeiro Walt Whitman, o poeta que cantava as alegrias, a “satisfação do sexo” (ALCARO, 1991, p. 119).

Ao tomar conhecimento das palavras do poeta estadunidense, Anne Gilchrist deu-se conta, pela primeira vez, das suas frustrações sexuais, dos desejos reprimidos, da total falta de liberdade que limitava as mulheres do seu tempo. A vergonha do corpo, dos sentimentos “impuros” que as moças precisavam dominar. Através das palavras de Whitman, Anne entendeu o que faltou na sua vida, no seu casamento com Alexander. Alcaro (1991) descreve esse momento da seguinte forma:

In Whitman’s insistence that sex should be a glorious experience for both male and female, Anne had found confirmation at last of the instincts of her own healthy body and confirmation of the belief she had always held that something vital had been missing in her marriage to Alex [...] Anne felt, perhaps for the first time without guilt, the impulse to reach out her hand and touch in turn. The measure of her sexual frustration during all her adult life – the torment of instincts denied and dreams that compounded bewilderment – can be seen in her response to the whole of Walt’s poetry. This time Anne Gilchrist responded to the Poet of the Body totally, honestly, logically – with her own body. And with a passionate love that she had never known before¹⁷³ (ALCARO, 1991, p. 119-120).

Ao comparar as palavras de Alcaro com as de Gould, para descrever o mesmo momento, temos uma clara visão de como as mulheres tinham dificuldades em expressar seus sentimentos em relação ao sexo e as coisas consideradas “mundanas”. Gould escreveu:

She used to think it was great “to disregard happiness, to press on to a high goal careless, disdainful of it”. Now she fully saw there was nothing so great as “to be capable of happiness”; to pluck it out “each moment and whatever happens”; to find that one can ride “as gay and buoyant on the angry, menacing, tumultuous waves of life, as on those that glide and glitter under a clear sky”; that it is not “defeat and wretchedness which come out of the storm of Adversity, but strength and calmness”¹⁷⁴ (GOULD, 1900, p. 18, grifos da autora).

¹⁷² “Um Whitman, adequadamente, vestido para um adequado chá da tarde”.

¹⁷³ “Na insistência de Whitman que sexo deveria ser uma experiência gloriosa tanto para o homem quanto para a mulher, Anne, finalmente, encontrou a constatação dos instintos de seu corpo sadio e a confirmação de sua convicção, de que algo vital tivesse faltado no seu casamento com Alex [...], Anne sentiu, talvez pela primeira vez sem culpa, o impulso de estender a mão e tocar de volta. A medida de sua frustração sexual durante toda a sua vida adulta – o tormento dos instintos negados e dos sonhos que agravavam a desorientação – podem ser vistos na sua resposta à poesia completa de Walt. Dessa vez, Anne Gilchrist respondeu ao Poeta do Corpo totalmente, honestamente, logicamente – com seu próprio corpo. E com um amor passionnal que ela jamais havia conhecido”.

¹⁷⁴ “Ela costumava achar que era bom ‘desconsiderar a felicidade, persistir atrás de um objetivo despreocupadamente, a desprezando’. Agora ela viu que não há nada tão maravilhoso quanto ‘ser capaz da felicidade’; colhendo-a ‘a cada momento e a qualquer coisa que aconteça’; descobrir que se pode ‘andar ‘tão feliz e flutuante pelas bravas, ameaçadoras e tumultuosas ondas da vida, como aqueles que deslizam e reluzem sob o céu azul’; que não é ‘derrota e desventura que provém da tempestade da Adversidade, mas força e calma”.

Ela continua descrevendo as reações de Anne: “as never before, she realized the glory of **being a woman, of being a mother**”¹⁷⁵ (GOULD, 1900, p. 20, grifos meus). Em seguida, ela apresentou uma inferência bastante pessoal, novamente se colocando dentro do texto, como parte da história: “with this glimpse into the noble Christian soul of Anne Gilchrist, it becomes interesting to see how the certain poems to which Rossetti referred were received by her”¹⁷⁶ (GOULD, 1900, p. 22). A biógrafa faz questão de manter a imagem de Anne como alguém que, apesar de à frente do seu tempo, é respeitável e composta. Ao referir-se às palavras usadas por Whitman nos seus poemas, que causaram espanto e até mesmo aversão no grande público da época, Gould explica:

“Who so well able to bear it”, she asks, “as she who, having been a happy wife and mother, has learned to accept all things with tenderness, to feel a sacredness in all? Her only doubt was expressed in the thought that perhaps Whitman had forgotten, or through some theory in his head had overridden, the truth that “our instincts are beautiful facts of nature as well as our bodies”, and that we have a “strong instinct of silence about some things”¹⁷⁷ (GOULD, 1900, p. 22, grifos da autora).

Anne Gilchrist tinha consciência do próprio potencial intelectual. Ela estava muito à frente das mulheres da sua época, mulheres que, na sua grande maioria, somente tiveram oportunidade de adquirir uma educação básica, rasa e muito limitada. Alcaro (1991) diz que seria falsa modéstia, por parte de Anne, negar que poucas mulheres tinham o preparo ou a capacidade para ler os poemas de Whitman da forma que ela lia e captar a magnificência de sua obra:

In the “fleshy” poems, so offensive to others, she had found assurance that the inhibitions, taboos, and medical misinformation that had smothered her natural feelings and instincts were absurdities, and, with a heady new sense of freedom, she knew that she could respond to the poet with her body as ecstatically as she had with her mind¹⁷⁸ (ALCARO, 1991, p. 121-122, grifo da autora).

¹⁷⁵ “Como nunca antes, ela percebeu a glória de ser mulher, de ser mãe”.

¹⁷⁶ “Com este vislumbre da nobre alma cristã de Anne Gilchrist, torna-se interessante ver como os poemas, aos quais Rossetti se referia, foram recebidos por ela”.

¹⁷⁷ “‘Quem pode melhor aguentar’, ela pergunta, ‘do que ela, que, tendo sido uma esposa e mãe feliz, aprendeu a aceitar todas as coisas com ternura, a sentir o sagrado em tudo?’ Sua única dúvida foi expressa no pensamento que, talvez, Whitman tenha esquecido, ou através de alguma teoria na sua cabeça tenha anulado, a verdade que ‘nossos instintos são lindos fatos da natureza assim como nossos corpos’, e que temos um ‘forte instinto de silêncio sobre algumas coisas’”.

¹⁷⁸ “Nos poemas ‘carnais’, tão ofensivos aos outros, ela havia encontrado segurança que as inibições, tabus e as más informações médicas, que haviam sufocado seus sentimentos naturais, e seus instintos eram absurdos e, com um novo sentimento de liberdade, ela sabia que poderia responder ao poeta com seu corpo com tanto êxtase quanto havia com sua mente”.

Alcaro descreve a biografia de Gould como sendo uma visão sentimental de Anne, quase como um romance “doméstico” do século XIX, fazendo de Anne a heroína da história. A vida e a história de Anne Gilchrist e a sua busca pela felicidade ao lado de quem ela acreditava ser o seu grande amor são, sem dúvida, inspiradoras, e merecem ser conhecidas por leitores do mundo todo, de várias culturas e de variadas línguas. A grande ponte capaz de unir tais leitores a essa história é a tradução. E a tradução não é apenas a substituição de uma língua pela outra: *tradução é responsabilidade e sensibilidade*. Tradução é arte. Traduzir uma biografia é, como na tradução de qualquer outra obra literária, o comprometimento de transcrever o sentido que o biógrafo quis dar à sua obra, sem perder a leveza e a fluência na leitura. No último capítulo desta tese, apresento uma tradução comentada da biografia *Anne Gilchrist and Walt Whitman*.

4 O TEXTO DO OUTRO: QUESTÕES DE LÍNGUA E CULTURA NA TRADUÇÃO

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade de um grande espírito. Ela nos obriga a esquadriñar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhe as intenções mais veladas

(RÓNAI, 1981 p. 31).

4.1 “FIEL” AO ORIGINAL OU UM NOVO TEXTO?

Livius Andronicus (284-205 a. C.) é o primeiro tradutor conhecido da *Odisséia* (1959), de Homero, para o latim, ainda no século III a. C., sendo, provavelmente, um dos primeiros tradutores europeus de todos os tempos. Sua tradução, assim como muitas das traduções realizadas naquela época e em épocas seguintes, principalmente traduções da Bíblia, tinha uma motivação pedagógica. Praticadas, inicialmente, quase que exclusivamente em ambientes religiosos e com textos religiosos, a tradução somente se estendeu ao domínio das ciências no século XII, quando textos científicos eram traduzidos por estudiosos europeus para o latim. Mas foi ainda muito antes, em 46 a. C., que Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.) apresentou a primeira observação sobre a arte e a tarefa de traduzir, apontando a grande dicotomia discutida até os dias de hoje: *a tradução deve ser semanticamente equivalente ao original ou ela é um novo texto?* Deve-se apresentar uma exatidão semântica ao texto original ou ao pensamento nele contido? Cícero, em *De Optimo Genere Oratorum* (46 a. C.), apontou duas formas de traduzir, a do “orador” e a do “intérprete”. Furlan (2003) explica:

“Traduzir como orador” é conservar os mesmos pensamentos e suas formas e figuras, com palavras adequadas ao costume romano, sem necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantendo o mesmo gênero (qualidade, condição, caráter). O “intérprete”, por sua vez – se deduz –, também deveria manter o conteúdo lógico do original e reproduzir com a maior exatidão possível as ideias, as figuras e a ordem expositiva. A diferença entre ambas atitudes se referiria às palavras. O intérprete traduziria palavra por palavra (*verbum pro verbo*), reproduzindo-as inclusive no mesmo número (*ad numerare*) em que se encontravam no original (FURLAN, 2003, p. 17, grifos do autor).

Alguns teóricos afirmam, no entanto, que a intenção de Cícero nunca foi a de “teorizar” sobre a tradução. Furlan (2003) cita Michel Ballard (1992), explicando que a reflexão de Cícero foi apresentada como um prefácio à tradução de um discurso de Ésquines e outro de Demóstenes e “não foi elaborado em um tratado específico de tradução, mas em um tratado de eloquência, sobre um gênero, a *imitação*, no qual o próprio autor assinala não ter praticado um trabalho de tradutor, mas um tipo de imitação” (FURLAN, 2003, p. 18, grifo do autor). Furlan (2003, p. 20) lembra que “tradução é reelaboração”, e, portanto, a tradução de Cícero, mesmo sendo uma imitação, apresentou uma “dignidade literária”. Cícero, ao passar os textos do grego ao latim, foi muito mais um orador do que um tradutor, pois ele não se prendia à tradução de palavra por palavra, e preenchia as possíveis lacunas, que poderiam se fazer presentes ao leitor na compreensão das palavras na língua de partida (LP), com recursos linguísticos da língua de chegada (LC)¹⁷⁹, fazendo mais uma adaptação do que propriamente uma tradução. Cinco séculos mais tarde, São Jerônimo também manifestou preocupação quanto à forma de traduzir. Para ele, a divisão se dava entre os textos sagrados e os profanos. Os primeiros deviam ser traduzidos palavra por palavra, no sentido literal, já aos segundos devia ser aplicada a tradução do sentido, uma tradução livre, como a de Cícero. A partir do século XIV, a tradução começou a ganhar força, abrindo-se a novas línguas, como o francês e o alemão, mas a oposição *tradução livre vs. tradução literal* permanecia.

Traduzir o texto do outro sem perder o significado que o outro quis dar ao texto. Até onde o tradutor pode modificar, adaptar, transformar o texto de partida? O que faz de um tradutor um *bom* tradutor? A grande questão da fidelidade ao texto original é o que assombra os tradutores desde os mais remotos tempos. Umberto Eco (2014) lembra que, ao procurarmos a palavra *fidelidade* no dicionário, não encontraremos como sinônimo a palavra *exatidão*, mas estarão lá termos como *lealdade, honestidade, respeito e piedade* (ECO, 2014, p. 426). Paulo Rónai (1981) esclarece que no latim, *traducere* significa levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O tradutor seria esse guia, que “[...] pega o leitor pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não o seu” (RÓNAI, 1981, p. 20).

Benjamin (2008), em “Die Aufgabe des Übersetzers” [A Tarefa do Tradutor], prefácio da edição de 1923 de sua tradução de *Tableaux Parisiens* de Baudelaire, afirma que tradução não é a substituição do original, mas que tem como objetivo principal a relação entre duas línguas. A fidelidade na tradução, para Benjamin, dificilmente poderá reproduzir o total

¹⁷⁹ A partir deste momento, me referirei à “Língua de Partida” como LP e à “Língua de Chegada” como LC.

significado das palavras na língua do original, pois o significado poético é dado através das conotações das palavras escolhidas:

[...] a fidelidade na tradução da palavra isolada quase nunca consegue dar plenamente o sentido que ela tem no original, porque este não se esgota, na sua significação poética original, naquilo que se quer dizer, mas adquire-a precisamente pela forma como o que se quer dizer se articula com o modo do querer dizer nesta palavra (BENJAMIN, 2008, p. 93).

Benjamin reitera essa afirmativa dizendo que uma tradução literal é uma “ameaça direta à inteligibilidade” do texto, ou seja, a fidelidade na forma torna problemática a restituição no sentido. No entanto, não se pode deixar de lado a restituição do significado.

Paulo Rónai, muito conhecido no Brasil – apesar de húngaro de nascença –, lembra que “[...] as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto” (RÓNAI, 1981, p. 17) e defende que não existe tradução literal, dizendo que a fidelidade em uma tradução tem mais a ver com a obediência às regras e estruturas da LC do que com a precisão das palavras da LP. Tal regra se aplica ainda em maior ou menor grau quando se trata de um texto literário, em que, além de manter o sentido do texto, o tradutor precisa passar ao leitor, também, a emoção e o efeito estilístico pretendidos pelo autor. Em *O demônio da teoria*, Antoine Compagnon (2012) aponta justamente essa intencionalidade do autor, relatando a relação ambígua e muito discutida entre o que o autor intencionou no texto e o que o leitor compreendeu ao lê-lo. O tradutor é, acima de tudo e primeiramente, um *leitor* da obra, e como bem lembra Campos (1967, p. 31), citando J. Sales Subirat, tradutor espanhol de *Ulisses*, de Joyce: “traduzir é a maneira mais atenta de ler”. Ou seja, a tradução passa, inevitavelmente, pela compreensão que o tradutor tem da obra. É pertinente dizer, portanto, que a cada leitura, a cada tradução, um novo texto é criado: “quando um texto passa de um contexto histórico ou cultural a outro, novas significações se lhe aderem, que nem o autor nem os primeiros leitores haviam previsto” (COMPAGNON, 2012, p. 63).

David Bello, em *Is that a Fish in Your Ear?* (2012), descreve um experimento realizado pelo pesquisador da Indiana University, Douglas Hofstadter. O experimento consistia em pedir que várias pessoas fizessem a tradução do francês para ao inglês de um mesmo poema. Como resultado, o pesquisador obteve várias versões diferentes, todas igualmente boas, chegando assim à conclusão de que não há uma única tradução para um texto. Bello declara: “the variability of translations is incontrovertible evidence of the limitless flexibility of human minds. There can hardly be a more interesting subject than that” (BELLO, 2012, p. 5), corroborando a afirmativa de Campos (1967). Bello (2012) afirma, ainda, que, em uma

tradução, sempre há uma *interpretação* do original. Não há tradução igual ao original. Tradução e original igualam-se em certos pontos, e cabe ao tradutor selecionar os pontos, entre a LP e a LC, que devem se igualar. Essa seleção deve ser feita baseada em aspectos culturais do público receptor e na natureza da obra a ser traduzida. Se a tradução consegue manter o sentido e a força do original, há o que Bello (2012) chama de “match” (correspondência):

Translators use that ability in the specific fields of speech and writing in a foreign tongue. Nor all of them are great at their job, and not many have the time and leisure to wait for the best match to come. But when we say that a translation is an acceptable one, what we name is an overall relationship between source and target that is neither identity, nor equivalence, nor analogy – just that complex thing called a good match. That’s the truth about translation¹⁸⁰ (BELLO, 2012, p. 336-337).

Benjamin (2000) chama a atenção para o fato de que o leitor sempre espera que o tradutor traga para a tradução toda a mensagem intencionada pelo autor no original, classificando como inferior a tradução incapaz de cumprir tal tarefa. O autor lembra, entretanto, que tal objetivo será alcançado quando a tradução se preocupar em servir ao leitor e, para tanto, o original também precisa ter a mesma preocupação. Ele questiona: “if the original does not exist for the reader’s sake, how could the translation be understood on the basis of this premise?”¹⁸¹ (BENJAMIN, 2000, p. 16). Para Benjamin, a tradução não é a substituição do original, mas a elucidação do que é incomunicável e intraduzível no original, estabelecendo, assim, uma relação entre as duas línguas, fazendo do tradutor um “intérprete do intraduzível”. Um original, seja ele o tipo de arte que for, nunca é intencionado ao receptor, pelo simples fato de não haver um “receptor ideal”.

Rónai (1981) aponta duas formas de tradução literária: a tradução *naturalizadora* e a tradução *identificadora*, o que Venuti (1995) chama depois de *domesticação* e *estrangeirização* de um texto. A tradução *naturalizadora* é aquela que procura trazer o texto o mais próximo possível das características linguísticas e culturais da LC. Já a tradução *identificadora*, ao contrário, procura manter as características originais da obra, levando o leitor a um mundo novo, muitas vezes desconhecido.

¹⁸⁰ “Os tradutores usam essa habilidade nos campos específicos da fala e da escrita em uma língua estrangeira. Nem todos eles são excelentes em seu trabalho, e poucos têm tempo livre e de sobrapara esperar pela melhor correspondência. Mas, quando dizemos que uma tradução é aceitável, o que identificamos é uma relação geral entre fonte e alvo que não é nem identidade, nem equivalência, nem analogia – apenas aquela coisa complexa chamada boa combinação. Essa é a verdade sobre a tradução”.

¹⁸¹ “Se o original não existe para o bem do leitor, como a tradução poderia ser entendida com base nessa premissa?”

Conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa. Conduzir o leitor para o país da obra que lê significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena (RÓNAI, 1981, p. 20).

Esses postulados de Rónai vão ao encontro dos conceitos introduzidos por Frederich Schleiermacher (1768-1834) e Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – conforme apontado na obra de Heidermann (2010) – sobre os direcionamentos possíveis da tradução. Para Schleiermacher, só há duas maneiras de fazer uma tradução: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (SCHLEIERMACHER, 1813, apud HEIDERMANN, 2010, p. 57), dizendo ainda que o tradutor precisa render um texto que proporcione “uma imagem e um prazer semelhante ao da leitura original” (2010, p. 63). Goethe fala o mesmo, mas colocado de uma maneira um pouco diferente:

[...] existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra, ao contrário, requer de nós que nos voltemos ao estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades (GOETHE, [S.d.], apud HEIDERMANN, 2010, p. 31).

Goethe ainda divide os tipos de tradução em três: o primeiro, apresenta o estrangeiro à nossa maneira; o segundo seria uma transposição para as condições do estrangeiro; o terceiro e último, torna a tradução uma cópia idêntica ao original, transformando, segundo Goethe, os escritores estrangeiros em nativos. Milton explica essa classificação de Goethe:

A divisão tríplice da tradução feita por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) mostra a tradução como um processo evolutivo em uma nação. Primeiro, haverá uma tradução simples e prosaica de uma obra a fim de familiarizar o público leitor com a obra estrangeira. A Bíblia de Martinho Lutero é um exemplo desse tipo de tradução. Depois, o tradutor irá se apropriar da obra estrangeira e escrever uma obra própria baseada nessas ideias importadas. Imitações e paródias entram nessa categoria, bem como muitas traduções francesas. Como exemplo, Goethe cita as obras de Abbé Jacques Delille e o tradutor alemão, Wieland. O terceiro tipo é a forma mais elevada da tradução. O objetivo do tradutor é fazer uma versão interlinear, buscando deixar o original idêntico à tradução, mas ao mesmo tempo conservando-lhe a estranheza aparente. Esse tipo é a tradução sublime (MILTON, 2010, p.88-89).

Wilhelm von Humboldt (1767-1835), na introdução à sua tradução da tragédia grega *Agamêmnon*, de Ésquilo, defende a impossibilidade de uma tradução literal, devido às

diferenças existentes entre as línguas. Cada língua tem as suas peculiaridades, o que faz com que os sentidos das palavras sejam assimilados pelos leitores de formas diferentes e provoquem sensações variadas, “[...] abstraindo das expressões que designam apenas objetos físicos, nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma outra” (HUMBOLDT, 1816, p. apud HEIDERMANN, 2010, p. 105). Para ele, a tradução é das tarefas mais importantes da literatura, pois ela é primordial para que leitores tenham acesso a outras formas de arte e cultura em uma língua que não é a deles, como também para “[...] aumentar a importância e a capacidade expressiva da própria língua” (HUMBOLDT, 1816, apud HEIDERMANN, 2010, p. 107). Humboldt defende o enriquecimento da língua pelo contato com as outras línguas, através da tradução. Ele lembra que todas as formas linguísticas são símbolos, e não as próprias “coisas”. Portanto, levando em consideração que, ao traduzir, procuramos símbolos na nossa língua que reproduzam, pelo menos em parte, o sentido dos signos da LP, ele afirma: “assim, sem que ocorra uma modificação propriamente perceptível, a língua passa a ser elevada a um sentido mais alto, expandida a ponto de atingir um sentido com capacidade de representação mais diversificada” (HUMBOLDT, 1816, apud HEIDERMANN, 2010, p. 109). Humboldt também foi o responsável por introduzir os conceitos de “estranho” e “estranheza” nos estudos da tradução, afirmando que é normal uma tradução ostentar um certo “colorido estranho”, mas que, no momento em que a *estranheza* sobrepõe o *estranho*, a tradução mostra-se incapaz de honrar o original: “na medida em que faz sentir o estranho ao invés da estranheza, a tradução alcançou suas mais altas finalidades; entretanto, no momento em que aparece a estranheza em si, talvez até mesmo obscurecendo o estranho, o tradutor revela não estar à altura de seu original” (HUMBOLDT, 1816, apud HEIDERMANN, 2010, p. 111).

Ainda sobre a intraduzibilidade do texto, Berman (2012) explica que isso é considerado um “valor” do texto, como uma “autoafirmação”, e que todo texto, da poesia ao texto jurídico, quer conservar um pouco de intraduzível: “traduzir é suspeito, porque desdenha um valor essencial do texto. Se este *quer* unir em si a letra e o sentido indissociavelmente, a tradução só pode ser traição, mesmo se essa traição é necessária à própria existência dos intercâmbios e da comunicação” (BERMAN, 2012, p. 56, grifo do autor). A tradução para ele seria, então, uma traição, uma “operação duvidosa, mentirosa e pouco natural”, o que explicaria o fato de ela ser, na maioria das vezes, definida por metáforas. Rónai (1981) cita alguns exemplos, como o que se lê no prefácio da versão atualizada da Bíblia, de 1611: “é a tradução que abre a janela para deixar entrar a luz; que quebra a casca para podermos comer a amêndoa; que puxa a cortina de lado para podermos olhar para dentro do lugar mais sagrado; que remove a tampa do poço para podermos chegar à água” (RÓNAI, 1981, p. 23) ou o bem menos apologético que compara as

traduções às mulheres: “quando fiéis, não são bonitas; e quando bonitas, não são fiéis” (RÓNAI, 1981, p. 24-25), ou ainda, conforme teria dito o tradutor moderno Yehuda Amichai: ler poesia em tradução é como “beijar uma mulher através de um véu, colocando um filtro entre o autor e o original” (RÓNAI, 1981, p.23).

Berman (2012) também traz algumas metáforas famosas que expressam negatividade em relação às traduções e aos tradutores, evidenciando o caráter antinatural da tradução: Cervantes diz que “traduzindo de uma língua para a outra [...] se faz justamente como aquele que olha uma tapeçaria flamenga ao avesso: mesmo vendo as figuras, elas estão repletas de fios que as obscurecem, de maneira que não podem ser vistos com o brilho do lado direito” (BERMAN, 2012, p. 57), indicando que as traduções sempre se mostrarão imperfeitas perante a obra original; e Boileau afirma que “Mademoiselle de Lafayette, a francesa que tinha o mais belo espírito e a que melhor escrevia, comparava um tolo tradutor a um criado que sua ama enviava para fazer elogio a alguém; o que sua ama terá dito em termos elegantes, ele o restitui grosseiramente, o estropia” (BERMAN, 2012, p. 57). Fala-se ainda que o tradutor é um plagiário, um sujeito que pratica a única forma legítima de plágio. A discussão nunca vai cessar, é infinita. Mas a realidade é que a tradução possibilita que uma obra seja conhecida em todo o mundo, e que leitores de todas as línguas a ela tenham acesso.

Rónai expõe um outro problema, o da escolha dos tradutores pelas editoras. Ele explica que o ideal seria “[...] que só se dedicassem a traduções literárias pessoas especialmente interessadas em literatura, dotadas de sensibilidade artística, e com profundo conhecimento de ambas as línguas” (RÓNAI, 1981, p. 25). Muitas vezes, no entanto, é mais cômodo e mais barato contratar como tradutor de uma obra um autor da mesma editora, que está mais próximo e que, provavelmente, executará o trabalho em menos tempo e com custo reduzido. A questão é que nem sempre ele terá o conhecimento, o bom senso e a cultura geral exigidos de um bom tradutor, o que poderá acarretar na queda da qualidade da tradução. Segundo o autor, seriam requisitos do tradutor ideal: “conhecimento da língua-alvo e da língua-fonte, bom senso, cultura geral e capacidade de documentação” (RÓNAI, 1981, p. 16).

Rónai (1981) atenta, ainda, para a importância de o tradutor ser um exímio conhecedor, acima de tudo, de sua própria língua. Só assim ele poderá traduzir para a LC com a capacidade e a qualidade necessárias a um bom tradutor, produzindo um texto de qualidade, de leitura leve e fluente. Ele lembra que:

Mesmo um punhado de erros de interpretação não inutiliza de todo uma tradução (já que é humano errar, encontramos-os às vezes em trabalhos dos melhores profissionais); em geral os leitores passam por eles sem percebê-los, e vão

prossequindo a leitura. Mas um vernáculo desajeitado, emperrado ou pedante, pesadão ou incorreto dificulta a leitura e pode chegar a interrompê-la de vez (RÓNAI, 1981, p. 27).

4.2 TRADUÇÃO COMO MEDIAÇÃO ENTRE CULTURAS

Paulo Henriques Britto (2012) diz que a tradução é uma atividade indispensável a qualquer cultura que esteja, de alguma forma, em contato com alguma outra. O que se aplica a praticamente todos os lugares e povos do mundo. No entanto, o autor aponta que a maioria das pessoas, mesmo as que leem muitas traduções, não pensam no trabalho árduo que a tarefa de traduzir impõe, e a ideia dessas pessoas com relação ao trabalho do tradutor é, muitas vezes, equivocada:

As pessoas tendem a pensar (i) que traduzir é, na verdade, uma tarefa relativamente fácil; (ii) que o principal problema do tradutor consiste em saber que nomes têm as coisas em um idioma estrangeiro; (iii) que este problema se resolve com a consulta de dicionários bilíngues; e (iv) que, com os avanços da informática e o advento da internet, em pouco tempo a tradução será uma atividade inteiramente automatizada, feita sem a intervenção humana (BRITTO, 2012, p. 12).

Britto (2012) lembra, ainda, que a tradução é uma das atividades mais complexas realizadas pela mente humana, e mesmo as traduções técnicas, que podem, sim, ser feitas por um programa de computador, precisam ser cuidadosamente revisadas por um tradutor capacitado antes de serem publicadas. Para Britto (2012), traduzir um texto literário, no entanto, é algo criativo, e lembra que o tradutor não é necessariamente um traidor – em uma referência ao jogo de palavras italiano *traduttore, traditore* (tradutor, traidor), pois todo tradutor “trairia” o texto original ao realizar a sua tradução para outra língua – e diz que “não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; **beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis**” (BRITTO, 2012, p. 19, grifo meu). O mesmo autor lembra que, se a tarefa de traduzir fosse apenas “saber que nome têm as coisas em um idioma estrangeiro”, traduzir seria uma simples e descomplicada tarefa, e acrescenta: “a questão é que as diferenças entre as línguas já começam na própria estrutura do idioma, tanto na gramática quanto no léxico; isto é, na maneira de combinar as palavras e no nível do repertório de ‘coisas’ reconhecidas como tais em cada língua” (BRITTO, 2012, p. 14, grifo do autor). Ao traduzir um livro, é imprescindível que o tradutor se muna de, pelo menos, conhecimentos básicos sobre a cultura e as variações linguísticas que possam se apresentar no texto, evitando, assim, problemas na tradução. Cronin (2013) explica a diferença entre aprender uma língua estrangeira e usá-la para fazer uma

tradução, dizendo que, em uma tradução, o mais revelador é a “volta pra casa”: “what makes translation different from foreign language learning is that it is the journey home that proves to be the most revealing”¹⁸² (CRONIN, 2013, p. 67).

Rónai (1981) assinala um importante cuidado que os tradutores devem ter: a conotação das palavras. A conotação, no seu ponto de vista, é extremamente relevante para a tradução. Em nota de rodapé, ele explica: “a diferença entre a denotação de uma palavra e a sua conotação é muito significativa em tradução. Nem sempre o problema é saber o que uma palavra designa (denotação), e sim como as pessoas reagem a ela (conotação)” (RÓNAI, 1981, p. 50). Aixelá (2013), por sua vez, lembra que cada comunidade possui suas características culturais próprias, sendo a língua um reflexo dessas características, e que nem sempre elas têm um correspondente à altura na língua para a qual se pretende traduzir:

Assim, frente à diferença trazida pelo *outro*, com toda uma série de sinais culturais capazes de negar e/ou questionar nosso próprio estilo de vida, a tradução possibilita à sociedade receptora uma ampla variedade de estratégias, variando da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais no texto fonte), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural) (AIXELÁ, 2013, p. 188, grifo do autor).

É justamente pela complexidade que envolve a tarefa de traduzir, que Cronin (2013) questiona a ideia da tradução como uma “ponte” ligando as diferentes culturas. Ele argumenta que a tradução deveria ser vista como o rio que corre por baixo da ponte, e que, ao correr, passa indiscriminadamente pelos mais diversos locais, absorvendo em suas águas um pouco de cada um desses lugares e de suas culturas:

Without the river, there are no banks and no bridges. It is the river that defines the banks, brings the bridges into being. Rivers both define and ignore boundaries. They gather materials from both banks and bring materials to both banks. If the great civilizations of translation have grown up around rivers – the Nile, the Tigris, the Euphrates – is this not a reminder that translation is better understood not as suspended in the air, but as caught up in the living currents of language and cultures that continue to flow through the landscapes of our dwelling places?¹⁸³ (CRONIN, 2013, p. 75).

¹⁸² “o que torna a tradução diferente da aprendizagem de línguas estrangeiras é que é a viagem de volta para casa que se revela mais reveladora”.

¹⁸³ “Sem o rio, não há margens e nem pontes. É o rio que define as margens, traz as pontes à existência. Os rios tanto definem como ignoram os limites. Eles reúnem materiais de ambas as margens e trazem materiais para ambas as margens. Se as grandes civilizações da tradução cresceram ao redor de rios – o Nilo, o Tigre, o Eufrates – não seria isso um lembrete de que a tradução é melhor compreendida não como suspensa no ar, mas como apanhada nas correntes vivas da língua e das culturas que continuam a fluir, através das paisagens de nossos lugares de origem”.

Leva-se em conta que a tradução envolve duas os mais culturas, como é o caso das chamadas traduções *mediadas* ou de segunda mão – as “traduções de traduções”, o autor apresenta algumas estratégias para resolver os problemas de tradução ao se confrontar com ICEs (Item Cultural-Específico). Aixelá (2013) explica que os ICEs são aqueles itens de difícil tradução, que preocupam os tradutores e que, geralmente, geram maior conflito, tais como instituições locais, ruas, personagens históricos, nomes próprios, e nomes de lugares. O autor os define como

[...] aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu *status* intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo (AIXELÁ, 2013, p. 193).

O autor esclarece que os ICEs podem ser categorizados em dois grupos: nomes próprios e expressões comuns. Os nomes próprios ainda podem ser subdivididos em duas categorias – os convencionais (que, *a priori*, não possuem um significado específico e normalmente não são traduzidos) e os carregados, que possuem uma associação cultural ou histórica e que devem ser traduzidos para que mantenham a sua expressividade no texto.

Rónai (1981) concorda que os nomes próprios constituem, muitas vezes, um problema para o tradutor. O autor esclarece que, ao colocar o nome “João da Silva” em uma personagem, o autor brasileiro, certamente, quer que seja representado o homem comum, tendo um valor cognitivo muito forte. Em uma versão em outra língua que não o português, todavia, tal conotação se perderia. A solução proposta em casos como este seria a de esclarecer o sentido em uma nota de rodapé (RÓNAI, 1981, p. 51). O autor também desaconselha que se traduzam os hipocorísticos ou nomes de carinho. Em contrapartida, ele sugere que devem ser traduzidos os nomes usados metaforicamente como nomes comuns: “Tizio, Caio e Sempronio em italiano, e Hinz und Kunz em alemão correspondem, em português de lei, a Fulano e Sicrano” (RÓNAI, 1981, p. 52), e recomenda especial cautela com nomes próprios da antiguidade, tomando o cuidado de ler traduções anteriores a respeito:

O francês Tite-Live e o inglês Livy designam a mesma pessoa. Em uma tradução portuguesa de Portugal do livro de Alberto Moravia, *O homem como fim*, leio esta frase: “uma tradição que remonta a Giovenale e a outros satíricos e realistas romanos da tardia latinidade”, onde se percebe nitidamente que o tradutor não identificou Giovenale como Juvenal, como nós costumamos citá-lo (RÓNAI, 1981, p. 52, grifos do autor).

Alguns autores preferem deixar instruções a respeito de como gostariam que as traduções de seus textos fossem realizadas. J. R. R. Tolkien, o autor de *The Lord of the Rings*, por exemplo, deixou um texto explicando os nomes de seus personagens e sugerindo traduções, no intuito de preservar o sentido e a importância que os nomes próprios têm na obra. Tal texto pode ser encontrado nos “Apêndices” de *The Lord of the Rings* (2001). A tradutora Carol Chiovatto, em sua tradução do livro *The Wonderful Land of Oz* (2014), de L. Frank Baum, conta, em uma “nota da tradutora” ao final do livro, algumas decisões que precisou tomar ao lidar com os nomes próprios das personagens da história de Baum. Transcrevo abaixo o que ela escreveu sobre a sua opção na tradução de uma das personagens:

O professor Sabitudo, citado de passagem duas vezes pelo Zógol Besouro, era, no original, *Nowitall*, um trocadilho com a soma das palavras “*know*”, “*i*” e “*all*”, que significam “*sabe tudo*”. Achei graça em traduzir o nome para que as crianças brasileiras tivessem a mesma oportunidade de rir que as nativas de língua inglesa, e mexi na grafia, trocando o “e” pelo “i”, apenas para haver uma alteração mínima, para as crianças terem a oportunidade da pequena descoberta, assim como faz a supressão do “k” no inglês (CHIVATTO, 2014, p. 224, grifo da autora).

Os demais ICEs, segundo Aixelá (2013), aqueles que não são nomes próprios, podem ser traduzidos de acordo com os seguintes procedimentos: conservação ou repetição; adaptação ortográfica; tradução linguística (não-cultural); explicação extratextual (nota de rodapé, por exemplo); explicação intratextual; substituição por sinônimos; universalização limitada (substituição por um termo mais comum aos leitores da língua de chegada); universalização absoluta (o tradutor escolhe uma referência neutra para seus leitores); naturalização (o termo é traduzido por outro específico da língua de chegada); eliminação; e, por último, a criação autônoma (o tradutor julga importante adicionar algumas referências culturais não existentes no texto fonte. Aixelá (2013) ainda cita outras estratégias, como a compensação (na qual o termo é eliminado e suprido por outro com efeito parecido), o deslocamento e a atenuação, em que o tradutor substitui um termo que lhe parece muito “forte” por outro um pouco mais “leve”, que se adegue mais à cultura e a tradição dos leitores do texto alvo.

O uso de metáforas é outro ponto que merece a atenção do tradutor. O uso de expressões figuradas é uma prática comum a todas as línguas, sendo, muitas vezes, utilizados regionalmente ou apenas por um curto período. Quem não lembra de sua avó dizendo que tal ator era um “pão”? Coitado do tradutor que, desavisadamente, transformar o pobre homem em um *bread*. Rónai (1981) dá exemplos usando o termo numérico “quatro”, que passa a ter sentidos diversos dentro de locuções na língua italiana: a locução *abbiamo fatto quattro chiacchiere*, significa “batemos um bom papo” e *gliene disse quattro* quer dizer “disse-lhe umas

verdades na cara”. Rónai (1981) ressalta a importância de que as traduções sejam feitas dentro do contexto não só linguístico, mas também social e cultural: “o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante ideia seria naturalmente vazada” (RÓNAI, 1981, p. 58).

Vale lembrar, no entanto, que, em se tratando de tradução de poesia, esse entendimento se altera um pouco. As palavras fazem parte da mensagem. A sonoridade, a harmonia e a musicalidade são fatores fundamentais para a transmissão do sentido geral da obra. Devido ao alto grau de dificuldade de traduzir com perfeição e com o máximo de fidelidade um poema, alguns tradutores optam por priorizar a rima, prejudicando, por vezes, o sentido da obra, ou ainda, transcrevem a obra no seu original para, logo abaixo, apresentar uma versão traduzida em prosa. Para o autor, a última não é a melhor solução – não manter a sonoridade da poesia é tirar do original o que tem de mais natural. É uma “despoetização”: “sinto certa indulgência para com uma tentativa de tradução integral, ainda que malograda; mas sinto-me frustrado ante uma versão **despoetizada** como que à força” (RÓNAI, 1981, p. 138, grifo meu).

A tradutora brasileira Isa Mara Lando, ao traduzir a coletânea de poemas de Emily Dickinson, *Wild Nights* (2010), optou por manter a sonoridade dos poemas. A obra traz a versão original e a traduzida, lado a lado. Transcrevo abaixo o poema “If I shouldn’t be alive” na sua versão original, em inglês, seguida da tradução de Isa Mara Lando:

*If I shouldn't be alive
When the Robins come,
Give the one in Red Cravat,
A Memorial crumb*

*If I couldn't thank you,
Being fast asleep,
You will know I'm trying
With my Granite lip*

Se eu não estiver mais viva
Quando vierem os passarinhos
Dá ao de Lencinho Carmesim
Uma migalha, por mim.

E se eu não te agradecer
Imersa num sono infinito
Saiba que o tento fazer
Com meu lábio de Granito! (DICKINSON, 2010, p. 96-97).

Ao realizar essa tradução, a tradutora precisou fazer algumas escolhas de vocabulário, para que a versão traduzida não perdesse o sentido nem a musicalidade ou a forma do poema

original. Britto (2012) lembra que “toda tradução é obrigada a alterar o original, mas idealmente essas alterações deverão ser discretas, de modo a não descaracterizar aspectos importantes do poema” (BRITTO, 2012, p. 145). O pássaro “*robin*” do poema original seria equivalente ao nosso “sabiá”, mas a opção por “passarinhos” não tirou em nada o sentido e manteve a sonoridade. O uso da palavra “carmesim” manteve a alusão à cor vermelha sem prejudicar a rima com “mim”. A escolha de “lencinho” para substituir “plastrão”, que seria a tradução literal de “*cravat*”, não só tem uma sonoridade melhor, mas segue a ideia do diminutivo usada no verso anterior em “passarinhos”. Ainda nos últimos versos, “*Give the one in Red Cravat / A Memorial crumb*”, há uma ideia de morte, de “migalha póstuma”, como algo dado em homenagem a alguém que já morreu. A opção da tradutora foi “Dá ao de Lencinho Carmesim / Uma migalha, por mim” que, em primeira instância, não remeteria a alguém já morto, mas a ideia fica clara no decorrer do poema e não perde em sonoridade. Ou seja, uma feliz decisão da tradutora. Outro verso: “*Being fast asleep*” poderia ter sido traduzido apenas como “Em um sono profundo”, mas a tradutora preferiu “Imersa num sono infinito”, mantendo a métrica do poema e também sua musicalidade, rimando “infinito” com “granito”.

Outra tradução de Isa Mara Lando que merece destaque e que ilustra bem a necessidade do tradutor em ter, além de bom senso, um excelente conhecimento da sua língua materna, é a sua tradução para o poema “*The Raven*” (2013), de Edgar Allan Poe, também uma versão bilíngue. Abaixo, transcrevo a primeira estrofe:

*Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore –
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
‘Tis some visitor”, I muttered, “tapping at my chamber door –
Only this and nothing more”*

Meia-noite, noite escura
Hora de sombra e loucura
Estou eu meditando,
Em devaneio profundo
Velhos papéis a estudar
De sono cabeceando
E já quase dormitando
Quando alguém me bate à porta.

-Bate, bate, bem de leve-
Com batidas repetidas
Quem será, nessa hora morta
Que veio me procurar?
Deve ser visita breve
-Bate, bate, bem de leve –
Uma visita de paz
Deve ser visita breve

É só isso, nada mais (POE, 2013, p. 7).

Nesta tradução, a tradutora optou por se manter totalmente “visível”. A proposta foi de manter o sentido geral e a musicalidade do poema original, mas, propositalmente, não manter a estrutura e a forma.

4.3 O TRADUTOR (IN)VISÍVEL

Cardozo (2014) fala sobre a voz do tradutor: o tradutor como um sujeito que fala para comunicar a voz do outro, apesar deste outro nunca se apresentar na sua totalidade:

Trata-se na tradução, claro, de uma voz cuja tarefa primeira é a de dizer um outro, o outro da tradução, que, por sua vez, apresenta-se sempre como uma voz atravessada de vozes. E é justamente porque essa prática de dizer um outro – tão plural em sua singularidade – não é uma atividade neutra, automática, transparente, que, ao dizer o outro, o tradutor precisa fazer as suas escolhas, tomar suas decisões. Nisso, o tradutor também diz algo de si. Nesses termos, também no que diz respeito à singularidade da voz do tradutor, temos sempre de pensar numa voz que são vozes, numa voz que é sempre plural (CARDOZO, 2014, p. 69).

Para Bohunovsky (2001), se partirmos de uma visão tradicional, o principal objetivo do tradutor seria a sua “invisibilidade”. Quanto mais invisível, mais orientada à semântica a tradução seria, cumprindo seu objetivo de mera reprodução do original em outra língua. Há, entretanto, várias tendências teóricas que discordam, e os conceitos de “fidelidade” e de “invisibilidade” têm sido amplamente discutidos. O tradutor não é mais apenas um “fiel reproduzidor”, mas a sua inferência no texto e a sua interpretação são cada vez mais aceitas e necessárias. “O tradutor é entendido como um sujeito inserido em um certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico – que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução” (BOHUNOVSKY, 2001, p. 54). Há, segundo Bohunovsky, uma certa unanimidade entre os teóricos da tradução no que diz respeito à necessidade, ou até mesmo inevitabilidade da visibilidade do tradutor. É fato a impossibilidade de haver uma tradução “fiel” em todos os sentidos ao original, recuperando os significados de um texto de maneira objetiva e precisa, sem que o tradutor interfira de alguma forma. Tal tarefa somente seria possível se as palavras tivessem um sentido único e estável. Uma tradução que visa somente à fidelidade e à invisibilidade do tradutor estaria fadada à imperfeição, pois, no furor de ser fiel a cada palavra, o tradutor poderá fazer a escolha errada do significado, comprometendo o sentido, o ideal do texto. Britto (2012), ao apresentar as ideias teóricas sobre o assunto, pondera:

O argumento é de que é impossível se ter acesso ao sentido único de um original, mesmo que exista de fato um texto único (ao contrário do que ocorre com o *Hamlet*), já que os textos admitem múltiplas leituras; tampouco se pode ter acesso à intenção do autor ao escrever o texto – aliás, o autor pode ter sido movido por impulsos inconscientes, e por isso ele próprio pode não saber qual a sua intenção (BRITTO, 2012, p. 24, grifo do autor).

Em seu livro *Translation in the Digital Age* (2013), Michael Cronin argumenta que, apesar de alguns autores oferecerem em suas obras dicas e conselhos sobre como traduzir, é impossível que se tenha uma fórmula para traduzir com eficiência, e lembra que é possível (e eu diria provável) que se tenha mais de uma boa tradução para cada texto: “it is possible to have more than one acceptable translation of a particular text”¹⁸⁴ (CRONIN, 2013, p. 52).

Sobre a existência de “regras” para que se faça uma tradução, Venuti (2002) se coloca em uma posição contrária àquela proposta pela linguística estruturalista, que, ele diz, apresenta a língua como um “instrumento de comunicação empregado por um indivíduo de acordo com um sistema de regras” (VENUTI, 2002, p. 46). O que vai ao encontro do pensamento de Berman (2012), no qual ele afirma que um texto técnico e uma obra literária jamais podem ser traduzidas da mesma forma, usando as mesmas regras, por serem textos totalmente diferentes na sua forma, conteúdo e objetivo: “Um texto técnico (se for possível falar aqui de texto) é certamente uma mensagem visando a transmitir de forma (relativamente) unívoca uma certa quantidade de informações; mas uma obra não transmite nenhum tipo de informação, mesmo contendo algumas, ela abre à experiência de um mundo” (BERMAN, 2012, p. 90). Assim como Berman (2012), Venuti (2002) também defende a visibilidade do tradutor. Uma boa tradução, para ele, é aquela que “libera o resíduo ao cultivar o discurso heterogêneo” (VENUTI, 2002, p. 28). Esses resíduos, que são as variações da língua menor que ficam visíveis nas traduções, causariam um estranhamento no leitor, o que faria com que ele percebesse não se tratar de um texto escrito originalmente naquela língua, e sim, uma tradução. No ponto de vista do autor, tal prática faria com que a tradução ocupasse um lugar de destaque. Venuti (2002) propõe a estratégia da resistência, ou seja, um texto que deixe clara a marca do estrangeiro, que cause um estranhamento ao leitor e que, com isso, o faça perceber que está lendo uma tradução. Britto (2012) discorda, dizendo que é justamente a fluência de um texto que caracteriza uma boa tradução.

Britto (2012), por outro lado, lembra que a visibilidade do tradutor é fundamental para que o ofício seja mais valorizado e, conseqüentemente, melhor remunerado. Mas acredita que

¹⁸⁴ “[...] é possível ter mais de uma tradução aceitável de um texto em particular”.

ela acontece quando o tradutor mostra o *seu* texto, a *sua* tradução: “se os tradutores se fazem transparentes ou invisíveis, para deixar que o texto original transpareça por trás dos textos que eles redigem, como podem querer ser bem remunerados?” (BRITTO, 2012, p. 23). O que vem ao encontro do que diz Geoffrey Samuelsson-Brown, em *Managing Translation Services* (2006, p. 39), quando ele diz que traduzir é um “sistema” que envolve tanto agentes humanos, com habilidade e experiência, quanto tecnológicos, e isso pressupõe também um retorno financeiro.

Britto (2012) propõe, também, interferências declaradas, motivadas por questões ideológicas ou políticas nas traduções, fazendo com que os tradutores se tornem visíveis, inserindo passagens no texto que possam surpreender o leitor e lembrá-lo que está lendo não o original, mas uma tradução. O autor exemplifica esse ponto com o trabalho da tradutora feminista Barbara Godard, defendendo que, quando uma tradutora feminista traduz um texto machista, esta deve modificar o texto, alterando-o para que o leitor saiba que está lendo uma tradução e não o original: “a tradutora feminista, afirmando sua diferença crítica, seu prazer na releitura e reescrita intermináveis, alardeia os sinais de sua manipulação no texto” (BRITTO, 2012, p. 24). Mas o próprio Britto contradiz tal afirmativa, quando ele declara que a tradução e a criação literária não são a mesma coisa, e, portanto, o conceito de fidelidade na tradução é de importância fundamental. Cada texto tem seu sentido específico, e este precisa ser levado em consideração pelo tradutor (BRITTO, 2012, p. 28) e, mesmo que essa fidelidade absoluta não exista, é trabalho do tradutor buscar aproximar-se o máximo possível do texto original:

A fidelidade absoluta é uma meta perfeitamente válida, ainda que saibamos muito bem que, como todos os absolutos, ela jamais pode ser atingida. O tradutor responsável é aquele que, com todos os recursos de que dispõe e com as limitações a que não pode escapar, produz um texto que corresponda de modo razoável ao texto original (BRITTO, 2012, p. 37).

Venuti (1995, p. 17) define a tradução como: “a process by which the chain of signifiers that constitutes the source-language text is replaced by a chain of signifiers in the target language which the translator provides on the strength of an interpretation”¹⁸⁵. Sendo assim, há uma imensa gama de possibilidades para a tradução, que variam de acordo com a cultura para a qual a tradução é intencionada, a época na qual a tradução é realizada e, ainda, com as escolhas que o tradutor faz segundo a sua própria interpretação do texto original: “[...] the viability of a translation is established by its relationship to the cultural and social conditions under which it

¹⁸⁵ “[...] um processo pelo qual a cadeia de significantes, que constitui o texto na língua de partida, é substituída por uma cadeia de significantes na língua de chegada, que o tradutor fornece com a força de uma interpretação”.

is produced and read”¹⁸⁶ (VENUTI, 1995, p. 18). A tradução, para o autor, é uma permutação das diferenças culturais e linguísticas de um texto estrangeiro em um texto de linguagem acessível e inteligível ao público ao qual ele se destina. No entanto, a tradução, no intuito de tornar o texto cognoscível ao leitor, corre o risco de praticar uma domesticação do texto original, apropriando-se da cultura estrangeira em favor de sua própria. Venuti (1995) aponta os conceitos de *domesticação* e *estrangeirização* na tradução, referindo-se às escolhas feitas pelos tradutores durante o processo tradutório. Nas palavras do autor, a domesticação seria “[...] an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home”¹⁸⁷ e a estrangeirização seria “[...] an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference on the foreign text, sending the reader abroad”¹⁸⁸ (VENUTI, 1995, p. 20).

Britto (2012) explica que os tradutores, que com frequência não se interessam por teoria da tradução, atuam no mercado literário traduzindo obras para leitores que, de outra forma, não teriam acesso a elas: “elas visam representar uma obra literária para os leitores que não dominam o idioma em que ela foi escrita, do mesmo modo como um ator representa Hamlet no palco” (BRITTO, 2012, p. 26). O autor ainda cita Jiří Lévy, quando esse afirma que existem duas abordagens possíveis na tradução: a “ilusionista” e a “anti-ilusionista”, comparando a tradução a uma peça teatral, na qual a plateia sabe que não está vendo ali a realidade, mas exige que tenha a aparência de realidade. Ele deixa claro que desaprova tal querela, mas, levando em consideração que alguns teóricos são muito radicais em suas posições, acha a reação dos tradutores compreensiva: “o tradutor literário é um profissional que atua no mercado, produzindo traduções que são destinadas a um público que deseja ler obras escritas em um idioma que ele não domina” (BRITTO, 2012, p. 26). Ele afirma ainda que há uma enorme diferença entre tradução e criação literária e defende que o conceito de fidelidade na tradução é de importância central. O tradutor deve pressupor que há um jogo de sentidos específicos ao texto, que foram pensados e intencionados pelo autor e, desta forma, produzir uma tradução em que tais sentidos sejam mantidos, permitindo que o leitor da tradução leia “a mesma coisa” que o leitor que lê o texto original:

¹⁸⁶ “[...] a viabilidade de uma tradução é estabelecida pela sua relação com as condições culturais e sociais sob as quais é produzida e lida”.

¹⁸⁷ “[...] uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para valores culturais da língua de chegada, trazendo o autor de volta para casa”.

¹⁸⁸ “[...] uma pressão etnodesviante sobre esses valores para registrar a diferença linguística e cultural sobre o texto estrangeiro, enviando o leitor para o estrangeiro”.

O inatingível ideal do tradutor literário é recriar em seu idioma uma obra estrangeira, encontrando correspondências para cada um dos incontáveis elementos que compõem um texto: palavras, sintagmas, características morfossintáticas e fonológicas, trocadilhos etc.; na impossibilidade de realizar essa tarefa de modo perfeito, ele tenta ao menos reconstruir da melhor maneira o que lhe parece de mais importante no original (BRITTO, 2012, p. 56).

Esse jogo de sentidos mencionado por Britto (2012) é definido por Eco (2014) como o *mundo possível*. O autor afirma que é necessário levantar uma hipótese sobre o mundo possível que o texto a ser traduzido representa, só depois de elaborar uma conjectura possível, o tradutor poderá verter o texto para outra língua. A questão é que os valores, ou seja, *os significados das palavras*, são atribuídos a elas antes de fazerem parte do contexto da obra: “atribuímos às palavras um significado na medida em que os autores de dicionários tenham estabelecido definições aceitáveis. Mas essas definições dizem respeito a muitos possíveis *sentidos* de um termo *antes* que ela seja inserida em um contexto e fale de um mundo” (ECO, 2014, p. 51, grifos do autor). É somente levando em consideração o “mundo” do texto que teremos subsídios suficientes para realizar uma boa versão (ou adaptação, se necessário) das palavras para a língua-alvo.

Venuti (2002) defende uma tradução *minorizante*, na qual os “resíduos” do original apareçam, deixando claro ao leitor, desta forma, que se trata de um texto traduzido. Ele adverte, no entanto, que a tradução *minorizante*, defendida por ele, pode parecer antidemocrática, uma vez que “exige um modo estético elevado de apreciação, o desprendimento crítico e a competência culta associados à elite cultural” (VENUTI, 2002, p. 28), mas explica que, nem sempre uma tradução que apresenta uma forma, um estilo mais popular é, necessariamente, uma tradução democrática. Uma tradução fluente (que domestica a obra original) tem um efeito “ilusório de transparência”, pois, ao mesmo tempo que “mascara” as características culturais da língua de partida, ela reforça e legitima a cultura e a língua maior, referindo-se, nesse caso, às traduções feitas de uma língua menor para o inglês (VENUTI, 2002, p. 29). Embora Venuti critique a tradução domesticadora, o próprio autor admite que a domesticação garante a fluência do texto na língua de chegada (LC) e, conseqüentemente, uma melhor aceitação:

Uma tradução é considerada aceitável (por redatores, revisores e leitores) quando a sua leitura é fluente, quando a ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro, ou o significado essencial do texto original (VENUTI, 1995, p.111).

A discussão da possibilidade ou não de um sentido único do texto, ou da total impossibilidade de realizar uma tradução fiel, é longa. Dizer se uma tradução é boa ou ruim

baseada no fato de ela ser mais ou menos equivalente é uma utopia. O que se sabe é que o tradutor precisa sempre manter o bom senso, o equilíbrio e a sensibilidade ao traduzir a palavra do outro, para que, se não todo, pelo menos uma boa parcela do sentimento que o autor colocou no original seja passado ao leitor da tradução. Que ele possa, ao ler uma boa tradução, ter as mesmas sensações e o mesmo deleite que o leitor da obra na sua língua de origem.

Falei, anteriormente nesta tese, sobre escolhas que os tradutores e as tradutoras precisam fazer ao verter um texto de uma língua e de uma cultura à outra língua e cultura. Há muitos elementos que podem influenciar nestas escolhas, e, como bem lembra Humblé (2005), eles não se limitam a fatores externos. O tradutor literário faz escolhas de acordo com os seus conceitos pessoais, como: “‘estrangeirizar ou integrar’, sentido-por-sentido ou palavra-por-palavra, arcaizar ou modernizar, além de exigências editoriais” (HUMBLÉ, 2005, p. 242, grifo do autor). Além das interferências sociais, econômicas, ideológicas e culturais, os tradutores (e, conseqüentemente, as suas traduções) sofrem influências de ordem interna. A história pessoal do tradutor, as suas experiências anteriores e o seu sentimento pessoal em relação aos assuntos abordados no texto, tudo isso, mesmo que de forma inconsciente, influencia nas suas escolhas tradutórias. Hoje, conta-se com uma gama de ferramentas que podem auxiliar nas traduções, mas que também, de certa forma, podem influenciar nas escolhas de vocabulário e estilo, ou, pelo menos, mostrar caminhos que talvez não se trilharia sozinho.

Os seres humanos sempre usaram a tecnologia a seu favor. Usamos carros para nos locomovermos mais rapidamente, usamos aviões para voar, usamos barcos para percorrer distâncias na água que jamais conseguiríamos nadando. Os telefones chegaram para facilitar a comunicação entre as pessoas e os computadores para auxiliar nas tarefas do dia a dia e nas profissionais. Michael Cronin (2013) lembra que as traduções, assim como o ser humano, também se beneficiam das tecnologias:

It is the artificial realm that insulates us, cures and makes up for the deficiencies in our sight, metabolismo, mobility, and memory. For this reason, when we speak about translation as a human activity, we need to take account of the intrinsic, and not simply extrinsic, involvement of *techné*. It is a question of ontology, rather than of utility. We evolve or are defined by the artefacts we use. The tools shape us as much as we shape them¹⁸⁹ (CRONIN, 2013, p. 10, grifo do autor).

¹⁸⁹ “É o mundo artificial que nos protege, cura e supre as deficiências de nossa visão, do nosso metabolismo, da nossa mobilidade e da nossa memória. Por esta razão, quando falamos de tradução como uma atividade humana, devemos levar em conta o envolvimento intrínseco, e não simplesmente extrínseco, da tecnologia. É uma questão de ontologia, mais do que de utilidade. Nós evoluímos ou somos definidos pelos artefatos que utilizamos. As ferramentas nos moldam tanto quanto nós as moldamos”.

Segundo Cronin (2013), ao ser priorizado o papel da tecnologia nas nossas vidas corre-se o risco de prejudicar a interação entre os seres humanos, colocação com a qual eu concordo plenamente, vide as mais variadas reclamações de mães e pais de adolescentes que praticamente vivem em um mundo paralelo com seus videogames e suas redes sociais. O autor, entretanto, aponta que, ao falar de traduções, há a necessidade de um “elo social” possibilitado pela tecnologia: “Seeing translation as a kind of cultural kinship arrangement [...] is one way of keeping in focus the abiding necessity of the 'social link' as a context for tool use, a link which [...] extends globally through the internet”¹⁹⁰ (CRONIN, 2013, p. 11), o que justifica o seu uso. Hutchins (1995, p. 431-432) defende que a tradução automática funciona como uma “pré-tradução”, como uma primeira versão para a tradução humana.

A tradução está presente em grande parte do que fazemos e vivemos: desde o noticiário que assistimos para ficar a par do que acontece no mundo, ao guia de viagens que lemos para planejar a próxima viagem ao exterior, até as mais complexas transações comerciais ou espionagens ultra-secretas. Cronin (2013) esclarece que a tradução está, inevitavelmente, ligada à tecnologia, mas que isso não faz com que os tradutores humanos sejam substituídos por máquinas ou que haja, com isso, uma padronização e uniformização das traduções produzidas. Pelo contrário, o ser humano deve usar as ferramentas de tradução disponíveis para criar o *diferente*. É aí que sua humanidade se mostra.

This is why to speak of translation technology is a tautology, as information technology is unavoidably bound up with translation, and translation as a human activity is inescapably a technology. The presence of technology in Bruegel's *Tower of Babel*¹⁹¹ is no accident. Its presence does not eliminate but foreshadow differentiation. It is not because the same tools (manual, digital) are used that humans go off and do the same thing. On the contrary, they do something different. And out of this difference comes their humanity¹⁹² (CRONIN, 2013, p. 106, grifo do autor).

A tecnologia pode – e deve – ser usada a nosso favor, mas a figura humana do tradutor ou tradutora sempre será necessária. A máquina pode ser capaz de armazenar dados bem mais complexos que o cérebro de uma pessoa, mas jamais terá a sensibilidade e a intuição de um ser humano.

¹⁹⁰ “Ver a tradução como uma espécie de arranjo de afinidade cultural [...] é uma forma de manter em foco a necessidade permanente do ‘elo social’ como um contexto para o uso de ferramentas, um elo que [...] se estende globalmente, através da Internet”.

¹⁹¹ Quadro do pintor Pieter Bruegel de 1563.

¹⁹² “É por isso que falar de tecnologia de tradução é uma tautologia, pois a tecnologia da informação está, inevitavelmente, ligada à tradução, e a tradução como atividade humana é, inevitavelmente, uma tecnologia. A presença da tecnologia na Torre de Babel de Bruegel não é um acidente. Sua presença não elimina, mas prefigura a diferenciação. Não é porque as mesmas ferramentas (manuais, digitais) são usadas que os seres humanos vão e fazem a mesma coisa. Pelo contrário, eles fazem algo diferente. E desta diferença vem sua humanidade”.

5 A TRADUÇÃO COMENTADA DE ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN, DE ELIZABETH PORTER GOULD

A tradução, como qualquer outro ato de comunicação, de qualquer tipo ou natureza, é algo que ocorre entre indivíduos e entre grupos sociais. A tradução é, também, algo que tem lugar entre culturas, ideologias e visões de mundo distintas.

(AUBERT, 1998, p. 99).

Apresentarei, a seguir, a tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould. A fim proporcionar uma melhor visualização, optei por organizar a tradução em um quadro (Quadro 1), no qual, na coluna A, consta o texto original em inglês, na coluna B, a minha tradução para o português brasileiro e, na coluna C, a tradução entregue pelo Google Translate, sem nenhuma interferência ou correção minha. Acredito ser importante ressaltar que forma mantidas em todas (com exceção do comentado no número 1), as opções sugeridas pelo tradutor automático (TA). Os comentários usados para contemplar dilemas de tradução, escolhas lexicais, explicações referentes a questões culturais ou referências históricas presentes no texto original foram colocados na coluna D do quadro. As palavras em negrito, nas traduções, sinalizam as maiores diferenças lexicais encontradas entre a tradução humana e a tradução automática.

Usei, como ferramentas de auxílio à minha tradução, o tradutor automático DeepL¹⁹³, assim como os dicionários on-line Oxford¹⁹⁴ e Cambridge¹⁹⁵, além dos dicionários de sinônimos¹⁹⁶ e o thesaurus¹⁹⁷. Minhas decisões tradutórias foram tomadas de acordo com o que acredito se adequar melhor ao meu objetivo primeiro, que é o de entregar uma tradução que seja baseada na equivalência semântica no concernente às informações, mas que seja, ao mesmo tempo, uma leitura aprazível em língua portuguesa. Como suporte para os meus comentários a respeito das minhas escolhas tradutórias, amparo-me nas modalidades de tradução apresentadas por Aubert (1998) que, por sua vez, são fundamentadas nas propostas por Vinay e Darbelnet

¹⁹³ DEEPL tradutor. Alemanha, 2018. Disponível em: <<https://www.deepl.com/translator>>.

¹⁹⁴ OXFORD learner's dictionaries. Oxford: University of Oxford, 2020. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/>>.

¹⁹⁵ CAMBRIDGE dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/>>.

¹⁹⁶ SINÔNIMOS dicionário de sinônimos on-line de português do Brasil. Porto: 7-Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>.

¹⁹⁷ THESAURUS dictionary. [S.l.]: Random House Unabridged Dictionary, 2020. Disponível em: <<https://www.thesaurus.com/>>.

(1995)¹⁹⁸. Segundo Williams e Chesterman (2002), os comentários a uma tradução podem aparecer de diferentes formas: a) discussão sobre a tarefa de traduzir; b) análise do texto-fonte ou do contexto em que ele foi escrito; c) justificativas sobre o processo tradutório. Sendo assim, podemos considerar que os capítulos I e II desta tese já são, de certa forma, comentários à tradução da obra de Gould (1900).

Vinay e Darbelnet (1995) argumentam que a tradução é, antes de tudo, uma disciplina exata, pois permite uma sistematização e uma metodologia. Os autores apresentam sete procedimentos de tradução, estabelecidos em uma escala crescente de complexidade, estruturados do mais próximo ao texto original ao mais distante, propondo, ainda, uma divisão entre dois tipos de tradução: a primeira, a tradução *direta*, em que um elemento da língua de partida (LP) pode ser transposto diretamente para a língua de chegada (LC) e a segunda, que é a tradução *oblíqua*, em que se faz necessário algum tipo de alteração de ordem sintática, ou lexical, para que a tradução seja efetivada.

Em 1998, Aubert elaborou uma nova proposta de classificação dos métodos de tradução de Vinay e Darbelnet (1995). No modelo apresentado por Aubert (1998), os métodos são treze: omissão, transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, explicitação/implicitação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo, que podem se apresentar em estado puro ou híbrido. Em 2006, foi realizada uma reestruturação do modelo inicial de Aubert. Ao visar maior integração entre procedimento e produto, chegou-se a um modelo que pretende agrupar modalidades próximas, mas sem prejudicar a sua precisão. A reestruturação resultou na nomenclatura que segue:

- a) omissão: ocorre sempre que um dado segmento textual do texto-fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no texto-alvo;
- b) espelhamento: ocorre quando um determinado segmento do texto-fonte ocorre também no texto-alvo. Subdivide-se em:
 - empréstimo: quando um segmento textual do texto-fonte é reproduzido no texto-alvo, com ou sem marcadores específicos (aspas, itálico, etc.);
 - decalque: quando uma palavra ou expressão é emprestada da LP, mas é submetida a certos ajustes para adaptar-se às convenções da LC.
- c) literalidade: passagem do texto-fonte para o texto-alvo de forma direta, apresentando uma sinonímia interlinguística e intercultural. Subdivide-se em:

¹⁹⁸ A primeira edição desta obra é de 1958, mas para esta tese usei a edição de 1995.

- transcrição: segmentos de texto que pertencem ao acervo das duas línguas em questão, ou que não pertençam a nenhuma delas, que são, então, mantidas em sua língua original;
 - tradução palavra por palavra: ocorre quando a solução de tradução faz com que a LC contenha o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática e empregando as mesmas categorias gramaticais que na LP;
 - transposição: quando ocorrem rearranjos morfossintáticos ou alteração de classe de palavras ao passar da LP para a LC;
 - explicitação: caracteriza-se como uma tentativa de manter a literalidade semântica, utilizando-se de recursos parafrásicos, na qual as informações implícitas, contidas no texto-fonte, tornam-se explícitas no texto-alvo.
- d) equivalência: é o procedimento em que a atuação e a interferência do tradutor se tornam mais visíveis. São modalidades de equivalência:
- implicitação: é o inverso da explicitação, em que informações explícitas no texto-fonte tornam-se referências implícitas no texto-alvo. Pode, em alguns casos, assemelhar-se à *omissão*;
 - modulação: provavelmente a modalidade mais rica de peculiaridades, e também, em consequência, a mais difícil de se caracterizar. É a solução tradutória que resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto específico;
 - adaptação: caracteriza-se por uma assimilação cultural, abandonando a ideia da equivalência plena.
- e) tradução intersemiótica: na tradução literária, ocorre quando há a introdução de vinhetas e ilustrações no texto. A capa do livro também pode ser considerada uma tradução intersemiótica, pois ela propõe, de alguma forma, uma interpretação do que o leitor encontrará ao ler o livro;
- f) erro: estão incluídos nesta categoria os casos que ultrapassem os limites da adaptação, resultando em uma troca injustificada de sentidos (AUBERT, 2006, p. 64-68).

A tradução que eu faço da obra de Gould é uma tradução *híbrida*, explico: sendo uma biografia, fazer uma tradução ética, nos moldes defendidos por Berman (2012) é necessária, quase natural, pelo principal motivo de que, tratando-se de uma biografia, a necessidade de preservar a precisão às informações é primordial. No entanto, em alguns momentos me vejo obrigada a discordar de Berman (2012, p. 93), quando ele diz que “emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la, e, portanto, enganar o leitor a quem

se pretende servir”, pois, se feito respeitando o sentido geral do texto original, não acredito que seja um *desserviço* ao leitor, mas um *facilitador* da sua compreensão da obra. No que refere à tradução apresentada nesta tese, em alguns momentos, para que o entendimento do leitor seja completo, me vejo obrigada a fazer uma escolha por um vocabulário mais corriqueiro na língua portuguesa, visto que, como já foi, anteriormente, explicado, o meu principal objetivo com a tradução é justamente entregar ao leitor uma obra que seja de fácil e agradável leitura.

Em alguns momentos, recorro às notas de rodapé com informações biográficas das personalidades que fizeram parte da vida de Anne Gilchrist e foram citadas pela autora na obra. Isso motivada, mais uma vez, pela natureza da tradução, que não é somente a tradução de uma obra literária, mas também parte de uma tese que, entre outras questões, trata do caráter e das particularidades da biografada, no intuito de mostrar a um público de leitores de língua portuguesa a importância dessa mulher na sociedade e na literatura de sua época. A intenção aqui não é a de dar algum tipo de parecer técnico a respeito dos tradutores automáticos (até porque eu não seria a pessoa mais indicada para tal, levando em consideração a minha total falta de intimidade com as tecnologias). A justificativa do uso de uma tradução feita por um TA é simplesmente o fato de não existir uma outra tradução para o português brasileiro da obra em questão, possibilitando que eu pudesse tomar consciência da minha tradução através de outra. Optei, então, pelo Google Translate com o intuito de ter uma segunda tradução para efeitos de comparação. Além disso, essa escolha permite mostrar como um tradutor automático faria, na prática, a tradução de um texto, quase na sua totalidade em prosa, em uma linguagem bastante simples, e o quanto a figura do tradutor humano ainda é, e continuará por um bom tempo, necessária para que se entregue uma tradução de qualidade, proporcionando uma leitura, ao mesmo tempo, informativa e prazerosa.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continua)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <p>Página 3</p> <p>When, in England, in June, 1869, Madox Brown put into the hands of Anne Gilchrist Mr. William Michael Rossetti's <i>Selections from Walt Whitman</i>, he little dreamed of the result.</p> | <p>Página 3</p> <p>Quando, na Inglaterra, em junho de 1869, Madox Brown coloca nas mãos de Anne (1) Gilchrist o livro <i>Selections from Walt Whitman</i>¹⁹⁹, de William Michael Rossetti, ele não poderia imaginar o resultado.</p> | <p>Página 3</p> <p>Quando, na Inglaterra, em junho de 1869, Madox Brown colocou nas mãos de Anne Gilchrist o Sr. William Michael Rossetti “Seleções de Walt Whitman”, ele nem sonhou com o resultado.</p> | <p>1) Mesmo tendo em vista a proposta de não interferir na tradução do TA, coloquei, em um primeiro momento, os nomes próprios entre aspas, na tentativa de melhorar o entendimento do TA nesta frase, mas o mais próximo da minha tradução foi conseguido ao colocar o título da obra entre aspas, apesar de, mesmo assim, o sentido ter ficado inexato. Segundo Aubert (2006) este seria um caso de erro.</p> |
| <p>Mrs. Gilchrist, having heard nothing but illwords of the poems, opened the book with feelings “partly of indifference,</p> | <p>A Sra. Gilchrist, tendo ouvido nada além de palavras desagradáveis (2) acerca de tais poemas, abre o livro com sentimentos “em parte de</p> | <p>A Sra. Gilchrist, não tendo ouvido nada além de palavras grosseiras dos poemas, abriu o livro com sentimentos “em parte de indiferença, em parte de</p> | <p>2) Segundo o <i>Dictionary.com</i>, “to speak ill of someone” seria “an unfavorable opinion or statement”, por isso a minha opção por “palavras desagradáveis”.</p> <p>3) Optei por usar o presente “ler”</p> |

¹⁹⁹ Optei por deixar os títulos das obras em inglês no decorrer de toda a tradução.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>partly of antagonism.” But as she read...</p> | <p>indiferença, em parte de antagonismo”. Mas ao ler... (3)</p> | <p>Antagonismo”. Mas enquanto ela lia...</p> | <p>para dar a ideia de que foi no momento em que ela começou a ler o texto que ela se encantou; “enquanto ela lia” parece-me que demorou um pouco mais para o encantamento acontecer.</p> |
| <p>“The Soul! Forever and forever – longer than soil is brown and solid – longer than water ebbs and flows.” “Each of us inevitable; Each of us limitless – each of us with his or her right upon the earth, Each of us allowed the eternal purports of the earth,”and other</p> | <p>“A Alma! Para sempre e sempre – por mais tempo (4) do que o solo é marrom e sólido – por mais tempo do que a água flui e reflui”. (5) “Cada um de nós inevitável;(6) Cada um de nós ilimitado (7) – cada um de nós com seus direitos sobre a terra, A cada um de nós permitidos (8) os eternos propósitos da terra”</p> | <p>“A alma! Para sempre e sempre - mais longo que o solo é marrom e sólido - mais longo que a água reflui e flui. ” “Cada um de nós é inevitável; Cada um de nós sem limites - cada um de nós com seu direito sobre a terra, Cada um de nós permitiu os propósitos eternos da terra”</p> | <p>4) A palavra “long” pode referir tanto a um período de tempo, quanto à medida de alguma coisa. Aqui, como o autor fala de tempo, fica óbvio que a escolha pela primeira é a mais correta. 5) Ao procurar mais exemplos de “ebb”, encontrei a seguinte definição no site: <https://www.mairovergara.com/ebb-and-flow-o-que-significa-esta-expressao/>:</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| <p>selections in the book, she became conscious of a new and most powerful influence affecting her.</p> | <p>e outros poemas selecionados (9) do livro, ela, imediatamente, percebe (10) uma nova e poderosa influência a tocando.</p> | <p>e outras seleções no livro, ela tomou consciência de uma influência nova e mais poderosa que a afetava.</p> | <p>A expressão <i>ebb and flow</i> não tem um correspondente exato em português, mas é geralmente traduzida como o “fluxo e refluxo” ou o “vai e vem”. A tradução palavra por palavra de <i>ebb and flow</i>, aliás, é “refluxo e fluxo”. A minha opção pela ordem das palavras foi pela sonoridade na língua de chegada.</p> <p>6) Aqui o TA acrescentou um “é” que não consta no original e que acho não ser necessário.</p> <p>7) Questão de escolha lexical, sem prejuízo ao entendimento do texto.</p> <p>8) O TA traduziu o verbo “allowed” como sendo “permitir” no passado simples e, com isso, mudou o sentido da frase.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--------------------------|------------------|---------------------------|---|
| | | | <p>9) Optei por “poemas selecionados” pelo fato de que se tratava do livro que continha os poemas selecionados por Rossetti da obra de Whitman. Talvez, apenas usando “seleções” isso passasse despercebido pelo leitor ou ficasse, de alguma forma, confuso.</p> <p>10) No momento que Anne lê os poemas, ela percebe a poderosa influência que eles terão na sua vida. O TA traduziu por “tomou consciência”, que também passa a mesma ideia.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>“I can read no other book,” she wrote Rossetti a fortnight later. “It holds me entirely spellbound, and I go through it again and again with deepening delight and wonder.”</p> | <p>“Não consigo ler outro livro”, ela escreve a Rossetti duas semanas (11) depois. “Estou completamente encantada (12), leio e releio (13), cada vez com mais prazer e admiração”(14).</p> | <p>“Não consigo ler nenhum outro livro”, escreveu a Rossetti quinze dias depois. “Isso me mantém totalmente fascinado, e eu passo por isso novamente e novamente com profundo prazer e admiração.”</p> | <p>11) “A fortnight” é o intervalo de duas semanas, o que, em português, nos referimos como “quinzena”. Optei por usar uma modulação e traduzir por “duas semanas” por achar que fica mais equivalente ao número de dias.</p> <p>12) O TA traduziu “it holds me” por “isso me mantém”, já eu optei por uma transposição para “estou”, por ser uma frase da Anne ao amigo Rossetti, contando como ela “está” depois e ler o livro.</p> <p>13) Por se tratar de uma leitura, optei por “leio e releio”.</p> <p>14) A opção por “cada vez com mais prazer e admiração” se deu pelo fato de que a palavra “deepening”, no original, dá a ideia de algo que fica</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|---|
| | | | cada vez mais profundo, que está se intensificando. |
| <p>Página 4 This new, and, he confessed, unexpected link in their friendship so pleased Rossetti that he begged to loan her his own copy of the poems; also a letter the poet had written him concerning his <i>Selections</i>, in which he offered his friendship. (“Permit me to offer you my friendship.”) Anyone like her, he said, who so valued that “glorious man Whitman, one day to be known as one of the</p> | <p>Página 4 Este novo e, ele confessa, inesperado elo (15) na amizade deles agradou tanto a Rossetti que ele insiste em emprestar a ela o (16) o seu exemplar dos poemas completos (17); juntamente com (18) uma carta enviada a ele pelo próprio poeta a respeito da sua Selection, e na qual oferece a sua amizade. (“Permita-me lhe oferecer a minha amizade”). Uma pessoa (19) como ela, diz ele, que valoriza tanto aquele “glorioso homem, Whitman, que um dia</p> | <p>Página 4 Esse novo e, ele confessou, inesperado vínculo em sua amizade agradou tanto a Rossetti que ele implorou que lhe emprestasse seu próprio exemplar dos poemas; também uma carta que o poeta escreveu a ele sobre suas Seleções, na qual ele ofereceu sua amizade. (“Permita-me oferecer-lhe minha amizade.”) Qualquer pessoa como ela, disse ele, que valorizava tanto aquele “glorioso homem Whitman, um dia conhecido como um dos</p> | <p>15) Apesar da escolha das palavras diferentes, elas mantêm o mesmo sentido dentro da frase. 16) “He begged to loan her” significa que ele quis emprestar a ela, e não o contrário, como ficou entendido na tradução do TA. 17) Aqui achei importante salientar que o exemplar emprestado agora é o dos poemas completos, para não confundir com o livro dos poemas selecionados que ela havia lido anteriormente. 18) Apesar da tradução de “also” ser “também”, como traduzido pelo TA,</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| <p>greatest sons of Earth,” ought to read the whole of him</p> | <p>será conhecido (20) como um dos maiores filhos da Terra”, deve lê-lo por inteiro.</p> | <p>maiores filhos da Terra”, deveria ler tudo dele .</p> | <p>optei por “juntamente com”, para deixar claro que a carta foi entregue à Anne ao mesmo tempo que o livro.</p> <p>19) Apesar de a tradução de “anyone” ser “qualquer um”, optei por “uma pessoa” para dar mais valor à Anne. Não era “qualquer uma” que valorizasse Whitman que teria aquele poder, era uma pessoa “como ela”.</p> <p>20) Em “que um dia será conhecido” fica implícito que ele ainda não o é, já no caso de “um dia conhecido”, subentende-se que ele já foi conhecido, mas não é mais, o que não é o sentido que a autora quis dar.</p> <p>21) Apesar de sinônimos, optei por usar “subjetivamente” pela sonoridade.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| <p>the gift, she wrote she was certain that that “great and divinely beautiful nature could not infuse any poison into the wine he had poured out for them.”</p> | <p>aceitar o presente, ela escreve que tem certeza que aquela (25) “natureza grande e divinamente bela não poderia derramar veneno (26) no vinho que ele havia lhes servido (27)”.</p> | <p>presente, escreveu que tinha certeza de que “uma natureza grande e divinamente bela não poderia infundir nenhum veneno no vinho que ele havia derramado para eles”.</p> | <p>não <i>a uma</i> natureza, como sugere a tradução do TA. 26) Optei pela palavra “derramar” pela facilidade e compreensão, por ser uma palavra mais conhecida do leitor brasileiro do que “infundir”. O TA ainda usa “nenhum veneno”, o que eu considero redundante nesse caso. 27) A palavra no original é “poured”, que pode ser traduzido por “derramar”, o que induziu o TA ao erro, pois não se usa a expressão “derramar o vinho para alguém” em português. Usa-se “servir o vinho”.</p> |
| <p>She somewhat distrusted her powers, however, as a critic, being averse to criticism; but</p> | <p>No entanto, ela não confia plenamente nos seus poderes como crítica (28), sendo, na</p> | <p>Ela desconfiava um pouco de seus poderes, entretanto, como crítica, sendo avessa à crítica; mas</p> | <p>28) Como no original se lê “somewhat distrusted”, optei por “não confia plenamente”, por achar</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| <p>“what I like”, she wrote, “I grasp firmly and silently; what I do not like, I prefer to let go silently too.”</p> | <p>verdade (29), avessa à crítica. Mas ela escreve: “me seguro firme e silenciosamente ao que gosto; o que eu não gosto, prefiro deixar ir, também silenciosamente” (30).</p> | <p>“o que eu gosto”, ela escreveu, “agarro firme e silenciosamente; o que eu não gosto, prefiro deixar em silêncio também.”</p> | <p>que exprime melhor o sentido do texto original.</p> <p>29) Incluí “na verdade”, na frase, por achar que fica um pouco mais claro e agradável de ler, pois separa um pouco mais as duas vezes que a palavra “crítica” aparece.</p> <p>30) Aqui, me permiti uma estrangeirização do texto, como diria Venuti (1995), ou ainda uma transposição, pelo conceito de Aubert (2006), pois preferi colocar a citação dela em uma única frase, sem ser cortada por “ela escreveu”.</p> |
| <p>After a still further reading, she wrote again, “I had not dreamed that words could cease to be</p> | <p>Depois de uma leitura mais aprofundada, ela escreve novamente: “Eu nunca havia</p> | <p>Depois de uma leitura ainda mais aprofundada, ela escreveu novamente: “Eu nunca sonhei que</p> | <p>31) Anne se reconhecia como uma mulher forte, por isso optei por “forte como sou”, por achar que é</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|--|
| <p>words and become electric streams like these. I do assure you that, strong as I am, I feel sometimes as if I had not bodily strength to read many of these poems. In some of them there is such a weight of emotion, such a tension of the heart,</p> <p>Página 5</p> <p>that mine refuses to beat under it – stands quite still – and I am obliged to lay the book down for a while;... then there is such calm wisdom and strength of thought, such a cheerful breadth of sunshine, that the soul bathes</p> | <p>sonhado que as palavras poderiam deixar de ser palavras para tornarem-se correntes elétricas como essas. Eu lhe asseguro que, forte como sou (31), por vezes senti que não teria força corporal para ler muitos desses poemas. Em alguns, há tamanha carga de emoção, tamanha tensão do coração,</p> <p>Página 5</p> <p>que o meu se recusa a bater no mesmo ritmo – fica quieto e quase parado – e sou obrigada a deixar o livro de lado por algum tempo... e logo há uma calma sabedoria e coerência de pensamentos, uma alegre luminosidade (32), na qual</p> | <p>as palavras poderiam deixar de ser palavras e se tornarem correntes elétricas como essas. Garanto-lhe que, por mais forte que seja, às vezes sinto como se não tivesse força corporal para ler muitos desses poemas. Em alguns deles existe tanto peso de emoção, tanta tensão no coração,</p> <p>Página 5</p> <p>que a minha se recusa a ficar embaixo dela - fica quieta - e sou obrigada a deixar o livro por um tempo; ... então há uma sabedoria e força de pensamento calmas, uma amplitude de sol tão alegre</p> | <p>mais assertivo do que “por mais forte que eu seja”.</p> <p>32) A tradução palavra-por-palavra aqui seria “tão alegre amplitude de sol”. Optei por “alegre luminosidade” por achar que entrega a ideia do original sem ficar estranho ao leitor da tradução. Novamente, aqui, vou contra a orientação de Berman (2012), que seria a de manter a estranheza no texto de chegada, para que o leitor saiba que está lendo uma tradução.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| in them, renewed and strengthened. | a alma se banha, renovada e fortalecida. | que a alma se banha nelas, renovado e fortalecido. | |
| Living impulses flow out of these that make me exult in life, and yet look longingly towards the ‘superb vistas of Death.’” (Song at Sunset.) | Impulsos vívidos são emanados (33)destes que me fazem exaltar a vida, e, ao mesmo tempo, ansiar as ‘soberbas vistas da Morte’” (Song at Sunset) ²⁰² . | Impulsos vivos fluem para fora deles que me fazem exultar na vida, e ainda olham ansiosamente para as “vistas soberbas da Morte’”. (Song at Sunset.) ²⁰³ | 33) Aqui o TA traduziu palavra-por-palavra ao entregar “fluem para fora”. Eu preferi usar “emanam”. |
| If the poems did not seem to her equal in power and beauty, she felt they were “vital;” that “they grew, they were not made.” She compared it all to the growth of a forest rather than the making of a palace or cathedral. “Are not the hitherto accepted masterpieces of literature akin | Se os poemas não lhe pareciam iguais em poder e beleza, ela sente que eles são “vitais”, e que “cresceram, não foram construídos”. Ela compara tudo isso ao crescimento de uma floresta e não à construção de um palácio ou de uma catedral, e pergunta: “Não são as obras- | Se os poemas não lhe pareciam iguais em poder e beleza, ela sentia que eram “vitais”; que “eles cresceram, não foram feitos”. Ela comparou tudo ao crescimento de uma floresta, e não à construção de um palácio ou catedral. “As obras-primas da literatura até então aceitas não | 34) Mudei um pouco a ordem da frase para que ficasse mais natural no português, já o TA deixou a frase na mesma ordem do texto original. |

²⁰² Referência ao poema “Song at Sunset”, contido no livro *Leaves of Grass*, de Walt Whitman.

²⁰³ Aqui o Google também optou por não traduzir o título do poema, o que não acontece todas as vezes.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| rather to noble architecture?" she asked. | primas da literatura, até então aceitas, mais parecidas com arquitetura nobre?" (34) | são semelhantes à arquitetura nobre?" ela perguntou. | |
| She so felt the intense humanity of this "great-souled American," that she cried out with the poet himself, at the close of his book, "Camerado, this is no book. Who touches this, touches a man!" (So Long.) | Ela sentiu tanto a intensa humanidade deste "americano de alma grandiosa" que clamou (35) ao próprio poeta, ao finalizar a leitura do livro, "Camarada ²⁰⁴ , este não é um livro. Quem o toca, toca um homem!" (So Long) ²⁰⁵ . | Ela sentiu a intensa humanidade desse "americano de grande alma", que gritou com o próprio poeta, no final de seu livro, "Camerado, este não é um livro. Quem toca nisso, toca um homem! (Tanto tempo.) | 35) Optei por "clamou" ao invés de "gritou" por achar que, além de sintaticamente (gritar dá a ideia de briga, descontentamento), fica me- lhor, também, esteticamente. |
| The long, interesting letters, born of this new experience, became a signal proof to | As longas e interessantes cartas, resultantes desta nova experiência, tornam-se, para Rossetti, provas | As cartas longas e interessantes, nascidas dessa nova experiência, tornaram-se uma prova notável | 36) Optei por usar aqui "provas incontestáveis" por achar que a ideia central do original fica mantida. |

²⁰⁴ "Camerado" é um termo usado pelo Walt Whitman para "amigo, camarada". Aqui, optei por usar a tradução "camarada".

²⁰⁵ Referência ao poema "So Long", de Walt Whitman.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|---|
| <p>Rossetti that the friendship which united them was a “matter of essence, and not merely of circumstances.” Her “resplendent enthusiasm” charmed him. “It is,” he wrote, “the earnest of the boundless enthusiasm Walt Whitman will one day excite, and continue</p> <p>Página 6 exciting for ages.”</p> | <p>incontestáveis (36) de que a amizade que os une é “uma questão de essência, não de mera circunstância”. O “entusiasmo radiante” dela (37) o encanta. Ele escreve: “É a mais sincera exaltação incondicional que Walt Whitman irá, algum dia, despertar, e continuar</p> <p>Página 6 a despertar (38) por muito tempo”.</p> | <p>para Rossetti de que a amizade que os unia era “uma questão de essência, e não apenas de circunstâncias”. Seu “entusiasmo resplandecente” o encantou. “É”, escreveu ele, “o penhor do entusiasmo sem limites que Walt Whitman um dia excitará e continuará</p> <p>Página 6 a excitar por muito tempo”.</p> | <p>37) Optei por usar “dela” em vez de “seu” para não confundir o leitor, mas com isso a estrutura da frase precisou ser modificada. Já o uso de “radiante” ao invés de “resplandecente” foi apenas uma escolha estética.</p> <p>38) Aqui o TA usou uma estrutura igual àquela da LP, que eu optei por modificar, para que ficasse mais natural na LC. As duas traduções também diferem um pouco nas escolhas das palavras (exaltação/entusiasmo e despertar/excitar), o que não altera o sentido geral do texto.</p> |
| <p>He confessed he knew not where could be found a woman</p> | <p>Ele confessa não saber onde poderia encontrar outra mulher</p> | <p>Ele confessou que não sabia onde poderia ser encontrada uma mulher</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|--|
| true-hearted and brave enough to express herself with “such decision and perfectness of perception” as she had done. | sincera e corajosa o suficiente para expressar-se com “tamanho decisão e perfeição de percepção” como ela havia feito. | sincera e corajosa o suficiente para se expressar com “tal decisão e perfeição de percepção” como ela havia feito. | |
| The acquaintance of Anne Gilchrist and William Michael Rossetti, had begun some nine years before, when her husband was writing his <i>Life of William Blake</i> . | O convívio (39) de Anne Gilchrist com William Rossetti havia iniciado cerca de nove anos antes, quando seu marido estava escrevendo o <i>Life of William Blake</i> ²⁰⁶ . | O conhecimento de Anne Gilchrist e William Michael Rossetti começou cerca de nove anos antes, quando o marido dela estava escrevendo a Vida de William Blake. | 39) A opção por “convívio” se deu por conta do sentido do texto. Apesar da palavra “acquaintance” também dar a ideia de serem apenas “conhecidos” e não amigos, sabemos, por conta da história de Anne, que eles eram amigos chegados. |
| They, with four little children, were then living at 6 Cheyne Row, next door to Carlyle. He, as a well-equipped art-critic on | Eles, então com quatro crianças pequenas, moravam no número 6 da Cheyne Row, vizinhos de | Eles, com quatro filhos pequenos, moravam na 6 Cheyne Row, ao lado de Carlyle. Ele, como um crítico de arte bem equipado | 40) Aqui, como o texto original fala da pessoa que está preparada e não de “equipamentos”, optei por usar “preparado” ao invés de “equipado”. |

²⁰⁶ Referência a *Life of William Blake: Pictor Ignotus*, biografia de William Blake escrita por Alexander Gilchrist, finalizado pela esposa, Anne, após a sua morte e publicado em 1863.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| the periodical press, and she, capable of furthering his development by sympathy and help, lifted their daily life to that plane which could make such gifted souls as William Michael and Dante Gabriel Rossetti feel at home. | Carlyle ²⁰⁷ . Ele, um bem preparado (40) crítico de arte na imprensa periódica, e ela, capaz de estimular o seu desenvolvimento através da solidariedade e do apoio (41), elevaram (42) a vida cotidiana ao ponto de fazer almas talentosas, como William Michael e Dante Gabriel Rossetti, sentirem-se em casa. | da imprensa periódica, e ela, capaz de promover seu desenvolvimento com simpatia e ajuda, elevou sua vida cotidiana àquele plano que poderia fazer almas talentosas como William Michael e Dante Gabriel Rossetti casa. | 41) A ideia do texto é que ela dava apoio ao marido, então, a opção “solidariedade e apoio” me pareceu melhor do que “simpatia e ajuda”. 42) O texto original deixa claro que <i>eles</i> elevaram a vida. A tradução do TA coloca como se a responsável por isso fosse apenas ela. |
| Living almost by themselves, they had attained a “twinship of nature,” says one in a review of the <i>Life of Blake</i> (N. A. Review of October, 1864). | Vivendo praticamente sozinhos (43) , eles tornaram-se uma espécie de “ almas gêmeas ” (44), diz uma resenha (45) de <i>Life of Blake</i> (N.A. Review ²⁰⁸ de outubro de 1864). | Vivendo quase por si mesmos , eles alcançaram uma “ dupla natureza da natureza ”, diz alguém em uma revisão da Vida de Blake (N. A. Review de outubro de 1864). | 43) Aqui a tradução entregue pelo TA não faz sentido algum. 44) Optei por usar “almas gêmeas”, em uma adaptação para a LC da LP, fazendo com que o sentido fique mais claro ao leitor da tradução. |

²⁰⁷ O escritor e ensaísta inglês Thomas Carlyle (1795-1881) e sua esposa Jane Welsh Carlyle (1801-1866). O casal foi vizinho de Anne e Alexander Gilchrist quando eles moraram na Cheyne Row e tornaram-se grandes amigos.

²⁰⁸ Não encontrei o significado de *N.A.*, concluí, portanto, ser o nome da revista.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| | | | 45) Em português, usa-se “resenha” neste caso. A palavra “revisão” tem um sentido diferente. |
| Encouraged by her husband, Anne had already written some short articles; one on “Electricity” (for <i>Once a Week</i>), “A Glance at the Vegetable Kingdom,” and “Whales and Whalemen” (for <i>Chamber’s Magazine</i>). | Incentivada pelo marido, Anne já havia escrito alguns artigos curtos como “Electricity” (publicado em <i>Once a Week</i> ²⁰⁹), “A Glance at the Vegetable Kingdom” e “Whales and Whalemen” (para <i>Chamber’s Magazine</i> ²¹⁰)(46). | Incentivada pelo marido, Anne já havia escrito alguns artigos curtos; um sobre “Eletricidade” (para uma vez por semana), “Uma olhada no reino vegetal” e “Baleias e Baleias” (para a Revista da Câmara). | 46) O TA traduziu todos os títulos dos artigos e das revistas, enquanto eu optei por deixá-los na LP. |
| Her first article, “Our Nearest Relation,” published in 1859, had attracted the notice of Dickens, who showed it to the Carlyles. | Seu primeiro artigo, “Our Nearest Relation”, publicado em 1859, atraiu a atenção de Dickens ²¹¹ , que o mostrou aos Carlyle (47). | Seu primeiro artigo, “Our Nearest Relation”, publicado em 1859, atraiu a atenção de Dickens, que o mostrou aos Carlyles . | 47) Em português, não costumamos colocar o nome da família no plural, como é comumente feito no inglês, ao se referir à família toda. |

²⁰⁹ *Once a Week* era uma revista ilustrada literária publicada semanalmente na Inglaterra entre 1859 e 1880.

²¹⁰ *Chamber’s Magazine* era uma revista semanal inglesa publicada entre 1832 e 1956. Entre os seus principais tópicos estavam história, religião e ciências.

²¹¹ O romancista inglês Charles John Huffam Dickens (1812-1870).

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| <i>(The Academy</i> of December 5, 1885, in notice of her death.) | <i>(The Academy</i> ²¹² de 5 de dezembro de 1885, ao anunciar a sua morte). | (A Academia de 5 de dezembro de 1885, em aviso de sua morte.) | |
| Though her school-life came to an end at sixteen, she had continued a general study, music Página 7 being a specialty. | Embora a sua vida acadêmica tivesse encerrado aos dezesseis anos, ela continua a estudar, sendo música Página 7 uma especialidade. | Embora sua vida escolar tivesse terminado aos dezesseis anos, ela continuara um estudo geral, sendo a música Página 7 uma especialidade. | |
| The death, in her nineteenth year, of her only brother, to whom she was devoted, had aroused her whole being with questions she could not answer. | A morte do único irmão, a quem ela adorava (48) , no seu décimo nono ano, havia despertado o seu ser com perguntas que não podia responder. | A morte, no décimo nono ano, de seu único irmão, a quem ela era devotada , despertou todo o seu ser com perguntas que ela não pôde responder. | 48) Na versão em inglês, lê-se “to whom she was devoted”, expressão que demonstra o quanto ela era dedicada ao irmão, o que condiz com o comportamento que se esperava de uma mulher no século XIX. Herbert Gilchrist (1887, p. 23-24), na biografia que escreveu da mãe, a descreve como uma irmã |

²¹² *The Academy*, periódico publicado em Londres entre 1869 e 1902.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| | | | <p>cuidadosa e zelosa, que dedicava todo o seu tempo ao irmão. Já Alcaro (1991, p. 43) afirma que é difícil imaginar Anne como a irmã submissa descrita pelo filho, por essa razão, optei por traduzir por “a quem ela adorava”, para tirar um pouco da imagem de submissão, de subalternidade.</p> |
| <p>Her depth of nature was irritated with the commonplace platitudes of friends, who, to her mind, attached too much importance to creeds and doctrines. “They are mere definitions after all,” she cried. It seemed to her a very considerable thing just to</p> | <p>Sua natureza intensa se irritava (49) com os chavões banais de amigos, os quais, no seu ponto de vista, davam importância demais às crenças e doutrinas. “São apenas definições”, ela dizia (50). Parecia-lhe bastante significativo crer somente em Deus, “a melhor coisa permitida à humanidade”.</p> | <p>Sua profundidade de natureza estava irritada com as banalidades comuns de amigos que, em sua opinião, atribuíam muita importância aos credos e doutrinas. “São meras definições, afinal”, ela chorou. Pareceu-lhe uma coisa muito considerável apenas acreditar em Deus, “a</p> | <p>49) Ao usar “estava irritada”, a tradução feita pelo TA dá a ideia de que ela estava irritada naquele momento, o que não é verdade. 50) “Cried” aqui tem o sentido de “falar”, “exclamar”, mas não de “chorar”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|--|
| believe in God, “the greatest thing allowed to mankind.” | | melhor coisa permitida à humanidade”. | |
| She struggled against limitations of all kinds, even daring to say, on hearing of the confirmation of a friend, that if she were forced to be confirmed she would have to submit, but she trusted she should escape | Ela lutava contra as limitações de qualquer espécie, até mesmo ousando dizer, ao ouvir sobre a confirmação ²¹³ (51) de uma amiga (52) , que se ela fosse forçada a ser confirmada, teria que se submeter, mas confiava que escaparia. | Ela lutou contra limitações de todos os tipos, mesmo ousando dizer, ao ouvir a confirmação de um amigo , que se fosse forçada a ser confirmada, ela teria que se submeter, mas ela confiava que deveria escapar. | 51) Optei por colocar a palavra “sobre” para deixar claro que ela ouviu falar que a amiga havia se confirmado. 52) A minha opção pelo feminino se deu pelo fato de que, na época em que Anne era criança, muito provavelmente, as suas amigas eram basicamente meninas. |
| All this intellectual struggle she finally silenced in aiming, as she said, to “fulfill the ends for which we were created; that is to say, develop to the utmost the | Todo esse esforço (53) intelectual ela finalmente silenciou, visando, como ela mesma dizia (54) , a “cumprir os fins para os quais fomos criados; isto é, desenvolver | Toda essa luta intelectual, ela finalmente silenciou ao almejar, como disse , “cumprir os fins para os quais fomos criados; isto é, desenvolver ao máximo a natureza que Deus nos deu.” | 53) A minha escolha por “esforço” se deu porque “struggle”, no sentido que está no texto original, dá mais essa ideia do que a de “luta”. 54) Optei aqui por modificar um pouco a estrutura da frase para que |

²¹³ Confirmação ou crisma é um sacramento da Igreja Católica.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| nature which God has given us.” | ao máximo a natureza que Deus nos deu”. (55) | | ficasse mais claro na LC. 55) Algumas vezes o TA coloca o ponto final antes das aspas e, em outras, coloca depois, mesmo que na LP seja sempre antes, e o correto na LC, aqui, no caso, a língua portuguesa, seja sempre depois |
| In this light she lived a growing life with her widowed mother, studying books and people. She found the writings of the Transcendentalists, such as Emerson, a “sort of balance to her usual studies in Comte.” | Nesta perspectiva (56) ela vivia com sua mãe viúva (57), estudando livros e pessoas. Ela encontra, na escrita dos Transcendentalistas, como Emerson ²¹⁴ , uma “espécie de equilíbrio aos seus estudos usuais de Comte ²¹⁵ ”. | Sob essa luz, ela viveu uma vida crescente com sua mãe viúva, estudando livros e pessoas. Ela achou os escritos dos transcendentalistas, como Emerson, uma “espécie de equilíbrio para seus estudos habituais em Comte”. | 56) Acredito que “nesta perspectiva” seja mais exato à ideia do texto original. 57) Aqui optei por omitir “a growing life”, por achar que não faz diferença no sentido geral do texto. |

²¹⁴ Ralph Waldo Emerson (1803-1882), ensaísta, poeta e filósofo americano, um dos líderes do transcendentalismo no século XIX.

²¹⁵ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| She felt the next generation would call Emerson a great man, though his writings were then treated with a “good deal of contempt and ridicule.” | Ela sentia que a próxima geração consideraria Emerson um grande homem, apesar de seus escritos serem, na época, tratados com “bastante desprezo e chacota (58) ”. | Ela sentiu que a próxima geração chamaria Emerson de um grande homem, embora seus escritos fossem então tratados com “uma boa dose de desprezo e ridículo ” | 58) “Ridicule” no texto é um substantivo, mas na tradução do TA ele aparece como um adjetivo. |
| She gloried in Electicism. “Truth,” she said, “is to be found complete in no man’s system, but a portion of it in all systems.” | Ela vibrava com o Ecletismo (59) . “A verdade”, ela dizia, “não se encontra por completo no sistema de ninguém, mas um pouco em cada um dos sistemas”. | Ela glorificava no eleticismo . “A verdade”, disse ela, “pode ser encontrada completa no sistema de ninguém, mas uma parte dele em todos os sistemas”. | 59) Não foi encontrada uma definição para a palavra “electicism”, concluiu-se, então, ser um erro de digitação da palavra “eclecticism”. |
| Lighter works claimed her attention. She felt that Maria Página 8 Edgeworth gave “fine deeds and fine talk, but never a human being; she was evidently one | Trabalhos mais leves chamavam (60) a sua atenção. Ela achava que Maria Página 8 Edgeworth ²¹⁶ oferecia “nobres ações e nobres palavras, mas nunca | Trabalhos mais leves reivindicaram sua atenção. Ela sentiu que Maria Página 8 Edgeworth deu “boas ações e boas conversas, mas nunca um ser | 60) Em português usamos “chamar a atenção” e não “reivindicar a atenção”. Minha decisão, aqui, foi por deixar o texto mais próximo da LC. |

²¹⁶ Maria Edgeworth (1768-1849), escritora realista anglo-irlandesa de literatura infantil e para adultos.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| who observed acutely, but neither thought nor felt deeply,” while the “truthful simplicity and earnestness of feeling made Miss Bremer a beautiful painter of domestic life.” | um ser humano; ela era, evidentemente, alguém que observava com precisão, mas não pensava nem sentia profundamente”, enquanto a “verdadeira simplicidade e sinceridade de sentimentos faziam da Srta. Bremer ²¹⁷ uma ótima pintora da vida doméstica”. | humano; era evidentemente uma pessoa que observava agudamente, mas não pensava nem sentia profundamente”, enquanto a “verdadeira simplicidade e sinceridade do sentimento fizeram da srta. Bremer uma bela pintora da vida doméstica”. | |
| All this Anne was feeling and saying at twenty years of age, when there came into her life the absorbing love of Alexander Gilchrist, one who could “fulfill her aspirations, realize her ideal of a true marriage, be a friend and a helper as well as a lover.” | Tudo isso Anne sente e diz aos vinte anos, quando entra na sua vida o envolvente amor (61) de Alexander Gilchrist, alguém que poderia “preencher as suas aspirações, realizar o seu ideal de um verdadeiro casamento, ser um | Tudo isso Anne estava sentindo e dizendo aos vinte anos de idade, quando surgiu em sua vida o amor absorvente de Alexander Gilchrist, alguém que “poderia cumprir suas aspirações, realizar seu ideal de um casamento | 61) Mais uma vez a minha opção por “amor envolvente” se deu para priorizar o entendimento do leitor na LC. 62) “Helper”, aqui, é no sentido de um companheiro, alguém que vai ajudá-la na vida, não apenas de um “ajudante”. |

²¹⁷ Fredrika Bremer (1801-1865), escritora e feminista sueca, muito popular na Inglaterra nos meados do século 19.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| | amigo e um companheiro (62) , assim como amante” ²¹⁸ . | verdadeiro, ser amigo e ajudante também como um amante.” | |
| She did not know how to describe him to her intimate friends, on announcing her engagement, except by telling them that he was “altogether, both in intellect and heart, great, noble and beautiful.” | Ela não sabia como descrevê-lo às suas amigas (63) , ao anunciar seu noivado, a não ser dizendo-lhes que ele era “todo, tanto de intelecto quanto de coração, grande, nobre e belo”. | Ela não sabia como descrevê-lo para seus amigos íntimos , ao anunciar seu noivado, exceto dizendo-lhes que ele era “totalmente, tanto no intelecto quanto no coração, grande, nobre e belo”. | 63) Acredito que, levando em consideração a época, Anne não teria “amigos íntimos”. Estas seriam somente mulheres, por isso a minha escolha pelo feminino. |
| Sweet pictures are given us of the happy days after the marriage, three years later, in 1851 (February 4 th), when they went to York to collect materials for the <i>Life of Etty</i> the husband was writing; also at Lyme Regis, within sight and | Doces momentos são retratados dos dias felizes que seguiram o casamento, três anos depois, em 1851 (4 de fevereiro), quando eles vão para York reunir o material para o <i>Life of Etty</i> ²¹⁹ que o marido estava escrevendo; e também em Lyme Regis, à vista e ao som do | Lindas fotos nos são dadas nos dias felizes após o casamento, três anos depois, em 1851 (4 de fevereiro), quando foram a York coletar materiais para a Vida de Etty que o marido estava escrevendo; também em Lyme Regis, à vista e ao som do mar, quando “escrever e | 64) A minha opção por “livros importantes” se deu pelo fato de que tanto Anne quanto o marido eram ávidos leitores dos clássicos. 65) O verbo “ler” foi erroneamente traduzido no infinitivo na tradução do TA. |

²¹⁸ Apesar de Gould não trazer a fonte desta citação, sabemos que é o trecho de uma carta escrita por Anne à amiga Julia Newton em 1848 (Alcaro, 1991, p. 54).

²¹⁹ *The Life of William Etty*, biografia escrita por Alexander Gilchrist e publicada em 1855.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| <p>sound of the sea, when “daily writing and reading, daily music and daily walks” were theirs – crowned by happy evenings, when he read aloud earnest books, while she worked with the needle, or “read” music, playing and singing all that he selected for her.</p> | <p>mar, quando “a escrita e leitura diárias, música diária e passeios diários”²²⁰ eram deles – coroados por noites felizes, quando ele lia livros importantes (64) em voz alta, enquanto ela trabalhava com a agulha, ou “lia” (65) música, tocando e cantando o que ele havia selecionado para ela.</p> | <p>ler diariamente, música e passeios diários” eram deles - coroados por noites felizes, quando ele lia em voz alta livros sérios, enquanto ela trabalhava com a agulha, ou “ler” música, tocando e cantando tudo o que ele selecionou para ela.</p> | |
| <p>In this life the first child, Percy, was born. The second, Beatrice, came to them when they were living their few secluded years at Guildford. That the <i>Life of Blake</i>, on which Mr. Gilchrist</p> | <p>Foi nessa vida que nasce o primeiro filho, Percy. A filha Beatrice chega para eles (66) quando ainda viviam os seus poucos anos isolados em Guildford. Para facilitar as pesquisas para o <i>Life of</i></p> | <p>Nesta vida nasceu o primeiro filho, Percy. A segunda, Beatrice, veio até eles quando eles estavam vivendo seus poucos anos isolados em Guildford. Para que a Vida de Blake, na qual o Sr. Gilchrist</p> | <p>66) A tradução do TA dá a ideia que a criança veio até eles, não nasceu. 67) Aqui optei por modificar um pouco a estrutura da frase e omitir “o jovem marido”, tendo certeza de que a frase não perderia o significado.</p> |

²²⁰ Trecho de uma carta escrita por Anne a sua amiga Julia Newton em dezembro de 1851 (Gilchrist, 1887, p. 36).

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|-------------|
| <p>was engaged, might be better</p> <p>Página 9</p> <p>done, they decided to settle in London, where Blake’s “Illustrations of the Book of Job” had inspired him. Writing to Carlyle, to whom he had become of real assistance in obtaining prints of portraits and costumes for the <i>Frederick</i> he was then writing, the young husband asked his advice as to a house there.</p> | <p><i>Blake</i>, no qual o Sr. Gilchrist estava trabalhando,</p> <p>Página 9</p> <p>eles decidem se estabelecer em Londres, onde as “Ilustrations of the Book of Job” de Blake o haviam inspirado. Ele escreve para Carlyle, a quem ele havia ajudado na obtenção de gravuras e costumes para o <i>Frederick</i>²²¹ que ele estava escrevendo, e pede (67) seu conselho a respeito de casas na cidade.</p> | <p>estava envolvido, pudesse ser melhor</p> <p>Página 9</p> <p>realizada, eles decidiram se estabelecer em Londres, onde as “Ilustrações do Livro de Jó” de Blake o inspiraram. Escrevendo a Carlyle, a quem se tornara realmente útil na obtenção de cópias de retratos e fantasias para o Frederico que estava escrevendo, o jovem marido pediu seu conselho sobre uma casa ali.</p> | |

²²¹ Biografia *Life of Frederick the Great*, escrito por Carlyle, contendo seis volumes e publicado entre 1858 e 1865.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| <p>The sage of Chelsea replied that he did not “dare advice anybody into a house (almost as dangerous as advising him to a wife, except that divorce is easier), but, if heaven should please to rain him accidentally into the house next door he should esteem it a kindness.</p> | <p>O sábio de Chelsea responde que “não ousa dar conselhos a ninguém sobre casas (quase tão perigoso quando aconselhar a respeito de uma esposa, exceto que o divórcio é mais fácil), mas, se os céus os levassem (68), acidentalmente, até a casa ao lado, ele entenderia isso como uma gentileza”.</p> | <p>O sábio de Chelsea respondeu que não “se atreveu a aconselhar ninguém em uma casa (quase tão perigoso quanto aconselhá-lo a uma esposa, exceto que o divórcio é mais fácil), mas, se o céu quiser chover acidentalmente na casa ao lado, ele deve considerar isso uma gentileza”.</p> | <p>68) Obviamente, Carlyle não queria que os Gilchrist “chovessem” nele, portanto, achei “se os céus os levassem” a opção mais adequada.</p> |
| <p>Thus it happened that, in 1856, the Gilchrists settled at 6 Cheyne Row, where they lived for six years. There were born their two other children, Herbert and Grace; and there, as has been said, began the friendship of William Michael Rossetti.</p> | <p>E assim acontece que, em 1856, os Gilchrist se estabelecem na casa número 6 da Cheyne Row (69), onde vivem por seis anos. Lá, nascem os dois filhos mais novos, Herbert e Grace; e lá, como já foi dito, começa a amizade com William Michael Rossetti.</p> | <p>Assim, aconteceu que, em 1856, os Gilchrists se estabeleceram em 6 Cheyne Row, onde viveram por seis anos. Lá nasceram seus outros dois filhos, Herbert e Grace; e aí, como já foi dito, começou a amizade de William Michael Rossetti.</p> | <p>69) Optei por usar uma explicitação, pelo fato de que a forma como o endereço é escrito na LP é ligeiramente diferente da forma na LC.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|--|
| <p>He found in both of them a “large fund of intelligence and sympathy, and, in neither, the least pretense or affectation. A more evidently well-assorted couple could hardly be.”</p> | <p>Ele encontra em ambos uma “grande fonte de inteligência e simpatia, e, em nenhum, a menor pretensão ou afetação. Um casal mais perfeitamente sincronizado não poderia existir” (70).</p> | <p>Ele encontrou em ambos um “grande fundo de inteligência e simpatia e, em nenhum, o mínimo de fingimento ou afetação. Um casal mais evidentemente bem sortido dificilmente poderia ser</p> | <p>70) Aqui optei por uma adaptação do termo “well assorted”, que seria como uma “boa mistura”, para “perfeitamente sincronizados”, buscando dar um sentido parecido ao original na tradução.</p> |
| <p>He was observant of their friendly relations with the Carlyles. Anne would relieve her cares by having a chat with “lively” Jane, who possessed a “charming audacity and winning gaiety of manner.” In many little ways each helped the other. Jane looked up to Anne as a fine housekeeper.</p> | <p>Ele observava a cordial relação que eles tinham com os Carlyle. Anne aliviava as suas preocupações conversando com a “animada” Jane, que possuía uma “ousadia encantadora e modos alegres e conquistadores”. De muitas formas, uma ajudava a outra (71). Jane admirava Anne como uma boa dona de casa (72).</p> | <p>Ele era observador de suas relações amigáveis com os Carlyles. Anne iria aliviar suas preocupações conversando com a “animada” Jane, que possuía uma “audácia encantadora e maneiras atraentes de alegria”. De muitas maneiras, cada um ajudou o outro. Jane olhou para Anne como uma excelente governanta.</p> | <p>71) O TA não fez a distinção de que, neste trecho, a autora se referia às duas mulheres. 72) “Housekeeper” é a pessoa que cuida da casa, não necessariamente a “governanta”. No trecho em questão, a autora se referia à admiração que Jane Carlyle tinha por Anne enquanto “dona de casa”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>As Carlyle thought Anne made the best bread, Jane took lessons of her. Not providing an apt pupil, she asked her one day</p> <p>Página 10</p> <p>“to stand over her” while she made it herself. “A precious bother I am, to be sure, to you”, said Jane, “but if I can never reward you on earth you are pretty certain to have two little additional wings for it in heaven!”</p> | <p>Como Carlyle achava que Anne fazia o melhor pão, Jane teve aulas com ela. Não se revelando uma pupila apta (73), ela pediu à Anne (74) um dia que</p> <p>Página 10</p> <p>“a supervisionasse” (75), enquanto ela fazia o pão sozinha. “Sou um grande incômodo (76), com certeza, para você”, disse Jane, “mas se eu não conseguir (77) retribuir-lhe na terra, terás certamente duas asinhas a mais (78) no céu!”</p> | <p>Como Carlyle achava que Anne fazia o melhor pão, Jane teve aulas com ela. Não fornecendo um aluno apto, ela pediu-lhe um dia</p> <p>Página 10</p> <p>“para ficar por cima dela” enquanto ela mesma o fazia. “Eu sou um incômodo precioso, com certeza, para você”, disse Jane, “mas se eu nunca poderei recompensá-lo na Terra, você certamente terá duas pequenas asas adicionais para ele no céu!”</p> | <p>73) Optei por usar “revelando” para traduzir “providing”, por achar que exprime melhor o sentido do original.</p> <p>74) Aqui, optei por colocar o nome de Anne, pois o inglês tem a diferença entre pronome pessoal sujeito (she) e o objeto (her), como no português, a tradução dos dois ficaria “ela”, o que poderia ficar confuso e repetitivo ao ouvido.</p> <p>75) A expressão “stand over her” significa: “Stand close to someone so as to watch, supervise, or intimidate them” (conforme definição disponível no dicionário: https://www.lexico.com/definition/stand_over), o que o TA traduziu literalmente por “ficar em cima”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--------------------------|------------------|---------------------------|--|
| | | | <p>76) O adjetivo “precious” foi usado na LP no intuito de dar ênfase. Portanto, acredito que a melhor tradução aqui é “grande incômodo” e não “precisos incômodo” como sugere o TA.</p> <p>77) Aqui houve um erro na tradução do TA, deixando a frase confusa na LC.</p> <p>78) “For it”, no texto original, se refere à recompensa, à retribuição do favor de Anne. O TA acrescentou “para ele”, que, na minha opinião, é desnecessário e deixa o texto confuso na LC.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>In this daily life as neighbors, the Gilchrists saw much of the strength as well as weaknesses of Carlyle. Jane told them one day that he never complained of serious things, but if his finger was cut “the house turned upside down; one must hold it, and another get plaster,” etc.</p> | <p>Nessa vida diária como vizinhos, os Gilchrist viam os pontos fortes e também as fraquezas de Carlyle. Um dia, Jane contou que ele nunca reclamava de coisas sérias, mas que se cortasse um dedo “a casa ficava de cabeça para baixo; um tinha que segurar o dedo e o outro pegar o emplastro (79)”, etc.</p> | <p>Nesta vida diária como vizinhos, os Gilchrists viam muita força e fraquezas de Carlyle. Jane disse-lhes um dia que ele nunca reclamava de coisas sérias, mas se seu dedo fosse cortado “a casa virava de cabeça para baixo; um deve segurá-lo, e outro pegar gesso”, etc.</p> | <p>79) Achei que “emplastro” traduz melhor o sentido do texto original, apesar de “plaster” também poder ser traduzido por “gesso”.</p> |
| <p>At this time he was engaged in writing his <i>Frederick</i>. In his pauses from work he enjoyed hearing Anne’s music. He became interested in Mr. Gilchrist’s <i>Life of Blake</i> all the more because he possessed the “Job Illustrations.”</p> | <p>Nessa época, Carlyle (80) estava escrevendo o seu <i>Frederick</i> e, nos intervalos do trabalho, lhe agradava ouvir a música de Anne (81). Ele também se interessa no <i>Life of Blake</i> do Sr. Gilchrist, principalmente porque possuía as “Ilustrações de Jó” (82).</p> | <p>Nessa época, ele estava escrevendo seu <i>Frederick</i>. Em suas pausas do trabalho, ele gostava de ouvir a música de Anne. Ele ficou interessado na <i>Vida de Blake</i> do Sr. Gilchrist ainda mais porque ele possuía as “Ilustrações de Trabalho” .</p> | <p>80) Optei por colocar o nome de Carlyle para ficar mais claro na LC. 81) A mudança de pontuação com relação ao original se deu para que o texto na LC ficasse mais fluido. Já o TA manteve a pontuação como no original. 82) Aqui o TA não reconheceu o “Livro de Jó”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| <p>It was through a letter he had written Mr. Gilchrist on the appearance of <i>Life of Etty</i> that the acquaintance was begun.</p> | <p>Foi através de uma carta, que ele havia escrito ao Sr. Gilchrist quando da publicação (83) de <i>Life of Etty</i>, que a relação começou (84).</p> | <p>Foi através de uma carta que ele havia escrito ao Sr. Gilchrist, sobre o aparecimento de <i>Life of Etty</i>, que o relacionamento começou.</p> | <p>83) Dizer que uma obra “aparece” em português não faz sentido, por isso a opção por “publicada”.</p> <p>84) Optei por usar “a relação” ao invés de “o relacionamento” por achar que se enquadra melhor no sentido do texto.</p> |
| <p>He had then declared that the book was done in a “vigorous, sympathetic, vivacious spirit, promising the delineation actual and intelligible of a man extremely worth knowing,” while their reading of his <i>Life of Sterling</i> had led them to feel that “surely never before was there in any man the union of</p> | <p>Ele havia, então, declarado que o livro fora escrito “em um espírito vigoroso, simpático e vivaz, mostrando o traçado verdadeiro e inteligível de um homem verdadeiramente digno de ser conhecido”, enquanto a leitura deles do <i>Life of Sterling</i>, de Carlyle, havia levado-os a sentir que “nunca houve, em um homem, a união de tal força titânica e</p> | <p>Ele então declarou que o livro foi feito com um “espírito vigoroso, simpático e vivaz, prometendo o delineamento real e inteligível de um homem extremamente digno de ser conhecido”, enquanto a leitura de sua Vida de Sterling os levou a sentir que “certamente nunca antes havia em qualquer homem a união de tal força titânica</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|-------------|
| such Titan strength and keenest insight, with soft, tenderest, pitying gentleness. Never surely a man who had so the power of winning deep, reverent heart's love from his readers.” | percepção intensa com uma suave, terna e piedosa gentileza. Nunca um homem com tamanho poder de merecer um profundo e reverente amor dos seus leitores”. | e perspicácia mais aguda, com gentileza suave, terna e compassiva. Nunca certamente um homem que teve tanto poder de conquistar o amor profundo e reverente de seus leitores.” | |
| They felt that his interpretation of Giotto's portrait of Dante in Página 11 <i>Hero Worship</i> might stand word for word as a description of himself. | Eles acreditam que a sua interpretação do retrato de Dante de Giotto, em Página 11 <i>Hero Worship</i> ²²² , pode ser lida palavra por palavra como uma descrição dele próprio. | Eles sentiram que sua interpretação do retrato de Giotto de Dante em Página 11 <i>Hero Worship</i> poderia ser, palavra por palavra, uma descrição de si mesmo. | |
| One day Anne asked Jane what she thought her husband's best work. “ <i>The French</i> | Um dia, Anne pergunta a Jane qual ela acreditava ser o melhor | Um dia, Anne perguntou a Jane qual ela achava o melhor trabalho | |

²²² *On Heroes, Hero-Worship, and The Heroic in History*, livro de Carlyle publicado em 1841. Em alguns casos o TA opta pela tradução do título das obras, em outros, ele mantém a o título na língua original.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <i>Revolution,</i> ” she replied, “was her favorite, though perhaps <i>Cromwell</i> was the best-written book.” | trabalho de seu marido. “ <i>The French Revolution</i> ” ²²³ ela diz, “era o seu favorito, embora talvez <i>Cromwell</i> tenha sido o livro mais bem escrito”. | de seu marido. “A Revolução Francesa”, respondeu ela, “era seu livro favorito, embora talvez Cromwell fosse o livro mais bem escrito.” | |
| Carlyle himself once said to Mr. Gilchrist that if he were on his death-bed, the only thing he had done to give him any pleasure was the <i>Cromwell</i> , for it “dispersed the lies,” and revealed him as “all men would some day see him to have been.” | O próprio Carlyle havia dito, certa vez, ao Sr. Gilchrist que, se estivesse em seu leito de morte, a única coisa que ele havia feito, que lhe dava qualquer prazer, era o <i>Cromwell</i> ²²⁴ , pois “dissipava as mentiras” e revelava-o como “ todos os homens algum dia veriam que ele foi ” (85). | O próprio Carlyle disse uma vez ao Sr. Gilchrist que se ele estivesse em seu leito de morte, a única coisa que ele havia feito para lhe dar algum prazer era o Cromwell, pois ele “dispersou as mentiras” e o revelou como “ todos os homens algum dia veria ele ter sido. ” | 85) Aqui, houve um problema de concordância na tradução do TA: “todos os homens algum dia <i>veria</i> ele ter sido”. |
| The sympathy of the Carlyles was very helpful to the | A solidariedade dos Carlyle foi de grande ajuda aos Gilchrist (86) | A simpatia dos Carlyle foi muito útil para os Gilchrists nos dias | 86) Saliento aqui que às vezes o TA coloca os nomes de família no |

²²³ *The French Revolution*, publicado em 1837.

²²⁴ “Cromwell” era parte integrante do livro *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History* (Conferência VI).

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| Gilchrists in the bitter days when scarlet fever held the lives of their children, and, letting go of them, seized the husband to a fatal result. | nos dias amargos que a escarlatina colocou em risco a vida (87) de seus filhos, e ao preservá-los (88) , apoderou-se fatalmente do marido. | amargos em que a escarlatina dominava a vida de seus filhos e, ao deixá-los ir , levou o marido a um resultado fatal. | singular, ao se referir à família como um todo, e às vezes opta por deixar no plural, como é de costume na LP. 87) Optei por “colocar em risco”, por achar que passa melhor o sentido dado pela autora do original, o que também vale para o item 88). |
| He was only thirty-three years of age (born 1828) – just the age of Anne. He was full of plans for work, a life of Wordsworth and others being in mind. | Ele tinha somente trinta e três anos de idade (nascido em 1828) – a mesma idade de Anne. Ele estava cheio de planos, uma biografia (89) de Wordsworth ²²⁵ e de outros em mente. | Ele tinha apenas trinta e três anos de idade (nascido em 1828) – a idade de Anne. Ele estava cheio de planos de trabalho, uma vida de Wordsworth e outros em mente. | 89) Era comum chamarem as biografias de “Life of...”, por isso a minha opção pelo uso da palavra “biografia”. |
| All efforts for her to remain as a neighbor, after the last sad ministries were over, proved unavailing. She could not stay | Todos os esforços para ela permanecer na vizinhança, depois que terminaram os últimos tristes serviços fúnebres (90) , foram em | Todos os esforços para que ela continuasse como uma vizinha, depois que os últimos tristes ministérios terminaram, foram em | 90) Como se trata do período logo após a morte de Alexander, optei por usar “serviços fúnebres”. |

²²⁵ William Wordsworth (1770-1850), poeta romântico Inglês.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|--|
| where life had been so full of blessing. | vão. Ela não poderia ficar onde a vida havia lhe concedido tantas bênçãos (91) . | vão. Ela não podia ficar onde a vida era tão cheia de bênçãos . | 91) Aqui o TA falhou em perceber o tempo verbal, que no original está no passado: “had been”. |
| She finally found a little old-fashioned, tile-roofed cottage in Shottermill, a quaint Hampshire village a mile from Haslemere, once a coaching town <i>en route</i> for Portsmouth and London. Here on the summit of a steep little Surrey hill, at the base of which flowed a brook, Anne Gilchrist and her children were settled three months after her husband’s death. | Ela finalmente encontrou uma cabana pequena e antiquada com cobertura de telha (92) em Shottermill, um vilarejo pitoresco a uma milha (93) de Haslemere, uma vez uma cidade <i>en route</i> (94) de Portsmouth para Londres. Aqui, no topo de uma pequena e íngreme colina em Surrey, em cuja base corria um riacho, Anne se estabelece com os filhos três meses após a morte do marido. | Ela finalmente encontrou uma casinha antiquada com telhado de telhas em Shottermill, uma vilarejo pitoresco de Hampshire a um quilômetro de Haslemere, que já foi uma cidade de ônibus a caminho de Portsmouth e Londres. Aqui no topo de uma pequena colina íngreme de Surrey, na base da qual corria um riacho, Anne Gilchrist e seus filhos se estabeleceram três meses após a morte de seu marido. | 92) Na época, os telhados de sapé eram muito comuns. Resolvi colocar “cobertura de telhas” para que não ficasse redundante. 93) Eu optei por deixar a unidade de medida a mesma que a usada no texto original. 94) <i>Coaching towns</i> eram cidades do interior da Inglaterra e que estavam nas rotas entre as cidades maiores. Nelas, haviam muitas pousadas que acolhiam os viajantes e seus cavalos. Por falta de um termo em português, optei pela omissão, deixando apenas “cidade”. Já o TA traduziu por “cidade de ônibus”. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| | | | Optei pela transcrição de “en route”, mantendo o estrangeirismo que foi usado no original. |
| <p>Her heart Página 12 turned more and to her children. This mother-love Jane Carlyle expressed more forcibly than elegantly the day the family left her neighborhood, when she said to a friend, who told it, “Mrs. Gilchrist would skin and bury herself alive for the benefit of her children.”</p> | <p>Seu coração Página 12 voltou-se cada vez mais aos seus filhos. Tal amor maternal, Jane Carlyle relatou (95), com mais vigor do que elegância, no dia em que a família deixou sua vizinhança, quando ela disse a uma amiga que, mais tarde, recontou (96): “A Sra. Gilchrist se esfolaria e se enterraria viva pelo benefício de seus filhos”.</p> | <p>Seu coração Página 12 se voltou mais para seus filhos. Essa mãe amorosa Jane Carlyle expressou com mais força do que elegância o dia em que a família deixou sua vizinhança, quando ela disse a uma amiga, que lhe contou: “Sra. Gilchrist se esfolaria e se enterraria vivo para o benefício de seus filhos.”</p> | <p>95) Aqui não foi a Jane que expressou o amor maternal, mas ela <i>o relatou</i> a uma amiga. 96) A amiga “recontou” a história. Da forma como o TA traduziu, parece que a amiga havia contado à Jane.</p> |
| <p>Here among the Surrey hills Anne Gilchrist took up life again, not, as she said, <i>in the</i></p> | <p>Aqui nas colinas de Surrey, Anne Gilchrist retoma a vida. Não, como ela disse (97), <i>na presença</i></p> | <p>Aqui, entre as colinas de Surrey, Anne Gilchrist retomou a vida, não, como ela disse, <i>na presença</i></p> | <p>97) Optei por modificar um pouco a pontuação do original.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <p>presence of the one with whom she had lived eleven such full years, but <i>with</i> the presence. “Alec’s spirit is with me ever,” she wrote; “presides in my home, speaks to me in every sweet scene; broods over the peaceful valley; haunts the grand, wild hill-tops; shines gloriously forth in setting sun and moon and stars.”</p> | <p>daquele com quem ela viveu onze anos tão plenos, mas <i>com</i> a sua presença. “O espírito de Alec está sempre comigo”, ela escreveu; “guia (98) minha casa, fala comigo em cada doce cena, contempla o vale tranquilo; assombra os grandiosos e selvagens topos das colinas; resplandece, gloriosamente, a cada pôr-do-sol, na lua e nas estrelas”.</p> | <p>de quem viveu onze anos inteiros, mas com a presença. “O espírito De Alec está comigo sempre”, escreveu ela; “Preside em minha casa, fala comigo em cada cena doce; medita sobre o vale pacífico; assombra os grandes e selvagens topos de colinas; brilha gloriosamente ao pôr-do-sol, à lua e às estrelas.”</p> | <p>98) Usei “guia” ao invés de “comandar” ou “liderar”, porque se trata de alguém que já faleceu.</p> |
| <p>When sad memories almost crushed her, she thanked God for hard work, that, like harness to an overtired horse kept her up.</p> | <p>Quando as tristes lembranças quase a arrasavam, ela agradecia a Deus pelo trabalho duro que, como arreios em um cavalo cansado, a mantinham em pé.</p> | <p>Quando as memórias tristes quase a esmagaram, ela agradeceu a Deus pelo trabalho árduo, que, como o arreio para um cavalo excessivamente cansado, a manteve acordada.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>She began at once to finish the <i>Life of Blake</i>, when her friends, the Rossettis, proved friends indeed. They had been deeply impressed with her “strong sense – common sense and mental acumen combined” – revealed under her deep sorrow, also with her aim to make the home a “centre of mental as well as family vital energy.”</p> | <p>Foi logo que ela começou a finalizar o <i>Life of Blake</i>, que os irmãos Rossetti²²⁶ provaram-se amigos de fato. Eles haviam ficado profundamente impressionados com sua “força – sensatez e perspicácia mental combinadas” (99) – reveladas sob seu profundo pesar, assim como em seu objetivo de fazer da casa um “centro de energia vital mental e familiar”.</p> | <p>Ela começou imediatamente a terminar a Vida de Blake, quando seus amigos, os Rossettis, provaram ser amigos de fato. Eles ficaram profundamente impressionados com seu “forte senso – bom senso e perspicácia mental combinados” – revelado sob sua profunda tristeza, também com seu objetivo de tornar o lar um “centro de energia vital mental e familiar”.</p> | <p>99) Optei por não repetir a palavra “senso” para que não ficasse redundante, usando uma modulação</p> |
| <p>At last, in 1863, with their help, the <i>Life of Blake</i>, that “beloved task which had kept her head above water in the deep sea of</p> | <p>Por fim, em 1863, com a ajuda dos Rossetti, o <i>Life of Blake</i>, aquela “adorada tarefa que havia mantido a sua cabeça acima da água no profundo mar de aflição”, é</p> | <p>Por fim, em 1863, com a ajuda deles, a Vida de Blake, aquela “amada tarefa que manteve sua cabeça acima das águas no fundo</p> | |

²²⁶ Os irmãos William Michael (1829-1919) e Dante Gabriel Rossetti (1828-1882)

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--------------------|
| affliction,” was finished. Carlyle, Browning and others sent words of appreciation on its publication. | finalizada. Carlyle, Browning ²²⁷ e outros mandaram palavras de apreço, por ocasião de sua publicação. | do mar da aflição” foi concluída. Carlyle, Browning e outros enviaram palavras de apreço por sua publicação. | |
| Página 13 Later, she wrote an article for <i>Macmillan’s Magazine</i> on “The Indestructibility of Force”. But that, she said, should be her last attempt for many a day. | Página 13 Mais tarde, ela escreve um artigo para a <i>Macmillan’s Magazine</i> : “The Indestructibility of Force” ²²⁸ . Mas este, disse ela, seria seu último intento por muito tempo. | Página 13 Mais tarde, ela escreveu um artigo para a <i>Macmillan’s Magazine</i> sobre “A indestrutibilidade da força”. Mas essa, disse ela, deve ser sua última tentativa por muitos dias. | |
| She decided to devote herself wholly to her children. “After all,” she wrote, “they will not | Ela estava decidida a dedicar-se totalmente aos seus filhos. “Afí-nal”, ela escreve, “eles não | Ela decidiu se dedicar totalmente aos filhos. “Afí-nal,” escreveu ela, “nem sempre serão crianças; e se | |

²²⁷ Robert Browning (1812-1889) poeta e dramaturgo inglês.

²²⁸ “A Indestrutibilidade da Força”, publicado em 1862.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>always be children; and if I have it in me to do anything worth doing with my pen, why I can do it ten years hence, when I shall have completed my task so far as direct instruction of the children goes. I shall only be forty-six, then, not in my dotage.”</p> | <p>serão crianças para sempre; e se eu tenho em mim o desejo de fazer algo que valha a pena com minha caneta, poderei fazê-lo daqui a dez anos, quando eu tiver cumprido minha tarefa de educar as crianças. Terei, então, apenas quarenta e seis anos, ainda não serei idosa”.</p> | <p>tenho dentro de mim alguma coisa que valha a pena fazer com minha caneta, ora, poderei fazê-lo daqui a dez anos, quando terei completado minha tarefa n que diz respeito à instrução direta dos filhos. Eu terei apenas 46 anos, não estou na minha velhice.”</p> | |
| <p>She was convinced that a divided aim was not only “most harassing to a conscientious disposition, but quite fatal to success – to doing one’s very best at either.”</p> | <p>Ela estava convencida de que um objetivo dividido não era apenas “o mais prejudicial (100) para uma configuração consciente, mas praticamente fatal para o sucesso em dar o melhor de si em qualquer um deles”.</p> | <p>Ela estava convencida de que um objetivo dividido não era apenas “mais perturbador para uma disposição conscienciosa, mas bastante fatal para o sucesso - fazer o melhor em qualquer um deles”.</p> | <p>100) Optei por “prejudicial”, por achar que remete mais fielmente ao sentido do texto original.</p> |
| <p>In this belief she filled her days with some teaching, considerable reading, a little</p> | <p>Acreditando nisso, ela ocupa os seus dias com algumas lições, muitas leituras, um pouco de</p> | <p>Com essa crença, ela preencheu seus dias com alguns ensinamentos, leituras</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| music she “could not do without,” attention to an aged, sick mother, and devotion to her children. She lived a tranquil, sequestered mode of life “with much solitude and no luxury in it.” | música que “ela não podia viver sem”, atenção à mãe idosa e doente e devoção aos filhos. Ela vive uma vida tranquila e isolada “com muita solidão e nenhum luxo”. | consideráveis, um pouco de música que “não podia dispensar”, atenção a uma mãe idosa e doente e devoção aos filhos. Ela vivia um modo de vida tranquilo e isolado “com muita solidão e nenhum luxo”. | |
| In this she was a “fanatical believer.” Her great recreation was her “glorious walks” across the breezy heaths, and into the deep lanes of Guildford and Haslemere. | Nisso ela, verdadeiramente, acreditava. Seu grande entretenimento eram as suas “gloriosas caminhadas” pelas frescas charnecas até as alamedas profundas de Guildford e Haslemere. | Nisso, ela era uma “crente fanática”. Sua grande recreação eram suas “caminhadas gloriosas” pelas charnecas arejadas e pelas alamedas profundas de Guildford e Haslemere. | |
| “If I go out feeling ever so jaded, irritable, dispirited,” she said, “when I find myself up | “Se estou me sentindo cansada, irritada, desanimada”, diz ela, “quando me encontro lá em cima | “Se eu sair me sentindo tão cansada, irritada, desanimada”, disse ela, “quando me encontrar lá | 101) “To shake off” significa “livrar-se de”, por isso a minha opção por “desaparecem”. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|--|
| <p>there alone (for unless I have perfect stillness and quietness, and my thoughts are as free as a bird, the walk does not seem to do me good), care and fatigue are all shaken off, and life seems as grand and</p> <p>Página 14</p> <p>sweet and noble a thing as the scene my bodily eyes rest on – and if sad thoughts come, they have hope and sweetness so blended with them that I hardly know them to be sad – and I return to my little chicks quite bright and rested, and fully alive to the fact that they are the sweetest, loveliest chicks in the whole world; - and ‘Giddy’</p> | <p>sozinha (pois a menos que eu tenha a tranquilidade e a quietude perfeitas, e que os meus pensamentos sejam tão livres quanto um pássaro, a caminhada não parece me fazer bem), a inquietação e a fadiga desaparecem (101), e a vida parece tão grandiosa e</p> <p>Página 14</p> <p>doce e nobre quanto a cena que meus olhos (102) veem – e se pensamentos tristes aparecem, há neles tanta esperança e doçura misturadas que eu mal os reconheço como sendo tristes – e volto aos meus filhotes (103) radiante e descansada, e totalmente viva (104) para o fato</p> | <p>em cima sozinha (pois a menos que eu tenha perfeita quietude e quietude, e meus pensamentos sejam tão livres quanto um pássaro, a caminhada não parece me fazer bem), o cuidado e o cansaço são todos sacudidos, e a vida parece tão grandiosa,</p> <p>Página 14</p> <p>doce e nobre quanto a cena em que meus olhos corporais repousam – e se pensamentos tristes vêm, eles têm esperança e doçura tão misturadas com eles que eu mal sei que eles estão tristes – e volto para meus pintinhos bem iluminados e descansados, e totalmente vivos pelo fato de que eles são os pintinhos mais doces e adoráveis</p> | <p>102) Omiti a palavra “corporais”, porque achei que ficaria redundante e sem necessidade.</p> <p>103) Achei melhor usar uma modulação nesse caso, mudando de “pintinhos” para “filhotes”.</p> <p>104) Aqui o TA fez a concordância com “pintinhos”, quando na verdade, deveria ser com “eu”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| (Grace) says, ‘mamma has shut up her box of sighs.’” | de que eles são os filhotes mais doces e adoráveis do mundo inteiro – e ‘Giddy’ (Grace) diz, ‘a mamãe fechou sua caixa de suspiros’”. | do mundo inteiro; – e ‘Giddy’ (Grace) diz: ‘mamãe fechou sua caixa de suspiros’.” | |
| Mrs. Gilchrist felt that there was no finer country for her walks than this region of Shottermill with its breezy uplands, its pine-clad hills, its undulating lands over which grew the purple heather. | Para a Sra. Gilchrist, não havia lugar (105) melhor para seus passeios do que essa região de Shottermill, com seus planaltos (106) arejadas, suas colinas cobertas de pinheiros, suas terras onduladas sobre as quais cresciam urzes violetas. | A sra. Gilchrist achava que não havia país melhor para seus passeios do que essa região de Shottermill com suas planícies arejadas, suas colinas cobertas de pinheiros, suas terras onduladas sobre as quais crescia a urze roxa. | 105) Optei por traduzir “country” por “lugar” para que a frase ficasse com mais sentido na LC. 106) “Planaltos” são terras mais altas, por isso a minha decisão de tradução. |
| She walked with an even, light step, while every aspect of Nature was assimilated. She was one of Nature’s own daughters, to whom she opened her soul. | Ela caminhava a passos leves e regulares, enquanto assimilava todos os aspectos da natureza. Ela era uma filha da Natureza, a quem abria a sua alma. | Ela caminhava com passos leves e regulares, enquanto cada aspecto da natureza era assimilado. Ela era uma das próprias filhas da Natureza, a quem abriu sua alma. | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| Besides this companionship, Anne was rich in her friends. Both Dante Gabriel and William Michael Rossetti were frequent visitors. When they brought to her home their sister Christina, she thoroughly enjoyed the “unaffected simplicity and gentleness, kindness to the children,” which her visits revealed. | Além dessa companhia, Anne era rica em amizades. Tanto Dante Gabriel como William Michael Rossetti eram visitantes frequentes. Quando trouxeram com eles a irmã Christina, Anne apreciou muito a “simplicidade e a doçura naturais com as quais ela tratou as crianças” (107). | Além dessa companhia, Anne era rica em amigos. Tanto Dante Gabriel quanto William Michael Rossetti eram visitantes frequentes. Quando eles trouxeram para sua casa sua irmã Christina, ela gostou muito da “simplicidade e gentileza não afetada, bondade para com os filhos”, que suas visitas revelaram. | 107) Usei, aqui, uma modulação, procurando deixar o texto mais fluido na LC, mas sem perder o sentido que a autora intencionou para o original. |
| It was while she was sitting under the yew-tree in this Brookbank home, one September day in 1866, that the card of Mr. Alfred Tennyson was put in her hands. He had | Foi sentada sob o teixo nesta casa em Brookbank, em um dia de setembro de 1866, que o cartão do Sr. Alfred Tennyson ²²⁹ foi colocado em suas mãos. Ele tinha vindo com a esposa para ver um local, prestes a ser vendido, sobre | Foi enquanto ela estava sentada sob o teixo nesta casa em Brookbank, em um dia de setembro de 1866, que o cartão do Sr. Alfred Tennyson foi colocado em suas mãos. Ele viera com sua esposa para ver um lugar, prestes a | |

²²⁹ Alfred Tennyson (1809-1892), poeta inglês.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|-------------|
| come with his wife to see a place, about to be sold, concerning which they had corresponded. | o qual eles haviam se correspondido. | ser vendido, a respeito do qual haviam se correspondido. | |
| <p>While she was preparing to accompany them to the estate,</p> <p>Página 15</p> <p>Tennyson amused himself with her seven year old Grace, as she sat on his knee. Afterwards, when they were walking up a hill together, Tennyson said to Mrs. Gilchrist, “I admire that little girl of yours. How many children have you?”</p> <p>“Four,” she replied, upon which he answered hastily, “Quite.</p> | <p>Enquanto ela se preparava para acompanhá-los à propriedade,</p> <p>Página 15</p> <p>Tennyson divertia-se com pequena Grace, de sete anos, sentada no seu colo. Depois, enquanto subiam juntos uma colina, Tennyson diz à Sra. Gilchrist: “Eu admiro aquela sua garotinha. Quantos filhos a senhora tem?”</p> <p>“Quatro”, responde ela, sobre o qual ele replica apressadamente: “O suficiente, o suficiente” – para o divertimento da mãe.</p> | <p>Enquanto ela se preparava para acompanhá-los até a propriedade,</p> <p>Página 15</p> <p>Tennyson se divertiu com Grace, de sete anos, quando ela se sentou nos seus joelhos. Depois, quando eles estavam subindo uma colina juntos, Tennyson disse à sra. Gilchrist: “Eu admiro aquela sua garotinha. Quantos filhos você tem?”</p> <p>“Quatro”, ela respondeu, ao que ele respondeu apressadamente,</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| enough, Quite enough” – much to the amusement of the mother | | “Bastante, Bastante” – para a diversão da mãe. | |
| In referring to this walk with Tennyson, Mrs. Gilchrist said she felt singularly happy and free from restraint in his presence – a sense of a “beneficent, generous, nobly humane nature being combined with his intellectual greatness.” | Ao referir-se a esta caminhada com Tennyson, a Sra. Gilchrist disse que se sentia singularmente feliz e livre de restrições na sua presença – uma sensação de “natureza humana benéfica, generosa e nobre, combinada com sua grandeza intelectual”. | Ao se referir a essa caminhada com Tennyson, a sra. Gilchrist disse que se sentia singularmente feliz e livre de restrições em presença dele – uma sensação de uma “natureza benéfica, generosa e nobremente humana combinada com sua grandeza intelectual”. | |
| The son Herbert says that the children never forgot the poet, as, in his long dark cloak and big hat, his tall, gaunt figure “shuffled across the long, unequally-shaped drawing-room” to stand before Blake’s | O filho Herbert conta que as crianças nunca esqueceram do poeta, que no seu longo manto escuro e grande chapéu, a sua figura alta e magra “ movia-se lentamente, atravessando (108) a longa e irregular sala de visitas” | O filho Herbert diz que as crianças nunca esqueceram o poeta, pois, em sua longa capa escura e grande chapéu, sua figura alta e magra “ arrastou-se pela longa sala de estar de formato desigual” para ficar diante da aquarela de Blake | 108) “To shuffle”, entre outros, tem o significado de caminhar arrastando os pés. Optei por usar “movia-se lentamente, atravessando”, usando uma modulação, na tentativa de dar ao leitor uma descrição de como seria esse caminhar. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <p>water-color, “Elijah Mounted in the Fiery Chariot.” “Every inch a king,” the mother said in describing him, “features massive, eyes very grave and penetrating, hair long, still very dark, and though getting thin, falls in such a way as to give a peculiar beauty to the mystic head;” while Mrs. Tennyson seemed to her to be a “sweet, graceful woman with singularly winning gentle manners,” but looking “painfully fragile and wan.”</p> | <p>para se postar diante da aquarela de Blake, “<i>Elijah Mounted in the Fiery Chariot</i>”. “Cada polegada (109) um rei”, disse a mãe ao descrevê-lo, “feições maciças, enormes olhos, muito graves e penetrantes, cabelos longos, ainda muito escuros, e apesar de estarem ficando escassos, caem de tal forma que conferem uma beleza peculiar à cabeça mística” (110), enquanto a Sra. Tennyson lhe parecia ser uma “mulher doce e graciosa, com um comportamento singularmente suaves e atraentes”, mas parecendo “dolorosamente frágil e pálida”.</p> | <p>“Elijah Montado na Carruagem de Fogo.” “Cada centímetro de um rei”, disse a mãe ao descrevê-lo, “feições maciças, olhos muito graves e penetrantes, cabelos longos, ainda muito escuros e, embora ficando ralos, caem de tal forma que conferem uma beleza peculiar ao místico cabeça;” enquanto a Sra. Tennyson parecia a ela uma “mulher doce e graciosa com modos gentis singularmente atraentes”, mas parecendo “dolorosamente frágil e pálida”.</p> | <p>109) Optei por deixar a unidade de medida como no original. 110) O TA errou ao usar “místico” ao invés de “mística”.</p> |
| <p>Both the poet and his wife appreciated the efforts of Mrs.</p> | <p>Tanto o poeta quanto sua esposa apreciaram os esforços da Sra.</p> | <p>O poeta e sua esposa apreciaram os esforços da Sra. Gilchrist em</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| Gilchrist in assisting them to buy a place in that vicinity. | Gilchrist em ajudá-los a comprar uma propriedade naquela vizinhança. | ajudá-los a comprar um lugar nas proximidades. | |
| But ere settling permanently, they Página 16 decided to try the climate by living awhile at “Greyshtot” ²³⁰ .” | Mas antes de se instalarem permanentemente, eles Página 16 decidiram experimentar o clima, vivendo um pouco em “Greyshtot”. | Mas antes de se estabelecerem permanentemente, eles Página 16 decidiram experimentar o clima vivendo um pouco em “Greyshtot”. | |
| While Anne extended her help in furnishing the house, she entertained them two days in Brookbank. Upon their being settled in “Greyshtot,” she occasionally dined with them. At one time, among the subjects.” freely discussed was | Enquanto Anne os ajudava a mobiliar a casa, ela os hospedou por dois dias em Brookbank. Depois de estarem devidamente instalados em “Greyshtot”, ela, ocasionalmente, jantava com eles. Certa vez, entre os assuntos livremente discutidos, estava a bondade da Rainha com relação a | Enquanto Anne ajudava a mobiliar a casa, ela os hospedou por dois dias em Brookbank. Após serem acomodados em “Greyshtot”, ela ocasionalmente jantava com eles. Ao mesmo tempo, entre os assuntos livremente discutidos estava a bondade da rainha para com Tennyson. A atitude dela com | |

²³⁰ Acredito que aqui houve um erro de grafia da autora. Grayshott é uma pequena cidade no distrito de Hampshire, localizada a 74km de Londres.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| <p>the Queen’s kindness to Tennyson. Her manner towards him, said Mrs. Tennyson, was “childlike and charming. They both gave their opinions freely</p> | <p>Tennyson. Sua atitude para com ele, disse a Sra. Tennyson, era “infantil e encantadora. Ambos expressavam suas opiniões livremente”.</p> | <p>ele, disse a Sra. Tennyson, era “infantil e encantadora. Ambos deram suas opiniões livremente.”</p> | |
| <p>Anne never forgot a walk home one night with Tennyson when they discussed Spencer’s <i>Nebular Hypothesis</i> and <i>Illogical Geology</i>, books she had just been reading. She said he “talked gloriously” of immortality as well as materialism. Referring to one of their Haslemere rambles, she said that though he was short-sighted, he was most observant. In order to see the tiny</p> | <p>Anne nunca esqueceu de uma caminhada para casa uma noite com Tennyson, quando eles discutiram <i>Nebular Hypothesis</i> e <i>Illogical Geology</i> de Spencer, livros que ela tinha acabado de ler. Ela disse que ele “falava gloriosamente” da imortalidade e do materialismo. Referindo-se a um de seus passeios (111) por Haslemere, ela disse que, embora míope, ele era muito observador. A fim de ver o pequeno movimento</p> | <p>Anne nunca se esqueceu de uma caminhada para casa uma noite com Tennyson quando discutiram a Hipótese Nebular e Geologia Ilógica de Spencer, livros que ela tinha acabado de ler. Ela disse que ele “falava gloriosamente” da imortalidade e também do materialismo. Referindo-se a uma de suas divagações em Haslemere, ela disse que, embora ele fosse míope, era muito observador. Para ver o minúsculo movimento de</p> | <p>111) A autora do texto original usa a palavra “ramble”, aqui, no sentido de “caminhada por prazer, um passeio”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>movement of a number of springs bubbling up through the sand to which she was calling his attention, he put his face almost to the water as he lay down near the edge of the brook.</p> | <p>de uma série de nascentes borbulhando na areia, para as quais ela estava chamando sua atenção, ele quase encostou o rosto na água ao deitar-se na beira do riacho.</p> | <p>uma série de nascentes borbulhando na areia para as quais ela chamava sua atenção, ele quase encostou o rosto na água ao se deitar perto da beira do riacho.</p> | |
| <p>It was through the agent Mrs. Gilchrist finally found for the Tennysons that “Green Hill,” afterwards improved and called “Aldworth,” was bought at a moderate price. “I do think,” said Anne, after the purchase, “if ever there was a place made for a poet to live in, this is the spot – thirty-six acres, half-coppice above, three large</p> | <p>Foi através do agente que a Sra. Gilchrist, havia finalmente encontrado para os Tennysons, que “Green Hill” (que depois passou a chamar-se “Aldworth”) foi comprado a um preço moderado. “Eu acho”, disse Anne após a compra, “que se alguma vez houve um lugar feito para um poeta viver, este é o lugar: trinta e seis acres, meia talhadia na parte de cima (112), três grandes campos e uma</p> | <p>Foi por meio do agente que a Sra. Gilchrist finalmente encontrou para os Tennysons que “Green Hill”, depois melhorado e chamado de “Aldworth”, foi comprado a um preço moderado. “Eu acho”, disse Anne, após a compra, “se alguma vez houve um lugar feito para um poeta morar, este é o local – trinta e seis acres, meio campo acima, três grandes</p> | <p>112) Talhadia é um método de manejo florestal, um bosque que de tempos em tempos é cortado rente a raiz para uso da madeira. Depois de uma ou duas décadas, as árvores rebrotam das raízes, viram novas árvores, e são, novamente, cortadas. 113) Aqui o TA claramente não conseguiu entregar uma tradução correta.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| fields and a little old farmhouse below.” | pequena e antiga casa de fazenda na parte de baixo (113)” . | campos e um pouco velho casa da fazenda abaixo.” | |
| She ever recalled Página 17 with delight Tennyson’s feeling concerning it. “He was so pleased,” she said, “a sort of childish glee that was beautiful to see, contrasting curiously enough with his saturnine moods.” | Ela lembrava sempre Página 17 com prazer da reação de Tennyson à propriedade (114) . “Ele ficou tão satisfeito”, ela diz, “uma espécie de alegria infantil que era linda de se ver, contrastando curiosamente com seu humor introspectivo”. | Ela sempre lembrava Página 17 com prazer do sentimento de Tennyson em relação a isso . “Ele ficou tão satisfeito”, disse ela, “uma espécie de alegria infantil que era linda de se ver, contrastando curiosamente com seu humor saturnino”. | 114) Achei que usar “a propriedade”, em vez de apenas “a is-so”, faria com que o leitor na LC entendesse melhor o texto. |
| Again she noticed his excellent spirits the following year – 1868 – when occurred the laying of the cornerstone for the new house, with its inscription, “Prosper thou the work of our | Ela novamente notou seu excelente humor no ano seguinte – 1868 –, por ocasião da colocação da pedra fundamental da nova casa, com a inscrição: “Prosper o trabalho de nossas mãos, ó prospere nosso | Mais uma vez ela notou seu excelente ânimo no ano seguinte – 1868 – quando ocorreu o lançamento da pedra fundamental da nova casa, com a inscrição: “Prosper a obra de nossas | 115) Referência à passagem bíblica: “Que a graça do Senhor, nosso Deus, pouse sobre nós; faça prosperar as obras de nossas mãos; sim, confirma a obra das nossas mãos!” (Salmos 90:17). A inscrição |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| hands, O prosper thou our handiwork.” | trabalho manual” (115). | mãos, ó prospere obra de nossas mãos”. | na pedra fundamental faz um jogo de palavras quando usa “work of our hands” (trabalho das nossas mãos) e “our handiwork” (trabalhos manuais). |
| After the ceremony, which included a few appropriate words of a friend, Mrs. Gilchrist seized a few moments, before post, to write Mrs. Tennyson. She knew she would have a special interest, for the change of name to Aldworth arose from the fact that some of her family came from a village of that name, where was a curious old church containing tombs of her Sellwood ancestors. (From Tennyson’s <i>Memoirs</i> .) | Após a cerimônia, que contou com algumas palavras pertinentes (116) de um amigo, a Sra. Gilchrist aproveita alguns momentos (117) para escrever à Sra. Tennyson. Anne Gilchrist sabia que ela teria um interesse especial, pois a mudança de nome para Aldworth surgiu do fato de que parte de sua família era originária de uma aldeia com esse nome, onde havia uma igreja antiga e singular (118) contendo túmulos de seus | Após a cerimônia, que incluiu algumas palavras apropriadas de um amigo, a Sra. Gilchrist aproveitou alguns momentos, antes da postagem , para escrever à Sra. Tennyson. Ela sabia que teria um interesse especial, pois a mudança de nome para Aldworth surgiu do fato de alguns de seus familiares virem de um vilarejo com aquele nome, onde havia uma curiosa igreja antiga e contendo tumbas de seus ancestrais | 116) Apesar de sinônimos, achei que “pertinente” se adequava melhor aos sentido do texto. 117) Optei pela omissão de “antes da postagem”, por achar que não faria diferença no sentido geral da frase. 118) Optei por “singular”, por acreditar que o sentido que a autora quis dar ao usar a palavra “curious” era mais de “distinta, única” do que de “surpreendente” ou “excepcional”. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|--|
| | antepassados de Sellwood (das <i>Memórias</i> de Tennyson). | Sellwood. (Das memórias de Tennyson.) | |
| When by the summer of the following year (1869) they were settled in the “very charming” new house, neighborly calls were made. Often, at the top of Blackdown, Tennyson would take his friends, sit on the heather and enjoy the sunset. Thus, on the site Mrs. Gilchrist, as Lady Tennyson said in her <i>Journal</i> , took such “endless trouble” to help obtain for them, the poet-laureate and his wife lived restful years, and there they both died. | Várias visitas foram realizadas quando, no verão do ano seguinte (1869), eles se instalam na “charmosa” nova casa (119). Tennyson, frequentemente, levava seus amigos ao topo da colina Blackdown ²³¹ , sentando-se na urze para apreciar o pôr-do-sol. Assim, no local (120) , o qual a Sra. Gilchrist, como Lady Tennyson escreve em seu diário, fora “ incansável ” (121) em ajudá-los a obter, o poeta laureado e sua esposa viveram anos de tranquilidade, e lá ambos morreram. | Quando, no verão do ano seguinte (1869), eles se instalaram na “charmosa casa nova”, foram feitas visitas aos vizinhos. Frequentemente, no topo de Blackdown, Tennyson levava seus amigos, sentava na urze e aproveitava o pôr do sol. Assim, no site a sra. Gilchrist, como Lady Tennyson disse em seu Diário, teve tantos “ problemas intermináveis ” para ajudar a obter para eles, o poeta-laureado e sua esposa viveram anos de descanso, e lá ambos morreram. | 119) Optei por uma transposição, rearranjando a frase de maneira diferente ao original, no intuito de deixá-la mais fluída na LC. 120) Aqui o TA faz um empréstimo da palavra “site”, provavelmente devido ao fato de que, nos dias de hoje, essa palavra é bastante conhecida e usada também na língua portuguesa. No texto em questão, no entanto, a autora está se referindo a um “local”. 121) Aqui optei por fazer uma adaptação do termo “endless trouble” para manter o sentido dado pela autora no original. |

²³¹ Blackdown é a colina mais alta de Sussex, no sudeste da Inglaterra.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|---|
| <p>It was while living in this neighborhood, in “dear little Brookbank,” that the poems of Walt Whitman came into Anne’s life, the reading of</p> <p>Página 18</p> <p>which was, as she said, “truly a new birth to her soul.” “What more can you ask of the words of a man’s mouth,” she wrote Rossetti, “than that they should absorb into you as food and air, to appear again in your strength, gait, face – that they should be fibre and filter to your blood, joy and gladness to your whole nature?”</p> | <p>Foi enquanto viva nesta localidade (122), na “pequena e preciosa Brookbank”, que os poemas de Walt Whitman entraram na vida de Anne, a leitura à qual</p> <p>Página 18</p> <p>ela se refere como “verdadeiramente um novo nascimento para a sua alma”. “O que mais se pode pedir das palavras da boca de um homem”, ela escreve a Rossetti, “do que serem absorvidas em você como alimento e ar, para depois ressurgirem em sua força, no seu caminhar, no seu rosto (123) – que sejam fibra e filtro para o seu sangue, alegria e satisfação (124) para toda sua essência?”.</p> | <p>Foi quando vivia neste bairro, no “querido pequeno Brookbank”, que os poemas de Walt Whitman entraram na vida de Anne, cuja leitura foi,</p> <p>Página 18</p> <p>como ela disse, “verdadeiramente um novo nascimento para sua alma”. “O que mais se pode pedir das palavras da boca de um homem”, escreveu ela a Rossetti, “do que absorvê-las como alimento e ar, para reaparecer em sua força, andar, rosto – que deveriam ser fibra e filtro para o seu sangue, alegria e alegria a toda a sua natureza?”</p> | <p>122) Optei pelo uso da palavra “localidade” por achar que o conceito de “bairro” não se encaixa no sentido do texto.</p> <p>123) Mais uma vez me valho da modalidade de transcrição, segundo Aubert (2006), para deixar o texto na LC mais claro.</p> <p>124) O TA errou em não diferenciar as duas palavras. Apesar de serem muito parecidas no seu significado, “joy” seria a “alegria” e “gladness” o “estado de sentir-se alegre”, por isso a minha escolha por usar “alegria e satisfação”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <p>She was persuaded that one great source of this “kindling, vitalizing power – <i>the</i> great source – was the grasp laid upon the present, the fearless and comprehensive dealing with reality.” This “athlete full of rich words, full of joy, takes you by the hand and turns your face straight-forwards.”</p> | <p>Ela estava convencida (125) de que uma grande fonte desse “poder estimulante e vitalizante – <i>a</i> grande fonte – era a compreensão do presente, o lidar destemido e compreensivo da realidade”. Este “atleta cheio de palavras ricas, cheio de alegria, a leva pela mão e a faz seguir em frente (126)”.</p> | <p>Ela foi persuadida de que uma grande fonte deste “poder estimulante e vitalizante – a grande fonte – era o domínio dado ao presente, o destemido e abrangente lidar com a realidade”. Este “atleta cheio de palavras ricas, cheio de alegria, leva você pela mão e vira seu rosto direto para a frente”.</p> | <p>125) Optei por usar “convencida” e não “persuadida”, como sugere o TA, por achar que a segunda traz uma carga mais negativa que a primeira, como se a pessoa fosse “persuadida” a fazer alguma coisa, o que não é o caso.</p> <p>126) A modulação foi usada aqui para dar o mesmo sentido transmitido na LP na LC.</p> |
| <p>She used to think it was great “to disregard happiness, to press on to a high goal careless, disdainful of it.” Now she fully saw there was nothing so great as “to be capable of happiness;” to pluck it out “each moment and whatever happens;” to find that one can ride “as gay and</p> | <p>Ela costumava pensar que era importante “desconsiderar a felicidade, persistir em um objetivo maior, despreocupada e insolente”. Agora ela percebia que não havia nada tão grandioso quanto “ser capaz de ser feliz”, ser capaz de extrair a felicidade (127) de “cada momento,</p> | <p>Ela costumava pensar que era ótimo “desconsiderar a felicidade, avançar para uma meta elevada sem cuidado, com desdém dela”. Agora ela percebeu que não havia nada tão grande quanto “ser capaz de ser feliz”; para arrancar “cada momento e aconteça o que acontecer;” descobrir que se pode</p> | <p>127) Optei por reescrever “felicidade” aqui para que ficasse claro do que se fala.</p> <p>128) A opção pela palavra “leve” se deu pelo fato de que “buoyant” significa tanto algo que flutua, como feliz, alegre. A palavra “leve” também carrega os dois sentidos: “leve” de fácil, de agradável, bem</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| <p>buoyant on the angry, menacing, tumultuous waves of life, as on those that glide and glitter under a clear sky;" that it is not "defeat and wretchedness which come out of the storm of adversity, but strength and calmness".</p> | <p>independentemente do que aconteça"; descobrir que se pode cavalgar "feliz e leve (128) as ondas furiosas, ameaçadoras e tumultuadas da vida, como naquelas que deslizam e brilham sob um céu claro"; que não é "derrota e miséria que resultam da tempestade da adversidade, mas sim força e tranquilidade".</p> | <p>cavalgar "tão alegre e alegre nas ondas furiosas, ameaçadoras e tumultuadas da vida, como nas que deslizam e brilham sob um céu claro"; que não é "derrota e miséria que saem da tempestade da adversidade, mas força e calma".</p> | <p>como de algo delicado, que pode flutuar.</p> |
| <p>As to the words he uses, she felt it was not mere delight they gave; <i>that</i> the sweet singers could give too in their degree; but they gave such life and health as enabled us "to pluck delights for ourselves out of</p> | <p>Quanto às palavras que ele usa, ela sentia que não era mero deleite que proporcionavam; porque <i>isto</i> os cantores doces também poderiam dar; mas elas davam tamanha vida e saúde que nos permitiam "sentir prazer (129) em cada hora do dia,</p> | <p>Quanto às palavras que ele usa, ela sentiu que não eram um mero deleite que proporcionavam; que os doces cantores também podiam ceder em seus graus; mas deram vida e a saúde que nos permitiram "colher delícias para nós mesmos</p> | <p>129) Minha opção por usar aqui uma modulação foi para deixar o texto mais claro na LC. 130) Optei pela omissão de "crust", porque a palavra em inglês pode ter vários significados, aqui pode se referir à casca do pão, à massa da</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|---|
| <p>every hour of the day, and taste the sunshine that ripened the corn in the crust we eat.” She often Página 19 seemed to herself to do that.</p> | <p>sentir o sabor do sol que amadureceu o milho (130) que comemos”. Ela muitas vezes Página 19 se percebia fazendo isso.</p> | <p>em cada hora do dia e saborear o sol que amadureceu o milho na casca que comemos”. Muitas vezes Página 19 ela parecia fazer isso.</p> | <p>torta, etc. Se a palavra fosse deixada na LC, teria que seguir uma explicação, deixando a frase demasiada longa.</p> |
| <p>She found a wonderful, inspiring comfort in the magnificent faith in, and love for, “sane and sacred death,” who, in the language of this poet, came not as a terror, but as the “holiest minister of heaven.”</p> | <p>Ela encontra um conforto maravilhoso e inspirador na magnífica fé e no amor pela “sã e sagrada morte”, que, na linguagem deste poeta, vinha não como um terror, mas como o “representante mais sagrado do céu”.</p> | <p>Ela encontrou um conforto maravilhoso e inspirador na fé magnífica e no amor pela “morte sã e sagrada”, que, na linguagem deste poeta, veio não como um terror, mas como o “ministro mais sagrado do céu”.</p> | |
| <p>“Rich, florid, loosener of the stricture-knot called life, Sweet, peaceful, welcome Death.” – (<i>Death’s Valley</i>.)</p> | <p>“Rica, florida, aquela que afrouxa (131) o nó restritivo chamado vida, Doce, pacífica, bem-vinda Morte.” (<i>Death’s Valley</i>).</p> | <p>“Rico, florido, afrouxador do nó restritivo chamado vida, Doce, pacífica, bem-vinda Morte.” (<i>Vale da Morte</i>.)</p> | <p>131) Optei por colocar “aquela que afrouxa” por não achar uma solução melhor na LC.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>“Come lovely and soothing death. Undulate round the world, serenely arriving, arriving, In the day, in the night, to all, to each. Sooner or later, delicate death. Praised be the fathomless universe, For life and joy, and for objects and knowledge curious, And for love, sweet love – but praise! praise! praise! For the sure-enwinding arms of cool-enfolding death!” <i>-(Memories of Lincoln)</i></p> | <p>“Venha adorável e reconfortante (132) morte. Circule o mundo, chegando serenamente, chegando, De dia, à noite, a todos, a cada um. Mais cedo ou mais tarde, delicada morte. Louvado seja o universo insondável, Curioso pela vida e alegria, pelos objetos e conhecimentos, E pelo amor, doce amor – mas louve! Louve (133) ! louve! Pelos braços seguros da morte fria e envolvente!” <i>(Memories of Lincoln)</i></p> | <p>“Venha, adorável e suave morte. Ondule ao redor do mundo, chegando serenamente, chegando, De dia, de noite, para todos, para cada um. Cedo ou tarde, morte delicada. Louvado seja o universo insondável, Pela vida e alegria, e pelos objetos e conhecimentos curiosos, E por amor, doce amor - mas louvor! elogio! elogio! Pelos braços seguros da morte, envolvente e fria!” - (Memórias de Lincoln)</p> | <p>132) O sentido de “soothing” aqui é o de ser algo que acalma, que reconforta, e não “suave” como sugere o TA. 133) Aqui o TA traduziu “praise” por “elogio”, apesar de ter traduzido, anteriormente, por “louve”. Diferentemente de outras ocasiões, em que houve a opção por repetir a palavra, mesmo que a palavra na LP não fosse exatamente a mesma.</p> |
| <p>“At the last, tenderly, From the walls of the powerful</p> | <p>Por fim, ternamente, Das paredes da poderosa casa</p> | <p>“Por fim, ternamente, Das paredes da poderosa casa</p> | <p>134) A opção por “lacrado” foi para dar a ideia de algo bem fechado, mas</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>fortressed house, From the clasp of the knitted locks, from the keep of the well- closed doors, Let me be wafted.</p> <p>“Let me glide noiselessly forth; With the key of softness unlock the locks – with a whisper, Set open the doors O soul.</p> <p>“Tenderly – but not impatient, (Strong is your hold, O mortal flesh, Strong is your hold, O love.)” <i>-(The Last Invocation.)</i></p> | <p>fortificada, Da tranca das fechaduras lacradas (134), da proteção das portas bem fechadas, Deixa-me ser carregado.</p> <p>“Deixe-me deslizar silenciosa- mente adiante; Com a chave da suavidade destran- que as fechaduras – com um sus- surro, Abra as portas, ó alma.</p> <p>“Ternamente – mas não impacien- temente, (Forte é o teu poder, ó carne mortal, Forte é o teu poder, ó amor.)” <i>(The Last Invocation)</i></p> | <p>fortificada, Do fecho das fechaduras de malha, da guarda das portas bem fechadas, Deixe-me flutuar.</p> <p>“Deixe-me deslizar silenciosa- mente; Com a chave da suavidade, destran- que as fechaduras – com um sus- surro, Abra as portas, ó alma.</p> <p>“Com ternura – mas não impacien- te, (Forte é o seu domínio, ó carne mortal, Forte é o seu domínio, ó amor.)” - (A última invocação.)</p> | <p>que não ficasse repetitivo, já que as palavras “fechaduras” e “fechada” já existiam na frase.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|-------------|
| <p>Then she exulted in a poet who, while thus welcoming death, could produce “evangel-poems of comrades and of love,” by which a “new and superb friendship” was made possible here. She felt with him the “Amplitude of Time,” while “all, all was for immortality.” She rejoiced in the modern man of which he sang –</p> <p>Página 20</p> | <p>Ela exultava, então, um poeta que, enquanto acolhia a morte, podia produzir “poemas caridosos de companheirismo e de amor”, tornando possível uma “nova e soberba amizade”. Ela sentia com ele a “Amplitude do Tempo”, enquanto “tudo, tudo era para a imortalidade”. Ela se deleitava com o homem moderno sobre o qual ele cantava:</p> <p>Página 20</p> | <p>Depois, exultou num poeta que, acolhendo assim a morte, pôde produzir “poemas evangélicos de camaradas e de amor”, pelos quais se tornou possível uma “nova e soberba amizade” aqui. Ela sentia com ele a “Amplitude do Tempo”, enquanto “tudo, tudo era pela imortalidade.” Ela se alegrou com o homem moderno que ele cantou –</p> <p>Página 20</p> | |
| <p>“Of life immense in passion, pulse and power, Cheerful, for freest action formed under the laws divine. The Modern Man I sing.”</p> | <p>“Da vida vasta em paixão, pulsação e poder, Alegre, pela ação mais livre formada sob as leis divinas. O Homem Moderno eu canto”.</p> | <p>“Da vida imensa em paixão, pulso e poder, Alegre, para a ação mais livre formada sob as leis divinas. O Homem Moderno que canto.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| <p>For the first time she truly realized the meaning of Democracy – of individuality. As never before, she realized the glory of being a woman, of being a mother.</p> | <p>Pela primeira vez, ela realmente percebe o significado da Democracia – da individualidade. Como nunca antes, ela percebe a glória de ser mulher, de ser mãe.</p> | <p>Pela primeira vez, ela realmente percebeu o significado da democracia - da individualidade. Como nunca antes, ela percebeu a glória de ser mulher, de ser mãe.</p> | |
| <p>“I am the poet of the woman the same as of the man. And I say it is as great to be a woman as to be a man. And I say there is nothing greater than the mother of men.” <i>-(Song of Myself.)</i></p> | <p>“Sou o poeta da mulher assim como do homem. E eu digo que é tão sublime (135) ser mulher quanto ser homem. E eu digo que não há nada mais sublime do que a mãe dos homens”. <i>(Song of Myself.)</i></p> | <p>“Eu sou o poeta da mulher, tanto quanto do homem. E eu digo que é tão bom ser mulher quanto ser homem. E eu digo que não há nada maior do que a mãe dos homens.” - (Canção de mim mesmo.)</p> | <p>135) Optei pela palavra “sublime” para que na frase seguinte eu pudesse novamente usá-la sem prejudicar o sentido e mantendo a repetição (great, greater than) usada pela autora.</p> |
| <p>Even for the prostitute she found him divinely tender and sympathetic, as in <i>The City Dead House</i>.</p> | <p>Até mesmo em relação à prostituta, ela acha-o divinamente sensível e compassivo, como em <i>The City Dead House</i>.</p> | <p>Até pela prostituta, ela o achava divinamente terno e compassivo, como em <i>The City Dead House</i>.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|---|
| <p>I doubt if that poem will ever be more appreciated by any human being than by this woman who could write that inspired letter to Dante Gabriel Rossetti, on “Jenny,” when his first volume of poems appeared in 1870 – a poem which moved her to anguish, coming upon her “after she had been gazing into the very sanctuary of love where woman sat divinely enthroned.”</p> | <p>Duvido que esse poema venha a ser mais apreciado por qualquer ser humano do que pela (136) mulher que escreveu aquela carta inspirada a Dante Gabriel Rossetti, sobre “Jenny”, quando seu primeiro volume de poemas apareceu em 1870 – um poema que a angustiou (137), chegando às suas mãos (138) “depois de ter contemplado o santuário do amor, onde a mulher sentou divinamente enaltecida”.</p> | <p>Duvido que esse poema venha a ser mais apreciado por qualquer ser humano do que por esta mulher que poderia escrever aquela carta inspirada a Dante Gabriel Rossetti, sobre “Jenny”, quando seu primeiro volume de poemas apareceu em 1870 - um poema que a emocionou angústia, vindo sobre ela “depois de ela estar contemplando o próprio santuário do amor onde a mulher estava divinamente entronizada”.</p> | <p>136) Optei pelo uso de “pela” por achar que se encaixa melhor no sentido do texto.</p> <p>137) A opção por “a angustiou” ao invés de “a emocionou” foi para que ficasse bem claro que o sentimento não era bom, era de angústia, de aflição.</p> <p>138) Aqui a tradução do TA não expressou o sentido do texto na LP.</p> |
| <p>“You touch Jenny gently – tenderly even,” she wrote, “and I feel grateful to you for that; yet I</p> | <p>“Você toca Jenny gentilmente (139) – com ternura, até”, ela escreve, “e me sinto grata a você por isso; no entanto,</p> | <p>“Você toca Jenny suavemente – com ternura até”, escreveu ela, “e me sinto grata por isso; no entanto</p> | <p>139) Optei pelo uso de “gentilmente”, por achar que exprime melhor o sentido dado na LP.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>Página 21 think even you are hard on her; ‘fond of guineas,’ yes, for want is bitter, and it always dogs her steps, or, at any rate, lurks just round the corner. But ‘fond of kisses,’ no. I do not believe there is ever more any sweetness in a kiss for her, only, with whatever semblance it may be given or taken – an inward loathing.”</p> | <p>Página 21 acho que até mesmo você é duro com ela; ‘gosta de guinéus (140)’, sim, porque a falta é amarga, e sempre segue seus passos, ou está à espreita na esquina. Mas ‘gosta de beijos’, não. Eu acredito que para ela não haja mais doçura em um beijo, apenas, em qualquer forma, seja dado ou roubado, uma repulsa interior”.</p> | <p>Página 21 acho que até você é duro com ela; ‘Gosta de guinéus’, sim, porque a falta é amarga e sempre persegue seus passos ou, de qualquer forma, espreita logo depois da esquina. Mas ‘gosta de beijos’, não. Eu não acredito que haja cada vez mais qualquer doçura em um beijo para ela, apenas, com qualquer aparência que possa ser dado ou recebido - uma aversão interior.”</p> | <p>140) “Guinea” (Guinéu) era a moeda de ouro britânica em uso de 1663 a 1813. Optei por deixar o nome da moeda por achar que é bastante simbólico, visto que a moeda foi cunhada com o intuito de servir ao tráfico de escravos.</p> |
| <p>Then with what impassioned eloquence (who can forget it?) she goes on to picture the heart, and circumstances leading to evil, of such a woman; from the first blind folly to the</p> | <p>Então, com uma eloquência (141) apaixonada (quem pode esquecer-la?), passa a imaginar o coração e as circunstâncias que levam tal mulher ao mal; desde a primeira loucura cega até a seguinte, sem</p> | <p>Então, com que eloquência apaixonada (quem pode esquecer-la?) Ela passa a retratar o coração e as circunstâncias que levam ao mal de tal mulher; desde a primeira loucura cega até a posterior, sem</p> | <p>141) Aqui o <i>Google</i> não identificou a mudança na ortografia da Língua Portuguesa.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| <p>afterwards, with no human hand to help her up, perhaps pushed down from above by sisters, grasped from below by ever more and more brutalized men, her poor body dragged and dragged through the mire, even then, she says, “I do not believe its vileness stains through to her very inmost self.</p> | <p>uma mão humana para ajudá-la a levantar-se, talvez até empurrada para baixo por irmãs ou agarrada por homens cada vez mais brutalizados, seu pobre corpo arrastado e arrastado pela lama, e mesmo assim, ela diz: “Não acredito que sua vilania manche até a sua essência mais íntima.</p> | <p>nenhuma mão humana para ajudá-la a se levantar, talvez empurrada e cima por irmãs, agarrada por homens cada vez mais brutalizados, seu pobre corpo arrastado e arrastado pela lama, mesmo então, ela diz: “Eu não acredito que sua vileza manche seu íntimo.</p> | |
| <p>If I did, the pain would be more than I could bear; these tears would burn my cheeks like flame; I should hate my womanhood – crave annihilation for the race. No! God has not cursed men with the hideous power to wreck her</p> | <p>Se eu acreditasse nisso (142), a dor seria maior do que eu poderia suportar; essas lágrimas queimariam minhas bochechas como fogo; eu odiaria a minha feminilidade, ansiando pela aniquilação da raça. Não! Deus não amaldiçoou os homens com o hediondo poder de destruir a sua.</p> | <p>Se o fizesse, a dor seria maior do que eu poderia suportar; essas lágrimas queimariam minhas bochechas como chamas; Eu deveria odiar minha feminilidade – ansiar pela aniquilação pela raça. Não! Deus não amaldiçoou os homens com o terrível poder de</p> | <p>142) Aqui, “If I did” refere-se à frase anterior, mas o TA não identificou isso.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| soul as they can wreck her body. | alma como eles fazem com seu corpo | destruir sua alma como eles podem destruir seu corpo. | |
| Poor soul! It was but half awake and alert to begin with – all its finest instincts yet undeveloped, else it would not have let her stand for a moment within the atmosphere of danger, but would have shed round her a subtle atmosphere banishing, dispelling danger! | Pobre alma! Estava apenas meio desperta e alerta para começar – os seus instintos ainda não totalmente refinados, senão não a teria deixado ficar, por um momento, nessa atmosfera de perigo, mas teria derramado sobre ela uma atmosfera sutil, banindo e dissipando o perigo! | Pobre alma! Para começar, ele estava apenas meio acordado e alerta – todos os seus melhores instintos ainda não desenvolvidos, do contrário não a teria deixaria permanecer por um momento dentro da atmosfera de perigo, mas teria espalhado em torno dela uma atmosfera sutil que bane, dissipando o perigo! | |
| Now, crouched away back, with face averted from the mad riot of a body that Página 22 carries, but is scarce owned by it, numb with misery, and the utter privation of all healthful | Agora, agachada, com o rosto desviado do tumulto louco de um corpo que Página 22 carrega, mas com o qual mal se conecta (143), entorpecida pela miséria e a privação total de | Agora, agachado para trás, com o rosto desviado do tumulto louco de um corpo que Página 22 carrega, mas raramente é possuído por ele , entorpecido com a miséria e a absoluta privação de | 143) O original fala em “owned”, que foi traduzido pelo TA como “possuído”. Optei por uma modulação, para que o texto na LC fique mais claro, mas, ao mesmo tempo, não perca o sentido que a autora do original quis dar. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|--|
| <p>activity and sympathy, conscious of itself only through sullen despair, it waits and waits till there comes at last the mighty rescuing friend Death – mysterious New Birth.</p> | <p>qualquer atividade saudável ou de simpatia, consciente de si mesma (144) apenas através do desespero soturno, ela espera e espera até chegar, finalmente, à poderosa amiga e salvadora Morte – um misterioso Novo Nascimento.</p> | <p>toda atividade saudável e simpatia, consciente de si mesmo apenas através do desespero taciturno, espera e espera até que finalmente chegue o poderoso amigo salvador Morte – misterioso Novo Nascimento.</p> | <p>144) O TA não reconhece o gênero, usando o masculino para todo esse trecho, mesmo que se tratando da “alma”.</p> |
| <p>Then it finds itself once more animating a stainless body, standing not indeed among the happy sisters, but free to climb towards them, carrying no defilements with it.” No “Echo from the Past,” she was grateful to say, told her this was so, but something more “deeply convincing, more illuminating than reason or the evidence of the senses.”</p> | <p>Então, ela (145) está mais uma vez animando um corpo imaculado, não estando de fato entre as irmãs felizes, mas livre para subir até elas, levando consigo nenhuma impureza”. Nenhum “Eco do Passado” (146) – alegrava-se (147) em dizer – contou-lhe isso, mas algo mais “profundamente convincente, mais esclarecedor do que a razão ou a evidência dos sentidos”.</p> | <p>Então ele se encontra mais uma vez animando um corpo imaculado, não estando de fato entre as irmãs felizes, mas livre para subir em direção a elas, sem carregar nenhuma contaminação com ele.” Nenhum “Echo from the Past”, ela ficou grata em dizer, disse que isso era verdade, mas algo mais “profundamente convincente, mais esclarecedor do</p> | <p>145) “It” refere-se a alma, por isso a minha opção por usar “ela”. 146) Optei, assim como o TA, em deixar “echoes from the past” na LC e com letra maiúscula, assim como está na LP. Não encontrei, no entanto, nenhum poema que Anne pudesse estar usando como referência que justificasse as letras maiúsculas.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| | | que a razão ou a evidência dos sentidos”. | 147) Usei “alegrava-se” em vez de “ficou grata” por achar que soa melhor na LC. |
| With this glimpse into the noble Christian soul of Anne Gilchrist, it becomes interesting to see how the certain poems to which Rossetti referred were received by her. | Com este vislumbre à nobre alma cristã de Anne Gilchrist, torna-se interessante ver como certos poemas, entregues por (148) Rossetti, foram recebidos por ela. | Com esse vislumbre da nobre alma cristã de Anne Gilchrist, torna-se interessante ver como os certos poemas aos quais Rossetti se referia foram recebidos por ela. | 148) De acordo com lexico.com, “referred” pode ser: “hand over, transfer”, portanto, optei por “entregues por”, pois os referidos poemas foram emprestados a ela por Rossetti. |
| “Who so well able to bear it,” she asks, “as she who, having been a happy wife and mother, has learned to accept all things with tenderness, to feel a sacredness in all?” | “Quem pode tão bem suportar”, ela pergunta, “como aquela que, tendo sido feliz esposa e mãe, aprendeu a aceitar todas as coisas com ternura, a sentir o sagrado em tudo?” | “Quem é tão capaz de suportar”, pergunta ela, “como aquela que, tendo sido uma esposa e mãe feliz, aprendeu a aceitar todas as coisas com ternura, a sentir o sagrado em tudo?” | |
| Her only doubt was expressed in the thought that perhaps Whitman had forgotten, or through some theory in his head | Sua única dúvida foi de que, talvez, Whitman tenha esquecido, ou, por causa de alguma teoria em sua cabeça, ignorado a verdade que | Sua única dúvida foi expressa no pensamento de que talvez Whitman tivesse esquecido, ou por meio de alguma teoria em sua | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|--|
| <p>had overridden, the truth that “our instincts are beautiful facts of nature as well as our bodies,” and that we have a “strong instinct of silence about some things.”</p> | <p>“nossos instintos são belos fatos da natureza, assim como nossos corpos”, e que temos um “forte instinto de silêncio sobre algumas coisas”.</p> | <p>cabeça, tivesse ignorado a verdade de que “nossos instintos são belos fatos da natureza, assim como nossos corpos” e que temos um “instinto forte de silêncio sobre algumas coisas.”</p> | |
| <p>When, however, she had read the “beautiful, despised” poems of <i>Children of Adam</i> by the “light that glows out of the rest of the volume, by Página 23 the light of a clear, strong faith in God, of an unfathomably deep and tender love for humanity, light shed out of a soul that is possessed of itself,” she wrote Rossetti he argued rightly that her confidence</p> | <p>Quando, porém, ela lê os “belos e menosprezados” poemas em <i>Children of Adam</i> pela “luz que brilha no resto do volume, pela Página 23 luz de uma fé clara e forte em Deus, de um amor incomensuravelmente profundo e terno pela humanidade, luz que emana de uma alma possuída de si mesma”, ela escreve a Rossetti que ele tinha razão quando disse que sua confiança não seria traída por</p> | <p>Quando, no entanto, ela leu os poemas “lindos e desprezados” dos Filhos de Adão pela “luz que brilha no resto do volume, por uma Página 23 luz de uma fé clara e forte em Deus, de um amor incomensuravelmente profundo e terno pela humanidade, luz irradiada de uma alma que possui a si mesma”, escreveu ela a Rossetti, ele argumentou, acertadamente que sua confiança</p> | <p>149) O erro do TA aqui foi bastante incomum. Achei que poderia até ter acontecido alguma falha ao transcrever o texto original, mas não foi o caso.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| would not be betrayed by any of the poems in the book. | nenhum dos (149) poemas no livro. | não seria traída por nenhum dos os poemas do livro. | |
| None of them, she said, troubled her even for a moment; because she saw at a glance that it was not, as men had supposed, the “heights brought down to the depths, but the depths lifted up level with the sunlit heights, that they might become clear and sunlit too.” | Nenhum deles, ela disse, a perturbou nem por um momento; porque ela logo viu que não eram, como os homens supunham, as “alturas sendo levadas às profundezas, mas as profundezas sendo elevadas ao nível das iluminadas alturas, para que elas também se tornassem claras e iluminadas pelo sol”. | Nenhum deles, disse ela, a incomodou nem por um momento; porque ela viu de relance que não era, como os homens supunham, as “alturas trazidas para as profundezas, mas as profundezas se elevaram ao nível das alturas iluminadas pelo sol, para que também pudessem se tornar claras e iluminadas pelo sol”. | |
| In this poet, she saw always for woman, “a veil woven out of her own soul – never touched upon even with a rough hand;” and for man a “daring, fearless pride in himself, not a mock-modesty woven out of | Neste poeta, ela sempre viu, com relação à mulher, “um véu tecido a partir de sua própria alma – nunca tocado por uma mão grosseira (150) ”; e com relação ao homem, um “orgulho ousado e destemido de si mesmo, não uma modéstia | Nesse poeta, ela viu sempre para a mulher, “um véu tecido de sua própria alma – nunca tocado nem com uma mão áspera ”; e para o homem um “orgulho ousado e destemido de si mesmo, não uma falsa modéstia tecida de ilusões”. | 150) Optei por “grosseira” por dar o duplo sentido de “áspera” e “bruta”. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| delusions.” “Do they not see,” she continues, “that this fearless pride, this complete acceptance of themselves, is needful for her pride, her justification? What! is it all so ignoble, so base, that it will not bear the honest light of speech from lips so gifted with the divine power to use words?” | falsa tecida a partir de ilusões”. “Eles não veem”, ela continua, “que esse orgulho destemido, essa completa aceitação de si mesmas, é necessária para o seu orgulho, à sua justificativa? O que! Será tudo tão ignóbil, tão básico, que não suportará a luz honesta do discurso de lábios dotados do poder divino das palavras?” | “Eles não vêem ²³² ”, continua ela, “que esse orgulho destemido, essa completa aceitação de si mesmos é necessário para seu orgulho, sua justificativa? O que! é tudo tão ignóbil, tão básico, que não levará a luz honesta da fala dos lábios tão dotados do poder divino de usar palavras?” | |
| Then what hateful, bitter humiliation for her to have to give herself up to the reality. It must surely be man’s fault, not God’s that she has to say to herself, Motherhood is beautiful, Fatherhood is beautiful; but the dawn of | Então, que humilhação odiosa e amarga é, para ela, ter que se entregar à realidade. Certamente é culpa do homem, não de Deus, que ela precise dizer a si mesma: a maternidade é bela, a paternidade é bela; mas o alvorecer da | Então, que humilhação odiosa e amarga para ela ter que se entregar à realidade. Certamente deve ser culpa do homem, não de Deus, que ela tenha que dizer a si mesma: A maternidade é bela, a paternidade é bela; mas o amanhecer da | 151) Optei por manter a palavra “bela”, para manter o mesmo padrão do texto original, que usa a mesma palavra “beautiful” as três vezes. |

²³² O TA não identificou a modificação na pontuação do atual acordo ortográfico (2009).

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|--|
| fatherhood and motherhood is not beautiful. | paternidade e da maternidade não é belo (151). | paternidade e da maternidade não é lindo . | |
| It is true that the instinct of silence I spoke of is a beautiful, imperishable part of nature Página 24 too. But it is not beautiful when it means an ignominious shame brooding darkly. | É verdade que o instinto de silêncio, do qual falei, é também uma parte bela e imperecível da natureza. Página 24 Mas não é bonito quando significa uma vergonha indigna (152) e sombria. | É verdade que o instinto de silêncio de que falei também é uma parte bela e imperecível da natureza. Página 24 Mas não é lindo quando significa uma vergonha vergonhosa pairando sombriamente. | 152) Optei pelo uso da palavra “indigna”, por achar que ela torna a leitura mais fácil do que “ignominiosa”, e não repetida como a opção do TA: “vergonha vergonhosa”. |
| It was needed that this silence, this evil spell, should for once be broken, and the daylight let in, that the dark cloud lying under might be scattered to the winds. It was needed that the one who could here indicate for us 'the path between reality and the soul' should speak. | Era necessário que este silêncio, este feitiço maligno, fosse quebrado de uma vez por todas e que fosse permitida à luz do dia entrar, para que a nuvem escura que a esconde (153) possa ser espalhada aos ventos. É necessário que, aquele que pode nos indicar ‘o | Era necessário que esse silêncio, esse feitiço maligno, fosse quebrado pela primeira vez, e a luz do dia entrasse, para que a nuvem negra abaixo pudesse ser espalhada aos ventos. Era preciso que aquele que aqui pudesse nos indicar ‘o caminho entre a realidade e a alma’ falasse. | 153) Optei por traduzir o “lying under” por “que a esconde”, uma vez que o sentido fica mais claro na LC. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| | caminho entre a realidade e a alma', fale. | | |
| <p>Now silence may brood again; but lovingly, happily as protecting what is beautiful, not as hiding what is unbeautiful; consciously enfolding a sweet and sacred mystery – august even as the mystery of Death, the dawn as the setting; kindred grandeurs which to eyes that are opened shed a hallowing beauty on all that surrounds and preludes them.</p> | <p>Agora o silêncio pode, novamente, surgir; mas de uma forma amorosa e feliz, como a proteger o que é belo, não a esconder o que é feio; conscientemente envolvendo um mistério doce e sagrado – majestoso como o mistério da Morte, tendo o amanhecer como cenário; grandezas semelhantes que, aos olhos que estão abertos, derramam uma beleza sagrada em tudo o que os rodeia e os prenuncia.</p> | <p>Agora o silêncio pode pairar novamente; mas com amor e felicidade, protegendo o que é belo, não escondendo o que não é belo; conscientemente um doce e sagrado mistério – augusto como o mistério da Morte, o amanhecer como o cenário; grandezas afins, que aos olhos abertos derramam uma beleza sagrada em tudo que os rodeia e os preludia.</p> | |
| <p>He who can look with fearlessness at the beauty of Death –</p> | <p>Aquele que pode olhar com destemor (154) para a beleza da morte –</p> | <p>Aquele que pode olhar sem medo para a beleza da Morte - “Ó vasta e velada Morte!</p> | <p>154) Optei por “com destemor” por achar que traduz melhor “with fearlessness”. Se, no original, a opção da autora tivesse sido</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|--|
| <p>“O vast and well-veiled Death! O the beautiful touch of Death, soothing and benumbing, -may well dare to teach us to look with fearless, untroubled eyes at the perfect beauty of Love in all its appointed realities.</p> | <p>“Ó vasta e bem velada Morte! Ó belo toque da Morte, calmante e entorpecente’, – pode muito bem ousar ensinar- nos a olhar com olhos intrépidos e serenos para a perfeita beleza do Amor em todas as suas realidades.</p> | <p>Ó, o belo toque da Morte, calmante e entorpecente, – pode muito bem ousar nos ensinar a olhar com olhos destemidos e imperturbáveis para a beleza perfeita do Amor em todas as suas realidades designadas.</p> | <p>“without fear”, certamente a minha escolha teria sido por “sem medo”.</p> |
| <p>Now none need turn away their thoughts with pain or shame; though only lovers and poets may say what they will – the lover to his own, the poet to all, because all are in a sense his own.”</p> | <p>Agora, ninguém precisa desviar seus pensamentos com dor ou vergonha, embora só os amantes e poetas possam dizer o que querem – o amante para o seu, o poeta para todos, porque todos são, de certa forma, seus”.</p> | <p>Agora ninguém precisa afastar seus pensamentos com dor ou vergonha; embora apenas amantes e poetas possam dizer o que quiserem – o amante para os seus, o poeta para todos, porque todos são em certo sentido seus”.</p> | |
| <p>But where shall we stop in this splendid rush of thoughts of this high-minded, pure-hearted</p> | <p>Mas onde pararemos nesta esplên- dida onda de pensamentos dessa mulher de mente elevada e</p> | <p>Mas onde devemos parar nesta esplêndida onda de pensamentos dessa mulher de mente elevada e</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|-------------|
| <p>woman? For only such could so express herself in this day,</p> <p>Página 25</p> <p>when so much of thought and feeling is tinged with the false and shallow teaching of ages.</p> | <p>coração puro? Pois só ela poderia expressar-se, neste dia,</p> <p>Página 25</p> <p>quando tantos pensamentos e sentimentos estão manchados com o falso e superficial ensinamento de eras.</p> | <p>coração puro? Pois apenas tal poderia se expressar hoje,</p> <p>Página 25</p> <p>quando tanto de pensamento e sentimento está tingido com o ensino falso e superficial das idades.</p> | |
| <p>May I be allowed right here to tell of one of those finest compliments ever paid a woman? It was during a conversation with Walt Whitman in his Camden home on this very subject – the advisability of giving to the public eye things meant for the silences.</p> | <p>Posso agora contar de um dos melhores elogios já feitos a uma mulher? Foi durante uma conversa com Walt Whitman, na sua casa em Camden, sobre este mesmo assunto – a conveniência de dar aos olhos do público coisas destinadas aos silêncios.</p> | <p>Posso contar aqui mesmo sobre um dos melhores elogios já feitos a uma mulher? Foi durante uma conversa com Walt Whitman em sua casa em Camden sobre este mesmo assunto – a conveniência de dar aos olhos do público coisas destinadas aos silêncios.</p> | |
| <p>After a somewhat lengthy expression of my opinion, when</p> | <p>Depois de expressar, por algum tempo, a minha opinião, quando o</p> | <p>Depois de uma expressão um tanto longa de minha opinião, quando o</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| <p>the matter was considered one of taste rather than of morals, he looked at me earnestly as he extended his hand, and said in that wondrously sweet voice of his, “I want to thank you, as a woman; for the <i>capacity</i> of understanding me;” then, after a moment’s pause, he added somewhat meditatively, “Perhaps only the combination of the pure heart and the broad mind makes this possible.”</p> | <p>assunto era considerado mais de gosto do que de moral, ele me olhou com sinceridade, ao estender a mão, e disse, naquela sua voz maravilhosamente doce: “Quero agradecer-lhe, como mulher, pela capacidade de me compreender”; então, depois de um momento de pausa, acrescentou um tanto meditativamente: “Talvez só a combinação do coração puro e da mente aberta torne isso possível”.</p> | <p>assunto foi considerado mais de gosto do que de moral, ele olhou para mim seriamente enquanto estendia a mão e disse com aquela sua voz maravilhosamente doce: “Quero agradecer-lhe, como uma mulher; pela capacidade de me compreender;” então, depois de um momento de pausa, ele acrescentou um tanto meditativo: “Talvez apenas a combinação do coração puro e da mente ampla torne isso possível”.</p> | |
| <p>How many times this thought has come to me, on seeing women’s minds “so stuck” to a few phrases in his work that they could not soar on the wings of his poetry and say –</p> | <p>Quantas vezes este pensamento me ocorreu, ao ver as mentes das mulheres “tão presas” a algumas frases em seu trabalho que não podiam voar nas asas de sua poesia e dizer:</p> | <p>Quantas vezes esse pensamento me ocorreu, ao ver as mentes das mulheres “tão presas” a algumas frases em sua obra que não podiam voar nas asas de sua poesia e dizer -</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| <p>“Over the mountain-growths, diseases and sorrow, An uncaught bird is ever hovering, hovering, High in the purer, happier air.</p> | <p>Sobre os relevos montanhosos (155), doenças e tristezas, Um pássaro livre (156) está sempre a pairar, a pairar, Alto no ar mais puro e feliz.</p> | <p>“Sobre os crecimentos das montanhas, doenças e tristeza, Um pássaro solto está sempre pairando, pairando, Alto no ar mais puro e feliz.</p> | <p>155) Aqui optei por “relevos montanhosos” por achar que é o mais próxima do sentido do texto original. 156) Optei por “livre” por remeter à palavra “liberdade” e Whitman era um defensor da democracia e da liberdade, tanto na vida quanto na sua obra.</p> |
| <p>“From imperfection’s murkiest cloud Darts always forth one ray of perfect light, One flash of heaven’s glory.</p> | <p>“Da nuvem mais sombria da imperfeição Um raio de luz perfeita é lançado, Um lampejo da glória do céu.</p> | <p>“Da nuvem mais sombria da imperfeição Sempre lança um raio de luz perfeita, Um flash da glória do céu.</p> | <p>157) Escolhi usar “ruído babelístico” porque, de acordo com o <i>Dicionário Informal</i>, “babelístico” significa: “algo feito para confundir, misturar ou tornar confuso”, o que se exprime o sentido do texto original.</p> |
| <p>“To fashions, customs, discord, To the mad Babel-din, the deafening orgies, Página 26 Soothing each lull a strain is heard, just heard, From some far shore the final chorus sounding.</p> | <p>“À moda, aos costumes, à discórdia, Ao louco ruído babelístico (157), às orgias ensurdecadoras, Página 26 Confortando cada calmaria, uma tensão é ouvida, apenas ouvida,</p> | <p>“À moda, costumes, discórdia, Para o louco Babel-din, as orgias ensurdecadoras, Página 26 Acalmando cada calmaria, uma tensão é ouvida, apenas ouvida De alguma margem distante, o refrão final soou.</p> | <p>significa: “algo feito para confundir, misturar ou tornar confuso”, o que se exprime o sentido do texto original. 158) Optei por usar “Ah” em vez de “Ó”, como usado em outros momentos em que aparecia “O” no</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| <p>“O the blest eyes, the happy hearts That see, that know the guiding thread so fine Along the mighty labyrinth”. <i>-(Song of the Universal.)</i></p> | <p>De uma costa distante, o coro final a soar. “Ah (158), os olhos abençoados, os corações felizes Que veem, que conhecem o fio condutor tão fino Ao longo do poderoso labirinto”. <i>(Song of the Universal)</i></p> | <p>“Ó os mais abençoados olhos, os corações felizes Que veja, que conheça o fio condutor tão fino Ao longo do poderoso labirinto ”. – (Canção do Universal.)</p> | <p>texto original, por uma questão de sonoridade.</p> |
| <p>Or “In this broad earth of ours, Amid the measureless grossness and the slang, Enclosed and safe within its central heart, Nestles the seed perfection”. <i>-(Song of the Universal.)</i></p> | <p>Ou “Nesta nossa vasta terra, Em meio da grosseria sem medida e impropérios, Guardada e segura dentro do seu coração central, “Se abriga a perfeição da semente”. <i>(Song of the Universal)</i></p> | <p>Ou “Nesta nossa vasta terra, Em meio à grosseria incomensurável e à gíria, Fechado e seguro em seu coração central, Aninha a perfeição das sementes”. - (Canção do Universal.)</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| <p>This all-embracing truth of the poet, including within its scope every created thing, and with deepest significance every part, faculty, attitude, healthful impulse, mind and body of a man (each and all facing towards and related to the Infinite on every side), was what impressed Anne Gilchrist.</p> | <p>Esta verdade abrangente do poeta, incluindo no seu escopo cada coisa criada e com profundo significado: cada parte, cada faculdade, cada atitude, cada impulso saudável, a mente e o corpo de um homem (todos voltados para e relacionados com o Infinito em tudo) foi o que impressionou Anne Gilchrist.</p> | <p>Essa verdade abrangente do poeta, incluindo em seu escopo todas as coisas criadas, e com o mais profundo significado cada parte, faculdade, atitude, impulso saudável, mente e corpo de um homem (cada um voltado para e relacionado com o Infinito em cada lado), foi o que impressionou Anne Gilchrist.</p> | |
| <p>She was firmly convinced that a perfectly fearless, candid, ennobling treatment of the life of the body, so inextricably intertwined with, so potent in its influence on the life of the soul, would “prove of inestimable value to all earnest aspiring natures, impatient of the folly of</p> | <p>Ela estava, firmemente, convencida de que um tratamento perfeitamente destemido, franco e enobrecedor da vida do corpo, tão inextricavelmente entrelaçado e tão potente, em sua influência sobre a vida da alma, “provaria ser de inestimável valor a todas sinceras e ávidas naturezas,</p> | <p>Ela estava firmemente convencida de que um tratamento perfeitamente destemido, sincero e enobrecedor da vida do corpo, tão inextricavelmente entrelaçado com, tão potente em sua influência sobre a vida da alma, “provaria ser de valor inestimável para todas as naturezas aspirantes sinceras,</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translator | Comentários |
|--|---|--|--|
| the long-prevalent belief that it is because of the greatness of the spirit that it has learned to despise the body, and to ignore its influence.” | impacientes com o desvario da crença, por muito tempo prevalente, de que é por causa da grandeza do espírito que se aprendeu a desprezar o corpo e a ignorar sua influência”. | impaciente da loucura da crença de longa data de que é por causa da grandeza do espírito que ele aprendeu a desprezar o corpo e a ignorar sua influência.” | |
| <p>She felt that the spirit must “lovingly embrace the body, as the roots of a tree embrace the ground, drawing therein rich nourishment, warmth,</p> <p>Página 27</p> <p>impulse.” The great tide of healthful life that carries all before it must surge through the whole man, not beat to and fro in one corner of his brain.</p> | <p>Ela sente que o espírito deva “abraçar, amorosamente, o corpo, como as raízes de uma árvore abraçam o solo, extraíndo dele o alimento rico, o calor,</p> <p>Página 27</p> <p>o estímulo”. A grande maré de vida saudável, que leva tudo que há na sua frente, deve surgir em todo o homem, e não ficar se batendo de um lado a outro na seu mente (159).</p> | <p>Ela sentiu que o espírito deve “abraçar amorosamente o corpo, como as raízes de uma árvore abraçam o solo, extraíndo nele um rico alimento, calor,</p> <p>Página 27</p> <p>impulso.” A grande maré da vida saudável que carrega tudo à sua frente deve surgir por todo o homem, não bater de um lado para outro em um canto de seu cérebro.</p> | 159) Usei uma adaptação para que ficasse mais claro na LC. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| <p>“O the life of my senses and flesh, transcending my senses and flesh!” She had no fear that the poet’s utterances, however harmless in themselves, would prove harmful by falling into the hands of those for whom they were manifestly unsuitable; for she believed that “innocence was folded round with such thick folds of ignorance till the right way and time for it to accept knowledge that what was unsuitable was also unintelligible.”</p> | <p>“Ah, a vida dos meus sentidos e carne, transcendendo os meus sentidos e carne!” Ela não tinha medo de que as declarações do poeta, por mais inofensivas que fossem em si mesmas, se provassem prejudiciais ao cair nas mãos daqueles para quem elas eram claramente inadequadas; pois ela acreditava que “a inocência é envolvida em camadas grossas de ignorância, até o momento certo em que ela aceita (160) que o que era inadequado também era ininteligível”.</p> | <p>“Ó a vida dos meus sentidos e carne, transcendendo meus sentidos e carne!” Ela não temia que as declarações do poeta, embora inofensivas em si mesmas, fossem prejudiciais ao cair nas mãos daqueles para quem eram manifestamente inadequados; pois também era ininteligível”.ela acreditava que “a inocência foi dobrada com essas dobras grossas de ignorância até a maneira e o tempo certos para aceitar o conhecimento de que o que era impróprio”.</p> | <p>160) Optei por omitir a palavra “knowledge”, o que, no meu ver, não modificou o sentido na LC.</p> |
| <p>She became more and more convinced that the harm arose from the dark shadow cast on the white page from without –</p> | <p>Ela ficou cada vez mais convencida de que o mal surgia da sombra escura lançada sobre a página branca – a má interpretação</p> | <p>Ela ficava cada vez mais convencida de que o mal vinha de fora da sombra escura projetada na página branca – a interpretação</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|--|
| <p>the misconstruction of foolish people, traitors to themselves, poorly comprehending the grandeur or beauty of their own natures.</p> | <p>de pessoas tolas, traidores a si mesmas, mal compreendendo a grandeza ou a beleza da sua própria natureza.</p> | <p>Remova essa sombra, disse ela, confie na Natureza para fazer seus próprios ensinamentos à errônea de pessoas tolas, traidores a si mesmas, compreendendo mal a grandeza ou beleza de sua própria natureza.</p> | |
| <p>Remove this shadow, she said, trust Nature to do her own teaching to individual consciousness, and all would learn, through the poet, the divinity of the temple of the spirit, the glories possible to it, which, through false teachings, had been denied.</p> | <p>Remova essa sombra, ela disse, confie na Natureza para que ensine (161) a consciência individual, e todos irão aprender, através do poeta, a divindade do templo do espírito e as glórias possíveis para ele, que, através de falsos ensinamentos, lhes foram negadas.</p> | <p>consciência individual, e todos aprenderiam, por meio do poeta, a divindade do templo do espírito, as glórias possíveis para ele, que, por meio de falsos ensinamentos, haviam sido negado.</p> | <p>161) Houve aqui uma implicação da palavra “own” (próprio).</p> |
| <p>This thought she knew was not now realized. But she was sure that when the “most vital and</p> | <p>Ela sabia que este isto (162) não era percebido agora. Mas (163) estava certa de que quando o “mais</p> | <p>Este pensamento que ela sabia não foi realizado. Mas ela tinha certeza de que quando o “mais vital e</p> | <p>162) Optei por uma transposição e substituí “this thought” pelo pronome demonstrativo “isto”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| practical of facts that there was no particle of matter in the universe but had reference to soul” was seen to be true, we should understand all, love all, and fear nothing. | vital e prático dos fatos, de que não havia partícula de matéria no universo que não tivesse referência à alma”, fosse visto como verdadeiro, entenderíamos tudo, amaríamos tudo e não temeríamos nada. | prático dos fatos de que não havia partícula de matéria no universo, mas tinha referência à alma”, fosse visto como verdadeiro, deveríamos entender tudo, amar a todos e não temer nada. | 163) Aqui, a opção foi pela omissão do pronome “ela”. |
| Then, she persuaded herself, Walt Whitman’s poems would be “dear to the hearts Página 28 of many women, and that the husbands of those women would be happiest of husbands.” | Então, ela se convenceu de que os poemas de Walt Whitman seriam “caros aos corações Página 28 de muitas mulheres, e que os maridos daquelas mulheres seriam os mais felizes dos maridos ²³³ ”. | Então, ela se convenceu de que os poemas de Walt Whitman seriam “caros aos corações Página 28 de muitas mulheres, e que os maridos dessas mulheres seriam os mais felizes dos maridos”. | |

²³³ Aqui é importante salientar que Anne, mesmo sendo “moderna” para o seu tempo, ainda conservava traços muito fortes da mulher criada nos moldes vitorianos do início do século XIX.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| She felt a persuasion, the “strength and persistency” of which astonished her, that it was possible for a woman so to treat the difficult subject as to command respect, though it might not be possible at present to win more than a dozen persons in the world to the truest conception. | Ela sentia uma convicção, cuja “força e persistência” a surpreendiam, de que era possível para uma mulher tratar o difícil assunto, como que para impor respeito, apesar de talvez não ser possível, no momento, convencer mais de uma dúzia de pessoas no mundo na mais verdadeira concepção. | Ela sentiu uma persuasão, a “força e persistência” de que a surpreendeu, de que era possível para uma mulher tratar o assunto difícil de forma a impor respeito, embora talvez não fosse possível no momento ganhar mais de uma dúzia de pessoas em o mundo para a concepção mais verdadeira. | |
| A point was gained, however, if hearts and minds would no longer look at the poet through the distorting medium bred by an utter misconception. | No entanto, um ponto seria ganho se corações e mentes não mais olhassem para o poeta de forma distorcida, criada por uma concepção totalmente equivocada. | Um ponto seria ganho, entretanto, se corações e mentes não olhassem mais para o poeta através do meio distorcido gerado por um equívoco absoluto. | |
| She believed that some of his poems would never be rightly apprehended by men until some woman had the courage to | Ela acredita que alguns dos poemas dele nunca seriam, corretamente, compreendidos pelos homens, até que alguma | Ela acreditava que alguns de seus poemas nunca seriam corretamente apreendidos pelos homens até que alguma mulher | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>speak. “His utterances,” she wrote, “needed corroboration, acceptance from a woman (as closely concerned as man in this question and approaching it from entirely distinct standing-ground) before it could be accepted by men.”</p> | <p>mulher tivesse a coragem de falar. “Suas afirmações”, ela escreve, “precisavam da corroboração, da aceitação de uma mulher (tão preocupada quanto o homem nesta questão, mas com um ponto de vista completamente distinto) antes de poderem ser aceitas pelos homens”.</p> | <p>tivesse coragem de falar. “Suas declarações”, escreveu ela, “precisavam de corroboração, aceitação de uma mulher (tão preocupada quanto o homem nesta questão e abordando-a de uma posição inteiramente distinta) antes de pudesse ser aceita pelos homens”.</p> | |
| <p>Her conviction that these poems had in them the “seeds of such immeasurable grand results for the world” that any delay in the successful planting of them was grievous; the pain and indignation she felt at the thought of how that “great name had been saluted chiefly with injurious epithets and hateful</p> | <p>Sua convicção de que esses poemas continham as “sementes de resultados tão grandiosos e incomensuráveis para o mundo”, que qualquer atraso no seu plantio bem-sucedido era preocupante; a dor e a indignação que sentia ao pensar que aquele “grande nome havia sido atacado (164), principalmente com epítetos</p> | <p>Sua convicção de que esses poemas continham as “sementes de resultados tão grandiosos e incomensuráveis para o mundo” que qualquer atraso no plantio bem-sucedido deles era doloroso; a dor e indignação que ela sentiu ao pensar em como aquele “grande nome tinha sido saudado principalmente com epítetos</p> | <p>164) Optei por “atacado”, porque as palavras que foram ditas a ele foram de “ataque”, não de “saudação”, que daria uma ideia de algo bom.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|-------------|
| <p>imputations;” the belief that “none but a woman could be the decisive judge of the question involved in these attacks (she being supplied with finer, subtler tests);” the clear, sweet</p> <p>Página 29</p> <p>consciousness that men and women might “trust her to the uttermost in this, even if they could not at present see the matter at all as she did;” all these things made her absolutely fearless in deciding to accept Mr. Rossetti’s proposal to have her letters to him on the subject arranged for the public eye.</p> | <p>injuriosos e acusações odiosas”; a crença de que “ninguém além de uma mulher poderia ser o juiz decisivo da questão envolvida nesses ataques (ela sendo equipada com testes mais sutis e refinados)”; a clara e doce</p> <p>Página 29</p> <p>consciência de que homens e mulheres poderiam “confiar nela até o fim, mesmo que não vissem as coisas como ela naquele momento”; todas essas coisas a deixaram absolutamente tranquila para decidir aceitar a proposta do Sr. Rossetti de ter suas cartas a ele sobre o assunto organizadas para o olhar do público.</p> | <p>injuriosos e imputações odiosas”; a crença de que “ninguém, exceto uma mulher poderia ser o juiz decisivo da questão envolvida nesses ataques (ela foi fornecida com testes mais finos e sutis)”; a consciência clara e doce</p> <p>Página 29</p> <p>de que homens e mulheres podem “confiar nela ao máximo nisso, mesmo se eles não pudessem no momento o assunto como ela via”; todas essas coisas a tornaram absolutamente destemida ao decidir aceitar a proposta do Sr. Rossetti de que suas cartas para ele sobre o assunto fossem divulgadas publicamente.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| <p>He had been deeply impressed with her thought, considering it the “fullest, farthest-reaching and most eloquent appreciation of Whitman” which had then appeared.</p> | <p>Ele havia ficado profundamente impressionado com o raciocínio dela, considerando-o “o mais completo, mais abrangente e eloquente apreço de Whitman” até então.</p> | <p>Ele ficara profundamente impressionado com o pensamento dela, considerando-o “o mais completo, mais abrangente e eloquente apreço de Whitman” que então apareceu.</p> | |
| <p>He deemed it all the more valuable because the expression of what a <i>woman</i> saw in the poet, especially such a woman, whom to know was “to respect and esteem in every relation, whether of character, intellect or culture.” He wrote a prelude in accordance with her request, for she confessed she never could have written so frankly but for the implicit faith that he would understand her aright.</p> | <p>Ele considerava isso ainda mais valioso, porque era a expressão do que uma <i>mulher</i> via no poeta, especialmente essa mulher, que era “de se respeitar e estimar em todos os sentidos, seja de caráter, intelecto ou cultura”. Ele escreveu um prelúdio a seu pedido, pois ela confessou que nunca poderia ter escrito tão francamente, a não ser pela confiança implícita que ele a entenderia de pronto.</p> | <p>Ele considerou isso ainda mais valioso, porque a expressão do que uma mulher via no poeta, especialmente uma mulher, a quem conhecer era “respeitar e estimar em todas as relações, sejam de caráter, intelecto ou cultura”. Ele escreveu um prelúdio de acordo com o pedido dela, pois ela confessou que nunca poderia ter escrito tão francamente se não pela fé implícita de que ele a compreenderia corretamente.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| She fully realized her position in advocating a poet which the world had not yet understood. “I often feel,” she wrote, “as if my enterprise was very like Lady Godiva’s – as if hers, indeed, were typical of mine. For she slipped the veil from woman’s body for a good cause, and I from a woman’s soul for a good cause. And no man has ever dared to find any fault with her.” | Ela percebia, plenamente, a sua posição em defender um poeta que o mundo ainda não tinha compreendido. “Sinto-me”, ela escreveu, “como se minha missão fosse muito parecido com a de Lady Godiva ²³⁴ – como se a dela fosse simbólica da minha (165) . Pois ela tirou o véu do corpo da mulher por uma boa causa, e eu, da alma de uma mulher por uma boa causa. E nenhum homem jamais se atreveu a encontrar alguma falha nela”. | Ela percebeu plenamente sua posição em defender um poeta que o mundo ainda não havia entendido. “Muitas vezes sinto”, escreveu ela, “como se minha empresa fosse muito parecida com a de Lady Godiva – como se a dela, de fato, fosse típica minha . Pois ela tirou o véu do corpo da mulher por uma boa causa, e eu da alma de uma mulher por uma boa causa. E nenhum homem jamais se atreveu a encontrar qualquer defeito nela | 165) Optei por uma modulação, pois Anne usa o ato de Lady Godiva como um “símbolo”, uma “referência” ao ato dela. |
| On the work being received in America, the friends of Walt Whitman were “infinitely | Quando o texto foi recebido na América, os amigos de Walt Whitman ficaram “sem palavras e | Sobre o trabalho recebido na América, os amigos de Walt Whitman ficaram “infinitamente | 166) O uso de uma modulação teve como intuito deixar o texto mais próximo do que se usaria na LC. |

²³⁴ Lady Godiva (990-1067), aristocrata anglo-saxã, conhecida por ter cavalgado nua pelas ruas de Coventry em troca de uma diminuição dos impostos estabelecidos ao povo.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|--|
| <p>indebted, beyond words, for so broad and luminous an interpretation of his pages.” Mr. Wm. D. O’Connor, Página 30 upon receiving it, wrote, “The lady’s contribution is simply superb. Unquestionably the finest and fullest appreciation yet uttered.” Later he wrote, “Our Bird of Paradise has found a perch in the May number of the <i>Radical</i>.” (1870) And today, “An Englishwoman’s estimate of Walt Whitman” is one of the finest contributions to Whitman literature.</p> | <p>infinitamente gratos por uma interpretação tão ampla e luminosa de suas páginas”. Ao receber o texto, o Sr. Wm.²³⁵ D. O’Connor (166), Página 30 escreve: “A contribuição desta senhora (167) é simplesmente maravilhosa. Inquestionavelmente, a melhor e mais completa apreciação já proferida”. Mais tarde ele escreve: “Nosso Pássaro do Paraíso encontrou um pouso no número de maio do <i>Radical</i>”. (1870) Ainda hoje, “An Englishwoman’s estimate of Walt Whitman” é uma</p> | <p>gratos, além das palavras, por uma interpretação tão ampla e luminosa de suas páginas”. Sr. Wm. D. O’Connor, Página 30 ao recebê-lo, escreveu: “A contribuição da senhora é simplesmente excelente. Inquestionavelmente, a melhor e mais completa apreciação já proferida.” Mais tarde, ele escreveu: “Nosso pássaro do paraíso encontrou um poleiro no número de maio do <i>Radical</i>.” (1870) E hoje, “Estimativa de uma inglesa sobre Walt Whitman” é uma das melhores contribuições para a literatura de Whitman</p> | <p>167) Optei por uma transposição do artigo definido “the” pelo pronom demonstrativo “desta”, para que o sentido fosse mantido na LC.</p> |

²³⁵ Wm. É uma forma de abreviação do nome William.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| | das melhores contribuições para a literatura de Whitman. | | |
| <p>Walt Whitman himself was deeply touched with this “burst of sunlight over the sea.” “Nothing,” he wrote Wm. M. Rossetti, after having received word direct from Mrs. Gilchrist, “nothing in my life, or my literary fortunes, has brought me more comfort and support every way – nothing has more spiritually soothed me – than the warm appreciation of friendship of that true , full-grown woman (I still use the broad, grand old Saxon word, our highest need).” To his dying day the poet never forgot this</p> | <p>O próprio Walt Whitman ficou, profundamente, tocado com esta “explosão de luz solar sobre o mar”. “Nada”, ele escreve a Wm. M. Rossetti, depois de ter se correspondido diretamente(168) com a Sra. Gilchrist, “nada em minha vida, ou minha fortuna literária, me trouxe mais conforto e apoio em todos os sentidos – nada me acalmou mais espiritualmente – do que a calorosa apreciação da amizade daquela mulher verdadeira e madura”. (169) Até o dia de sua morte, o poeta nunca esqueceu este raio de esperança de sua maneira solitária e própria.</p> | <p>O próprio Walt Whitman ficou profundamente comovido com essa “explosão de luz do sol sobre o mar”. “Nada”, escreveu ele a Wm. M. Rossetti, após ter recebido a palavra direta da Sra. Gilchrist, “nada em minha vida, ou minha fortuna literária, me trouxe mais conforto e apoio em todos os sentidos – nada me acalmou mais espiritualmente – do que o caloroso apreço pela amizade daquele verdadeira mulher adulta (eu ainda uso a ampla e velha palavra saxônica, nossa maior necessidade).” Até o dia da sua morte, o poeta nunca esqueceu</p> | <p>168) Optei por usar “correspondido”, porque o diálogo entre eles se deu por carta.</p> <p>169) Optei por omitir o trecho entre parênteses por não ter conseguido achar a que Whitman se referia ao dizer “old Saxon word”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| ray of hope in his lonely, self-made way. | | esse raio de esperança em seu caminho solitário e feito por ele mesmo. | |
| The effect of Anne Gilchrist’s study of Walt Whitman was already being seen in her judgment of other poets. Mr. Rossetti’s <i>Memoir of Shelley</i> led her to restudy Shelley. His criticism of Mr. Swinburne caused an animated discussion between the two friends of that poet’s work. | O efeito em Anne Gilchrist de sua exploração na literatura de Walt Whitman (170) já podia ser notado em sua opinião sobre outros poetas. O <i>Memoir of Shelley</i> do Sr. Rossetti levou-a a reestudar Shelley. A crítica de Rossetti (171) ao Sr. Swinburne causou uma discussão animada entre os dois amigos sobre o trabalho daquele poeta. | O efeito do estudo de Anne Gilchrist sobre Walt Whitman já estava sendo visto em seu julgamento de outros poetas. Memórias de Shelley do Sr. Rossetti a levou a reestudar Shelley. Sua crítica ao Sr. Swinburne causou uma animada discussão entre os dois amigos da obra daquele poeta. | 170) Aqui usei uma modulação, para que a frase ficasse mais clara na LC. 171) Achei melhor repetir o nome do Sr. Rossetti para deixar claro de quem foi a crítica. |
| While his <i>Ballads of Burdens</i> interested Rossetti, as Ecclesiastes would, she felt it to be the “trite, dreary, sickly | Enquanto seu <i>Ballads of Burdens</i> interessava a Rossetti, assim como o Ecclesiastes interessaria, ela sentia que retratava (172) as | Embora suas Baladas de Burdens interessassem a Rossetti, como Ecclesiastes faria, ela sentiu que eram “as concepções banais, | 172) Resolvi incluir, aqui, a palavra “retratava”, por achar que, assim, a leitura na LC fica mais clara. 173) Aqui, optei por, assim como o texto original, manter o empréstimo |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| <p>conceptions of life that have already been</p> <p>Página 31</p> <p>uttered <i>ad nauseam</i>,” though, she had to confess, “never so musically uttered before.” Her nature was panting for healthier life, the free, fresh, growing life of humanity. The emotion of Swinburne seemed to her the “effluence of a heated brain, not of a strong, beating heart.”</p> | <p>“concepções banais, sombrias e doentes da vida que já haviam sido</p> <p>Página 31</p> <p>proferidas <i>ad nauseam</i>” (173), embora ela tenha confessado que “nunca havam sido proferidas (174) de uma forma tão musical”. Sua natureza clamava por uma vida mais saudável, a vida livre, fresca e crescente da humanidade. A emoção de Swinburne parecia, para ela, a “efluência de um cérebro excitado (175), não de um coração forte e pulsante”.</p> | <p>sombrias e doentias da vida que já foram</p> <p>Página 31</p> <p>proferidas ad nauseam”, embora, ela teve que confessar, “nunca tão musicalmente ditas antes.” Sua natureza ansiava por uma vida mais saudável, a vida livre, fresca e crescente da humanidade. A emoção de Swinburne parecia-lhe a “efluência de um cérebro aquecido, não de um coração forte e pulsante.”</p> | <p>da expressão em latim “<i>ad nauseam</i>”.</p> <p>174) Optei, assim como em 1) pela inclusão das palavras “havam sido proferidas”, no intuito de deixar a entendiemento na LC mais claro.</p> <p>175) Optei por usar “excitado”, porque “heated brain” quer dizer um cérebro pulsante, cheio de ideias, e fiquei com receio de que “aquecido” ou “inflamado” poderiam não passar esse conceito.</p> |
| <p>“Was there ever before a gifted man so barren of great thoughts or deep feelings?” she asked Rossetti. But she said she could go any length with him in</p> | <p>“Já existiu antes um homem talentoso tão desprovido de grandes pensamentos ou sentimentos profundos?”, ela perguntou a Rossetti. Mas disse</p> | <p>“Já houve um homem talentoso tão estéril de grandes pensamentos ou sentimentos profundos?” ela perguntou a Rossetti. Mas ela disse que poderia ir longe com ele na</p> | <p>176) Optei por uma modulação e usei “concordava com ele”, por achar que fica mais claro na LC.</p> <p>177) “Aquele herói com um doce sorriso”. Optei pelo empréstimo e</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|---|
| admiration of Victor Hugo, “cet héros au doux sourire,” as she always thought of him. | que concordava com ele (176) na sua admiração por Victor Hugo, “ <i>cet héros au doux sourire</i> ” (177), como ela sempre se referia a ele. | admiração de Victor Hugo, “ cet héros au doux sourire ”, como ela sempre pensava nele. | deixei a citação em francês, como no original. |
| In these days in her Brookbank home, passed in a life of “earnest, warm and unfrittered simplicity,” Anne Gilchrist held an “even and sensitive balance between the claims of family affection and those of intellectual activity.” She was “genial, courageous, and steady in all her likings and habits,” with a manner, says her son, “remarkably cordial without gushingness.” | Nos dias passados em Brookbank, em uma vida de “ simplicidade sincera e afetuosa (178) ”, Anne Gilchrist mantinha um “equilíbrio tranquilo e sensível entre as reivindicações de afeto familiar e as da atividade intelectual”. Ela era “gentil, corajosa e firme em todos os seus gostos e hábitos”, com maneiras, segundo seu filho, “extremamente cordiais mas sem exageros”. | Nestes dias em sua casa em Brookbank, passada em uma vida de “ simplicidade sincera, calorosa e sem frangalhos ”, Anne Gilchrist manteve um “equilíbrio equilibrado e sensível entre as reivindicações de afeto da familiar e as de atividade intelectual”. Ela era “cordial, corajosa e firme em todos os seus gostos e hábitos”, com uma maneira, diz seu filho, “notavelmente cordial sem entusiasmo”. | 178) Omiti a palavra “unfrittered”, que significa “sem exageros” ou “modesta”, por achar que ficaria redundante com a palavra “simplicidade”. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| She had an eminently <i>speaking</i> face, the full, dark, liquid eyes, extremely vivacious, being the marked feature. Her “ready quick-thoughted kindness” was what George Eliot ²³⁶ especially noted in the correspondence which led to the renting of Brookbank to her and Mr. Lewis ²³⁷ for the summer of 1871. | Ela tinha um rosto eminentemente <i>falante</i> , os olhos líquidos, grandes, escuros, e extremamente vivazes, sendo o traço marcante. Sua “gentileza pronta e rápida” foi o que mais chamou a atenção de George Eliot na correspondência que levou ao aluguel de Brookbank a ela e ao Sr. Lewes (179) , para o verão de 1871. | Ela tinha um rosto eminentemente falante, os olhos cheios, escuros, líquidos, extremamente vivazes, sendo a característica marcante. Sua “bondade pronta e rápida” foi o que George Eliot notou especialmente na correspondência que levou ao aluguel do Brookbank para ela e o Sr. Lewis no verão de 1871. | 179) Apesar de, no original, o nome estar escrito nesta passagem como “Lewis”, optei por modificar na minha tradução para a grafia correta do nome. |
| This little “queer cottage” where, as George Eliot wrote Anne, “the exquisite stillness in | Esta pequena e “singular cabana” onde, como George Eliot escreve à Anne, “a requintada quietude ao | Esta pequena “cabana esquisita” onde, como George Eliot escreveu a Anne, “a imobilidade requintada | 180) Optei por “inquietação londrina” por achar que o texto na LC fica mais fluido. |

²³⁶ Pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880), romancista britânica. Ela usava um pseudônimo masculino para que suas obras fossem melhor aceitas em uma época que as mulheres publicavam, na sua grande maioria, obras mais leves com enredos que remetiam à família e ao lar. Outro motivo seria o de preservar a sua vida íntima. Mary Evans foi companheira por mais de vinte anos de George Lewes, mas nunca chegaram a casar-se oficialmente, pois Lewes já era casado.

²³⁷ Aqui provavelmente houve um erro de digitação no original. George Henry Lewes (1817-1878) era filósofo e crítico de teatro e de literatura. Ele foi o companheiro da escritora Mary Evans (George Eliot) de 1854 ao final de sua vida, em 1878.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| <p>the sunshine, and a sense of distance from London hurry which encourages the growth of patience,” were such a joy to her, became so</p> <p>Página 32</p> <p>dear to them both that they “were loth to leave” when the lease of a few months was up.</p> | <p>sol, e uma sensação de distância da inquietação londrina (180), que encoraja o desenvolvimento da paciência”, eram uma alegria para ela, e tornaram-se tão</p> <p>Página 32</p> <p>apreciadas por ambos que eles “ficaram relutantes em partir” quando o tempo do aluguel acabou.</p> | <p>do sol e uma sensação de distância da pressa de Londres que incentivava o crescimento da paciência” eram uma grande alegria para ela, tornou-se muito</p> <p>Página 32</p> <p>querida para eles ambos que “estavam relutantes em partir” quando o contrato de alguns meses acabasse.</p> | |
| <p>The shelves were so laden with books that they regretted having brought any of their own. They found the reading of the <i>Life of Blake</i> especially interesting midst the cloud of Blake drawings and engravings</p> | <p>As estantes estavam tão cheias de livros que eles se arrependiam de terem levado os deles. Eles acharam a leitura do <i>Life of Blake</i> especialmente interessante no meio a uma nuvem de desenhos e gravuras de Blake que adornavam</p> | <p>As estantes estavam tão cheias de livros que se arrependiam de ter trazido alguns deles. Eles acharam a leitura da Vida de Blake especialmente interessante no meio à nuvem de desenhos e gravuras de Blake que adornavam</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translator | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| which adorned the walls. They were as pleased with these as Tennyson had been. | as paredes. Eles ficaram tão impressionados quanto Tennyson havia ficado. | as paredes. Eles ficaram tão satisfeitos com isso quanto Tennyson. | |
| In the long drawing-room with its antique furniture, the red rose and honeysuckle peeping in through the bow-window, George Eliot wrote day after day the second part of <i>Middlemarch</i> . The old prints on the walls, “charming children of Sir Joshua, and large-hatted ladies of his and Romney,” were her “dumb companions.” She declared if ever she stole anything, it would be the two | Na comprida sala de estar, com seus móveis antigos, a rosa vermelha e a madressilva, espreitando pela janela em arco, George Eliot escreveu, dia após dia, a segunda parte de <i>Middlemarch</i> ²³⁸ . As velhas gravuras nas paredes, “as crianças encantadores de Sir Joshua e as damas de chapéu grande dele e de Romney” eram as suas “companheiras mudas”. Ela declarou que, se alguma vez | Na longa sala de estar com seus móveis antigos, a rosa vermelha e a madressilva espiando pela janela em arco, George Eliot escrevia dia após dia a segunda parte de <i>Middlemarch</i> . As velhas gravuras nas paredes, “encantadores filhos de Sir Joshua, e suas damas de chapéu grande e Romney”, eram seus “companheiros mudos”. Ela declarou que se alguma vez roubasse alguma coisa, seriam os dois pequenos Sir Joshua sobre a. | |

²³⁸ Sétimo romance de George Eliot, foi iniciado em 1869, mas interrompido durante a doença que levou à morte o filho de George Lewes. O romance foi terminado na época em que eles estiveram hospedados em Brookbank e publicado em série nos anos de 1971 e 1972.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|--|
| <p>little Sir Joshua over the drawing-room mantel-piece, Master Lord Burghersh, and little Miss Theopila Gwatkin. All this surrounding may have suggested the house of Mrs. Meyrick in <i>Daniel Deronda</i>, where the “narrow spaces of wall held a world-history in scenes and heads.”</p> | <p>roubasse alguma coisa, seriam os dois pequenos Sir Joshua sobre a lareira da sala de visitas, o Mestre Lord Burghersh e a pequena Miss Theopila Gwatkin. Todo esse ambiente pode ter inspirado a casa da Sra. Meyrick em <i>Daniel Deronda</i>²³⁹, onde os “espaços estreitos da parede continham uma história mundial em cenas e bustos”.</p> | <p>lareira da sala de estar, o Mestre Lord Burghersh e a pequena Srta Theopila Gwatkin. Todo esse entorno pode ter sugerido a casa da Sra. Meyrick em <i>Daniel Deronda</i>, onde os “estreitos espaços de parede continham uma história mundial em cenas e cabeças”.</p> | |
| <p>Work went on smoothly to both George Eliot and Mr. Lewes, away from all friendly interruptions. Their habits here, as in London, were of clockwork regularity. “We are like two secluded owls,” she wrote a</p> | <p>O trabalho correu sem problemas para George Eliot e Mr. Lewes, longe de todas as interrupções amigáveis. Seus hábitos, aqui como em Londres, eram de regularidade constante (181). “Somos como duas corujas</p> | <p>O trabalho correu bem para George Eliot e para o Sr. Lewes, longe de todas as interrupções amigáveis. Seus hábitos aqui, como em Londres, eram de regularidade de relógio. “Somos como duas corujas isoladas”,</p> | <p>181) A expressão em inglês “clockwork regularity” significa algo que acontece com precisão, sempre da mesma forma, por isso a minha opção por “regularidade constante”.</p> |

²³⁹ Romance escrito por George Eliot e publicado pela primeira vez em 1876.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| <p>friend, “wise with unfashionable wisdom, and knowing nothing of pictures and French plays. I read aloud – almost all the evening – books of German science and other gravities.” To another friend she wrote of the beauty of the region, “perpetual undulation of heath and copse, clear views of hurrying water with here and there a grand pine wood, steep, wood-clothed promontories and gleaming pools.” In this atmosphere she read our Lowell’s <i>My Study Windows</i>. “If you want delightful reading,” she</p> | <p>Isoladas”, ela escreveu a uma amiga (182), “sábios com uma sabedoria fora de moda e não conhecendo nada de pinturas e peças francesas. Eu leio em voz alta – quase todas as noites – Página 33 livros de ciência alemã e outros assuntos sérios”. À outra amiga (183), ela escreve sobre a beleza da região, “incessante ondulação de charnecas e bosques, vista clara de água corrente e aqui e ali um grande pinheiro, promontório íngreme de madeira formando lagos cintilantes (184)”. Nesta atmosfera, ela leu <i>My Study Window</i> de Lowell. “Se você quiser uma leitura agradável,” diz</p> | <p>escreveu ela a um amigo, “sábios com uma sabedoria fora de moda e nada sabendo de pinturas e peças francesas. Eu li em voz alta - quase toda a noite Página 33 - livros de ciência alemã e outras gravidades.” Para outro amigo, ela escreveu sobre a beleza da região: “ondulação perpétua de charnecas e bosques, vistas claras de água correndo com aqui e ali um grande pinhal, íngremes promontórios revestidos de madeira e piscinas cintilantes”. Nessa atmosfera, ela leu <i>Nossas Janelas de Estudo</i> de Lowell. “Se você quiser uma leitura agradável”, declarou ela, “leia os</p> | <p>182) “A friend” em inglês pode ser “um amigo” ou “uma amiga”. Para sanar essa dúvida, recorri às cartas enviadas por George Eliot e publicadas no livro <i>George Eliot’s Life as Related in Her Letters and Journals by George Eliot</i> (2017, p. 95). No dia 6 de junho de 1871, George Eliot escreve uma carta à Sra. Peter Taylor, carta que é citada por Gould, mesmo sem mencionar as referências.</p> <p>183) Referência à carta escrita por George Eliot à Madame Bodichon, em 17 de junho de 1871, também publicada no livro <i>George Eliot’s Life as Related in Her Letters and Journals by George Eliot</i> (2017).</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| declared, “read in that the essays called ‘My Garden Acquaintances,’ and ‘Winter.’” | ela, “leia os ensaios chamados ‘My Garden Acquaintances’ e ‘Winter’”. | ensaios chamados ‘Meus conhecidos no Jardim’ e ‘Inverno’.” | 184) Optei aqui por uma modulação, por achar que a frase seria melhor compreendida na LC. |
| Occasionally they went the uphill road to see Tennyson, who, from his house about three miles from Shottermill, had found them out. Miss Blind, in her biography of George Eliot, tells how, on one of these visits, after a warm argument on Evolution and kindred thought the poet called to her, as she wended her way down the hill after the farewell, “Well, good-bye, you and your molecules!” Looking back, she replied in her low, deep voice, “I am quite content with my molecules!” | Esporadicamente, eles subiam a estrada para ver Tennyson, que, de sua casa, acerca de três milhas (185) de Shottermill, havia descoberto serem vizinhos. Miss Blind, em sua biografia de George Eliot, conta como, em uma dessas visitas, depois de uma discussão calorosa sobre Evolução e assuntos afins, o poeta a chamou enquanto ela descia a colina depois da despedida: “Bem, adeus a você e suas moléculas!” Olhando para trás, ela responde com sua voz grave e profunda: “Estou bastante satisfeita com minhas moléculas!” | Ocasionalmente, eles subiam pela estrada para ver Tennyson, que, de sua casa a cerca de cinco quilômetros de Shottermill, os havia descoberto. Miss Blind, em sua biografia de George Eliot, conta como, em uma dessas visitas, após uma calorosa discussão sobre a Evolução e pensamento semelhante, o poeta a chamou, enquanto ela descia a colina após a despedida: “Bem, adeus, você e suas moléculas!” Olhando para trás, ela respondeu em sua voz baixa e profunda: | 185) Optei por deixar a mesma unidade de medida usada na LP. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| <p>When they left the little cottage, a most cordial invitation was extended to Mrs. Gilchrist to come to their Sunday “At Homes.” But the way never opened for a personal meeting. George Eliot, however, never forgot Shottermill, where, as she wrote Anne, who had used the phrase, she had a “sense of standing on a round world,” which was “precisely what she most cared for amongst out-of-door delights.”</p> | <p>Quando eles deixaram a pequena cabana, foi feito um convite, muito cordial, à Sra. Gilchrist para ela participar de um dos seus domingos “Em Casa”²⁴⁰. Mas o caminho nunca se abriu para um encontro pessoal. George Eliot, no entanto, nunca esqueceu Shottermill, onde, como ela escreve à Anne, que havia usado essa frase, que ela tinha uma “percepção de estar em um mundo redondo”, que era “precisamente o</p> | <p>“Estou muito contente com minhas moléculas!”</p> <p>Quando eles deixaram a pequena cabana, um convite muito cordial foi feito à Sra. Gilchrist para ir ao domingo “Em Casas”. Mas o caminho nunca se abriu para um encontro pessoal. George Eliot, no entanto, nunca se esqueceu de Shottermill, onde, como escreveu a Anne, que usara a frase, ela tinha a “sensação de estar em um mundo redondo”, que era “precisamente o que ela mais gostava no exterior delícias”.</p> | |

²⁴⁰ Encontro social e literário promovido por George Eliot e George Lewes em sua casa em Londres.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| | que ela mais gostava das delícias ao ar livre”. | | |
| <p>Five years later, in 1876, when she and Mr.</p> <p>Página 34</p> <p>Lewes bought a place not far off, The Heights, at Witley, Surrey (which became a favorite country home) they had the same kind of beautiful open scenery. There Mr. Lewes spent his last summer on earth, and there George Eliot came with her husband, Mr. Cross, after their tour in Italy.</p> | <p>Cinco anos depois, em 1876, quando ela e o Sr.</p> <p>Página 34</p> <p>Lewes compraram uma propriedade não muito distante, <i>The Heights</i>, em Witley, Surrey (que se tornou uma casa de campo favorita), eles tinham o mesmo tipo de cenário aberto e bonito. Lá, o Sr. Lewes passou seu último verão na terra, e lá George Eliot veio com o marido, o Sr. Cross²⁴¹, depois de sua viagem (186) à Itália.</p> | <p>Cinco anos depois, em 1876, quando ela e o Sr.</p> <p>Página 34</p> <p>Lewes compraram um lugar não muito longe, The Heights, em Witley, Surrey (que se tornou uma casa de campo favorita), eles tinham o mesmo tipo de belo cenário aberto. Lá, o Sr. Lewes passou o último verão na Terra, e lá George Eliot veio com o marido dela, o Sr. Cross, após sua turnê na Itália.</p> | <p>186) Optei por “viagem”, ao invés de “tour” ou “turnê”, porque se tratou da viagem deles de lua de mel.</p> |

²⁴¹ Após a morte do Sr. Lewes, George Eliot mais uma vez causou polêmica ao casar-se com o Sr. John Cross, vinte anos mais jovem que ela, em maio de 1880, mas acabou falecendo poucos meses depois, em dezembro do mesmo ano. A viagem à Itália mencionada no texto foi a lua de mel do casal.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| <p>It is possible that Anne Gilchrist's love for the work of Walt Whitman influenced George Eliot to a further study of him. She may have found among Anne's books at Brookbank the <i>Radical</i> containing her estimate of him, as it was published only the year before. However that may be, we do know that George Eliot came to change her opinion that Whitman had nothing "spiritually needful for her," to a confession that he <i>did</i> contain what was good for her soul.</p> | <p>É possível que a paixão de Anne Gilchrist pela obra de Walt Whitman tenha influenciado George Eliot a um estudo mais aprofundado sobre ele. Ela pode ter encontrado, entre os livros de Anne em <i>Brookbank</i>, o <i>Radical</i>, contendo seu texto sobre ele, pois havia sido publicado no ano Seja como for, sabemos que George Eliot veio a mudar sua opinião sobre Whitman não ter nada "espiritualmente necessário para ela", para uma confissão de que ele tinha, <i>sim</i> o que era bom para sua alma.</p> | <p>É possível que o amor de Anne Gilchrist pela obra de Walt Whitman tenha influenciado George Eliot a um estudo mais aprofundado dele. Ela pode ter encontrado entre os livros de Anne em Brookbank, o <i>Radical</i>, contendo sua estimativa sobre ele, visto que foi publicada apenas um ano antes. Seja como for, sabemos que George Eliot mudou a opinião dela de que Whitman não tinha nada de "espiritualmente necessário para ela", para uma confissão de que ele continha o que era bom para sua alma.</p> | |
| <p>The summer that Brookbank was occupied by the Lewes',</p> | <p>No verão, em que Brookbank, foi ocupado pelos Lewes, Anne estava</p> | <p>No verão em que Brookbank foi ocupada pelos Lewes, Anne estava</p> | <p>187) De acordo com a definição do <i>Macmillan Dictionary</i>, entendemos</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translator | Comentários |
|---|---|---|--|
| <p>Anne was with her aged mother at the ancestral home at Earls Colne, where annual visits were always paid. There, in the old-fashioned flower-bordered garden, or in some pet field, she roamed, listened to the singing of the birds, and had “happy thoughts of her children and their future together.” She read the <i>Idylls of the King</i> and <i>The Holy Grail</i> which Tennyson sent her. But, above all, she dwelt upon “Walt Whitman and his divine poems.” They not only made Nature dearer to her, but deepened her feeling for human nature. She came to realize more</p> | <p>com sua mãe idosa na casa ancestral em Earls Colne, onde visitas anuais eram sempre feitas. Lá, no antigo e florido jardim, ou em algum campo preferido (187), ela vagueava, ouvia o canto dos pássaros e tinha “pensamentos felizes de seus filhos e do futuro deles juntos”. Ela leu <i>Idylls of the King</i> e <i>The Holy Grail</i>, que Tennyson havia lhe enviado. Mas, acima de tudo, ela se debruçou sobre “Walt Whitman e seus poemas divinos”. Eles não só fizeram com que a natureza lhe fosse mais querida, mas aprofundaram o seu sentimento pela natureza humana. Ela veio a perceber melhor</p> | <p>com sua mãe idosa na casa ancestral de Earls Colne, onde as visitas anuais eram sempre feitas. Lá, no jardim antiquado com bordas de flores ou em algum campo de animais de estimação, ela vagava, ouvia o canto dos pássaros e tinha “pensamentos felizes de seus filhos e seu futuro juntos”. Ela leu os Idílios do Rei e O Santo Graal que Tennyson lhe enviou. Mas, acima de tudo, ela se concentrou em “Walt Whitman e seus poemas divinos.” Eles não apenas tornaram a Natureza mais cara para ela, mas aprofundaram seu sentimento pela natureza humana. Ela percebeu mais</p> | <p>que “pet field” seria um campo que Anne Gilchrist tivesse preferência por passear, por isso a nossa escolha por usar “campo preferido”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translator | Comentários |
|--|---|---|--------------------|
| Página 35 what comradeship meant | Página 35 o que a camaradagem significava | Página 35 o que significava camaradagem. | |
| These poems, associated as they were with William Michael Rossetti, made his friendship a constant delight – a friendship “never clouded by a breath of coldness or dissatisfaction.” When settled the following winter in her native London* for the better education of her children, it was a pleasure to congratulate him upon his approaching marriage with Miss Lucy Madox Brown; for she was still and earnest believer in the “enlarged, | Estes poemas, associados como estavam a William Michael Rossetti, fizeram de sua amizade um deleite constante – uma amizade “nunca enevoada por um sopro de frieza ou insatisfação”. Quando se instalou, no inverno seguinte, em sua terra natal, Londres* ²⁴² , para a melhor educação de seus filhos, foi um prazer parabenizá-lo por seu futuro casamento com a Srta. Lucy Madox Brown; pois ela ainda acreditava, piamente, na “vida ampliada, aprofundada e completa, | Esses poemas, associados como eram com William Michael Rossetti, tornaram sua amizade um deleite constante – uma amizade “nunca obscurecida por um sopro de frieza ou insatisfação”. Quando se estabeleceu no inverno seguinte em sua cidade natal, Londres*, para a melhor educação de seus filhos, foi um prazer parabenizá-lo por seu casamento com Miss Lucy Madox Brown; pois ela ainda acreditava fervorosamente na “vida ampliada, aprofundada e | |

²⁴² Aqui, no original, em nota de rodapé, a autora explica que Anne nasceu em Londres: “Anne Gilchrist nasceu na Rua Gower, número 7, em Londres, no dia 25 de fevereiro de 1828, mesmo ano de Dante G. Rossetti”.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| deepened, complete life only to be attained through a happy marriage.” | a ser alcançada apenas através de um casamento feliz ²⁴³ ”. | completa que só seria alcançada por meio de um casamento feliz”. | |
| On the death of the wife of Dante Gabriel Rossetti, she “sighed with happiness,” as she wrote him, “to realize that the earth did bear on its bosom such sweet life for two human creatures.” After trying to console him with the thought that it was only a pause in that blended life, only one of the two hidden for a few yards by a bend of the road,” she cried out, “But how could God spare the sight of such happiness out of His universe?” | Por ocasião da morte da esposa de Dante Gabriel Rossetti, ela escreve a ele que “suspirou com felicidade ao perceber que a terra havia criado, em seu seio, uma vida tão doce para duas criaturas humanas”. Depois de tentar consolá-lo com o pensamento de que era apenas uma pausa naquela vida em conjunto, apenas um dos dois escondidos por alguns metros por uma curva da estrada, ela clama: “Como Deus pôde poupar Seu universo da visão de tal felicidade (188)”? | Com a morte da esposa de Dante Gabriel Rossetti, ela “suspirou de felicidade”, como lhe escreveu, “ao perceber que a terra carregava em seu seio uma vida tão doce para duas criaturas humanas”. Depois de tentar consolá-lo com o pensamento de que era apenas uma pausa naquela vida mesclada, apenas um dos dois escondido por alguns metros em uma curva da estrada”, ela gritou: “Mas como Deus poderia poupar a visão de tamanha felicidade fora de Seu universo?” | 188) Optei por uma transposição, neste trecho, por achar que, desta forma, ficaria mais claro na LC. |

²⁴³ Mais uma demonstração de que Anne, apesar de bastante progressista para a sua época, ainda conservava traços fortes de sua educação vitoriana.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|-------------|
| <p>A visit to America had been in Anne Gilchrist’s mind for some time. At last, in the Centennial year (1876), she decided to go there with her son, Herbert, then about twenty years of age, and her daughters “Bee” and “Giddy”, as Walt Whitman calls them in a letter.</p> | <p>Uma visita à América estava nos planos de Anne Gilchrist há algum tempo. Finalmente, no ano do centenário (1876)²⁴⁴, ela decide ir para lá com seu filho Herbert, então com cerca de vinte anos de idade, e suas filhas “Bee” e “Giddy”, como Walt Whitman as chama em uma carta.</p> | <p>Uma visita à América estava na mente de Anne Gilchrist há algum tempo. Por fim, no ano do Centenário (1876), ela decidiu ir para lá com seu filho, Herbert, então com cerca de vinte anos, e suas filhas “Bee” e “Giddy”, como Walt Whitman as chama em uma carta.</p> | |
| <p>Before sailing in August, she was rejoiced to see a goodly list of names of</p> <p>Página 36</p> <p>persons who, through her and Mr. Rossetti’s instrumentality, had agreed to buy a copy of Walt Whitman’s Centennial edition of <i>Leaves of Grass</i>.</p> | <p>Antes de embarcar em agosto, ela ficou satisfeita ao ver uma boa lista de nomes de</p> <p>Página 36</p> <p>pessoas que, através da influência dela e do Sr. Rossetti, concordaram em comprar um exemplar da edição do Centenário das <i>Leaves of Grass</i>, de Walt</p> | <p>Antes de partir em agosto, ela se alegrou ao ver uma boa lista de nomes de</p> <p>Página 36</p> <p>pessoas que, por meio dela e do Sr. Rossetti, concordaram em comprar uma cópia da edição centenária de Walt Whitman de <i>Leaves of Grass</i>. Inspirado pela eloquente carta de</p> | |

²⁴⁴ 1876 foi o ano do centenário da declaração de independência dos Estados Unidos, proclamada em 4 de julho de 1776.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|--|
| <p>Inspired by the eloquent letter of Robert Buchanan following a review in the Daily News, Tennyson had sent the poet five pounds.</p> | <p>Whitman. Inspirado pela eloquente carta de Robert Buchanan, seguido de uma revisão no Daily News, Tennyson tinha enviado ao poeta cinco libras.</p> | <p>Robert Buchanan após uma crítica no Daily News, Tennyson havia enviado ao poeta cinco libras.</p> | |
| <p>Although Buchanan intimated to Whitman that no books were expected in return, he preferred to send him his new edition of two volumes, which he did. “I am not at all sure,” he had already written Rossetti, “that Alfred Tennyson sees my poems, but I do his; and strongly (and there, perhaps, I have the advantage of him); but I think <i>he sees me</i>; and nothing could have evidenced more courtesy and manliness and</p> | <p>Apesar de Buchanan ter declarado a Whitman que nenhum livro era esperado em troca, ele preferiu enviar-lhe a sua nova edição de dois volumes. “Não estou certo,” ele havia escrito a Rossetti, “que Alfred Tennyson vê <i>os meus poemas</i>, mas eu vejo os <i>dele</i>; e intensamente (e aí, talvez, eu tenha vantagem sobre ele); mas penso que <i>ele me vê</i>; e nada poderia ter evidenciado mais cortesia, hombridade e gentileza do que demonstrado nas cartas</p> | <p>Embora Buchanan tenha sugerido a Whitman que nenhum livro era esperado em troca, ele preferiu enviar-lha sua nova edição de dois volumes, o que ele fez. “Não estou absolutamente certo”, ele já havia escrito a Rossetti, “de que Alfred Tennyson veja meus poemas, mas eu faço os dele; e fortemente (e aí, talvez, eu tenha a vantagem dele); mas acho que ele me vê; e nada poderia ter evidenciado mais cortesia, virilidade e hospitalidade</p> | <p>189) Aqui lancei mão de uma modulação, para que o resultado na LC ficasse com o mesmo significado da LP, porém sem criar um estranhamento tão grande na LC.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| hospitality than his letters to me have shown for five years.” | enviadas a mim por ele durante cinco anos (189)” . | do que suas cartas para mim mostraram por cinco anos.” | |
| This kind, helpful interest of English friends was never forgotten by Walt Whitman. “Forevermore I shall love old England,” he said to Sidney Morse when he was at his home sculpturing a bust of him. “It all comes over me now, and always does when I think of it, like a great succouring love. You should have seen the tears, Sidney, or you shouldn’t. With no discounting of friends at home, I must say that English business stands apart in my thought from all else – the | Este gentil e benéfico interesse dos amigos ingleses nunca foi esquecido por Walt Whitman. “Para sempre amarei a velha Inglaterra”, ele disse a Sidney Morse quando este estava em sua casa esculpindo um busto dele. “Agora fica tudo muito claro, e acontece sempre que penso nisso, como um grande e reconfortante amor. Você deveria ter visto as lágrimas, Sidney, ou não deveria. Sem desdenhar os amigos de casa, devo dizer que os Ingleses (190) se destacam no meu pensamento de todo o resto – o dinheiro e a simpatia de tudo isso.” | Esse interesse gentil e prestativo de amigos ingleses nunca foi esquecido por Walt Whitman. “Amarei para sempre a velha Inglaterra”, disse ele a Sidney Morse quando estava em sua casa esculpindo um busto dele. “Tudo me toma conta de mim agora, e sempre acontece quando penso nisso, como um grande amor de ajuda. Você deveria ter visto as lágrimas, Sidney, ou não. Sem descartar os amigos em casa, devo dizer que os negócios ingleses se diferenciam em meu pensamento de tudo o mais – o dinheiro e a simpatia de tudo.” | 190) Aqui optei por uma omissão da palavra “business” por achar que não compromete o significado final na LC. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| money and the friendliness of it all.” | | | |
| <p>Upon arriving in Philadelphia, Anne was favorably impressed with the city, with its “long straight streets at right angles to each other, long and</p> <p>Página 37</p> <p>broad enough to look as if they must lead somewhere very pleasant.”</p> | <p>Ao chegar à Filadélfia (191), Anne ficou favoravelmente impressionada com a cidade, com suas “longas ruas em ângulos retos, longas e</p> <p>Página 37</p> <p>amplas o suficiente para parecerem levar a um lugar muito agradável”.</p> | <p>Ao chegar na Filadélfia, Anne ficou favoravelmente impressionada com a cidade, com suas “longas ruas retas em ângulos retos entre si, longas e</p> <p>Página 37</p> <p>largas o suficiente para parecer que deveriam levar a um lugar muito agradável”.</p> | <p>191) Optei pelo uso do decalque, por ser uma cidade bastante conhecida no público leitor da LC.</p> |
| <p>It was “more picturesque and foreign-looking” than she expected. Its freedom from smoke and soot pleased her. Friends were soon made. John Burroughs called a few days after her arrival, and “much she liked him.”</p> | <p>Era “mais pitoresca e de aspecto estrangeiro” do que ela esperava. A ausência de fumaça e fuligem a agradou. Amigos foram logo feitos. John Burroughs a procurou (192), alguns dias após a sua chegada, e “muito ela gostou dele”.</p> | <p>Era “mais pitoresco e de aparência estrangeira” do que ela esperava. Sua ausência de fumaça e fuligem a agradou. Amigos logo foram feitos. John Burroughs ligou alguns dias depois de sua chegada e “gostou muito dele”.</p> | <p>192) Optei por “A procurou” pois “called” aqui não pode ser “telefonar” ou “ligar” como o TA traduziu, pois o fato se deu no ano de 1876, e os telefones ainda não haviam chegado à população em geral.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|-------------|
| <p>But the chief joy was meeting Walt Whitman, who, she wrote Rossetti, “fully realized the ideal she had formed from his poems,” and brought such an “atmosphere of cordiality with him as is indescribable.” This atmosphere of cordiality was what particularly impressed me in visiting the poet in his Camden home.</p> | <p>Mas a principal alegria foi encontrar Walt Whitman, que, ela escreve a Rossetti, “realizou plenamente o ideal que ela havia formado a partir dos seus poemas”, e trouxe consigo um “indescritível ambiente de cordialidade”. Esse ambiente de cordialidade foi, particularmente, o que mais me impressionou ao visitar o poeta em sua casa em Camden.</p> | <p>Mas a maior alegria foi conhecer Walt Whitman, que, ela escreveu a Rossetti, “percebeu plenamente o ideal que formou a partir de seus poemas” e trouxe com ele uma “atmosfera de cordialidade indescritível”. Essa atmosfera de cordialidade foi o que me impressionou particularmente ao visitar o poeta em sua casa em Camden.</p> | |
| <p>Although confined to his room, ill-health did not quench the spirit of love which animated his face and guided his action – the love of comradeship which engendered a personal interest and a loyal affection. It was at the time when my little</p> | <p>Embora confinado ao seu quarto, a saúde frágil não apagou o espírito de amor que animava o seu rosto e guiava as suas ações – o amor de camaradagem, que gerava um interesse pessoal e um afeto leal. Foi na época em que o meu pequeno trabalho gratuito em sua</p> | <p>Embora confinado em seu quarto, a saúde precária não apagou o espírito de amor que animava seu rosto e guiava sua ação - o amor de camaradagem que gerava um interesse pessoal e uma afeição leal. Foi na época em que meu pequeno trabalho gratuito em seu</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| gratuitous work on his behalf, <i>Gems from Walt Whitman</i> , was being published by David McKay (1889). He showed interest in every detail, even providing the biographical facts for it. | homenagem, <i>Gems from Walt Whitman</i> , estava sendo publicado por David McKay (1889). Ele mostrou interesse em cada detalhe, até mesmo fornecendo os fatos biográficos. | nome, <i>Gems from Walt Whitman</i> , estava sendo publicado por David McKay (1889). Ele mostrou interesse em cada detalhe, até mesmo fornecendo os fatos biográficos para isso. | |
| He had already sent me two most appreciative letters for the article on his life among the soldiers included in the book, when it appeared in the <i>New York Critic</i> . | Ele já me havia enviado duas cartas de agradecimento pelo artigo sobre sua vida entre os soldados incluído no livro, por ocasião da sua publicação no <i>New York Critic</i> . | Ele já havia me enviado duas cartas muito agradecidas pelo artigo sobre sua vida entre os soldados incluído no livro, quando saiu no <i>New York Critic</i> . | |
| Those who have had the friendship of Walt Whitman know how much he meant when he said, “Thank you deeply.” This capacity for grateful | Aqueles que tiveram a amizade de Walt Whitman sabem o quanto ele estava falando sério quando dizia: “Muito obrigado”. Esta capacidade de gratidão e afeto, Anne Gilchrist apreciava plenamente; e o | Aqueles que tiveram a amizade de Walt Whitman sabem o quanto ele quis dizer quando disse: “Muito obrigado”. Anne Gilchrist apreciava plenamente essa | 193) Optei pela modulação na frase para que ficasse mais próxima do que se usaria normalmente na LC. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>affection Anne Gilchrist fully appreciated; and the</p> <p>Página 38</p> <p>poet was only too happy for the opportunity now given for personal expression.</p> | <p>Página 38</p> <p>poeta ficou muito feliz pela oportunidade de expressar isso pessoalmente (193).</p> | <p>capacidade de agradecimento e afeição; e o</p> <p>Página 38</p> <p>poeta ficou muito feliz com a oportunidade agora dada de expressão pessoal.</p> | |
| <p>Day after day he came to her boarding-place in Philadelphia, (1929 North 22nd street.) Every evening but Sunday he was likely to be at her right hand in the circle gathered around her tea-table.</p> | <p>Dia após dia ele vinha à sua casa (194) na Filadélfia, (1929 North 22nd street). E todas as noites, exceto domingos, era provável que ele estivesse à sua direita no círculo reunido em torno de sua mesa de chá.</p> | <p>Dia após dia, vinha ao albergue dela na Filadélfia (1929 North 22nd street). Todas as noites, exceto aos domingos, era provável que ele estivesse à sua direita no círculo reunido em torno da mesa de chá.</p> | <p>194) “Boarding house”, normalmente, refere-se a uma espécie de pensão, onde as pessoas pagam, mensalmente, pela hospedagem e comida. Nesse caso, optei por traduzir por “sua casa”, porque não há indícios de que Anne Gilchrist e os filhos tenham parado em uma pensão durante a estadia nos Estados Unidos. Há várias passagens no livro que sugerem que Anne alugou uma casa para morar com os filhos na Filadélfia.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|-------------|
| <p>His white hair and beard gave him a look of age “curiously contradicted to his face,” she wrote Rossetti, “which has not only the ruddy freshness, but the full-rounded contour of youth, nowhere drawn or wrinkled or sunk – a face indicative of serenity and goodness.”</p> | <p>Seus cabelos brancos e barba lhe davam uma aparência de idade “curiosamente contraditória ao seu rosto”, ela escreveu a Rossetti, “que não só tem o frescor corado, mas o contorno arredondado da juventude, em nenhum lugar marcado, ou enrugado, ou encovado – um rosto indicativo de serenidade e bondade”.</p> | <p>Seu cabelo e barba brancos lhe davam uma aparência de idade “curiosamente contrariada em seu rosto”, escreveu ela a Rossetti, “que não tem apenas o frescor avermelhado, mas o contorno arredondado da juventude, em nenhum lugar desenhado, enrugado ou encovado – um rosto indicativo de serenidade e bondade.”</p> | |
| <p>As a result of a paralytic stroke, he inclined “to drag rather than lift” the left leg. She was always impressed with his striking personality.</p> | <p>Como resultado de um acidente vascular cerebral, ele “arrastava em vez de levantar” a perna esquerda. Ela sempre se impressionava com a sua personalidade marcante.</p> | <p>Como resultado de um derrame paralítico, ele se inclinou “a arrastar em vez de levantar” a perna esquerda. Ela sempre ficou impressionada com sua personalidade marcante.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|---|
| <p>One evening, when Joaquin Miller was a guest at the tea-table, he came in a little late. “Ah!” exclaimed Miller, as he arose to greet him, “He looks like a god to-night!”</p> | <p>Uma noite, quando Joaquin Miller era um convidado à mesa de chá, ele chegou um pouco tarde. “Ah!” exclamou Miller, ao levantar-se para cumprimenta-lo, “Ele parece um deus esta noite!”</p> | <p>Uma noite, quando Joaquin Miller era um convidado na mesa de chá, ele chegou um pouco tarde. “Ah!” exclamou Miller, ao se levantar para cumprimentá-lo: “Ele parece um deus esta noite!”</p> | |
| <p>In referring to those days, Joaquin Miller wrote me from his California home in December, 1896, that Mrs. Gilchrist “would not be forgotten – Walt was ever safe in her hands.”</p> | <p>Ao referir-se àqueles dias, Joaquin Miller escreveu-me da sua casa, na Califórnia, em dezembro de 1896, dizendo que a Sra. Gilchrist “não será esquecida – Walt estava para sempre seguro em suas mãos”.</p> | <p>Referindo-se àqueles dias, Joaquin Miller escreveu-me de sua casa na Califórnia em dezembro de 1896, que a Sra. Gilchrist “não seria esquecida – Walt sempre esteve seguro em suas mãos”.</p> | |
| <p>In those evenings, rich in conversation and friendly greetings, the good gray poet rarely read his own poems. He</p> | <p>Naquelas noites, ricas em conversas e acolhidas amigáveis, o bom e grisalho poeta raramente lia os seus próprios poemas. Ele</p> | <p>Nessas noites, rico em conversas e saudações amigáveis, o bom poeta cinza raramente lia seus próprios poemas. Ele se inclinou mais para</p> | <p>195) Usei o verbo “preferir”, por achar que exprime melhor o sentido do texto.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| inclined more to discuss the work and personality of others. | preferia (195) discutir o trabalho e a personalidade dos outros. | discutir o trabalho e a personalidade dos outros. | |
| Years afterward Grace, or “Giddy” as they then called her, added her public impressions, to those of her brother Herbert, of the two years her family spent in the Quaker City of Philadelphia. | Anos depois, Grace, ou “Giddy”, como então a chamavam, acrescentou suas impressões (196) às de seu irmão Herbert, dos dois anos que sua família passou na Cidade Quaker da Filadélfia ²⁴⁵ . | Anos depois, Grace, ou “Giddy”, como a chamavam então, acrescentou suas impressões públicas , às de seu irmão Herbert, dos dois anos que sua família passou na cidade quacre da Filadélfia. | 196) Resolvi omitir a palavra “public”, por achar que não faria diferença na compreensão do texto na LC. |
| Página 39 She recalled the rich personality of Whitman, when, after supper, they would all take their chairs out “American fashion, besides the stoop – that is on the | Página 39 Ela lembrou a rica personalidade de Whitman, quando, depois do jantar, todos eles levavam as cadeiras “ à moda americana, na calçada, ao pé dos degraus da | Página 39 Ela lembrou a rica personalidade de Whitman, quando, após o jantar, todos retiravam suas cadeiras “ à moda americana, além da varanda – que fica na | 197) Usei uma modulação, porque a palavra “stoop” não tem um equivalente na LC. |

²⁴⁵ O Estado da Pensilvânia era de propriedade de William Penn (1644-1718) que, ao criar a cidade da Filadélfia tinha a pretensão que ela se tornasse uma referência econômica e moral. Penn fazia parte de um movimento religioso chamado “Sociedade Religiosa dos Amigos da Verdade” (Quakers) e, apesar de não haver qualquer evidência de que Penn tenha usado ele mesmo o termo “Quaker City”, fica absolutamente clara a influência das crenças e ensinamentos Quaker no planejamento e criação da cidade (Fonte: The ENCYCLOPEDIA of Greater Philadelphia. Disponível em: <<https://philadelphiaencyclopedia.org/archive/quaker-city/>>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>pavement below the front steps of the house” – and have the friendly evening together. The poet, sitting in a large bamboo rocking-chair, would declaim scenes from Tennyson, Shakespeare and others, but would rarely recite anything of his own. She recalled “The Mystic Trumpeter” as one he often recited, that having been a favorite one for his recital to the soldiers in the hospitals.</p> | <p>frente da casa” (197) – e aproveitavam a noite agradável juntos. O poeta, sentado em uma grande cadeira de balanço de bambu, declamava cenas de Tennyson, Shakespeare e outros, mas raramente recitava algo de sua autoria. Ela lembra que ele costumava recitar “The Mystic Trumpeter”, um dos poemas que ele mais gostava de recitar aos soldados nos hospitais.</p> | <p>calçada embaixo dos degraus da frente da casa” – e passavam a noite amistosa juntos. O poeta, sentado em uma grande cadeira de balanço de bambu, declamava cenas de Tennyson, Shakespeare e outros, mas raramente recitava algo de sua autoria. Ela se lembrou de “The Mystic Trumpeter”, como ele costumava recitar, que era o favorito para recitar para os soldados nos hospitais.</p> | |
| <p>She referred to his confession that he could not find the satisfaction in Shakespeare’s heroines that some did. “I think,” he said, “it is partly owing to the fact that women</p> | <p>Ela lembrou da confissão dele de que não encontrava a satisfação nas heroínas de Shakespeare que alguns encontravam. “Eu acho”, disse ele, “que isso se deve em parte ao fato de que as mulheres</p> | <p>Ela se referiu à sua confissão de que ele não conseguia encontrar nas heroínas de Shakespeare a satisfação que alguns encontravam. “Eu acho”, disse ele, “em parte devido ao fato de que as</p> | <p>198) Optei por <i>explicar</i> melhor a frase para que ficasse mais clara na LC.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|--|
| never actually acted in Shakespeare's time; boys were dressed up, and Shakespeare must have had those in mind.” | nunca realmente atuavam no tempo de Shakespeare; os meninos eram vestidos como mulheres (198) , e Shakespeare devia ter eles em mente”. | mulheres nunca atuaram na época de Shakespeare; os meninos estavam vestidos , e Shakespeare deve ter pensado nisso.” | |
| He declared he felt like comparing his plays to “large, rich, splendid tapestry, like Raphael's historical cartoons, where everything is broad and colossal. Royal kings and queens did not really talk like that, but ought to if they did not; it is redeemed in that way. Now you can't say that of Nature – a tree is what it is, and you can't make it out better than it is.” | Ele declarou que sentia vontade de comparar essas peças a “grandes, ricas e esplêndidas tapeçarias, como os cartões históricos ²⁴⁶ de Raphael (199) , onde tudo é amplo e colossal. Reis e rainhas não falavam realmente assim, mas deveriam; pois assim é redimido. Agora, não se pode dizer o mesmo da Natureza – uma árvore é o que ela é, e não se pode mostrá-la melhor do que é”. | Ele declarou que tinha vontade de comparar suas peças a “tapeçarias grandes, ricas e esplêndidas, como os cartuns históricos de Rafael, onde tudo é amplo e colossal. Reis e rainhas reais não falavam assim, mas deveriam falar se não o fizessem; é redimido dessa forma. Agora você não pode dizer isso da Natureza - uma árvore é o que é, e você não pode distinguí-la melhor do que é.” | 199) Por ser um nome próprio, optei por deixar a grafia da LP. |

²⁴⁶ Uma série de dez cartões criados pelo pintor renascentista Raphael entre 1515 e 1516 encomendadas pelo Papa Leão X. As partir dos cartões foram criadas tapeçarias para cobrir as paredes da Capela Sistina em Roma.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| At another time he said he didn't care for "Strawberry teas" and the like. He enjoyed "being with those he loved, and was never tired of that." | Em outra oportunidade ele disse que não se importava com "chás de morango" e coisas do gênero. Ele gostava de "estar com aqueles que amava, e nunca se cansava disso". | Em outra ocasião, ele disse que não ligava para "chás de morango e coisas do gênero. Ele gostava de "estar com aqueles que amava e nunca se cansava disso". | |
| The son Herbert, in his biography, recalls interesting incidents of these friendly gatherings at the boarding-place of his mother in Philadelphia. Página 40 | O filho, Herbert, na sua biografia, lembra incidentes interessantes desses encontros agradáveis, na casa de sua mãe (200), na Filadélfia. Página 40 | O filho Herbert, em sua biografia, relembra incidentes interessantes dessas reuniões amigáveis no alojamento de sua mãe na Filadélfia. Página 40 | 200) Mesmo caso da página 38. Novamente traduzo "boarding-place" apenas por "casa". |
| At one time she persuaded him to read <i>Romola</i> , knowing that George Eliot was not a favorite of his. The result, however, was not satisfactory. The book seemed to him more "like a mosaic, each bit good," but he | Certa vez, ela o convenceu a ler <i>Romola</i> , sabendo que George Eliot não era uma de suas favoritas. O resultado, porém, não foi satisfatório. O livro pareceu-lhe mais "como um mosaico, cada pedaço bom", mas ele queria um | Certa vez, ela o persuadiu a ler <i>Romola</i> , sabendo que George Eliot não era um de seus favoritos. O resultado, entretanto, não foi satisfatório. O livro parecia-lhe mais "como um mosaico, cada pedaço bom", mas ele queria um | ‘ |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| <p>wanted a “thread, something to carry him on in a novel.” He thought <i>Romola</i> was “statuesque; her author always poses her before the reader is allowed to see her, as a photographer does – ‘your chin a little higher, please!’”</p> | <p>“fio, algo que o conduzisse dentro do romance”. Ele achava que <i>Romola</i> era “escultural; a sua autora sempre a posa antes que o leitor possa vê-la, como faz um fotógrafo – ‘seu queixo um pouco mais alto, por favor!’”</p> | <p>“fio, algo para carregá-lo em um romance”. Ele achava que <i>Romola</i> era “escultural; seu autor sempre a posiciona antes que o leitor possa vê-la, como um fotógrafo faz – ‘seu queixo um pouco mais alto, por favor!’”</p> | |
| <p>The story was melancholy to him. “Ah!” he exclaimed, “when the Greeks treated of tragedy, how differently it was done. They did it in a lofty way, so that there seemed to be fulfillment in defeat; a tragedy as treated by the ancients inspires – fills one with hope.”</p> | <p>A história era melancolia para ele. “Ah!” ele exclamou, “quando os gregos trataram da tragédia, era de uma forma diferente. Faziam-na de uma forma sublime, de modo que parecia haver realização na derrota; uma tragédia, como a tratada pelos antigos, inspira – enche-nos de esperança”.</p> | <p>A história era melancólica para ele. “Ah!” ele exclamou: “quando os gregos trataram de tragédia, quão diferente foi feito. Eles fizeram isso de uma maneira elevada, de modo que parecia haver realização na derrota; uma tragédia tratada pelos antigos inspira - enche a pessoa de esperança.”</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>He once said that Walter Scott was ever a great favorite with him, especially his <i>Heart of Mid-Lothian</i>. His work breathed more of the open air than of the workshop. His humanity refreshed him. At another time, referring to Burns, he spoke of his large humanity. “Convivial Burns!” he exclaimed, “fond of comrades, of talking and joking; I think that I, nay, that we, should all have liked him. What a tragedy his life was, poor fellow!”</p> | <p>Uma vez ele disse que Walter Scott²⁴⁷ sempre foi um grande favorito seu, especialmente o seu <i>Heart of Mid-Lothian</i>. O seu trabalho inspirava mais do ar livre do que da oficina. A sua humanidade o refrescava. Em outro momento, referindo-se a Burns²⁴⁸, ele falou de sua grande humanidade. “Sociável Burns! (201)”, exclamou ele, “afeiçoado aos camaradas, gostava de falar e brincar; penso que eu, não, que todos nós deveríamos ter gostado dele. Que tragédia foi a sua vida, pobre homem!²⁴⁹”</p> | <p>Ele uma vez disse que Walter Scott sempre foi um grande favorito com ele, especialmente seu <i>Coração de Mid-Lothian</i>. Seu trabalho respirava mais ao ar livre do que à oficina. Sua humanidade o refrescou. Em outro momento, referindo-se a Burns, ele falou de sua grande humanidade. “Queimaduras Conviviais!” ele exclamou, “gosta de camaradas, de falar e brincar; Acho que eu, não, que todos deveríamos ter gostado dele. Que tragédia foi a vida dele, pobre sujeito!”</p> | <p>201) Optei, aqui, por usar a palavra “sociável”, por achar que se encaixa no sentido da frase. O TA não identificou “Burns” como um nome próprio e o traduziu como se fosse o substantivo “queimaduras”.</p> |

²⁴⁷ Walter Scott (1771-1832) foi um escritor escocês de romances e poesias.

²⁴⁸ Robert Burns (1759-1796), escritor e poeta escocês.

²⁴⁹ Referindo-se aqui à curta mas agitada vida de Burns, que morreu com apenas 37 anos.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| Walt always spoke of George Sand's work with interest, especially <i>Consuelo</i> . His knowledge of music and drama made his discussion on those subjects interesting, for Mrs. Gilchrist was musical by nature and education. | Walt sempre falou do trabalho de George Sand ²⁵⁰ com interesse, especialmente <i>Consuelo</i> . O seu conhecimento de música e dramaturgia deixavam ainda mais interessantes as suas discussões sobre esses temas, pois a Sra. Gilchrist era musical por natureza e educação. | Walt sempre falou do trabalho de George Sand com interesse, especialmente <i>Consuelo</i> . Seu conhecimento de música e drama tornou sua discussão sobre esses assuntos interessante, pois a Sra. Gilchrist era musical por natureza e educação. | |
| When they were Página 41 in a box seeing Joaquin Miller's new play, <i>The Danites</i> , she noticed that though now and then he nodded approval, he did it with the reserve of an old | Certa ocasião, quando estavam Página 41 em um camarote assistindo a nova peça de Joaquin Miller, <i>The Danites</i> , ela notou que, mesmo que de vez em quando ele assentisse com a cabeça, fazia isso com a | Quando eles estavam Página 41 em um camarote vendo a nova peça de Joaquin Miller, <i>The Danites</i> , ela percebeu que, embora de vez em quando ele acenasse com a cabeça, ele o fazia com a | |

²⁵⁰ George Sand é o pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant (1804-1876), romancista e memorialista francesa. Ela usava um pseudônimo masculino para ser aceita no meio literário. *Indiana*, o primeiro romance que assina como George Sand, é justamente uma crítica contra as convenções sociais da época, que reprimiam a liberdade das mulheres.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|---|
| playgoer who had seen the great artists. | reserva de um velho espectador que tinha visto os grandes artistas | reserva de um velho espectador que tinha visto os grandes artistas. | |
| But it was as a democrat she saw the richest life in him – his love for the individual <i>everywhere</i> – for the person itself, aside from the profession. “I am the bard of personality,” he said, much to her joy, for in that she saw soul-recognition for the humblest. | Mas foi como democrata que ela viu nele a vida mais rica – seu amor pelo indivíduo <i>em todos os lugares</i> – pela pessoa em si, além da profissão. “Eu sou o bardo da personalidade”, disse ele, muito para alegria dela, pois ali ela sentiu uma conexão entre eles pelos mais humildes (202). | Mas foi como democrata que ela viu nele a vida mais rica - seu amor pelo indivíduo em todos os lugares – pela própria pessoa, além da profissão. “Eu sou o bardo da personalidade”, disse ele, para grande alegria dela, pois nisso ela via o reconhecimento da alma para os mais humildes. | 202) “Soul-recognition” seria o momento em que uma pessoa se dá conta que encontrou sua alma-gêmea. Optei, então, por “sentir uma conexão entre eles pelos mais humildes”. |
| Speaking of Tennyson one evening, he said it was a pity for such a personality as his not to invest more of his capital in comradeship. “Literary men and artists seem to shrink from companionship; to me it is exhilarating; affects me in the | Falando de Tennyson, uma noite, ele disse que era uma pena uma personalidade como a dele não investir mais do seu capital em camaradagem (203) . “Os homens das letras e os artistas parecem encolher de companheirismo; para mim é estimulante; afeta-me da | Falando de Tennyson uma noite, ele disse que era uma pena para uma personalidade como a dele não investir mais de seu capital em camaradagem. “Os homens e artistas literários parecem evitar o companheirismo; para mim é | 203) Optei por usar “camaradagem” para o termo “comradship” usado por Whitman com muita frequência. “Comradhip” era, para ele, tanto uma experiência religiosa, na qual os humanos sentiriam a presença de Deus em todas as coisas e comprovariam a imortalidade da |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|--|
| same way that the light or storm does.” | mesma forma que a luz ou a tempestade”. | estimulante; me afeta da mesma forma que a luz ou a tempestade.” | alma; como uma questão política, um vínculo entre os homens que unificaria os Estados Unidos; quanto teria uma importante função no mundo artístico, juntando leitores e autores. |
| He said that though he liked Thoreau, what he once said to him, when walking in his favorite Brooklyn, jarred on him. “What is there in people? Pshaw! What do you (a man who sees as well as anybody) see in all this cheating, political corruption?” He felt that it was not so much a love of woods, streams and hills that made | Ele disse que embora gostasse de Thoreau ²⁵¹ , o que uma vez ele lhe disse, ao andar no seu querido Brooklyn (204) , lhe causou desconforto: “O que há com as pessoas? Ah! (205) O que você (um homem que vê tão bem quanto qualquer um) vê em toda essa desonestidade e corrupção política?” Ele sentiu que não foi tanto o amor pelos bosques, | Ele disse que embora gostasse de Thoreau, o que ele uma vez disse a ele, ao caminhar em seu Brooklyn favorito , o chocou. “O que há nas pessoas? Pshaw! O que você (um homem que vê tão bem quanto qualquer um) vê em toda essa trapaça, corrupção política?” Ele sentia que não era tanto o amor pelos bosques, riachos e colinas que faziam Thoreau viver no | 204) Optei pela troca de “Brooklyn favorito” por “querido Brooklyn”, por achar que fica mais claro na LC. 205) “Pshaw!” é uma interjeição usada no inglês britânico para expressar reprovação ou desgosto. Optei traduzir por “Ah!”. |

²⁵¹ Henry David Thoreau (1817-1862): autor estadunidense, poeta, naturalista, ativista anti-impostos, crítico da ideia de desenvolvimento, pesquisador, historiador, filósofo e transcendentalista.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|-------------|
| Thoreau live in the country, as a morbid dislike of humanity. | riachos e colinas que fez Thoreau viver no campo, mas sim uma mórbida aversão à humanidade. | campo, como uma antipatia mórbida pela humanidade. | |
| <p>He even felt a little vexed, at times, that the good William (Shakespeare) should have failed to see anything in the common people; for, unless it be the faithful servant in <i>As You Like It</i>, there was not a single character of the people in his plays who was not a booby (Jack Cade, Bottom) – and no doubt they were – only it showed him how entirely</p> <p>Página 42</p> | <p>Ele até se sentia um pouco irritado, às vezes, que o bom William (Shakespeare) falhou em ver algo no povo comum; pois, se não fosse o servo fiel em <i>As You Like It</i>, não haveria um único personagem do povo em suas peças que não fosse um tolo (Jack Cade, Bottom)²⁵² – e sem</p> <p>Página 42</p> <p>dúvida eram – mas isso lhe mostrava como Shakespeare foi totalmente absorvido pelo feudalismo de sua época.</p> | <p>Ele até se sentia um pouco aborrecido, às vezes, porque o bom William (Shakespeare) não conseguia ver nada nas pessoas comuns; pois, a menos que seja o servo fiel de <i>As You Like It</i>, não havia um único personagem das pessoas em suas peças que não fosse um tolo (Jack Cade, Bottom) – e sem</p> <p>Página 42</p> <p>dúvida eram – apenas isso lhe mostrava quão inteiramente</p> | |

²⁵² Jack Cade: líder da revolta popular de 1450 na Inglaterra, conhecida como *Jack Cade Rebellion*. A história de Jack Cade foi contada por William Shakespeare na peça *Henry VI*, parte 2; Nick Bottom: tecelão, personagem de *Sonho de uma Noite de Verão*.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| Shakespeare was absorbed in the feudalism of his time. | | Shakespeare estava absorvido pelo feudalismo de seu tempo. | |
| Walt often spoke of his own experiences with those who were ignorant of him as a writer or poet. Poets and artists were such “far-off things” to many of them, that he declared he found real entertainment in their opinions, and even in their astonishment that one such could come among them talking freely. | Walt falava com frequência das suas próprias experiências com aqueles que o ignoravam como escritor ou poeta. Poetas e artistas eram “coisas tão distantes” para muitos deles, que ele dizia que encontrava entretenimento real em suas opiniões, e até mesmo em seu espanto ao pensar que um poderia estar entre eles falando livremente. | Walt sempre falava de suas próprias experiências com aqueles que o ignoravam como escritor ou poeta. Poetas e artistas eram “coisas tão distantes” para muitos deles, que ele declarou que achava verdadeiro entretenimento em suas opiniões, e até mesmo em seu espanto de alguém como eles pudesse vir entre eles falando livremente. | |
| He enjoyed giving his reminiscences of the war to pilot-men, engineers, car-drives, etc. He noted all the criticisms, referring one time to a piece of advice he received | Ele gostava de falar de suas reminiscências da guerra a pilotos, engenheiros, motoristas etc. Ele registrava todas as críticas, referindo-se, certa vez, a um conselho recebido de um velho | Gostava de dar suas reminiscências da guerra a pilotos, engenheiros, motoristas etc. Ele anotava todas as críticas, referindo-se uma vez a um conselho que recebeu de um velho | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|-------------|
| from an old fellow who, after having read <i>Leaves of Grass</i> , asked, very earnestly, why he didn't study Addison. "You ought to read Addison's works," he concluded gravely. | sujeito que, depois de ter lido <i>Leaves of Grass</i> , perguntou, muito sinceramente, por que ele não estudava Addison ²⁵³ . "Você deveria ler as obras de Addison", concluiu ele com seriedade. | que, depois de ler Folhas na Relva, perguntou, muito seriamente, por que ele não estudou Addison. "Você deveria ler os trabalhos de Addison", concluiu gravemente. | |
| When Edward Carpenter came to America mainly to see the "good, gray poet," Walt took him to call on Anne. Her predilection to science, leading her mind to the roots of things, made her an interesting companion. One can easily imagine these three large natures talking together of the | Quando Edward Carpenter ²⁵⁴ veio à América, principalmente para ver o "bom e grisalho poeta", Walt o levou para ver Anne. Sua predileção pela ciência, levando seu pensamento às raízes das coisas, fazia dela uma companheira interessante. Pode-se facilmente imaginar essas três grandes personalidades | Quando Edward Carpenter veio para a América principalmente para ver o "bom poeta cinzento", Walt o levou para visitar Anne. Sua predileção pela ciência, levando sua mente às raízes das coisas, fazia dela uma companheira interessante. Pode-se facilmente imaginar essas três grandes naturezas conversando | |

²⁵³ Joseph Addison (1672-1719), poeta e ensaísta inglês, conhecido por suas obras contendo ideias liberais, mas escritas de forma a ajustar-se aos modelos clássicos, agradando, assim, ao público e à crítica.

²⁵⁴ Edward Carpenter (1844-1929): poeta inglês, socialista, filósofo, antologista e um dos primeiros ativistas políticos homossexuais. Vivia em uma comunidade gay perto de Sheffield, Inglaterra, e dizia que a leitura dos poemas de Walt Whitman o havia modificado profundamente.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| new forms of poetry, of democracy, and other subjects. | conversando sobre as novas formas de poesia, de democracia e outros assuntos. | sobre as novas formas de poesia, de democracia e outros assuntos. | |
| Anne, according to her son, was a “good and rather copious talker, serious and amusing as well,” and had a most musical voice. Her large, loving nature and fine sympathy made her liberal and charitable. | Anne, segundo seu filho, era uma “boa e copiosa falante, séria e divertida também”, e tinha uma voz muito musical. A sua grande e amorosa personalidade e a sua profunda simpatia faziam dela compreensiva e caridosa. | Anne, segundo seu filho, era uma “boa e fofa conversadora, séria e divertida também”, e tinha uma voz muito musical. Sua natureza grande e amorosa e sua simpatia tornaram-na liberal e caridosa. | |
| Walt called her his “noblest woman friend” as well as “science-friend.” (<i>Going Somewhere</i> .) Her nobility of soul was the secret of this great capacity for friendship with great minds. She could not | Walt a chamava de sua “mais nobre amiga”, assim como “amiga da ciência” (<i>Going Somewhere</i>). Sua nobreza de alma era o segredo dessa grande capacidade de amizade com grandes mentes. Ela jamais | Walt a chamou de “amiga mais nobre” e “amiga da ciência”. (Página 43 para algum lugar.) Sua nobreza de alma era o segredo dessa grande capacidade de amizade com grandes mentes. Ela não podia se rebaixar ao vulgar ou ao superficial. | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| stoop to the vulgar or to the superficial. | inclinava-se ao vulgar ou ao superficial. | | |
| <p>“I never knew a woman,” said Rossetti, “who, while maintaining a decorous social position, from which she never deviated or derogated by a hair’s breath, showed less propensity towards any of those social distinctions which are essentially factitious and arbitrary.” And years afterward, in 1897, referring to her in a letter to me, he said he always thought of her with “affection and respect.”</p> | <p>“Nunca conheci uma mulher”, disse Rossetti, “que, embora mantendo uma posição social decorosa, da qual ela nunca se desviou ou derogou mesmo por um instante (206), tenha mostrado menos propensão para qualquer uma dessas distinções sociais, que são essencialmente injustas e arbitrarias”. E, anos depois, em 1897, referindo-se a ela em uma carta a mim, disse que sempre pensava nela com “afeto e respeito”.</p> | <p>“Eu nunca conheci uma mulher”, disse Rossetti, “que, embora mantendo uma posição social decorosa, da qual ela nunca se desviou ou derogou por um fio de cabelo, mostrou menos propensão para qualquer uma dessas distinções sociais que são essencialmente fictícias e arbitrarias”. E anos depois, em 1897, referindo-se a ela em uma carta para mim, ele disse que sempre pensou nela com “carinho e respeito”.</p> | <p>206) “By a hair’s breath”: expressão idiomática significando uma quantia ou margem muito pequena. Optei por traduzir a metáfora pela língua congruente: “por um instante”.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| Her friend, Mrs. Elizabeth Robbins Pennell, referred to this splendid capacity for friendship in writing of her in the <i>New York Critic</i> . She says her letters to her friends were “more full of thoughts and more finished in style than many of the articles published in papers and reviews.” | Sua amiga, a Sra. Elizabeth Robbins Pennell ²⁵⁵ , referiu-se a essa esplêndida capacidade de amizade ao escrever sobre ela no <i>New York Critic</i> . Ela diz que suas cartas para os amigos eram “mais cheias de pensamentos e melhor acabadas, em estilo, do que muitos dos artigos publicados e resenhas”. | Sua amiga, a Sra. Elizabeth Robbins Pennell, referiu-se a essa esplêndida capacidade de amizade ao escrever sobre ela no <i>New York Critic</i> . Ela diz que suas cartas para seus amigos eram “mais cheias de pensamentos e mais acabadas em grande estilo do que muitos dos artigos publicados em jornais e resenhas”. | |
| Some of her most “beautiful, characteristic and copious” letters were, according to the <i>Athenaeum</i> , written to her great American friend, Walt Whitman. These the poet kept as sacred to his dying day. On | Algumas das suas cartas mais “belas, representativas e extensas” foram, segundo o <i>Athenaeum</i> ²⁵⁶ , escritas ao seu grande amigo americano, Walt Whitman. Estas, o poeta guardou como sagradas até ao dia da sua morte. Quando | Algumas de suas cartas mais “bonitas, características e abundantes” foram, segundo o <i>Athenaeum</i> , escritas a seu grande amigo americano, Walt Whitman. O poeta considerou essas coisas sagradas até o dia da sua morte. Ao | 207) Optei por repetir o nome de Whitman, para que não ficasse confuso na LC. |

²⁵⁵ Elizabeth Robins Pennell (1855-1936), escritora norte-americana que morou em Londres de 1884 a 1918.

²⁵⁶ *The Athenaeum* era uma revista literária semanal, publicada em Londres entre 1828 e 1921. Era considerada uma das mais lidas e mais influentes da era vitoriana.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| <p>being appealed to by Herbert Gilchrist to give them, or parts of them, for publication in the biography of his mother, he said he could not furnish any good reason, but he felt to keep these utterances exclusively to himself.</p> | <p>Herbert Gilchrist as pediu, ou, pelo menos partes delas, para a publicação na biografia de sua mãe, Whitman (207) disse que não poderia fornecer nenhuma boa razão, mas sentia que devia guardar estas palavras exclusivamente para si.</p> | <p>ser apelado por Herbert Gilchrist para entrega-los, ou partes deles, para publicação na biografia de sua mãe, ele disse que não poderia fornecer nenhum bom motivo, mas sentiu que deveria manter essas declarações exclusivamente para si mesmo.</p> | |
| <p>While in America, Mrs. Gilchrist's pen was not idle. Besides prose translation from Victor Hugo's Página 44 <i>La Legende des Siècles</i>, letters, etc., she wrote an occasional article or essay. One written at Northampton, Massachusetts (where she went after her two years' stay in Philadelphia),</p> | <p>Enquanto esteve na América, a caneta da Sra. Gilchrist não ficou ociosa. Além da tradução em prosa de Página 44 <i>La Legende des Siècles</i>, de Victor Hugo, cartas, etc., ela, ocasionalmente, escrevia um artigo ou ensaio. Um desses, escrito em Northampton, Massachusetts (para onde ela se</p> | <p>Enquanto estava na América, a caneta da Sra. Gilchrist não estava ociosa. Além da tradução em prosa de Página 44 <i>La Legende des Siècles</i> de Vitor Hugo, cartas, etc., ela escreveu um artigo ou ensaio ocasional. Um escrito em Northampton, Massachusetts (para onde ela foi após sua estada de dois anos na</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| under the title “Three Glimpses of a New England Village,” eventually appeared in Blackwood’s Magazine, (November, 1884.) | mudou depois de sua estadia de dois anos na Filadélfia), sob o título “Three Glimpses of a New England Village”, foi publicado na <i>Blackwood's Magazine</i> (novembro de 1884.) | Filadélfia), sob o título “Três Vislumbres de uma Vila da Nova Inglaterra”, acabou aparecendo na Blackwood's Magazine, (novembro de 1884.) | |
| In this she pleasantly compared the New England valley to the English weald of Sussex, acknowledging its advantage of a broad and beautiful river winding through it (the Connecticut), while its hills were about two hundred feet higher. | Nele, ela comparou, agradavelmente, o vale da Nova Inglaterra com a floresta (208) de Sussex, na Inglaterra, reconhecendo sua vantagem de ter um rio largo e bonito que serpenteia através dele (o Connecticut), enquanto suas colinas eram cerca de duzentos pés mais altas (209) . | Nisso, ela comparou agradavelmente o vale da Nova Inglaterra ao weald inglês de Sussex, reconhecendo sua vantagem de um rio amplo e belo que o atravessa (o Connecticut), enquanto suas colinas eram cerca de duzentos pés mais altas. | 208) No original, lê-se “weald”, que é a palavra anglo-saxã para floresta. Apesar de grande parte das florestas da Inglaterra já não existirem mais, essa região ainda é conhecida como “The Weald”. Mas, para facilitar a compreensão na LC, optei por “floresta” na tradução. 209) Optei, como das demais vezes, por deixar a mesma unidade de medida usada na LP. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|-------------|
| <p>By signs in the Amherst Museum, she judged that New England was old compared to Old England since for ages one had dry land, while the other had a waste of waters. She not only pictured the natural beauties of the region, but its history, including the long-supposed “miraculous deliverance” in old Hatfield, of which Sir Walter Scott, Cooper, Miss Sedgwick and Hawthorne had treated.</p> | <p>Pelo que viu no Museu Amherst, ela julgou que a Nova Inglaterra era velha, em comparação com a Velha Inglaterra, pois, desde há muito tempo, nela se tinha terra seca, enquanto a outra tinha um desperdício de água. Ela não só retratou as belezas naturais da região, mas a sua história, incluindo a suposta “libertação milagrosa” na velha Hatfield, da qual Sir Walter Scott²⁵⁷, Cooper²⁵⁸, Miss Sedgwick²⁵⁹ e Hawthorne²⁶⁰ haviam tratado.</p> | <p>Por placas no Museu Amherst, ela julgou que a Nova Inglaterra era velha em comparação com a Velha Inglaterra, já que por muito tempo uma tinha terra seca, enquanto a outra tinha um desperdício de água. Ela não apenas retratou as belezas naturais da região, mas sua história, incluindo a suposta “libertação milagrosa” na velha Hatfield, da qual Sir Walter Scott, Cooper, Miss Sedgwick e Hawthorne haviam tratado.</p> | |

²⁵⁷ Sir Walter Scott (1771-1832), escritor Escocês, considerado o criador do romance histórico.

²⁵⁸ James Fenimore Cooper (1789-1851), político e escritor estadunidense, criador de uma literatura cujo herói era tipicamente americano.

²⁵⁹ Catherine Maria Sedgwick (1789-1867), romancista estadunidense, combinava, em suas obras, o patriotismo com protestos contra a opressão puritana.

²⁶⁰ Nathaniel Hawthorne (1804-1864), escritor estadunidense, considerado o primeiro grande escritor dos Estados Unidos.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| <p>She was in love, like all of us, with Hatfield’s wide street with its double avenue of superb elms, looking to her most like the entrance to a fine park than a village street. Socially, the town reminded her of Cranford, but “Cranford with a difference.” There was the same preponderance of maiden ladies and widows; the same tea-parties with a “solitary beau in the centre, like the one white flower in the middle of a nosegay;” the same “modest goodness, kindness, refinement, making the best of</p> | <p>Ela estava apaixonada, como todos nós, pela larga rua de Hatfield, com a sua avenida dupla de soberbos ulmeiros²⁶¹, parecendo, para ela, mais como a entrada de um belo parque do que uma rua de uma pequena cidade. Socialmente, a cidade lembrava-a de Cranford, mas “Cranford com uma diferença”. Havia a mesma preponderância de solteiras e viúvas; as mesmas tardes de chá com um “pretendente solitário no centro, como uma flor branca no meio do buquê”; a mesma “modesta generosidade, bondade, requinte, tirando o melhor de</p> | <p>Ela estava apaixonada, como todos nós, pela rua larga de Hatfield, com sua avenida dupla de olmos soberbos, parecendo-lhe mais a entrada de um belo parque do que uma rua da aldeia. Socialmente, a cidade a lembrava de Cranford, mas “Cranford com uma diferença”. Havia a mesma preponderância de donzelas e viúvas; os mesmos chás com um “namorado solitário no centro, como a única flor branca no meio de um ramallete”; a mesma “modesta bondade, gentileza, refinamento, tirando o melhor proveito dos</p> | |

²⁶¹ Grandes árvores nativas da Europa.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| Página 45 limited means and of restricted interests.” | Página 45 meios limitados e interesses restritos”. | Página 45 meios limitados e dos interesses restritos”. | |
| But she made haste to say the heroines did not wait for the “inevitable, faithful, long-absent, mysteriously-returning-at-the-right-moment-love to redeem their lives from triviality, and renew their faded bloom;” they lived the modern life – Miss Smith founded a college, and Miss Harriet Rogers opened the way for dumb to speak. | Mas ela se apressou em dizer que as heroínas não esperavam pelo “amor inevitável, fiel, há muito ausente, retornando, misteriosamente, no momento certo, para redimir suas vidas da trivialidade e renovar seu desbotado desabrochar”; elas viviam a vida moderna – a Srta. Smith ²⁶² fundou uma faculdade, e a Srta. Harriet Rogers ²⁶³ abriu o caminho para que os mudos pudessem falar. | Mas ela se apressou em dizer que as heroínas não esperavam pelo “amor inevitável, fiel, há muito ausente, misteriosamente que retorna no momento certo para redimir suas vidas da trivialidade e renovar sua flor desbotada”. Eles viveram a vida moderna - a Srta. Smith fundou uma faculdade e a Srta. Harriet Rogers abriu o caminho para os mudos falarem. | |

²⁶² Sophia Smith fundou a Smith College em 1875, uma faculdade privada de artes liberais exclusivamente para mulheres em Northampton, Massachusetts.

²⁶³ Harriet Burbank Rogers (1834-1919): educadora americana, foi a primeira diretora da *Clarke School for the Deaf* e pioneira no método de ensino para pessoas surdas através da articulação labial.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>She came to see that the great forces which were building up a people's life worked silently beneath the surface; that in spite of "newspapers, telegrams, travellers, a common language and ancestry," misconceptions between America and her own country abounded. Only, she believed, by the help of vital literature could souls of nations come at last to speak to one another.</p> | <p>Ela se deu conta que as grandes forças, que estavam construindo a vida de um povo, trabalhavam silenciosamente sob a superfície; que apesar dos "jornais, telegramas, viajantes, uma língua e ancestralidade em comum", as concepções errôneas entre a América e seu próprio país abundavam. Ela acreditava que, somente com a ajuda da literatura vital (210), as almas das nações poderiam finalmente dialogar umas com as outras.</p> | <p>Ela percebeu que as grandes forças que estavam construindo a vida de um povo trabalhavam silenciosamente sob a superfície; que, apesar de "jornais, telegramas, viajantes, uma língua e ancestrais comuns", os equívocos entre a América e seu próprio país abundavam. Só, ela acreditava, com a ajuda da literatura vital, as almas das nações podiam finalmente falar umas com as outras.</p> | <p>210) Optei por modificar um pouco a ordem da frase, para que ficasse mais claro na LC.</p> |
| <p>Through letters of introduction from Mr. Rossetti, she met, when in Boston, a circle of interesting people, including Charles Eliot Norton, Colonel</p> | <p>Através de cartas de apresentação do Sr. Rossetti, ela conheceu, quando em Boston, um círculo de pessoas interessantes, incluindo Charles Eliot Norton, o Coronel</p> | <p>Por meio de cartas de apresentação do Sr. Rossetti, ela conheceu, quando em Boston, um círculo de pessoas interessantes, incluindo Charles Eliot Norton, Coronel</p> | <p>211) Optei por usar "interlocução", para ficar mais próximo ao original, pois a autora optou pelo uso de "intercourse" quando poderia ter usado outra palavra como</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|--|
| <p>Thomas Wentworth Higginson, Horace E. Scudder, etc., many of whom she said were of “such intelligence, culture and geniality, that it was tantalizing to have but brief intercourse with them.”</p> | <p>Thomas Wentworth Higginson, Horace E. Scudder etc., muitos dos quais ela disse serem de “tal inteligência, cultura e genialidade, que era fascinante ter, até mesmo, uma breve interlocução (211) com eles”.</p> | <p>Thomas Wentworth Higginson, Horace E. Scudder, etc., muitos dos quais ela disse serem de “muita inteligência, cultura e genialidade, que era tentador ter apenas uma breve relação sexual com eles.”</p> | <p>“conversation”, que, além de significar basicamente o mesmo, evitaria o duplo sentido que o TA captou. Segundo o dicionário virtual Lexico.com, “intercourse” é usada com conotação sexual desde o final do século XVIII.</p> |
| <p>She said she made more acquaintances in two months spent there than in her whole life before. She found Longfellow to be the “most kindly, good-natured, unaffected man possible, quite unspoiled by his great popularity;” while Emerson, with whom she spent two evenings during her</p> | <p>Ela disse que fez mais conhecidos em dois meses lá do que em toda a sua vida anterior. Ela considerou Longfellow²⁶⁴ “o homem mais bondoso, bem-humorado e de boa índole, em nada afetado por sua grande popularidade”; enquanto Emerson, com quem ela encontrou duas noites durante sua</p> | <p>Ela disse que fez mais amizades nos dois meses que passou lá do que em toda a sua vida antes. Ela descobriu que Longfellow era o “homem mais gentil, afável e não afetado possível, totalmente intocado por sua grande popularidade”; enquanto Emerson, com quem ela passou duas noites durante sua</p> | |

²⁶⁴ Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta e tradutor estadunidense.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| <p>Página 46</p> <p>stay in Concord, was the “picture of health and cheerful serenity, having just such a home, spacious, comfortable, as one could desire for him.” He seemed to her to be the central figure in the town, “personally beloved and honored by his townsmen in a way pleasant to see, as well he may be.”</p> | <p>Página 46</p> <p>estada em Concord, era o “quadro de saúde e serenidade alegre, tendo um lar espaçoso e confortável, como se poderia desejar para ele”. Ele lhe parecia ser a figura central da cidade, “amado e honrado por seus habitantes de uma forma agradável de se ver, assim como ele devia ser”.</p> | <p>Página 46</p> <p>estada em Concord, era a “imagem de saúde e serenidade alegre, tendo uma casa, espaçosa e confortável, como se poderia desejar para ele”. Ele parecia a ela a figura central da cidade, “pessoalmente amado e honrado por seus concidadãos de uma forma agradável de ver, como ele pode ser”.</p> | |
| <p>As they were both friend of Carlyle, the conversation often reverted to him. “Sleepy Hollow” was to her the</p> | <p>Como ambos eram amigos de Carlyle, a conversa, muitas vezes, se voltava para ele. “Sleepy Hollow”²⁶⁵ era, para ela, o “mais</p> | <p>Como os dois eram amigos de Carlyle, a conversa muitas vezes se voltava para ele. “Sleepy Hollow” era para ela o “último lugar de</p> | |

²⁶⁵ Sleepy Hollow era um dos locais preferidos para as caminhadas de Emerson e Thoreau, entre outros. Quando foi transformado em cemitério, em 1855, Emerson fez questão de que fosse um “cemitério parque”. Em uma carta endereçada aos habitantes da cidade de Concord, Emerson escreve: “In this quiet valley, as in the palm of Nature’s hand, we shall sleep well when we have finished our day” (Nesse vale silencioso, como que na palma da mão da Natureza, dormiremos bem quando nosso dia terminar) (EMERSON, 1904). Ralf Waldo Emerson morreu em 1882 e está enterrado, assim como sua família, no cemitério de Sleepy Hollow.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|---|---|
| “sweetest last resting-place poet could desire.” | doce lugar de descanso que um poeta poderia desejar”. | descanso mais doce que um poeta poderia desejar”. | |
| When, later, she was in New York City, she looked back with increasing delight to her three weeks’ stay in Concord, when she found warm friends in Frederick May Holland and Mrs. Holland. She wrote them she could not forget her daily rows on the little river, which, to use a favorite American phrase, was “just as pretty as can be.” “The Americans call it a mere stream,” she wrote Rossetti, “but the English would regard it as a river of respectable dimensions.” | Quando, mais tarde, ela estava na cidade de Nova York (212) , ela olhou para trás com grande prazer, para a sua estada de três semanas em Concord, quando encontrou bons amigos em Frederick May Holland ²⁶⁶ e Sra. Holland. Ela escreveu-lhes dizendo que jamais esqueceria as remadas diárias no pequeno rio, que, para usar uma frase americana favorita, era “tão bonito quanto pode ser”. “Os americanos dizem que é um mero riacho”, escreveu a Rossetti, “mas os ingleses o considerariam um rio de dimensões respeitáveis”. | Quando, mais tarde, ela estava na cidade de Nova York , ela olhou para trás com crescente alegria para sua estada de três semanas em Concord, quando ela encontrou amigos calorosos em Frederick May Holland e a Sra. Holland. Ela os escreveu que não podia esquecer suas brigas diárias no pequeno rio, que, para usar uma frase americana favorita, era “tão bonita quanto pode ser”. “Os americanos o chamam de mero riacho”, escreveu ela a Rossetti, “mas os ingleses o considerariam um rio de dimensões respeitáveis”. | 212) Aqui usei um decalque. Minha opção se deu porque a cidade em questão é bastante conhecida com essa ortografia na LC. |

²⁶⁶ Frederick May Holland (1836-1908), escritor estadunidense.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|-------------|
| <p>While in New York she had some memorable evenings with Richard Watson Gilder and other literary lights. But she missed the companionship of Walt Whitman, which had so filled the Philadelphia life. He was near and yet so far, though letters passed between them. He was on hand, however, when the time came for the return to England, June 7, 1879. They felt the parting deeply, for her three years' stay in America had been a real joy and inspiration to both.</p> | <p>Enquanto esteve em Nova York, teve noites memoráveis com Richard Watson Gilder²⁶⁷ e outros expoentes literários. Mas ela sentia falta da companhia de Walt Whitman, que tanto preencheu a vida na Filadélfia. Ele estava perto, porém tão longe, embora cartas fossem trocadas entre eles. Mas ele estava fisicamente perto quando chegou a hora do retorno à Inglaterra em 7 de junho de 1879. Eles sentiram profundamente a despedida, pois a estada de três anos dela na América tinha sido uma verdadeira alegria e inspiração para ambos.</p> | <p>Enquanto em Nova York, ela teve algumas noites memoráveis com Richard Watson Gilder e outras personalidades literárias. Mas ela sentia falta da companhia de Walt Whitman, que tanto enchia a vida da Filadélfia. Ele estava perto e ainda assim tão longe, embora cartas trocassem entre eles. Ele estava por perto, no entanto, quando chegou a hora de retornar à Inglaterra, 7 de junho de 1879. Eles sentiram profundamente a separação, pois sua estada de três anos na América foi uma verdadeira alegria e inspiração para ambos.</p> | |

²⁶⁷ Richard Watson Gilder (1844-1909), poeta e editor estadunidense.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>Página 47</p> <p>On arriving in England, Mrs. Gilchrist settled for a time with her eldest son, wife and baby ten months old, in a little red-tiled village, in sight of Durham Cathedral, to her the “noblest sample of Normaneseque in England.”</p> | <p>Página 47</p> <p>Ao chegar à Inglaterra, a Sra. Gilchrist instalou-se por um tempo com seu filho mais velho, esposa e bebê de dez meses, em uma pequena cidade de casas de telhas vermelhas, à vista da Catedral de Durham, para ela a “mais nobre amostra da arquitetura normanda²⁶⁸ da Inglaterra”.</p> | <p>Página 47</p> <p>Ao chegar à Inglaterra, a Sra. Gilchrist se estabeleceu por um tempo com seu filho mais velho, esposa e bebê de dez meses de idade, em uma pequena vila de telhas vermelhas, à vista da Catedral de Durham, para ela a “amostra mais nobre de Normaneseque da Inglaterra.”</p> | |
| <p>Twenty-eight years before, just after her marriage, she had spent a week there; now, after all her wanderings of soul and body into new and strange regions, she was there again, enjoying her children and the</p> | <p>Vinte e oito anos antes, logo após seu casamento, ela havia passado uma semana lá; agora, depois de todas as suas andanças de corpo e alma (213) por regiões novas e desconhecidas, ela estava lá novamente, desfrutando de seus</p> | <p>Vinte e oito anos antes, logo após seu casamento, ela havia passado uma semana lá; agora, depois de todas as suas andanças de alma e corpo em novas e estranhas regiões, ela estava lá novamente, desfrutando dos seus filhos e do</p> | <p>213) Troquei a ordem das palavras, porque “de corpo e alma” é uma expressão usada na LC.</p> |

²⁶⁸ Arquitetura normanda: termo usado para arquitetura romântica inglesa.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|--|
| grandson who was to her an “endless source of delight, as sunny and full of ceaseless movement as the sea.” | filhos e do neto, que era, para ela, uma “fonte interminável de prazer, tão ensolarado e incessantemente movimentado quanto o mar”. | neto que era para ela uma “fonte infinita de deleite, tão ensolarada e cheia de movimento incessante como o mar”. | |
| Walt Whitman, in replying to a letter of hers from this home, said he should like to see that Cathedral, but he didn’t know to which he should go first – to “the Cathedral or that baby!” | Walt Whitman, ao responder a uma carta sua desta casa, disse que gostaria de ver aquela Catedral, mas não sabia a qual deveria ir primeiro: “à <i>Catedral</i> ou <i>àquele bebê!</i> ”. | Walt Whitman, em resposta a uma carta dela desta casa, disse que gostaria de ver aquela Catedral, mas ele não sabia para onde deveria ir primeiro – para “a Catedral ou aquele bebê!” | |
| She found “very precious” a little map he sent, on which he traced in blue ink all the wanderings of his youth, and in red, his recent journey to the Rocky Mountains. “Wonders, revelations, I would not have missed for my life,” he wrote. “Fifty years from now this | Ela achou “muito precioso” um pequeno mapa que ele enviou, no qual traçou em tinta azul todas as andanças de sua juventude, e em vermelho, sua recente viagem às Montanhas Rochosas. “Maravilhas e revelações que eu não teria perdido por nada ” (214), ele escreve. “Daqui a cinquenta anos | Ela achou “muito precioso” um pequeno mapa que ele enviou, no qual traçou em tinta azul todas as peregrinações de sua juventude e, em vermelho, sua recente jornada às Montanhas Rochosas. “Maravilhas, revelações, eu não teria perdido em minha vida”, escreveu ele. “Daqui a cinquenta | 214) O TA traduz literalmente a expressão “for my life”, mas optei por traduzir “por nada”, por ser a expressão usada na LC. |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|---|
| region will have a hundred millions of people, the most comfortable, advanced and democratic on the globe; indeed, it is all this and here that America is for.” | esta região terá cem milhões de pessoas, das mais confortáveis, avançadas e democráticas do globo; de fato, a América é para tudo isto”. | anos, esta região terá cem milhões de pessoas, as mais confortáveis, avançadas e democráticas do globo; na verdade, é para tudo isso e aqui que existe a América”. | |
| She had always noted this intense love for his own land; and yet, it was not at the expense of other lands. In one of their Philadelphia tea-table talks he had wished he could “poke about Página 48 amongst the antiquities of Europe for two years.” | Ela sempre havia notado esse intenso amor dele por sua própria terra; e, no entanto, não deixava de querer conhecer (215) outras terras. Em uma de suas conversas na mesa de chá da Filadélfia, ele havia desejado poder “bisbilhotar as Página 48 antiguidades da Europa por dois anos”. | Ela sempre notou esse amor intenso por sua própria terra; e, no entanto, não foi às custas de outras terras. Em uma de suas conversas sobre a mesa de chá da Filadélfia, ele desejou poder “vasculhar as Página 48 antiguidades da Europa por dois anos”. | 215) Aqui optei por traduzir “was not at the expense” por “não deixava de querer conhecer”, porque entendendo que, assim, o sentido que a autora do original intencionou não se perderia na tradução. |
| He was sure he would appreciate the treasures, | Ele estava certo de que apreciaria os tesouros, acrescentando, | Ele tinha certeza de que apreciaria os tesouros, acrescentando, | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| adding, slowly, “They are for me.” I remember my first thought on seeing the Vatican “torso” was how Walt would have enjoyed it! I had the same feeling when in the Elgin room of the British Museum. | lentamente, “Eles são para mim”. Lembro-me que o meu primeiro pensamento ao ver o “torso” ²⁶⁹ do Vaticano foi como o Walt teria gostado! Tive a mesma sensação quando estive na sala Elgin ²⁷⁰ , do <i>British Museum</i> . | lentamente: “Eles são para mim”. Lembro que a primeira vez que pensei ao ver o “torso” do Vaticano foi como Walt teria gostado! Tive a mesma sensação quando estava na sala Elgin do Museu Britânico. | |
| On the return of Mrs. Gilchrist, Tennyson went to see her, and talked of Walt Whitman and America. He mentioned Niagara Falls as being an inducement to him to cross the ocean. In lunching with him she saw his beautiful grandson, and, | No regresso da Sra. Gilchrist, Tennyson foi vê-la, e falou de Walt Whitman e da América. Ele mencionou as Cataratas do Niágara como sendo um incentivo para ele atravessar o oceano. Ao almoçar com ele, ela viu o seu | No retorno da Sra. Gilchrist, Tennyson foi vê-la e falou sobre Walt Whitman e a América. Ele mencionou as Cataratas do Niágara como um incentivo para cruzar o oceano. Ao almoçar com ele, ela viu seu lindo neto e, é claro, comparou-o com o dela. | |

²⁶⁹ A autora, provavelmente, refere-se ao “Torso Belvedere”, criado pelo escultor ateniense Apolônio e datada dos meados do século I a. C.

²⁷⁰ Aqui, a autora faz uma referência à sala Elgin, no British Museum, onde estão os “Mármore de Elgin”. Originalmente localizados no Parthenon, na Grécia, foram removidos, em 1806, por Thomas Bruce, o Lord Elgin, e levados para a Grã-Bretanha. Consta que o objetivo inicial do Conde era copiar em gesso algumas das esculturas, para que servissem de decoração na mansão que seria o seu presente de casamento à esposa. Lord Byron (1788-1824), em seu poema *The Curse of Minerva*, escrito em 1807 critica severamente o Conde de Elgin e sua atitude de retirar as esculturas do seu ambiente original.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| of course, compared him with her own. | lindo neto e, claro, comparou-o com o dela. | | |
| Letters from America kept Anne in touch with that country, upon which she looked back as a “magnificent, sunny land of promise,” which, if it did not attain to a higher ideal than had anywhere been reached, “humanity was a failure and a mistake;” for its chances there were “splendid, physical, social and intellectual.” | Cartas da América mantiveram Anne em contato com aquele país, a qual ela via como uma “magnífica e ensolarada terra de promessas”, que, se não alcançasse um ideal mais elevado do que o alcançado em qualquer lugar, “a humanidade seria um fracasso e um erro”; pois as chances lá eram “esplêndidas, físicas, sociais e intelectuais”. | Cartas da América mantiveram Anne em contato com aquele país, no qual ela olhava para trás como uma “magnífica e ensolarada terra prometida”, que, se não atingisse um ideal mais elevado do que em qualquer lugar, “a humanidade foi um fracasso um erro;” pois suas chances eram “esplêndidas, físicas, sociais e intelectuais”. | |
| She felt as if she must go there again sometime, where there was “such intellectual stir and brightness, such sense of expansion and encouragement, | Ela sentia como se tivesse que voltar lá algum dia, onde havia “tanta agitação e brilho intelectual, tanto senso de expansão e encorajamento, ensolarada por | Ela sentiu como se devesse ir para lá novamente algum dia, onde havia “tal agitação e brilho intelectual, tal sensação de expansão e encorajamento, luz do | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| sunshine without and sunshine within.” And yet to her it was “vast, complex, contradictory phenomenal America,” as she wrote Rossetti. | fora e por dentro”. E, no entanto, para ela foi “uma América vasta, complexa e contraditória”, como ela escreve a Rossetti. | sol por fora e luz do sol por dentro”. E, no entanto, para ela, era “uma América fenomenal vasta, complexa e contraditória”, como escreveu a Rossetti. | |
| She did love and appreciate its sunlight. “Don’t you Americans grumble about your climate,” she wrote the Hollands in Concord one foggy day, “for it is splendid; leave Página 49 all the grumbling and some of the boasting to us!” | Ela realmente amava e apreciava a sua claridade. “Vocês americanos não podem reclamar do clima”, ela escreveu aos Holland, em Concord, em um dia nublado, “pois é esplêndido. Deixem Página 49 os resmungos e um pouco de ostentação para nós!” | Ela amava e apreciava sua luz do sol. “Vocês americanos não reclamam do clima”, escreveu ela aos Hollands em Concord em um dia nebuloso, “pois é esplêndido; deixe Página 49 todas as resmungos e alguns vanglórias para nós!” | |
| A delightful correspondence with John Burroughs was followed by his visit to London. He wished her to tell him the secret of the attraction that | Uma agradável correspondência com John Burroughs foi seguida por sua visita a Londres. Ele desejava que ela lhe contasse o segredo da atração que Londres | Uma deliciosa correspondência com John Burroughs foi seguida por sua visita a Londres. Ele queria que ela lhe contasse o segredo da atração que Londres sentia por | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| <p>London had for “such a city-hater” as he; for there was something in the air and in the expression of things that was different from – more tender and majestic than – anything he had experienced in cities at home. It seemed to exist “not for commerce or trade, like New York, but for life.”</p> | <p>exercia em alguém que “odeia cidades” como ele; pois havia algo no ar e na expressão das coisas que era diferente – mais terno e majestoso – de tudo o que ele havia experimentado nas cidades em sua terra natal. Parecia existir “não para o negócio ou comércio, como Nova York, mas para a vida”.</p> | <p>“um odiador da cidade” como ele; pois havia algo no ar e na expressão das coisas que era diferente – mais terno e majestoso do que – qualquer coisa que ele experimentara nas cidades em casa. Parecia existir “não para comércio ou comércio, como Nova York, mas para a vida”.</p> | |
| <p>Upon asking her what was this “subtle charm apart from its obvious advantages and benefits,” she replied she could not explain it. “It is too much a part of me,” she said, “born and bred as I was there, for it to be possible for me to look at it from without, or to question it</p> | <p>Ao ser perguntada qual era esse “encanto sutil para além das suas vantagens e benefícios óbvios”, ela responde que não o conseguiria explicar. “É uma parte muito grande de mim”, ela disse, “nascida e criada lá como fui, para que me fosse possível olhar para ela de fora, ou questioná-la como</p> | <p>Ao perguntar a ela o que era esse “encanto sutil, além de suas vantagens e benefícios óbvios”, ela respondeu que não conseguia explicar. “É uma parte muito grande de mim”, disse ela, “nascido e criado como eu era lá, para que seja possível olhar para ela de fora ou questioná-la como</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|---|
| <p>as a whole; it is a curious miscellaneous bundle of experiences and associations to me; happy, unhappy, indifferent; and sometimes it looks grand to me, and sometimes almost demoniac – with its miles of misery seething in the yellow, murky air – and its hard and cruel prosperity – miles of that too; but I suppose neither the one nor the other is half so bad as it looks, and that there is a solid good heart and the best of brains within the monster.”</p> | <p>um todo; é uma miscelânea curiosa de experiências e associações para mim; feliz, infeliz, indiferente; e por vezes parece-me grandiosa, às vezes quase demoníaca – com os seus quilômetros de miséria fervilhando no ar amarelo e turvo – e a sua dura e cruel prosperidade – quilômetros disso também; mas suponho que nem um nem o outro são tão maus quanto parecem, e que há um bom e sólido coração e o melhor dos cérebros dentro do monstro”.</p> | <p>um todo; é um curioso feixe misto de experiências e associações para mim; feliz, infeliz, indiferente; e às vezes parece grandioso para mim, e às vezes quase demoníaco – com seus quilômetros de miséria fervilhando no ar amarelo e turvo – e sua prosperidade dura e cruel – quilômetros disso também; mas suponho que nem um nem o outro seja tão ruim quanto parece, e que haja um coração bom e sólido e o melhor de cérebros dentro do monstro.”</p> | |
| <p>She hoped that on his next visit to London he would see more of “English humanity;” not</p> | <p>Ela esperava que, na sua próxima visita a Londres, ele pudesse ver mais “humanidade inglesa”; não</p> | <p>Ela esperava que em sua próxima visita a Londres ele visse mais da “humanidade inglesa”; não</p> | <p>216) Optei por usar “o senhor” em vez de “você”, por se tratar de uma obra que retrata o final do século</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|---|
| <p>“society,” but a few men and women in easy, friendly intercourse, such</p> <p>Página 50</p> <p>as, perhaps, could be gathered from time to time; and, she concluded, “I can answer for their talking cordially to you and you to them.”</p> | <p>“sociedade”, mas alguns homens e mulheres interagindo de forma fácil e amigável, como</p> <p>Página 50</p> <p>talvez pudesse ser visto de tempos a tempos; e, concluiu, “eu posso garantir que eles conversarão cordialmente com o senhor (216) e o senhor com eles”.</p> | <p>“sociedade”, mas alguns homens e mulheres em relações fáceis e amigáveis, como,</p> <p>Página 50</p> <p>talvez, possam ser reunidos de vez em quando; e concluiu ela: “posso responder por eles falarem cordialmente com você e você com eles”.</p> | <p>XIX. Anne Gilchrist, muito provavelmente, teria se referido a ele como “senhor”.</p> |
| <p>He wrote her that he was resting in the hope that she would give herself up to writing the article on Walt Whitman for which they were all looking. “I feel sure,” he said, “that you will cut your way to the heart of this matter as no one has yet done.”</p> | <p>Ele escreveu-lhe que estava esperançoso de que ela se rendesse a escrever o artigo sobre Walt Whitman que todos estavam esperando. “Tenho a certeza”, ele disse, “que a senhora vai abordar este assunto como ninguém ainda o fez”.</p> | <p>Ele escreveu para ela que estava descansando na esperança de que ela se entregasse a escrever o artigo sobre Walt Whitman que todos estavam procurando. “Tenho certeza”, disse ele, “de que você abrirá seu caminho para o cerne deste assunto como ninguém fez ainda.”</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| But just then she had other work to do, the <i>Life of Mary Lamb</i> for the Eminent Women Series, written at the request of John H. Ingram. The writing of this was a “great solace” to her. It enabled her to bring out the domestic side of Charles Lamb in a clearer light than Talfourd or Procter had done. | Mas, naquela altura, ela tinha outro trabalho a fazer: <i>The Life of Mary Lamb</i> , para a <i>Eminent Women Series</i> , a pedido de John H. Ingram. Este trabalho foi para ela um “grande prazer”. Permitiu-lhe trazer à luz o lado doméstico de Charles Lamb, de uma forma mais clara do que Talfourd ou Procter haviam feito. | Mas naquele momento ela tinha outro trabalho a fazer, a série <i>Life of Mary Lamb for the Eminent Women</i> , escrita a pedido de John H. Ingram. A escrita disso foi um “grande consolo” para ela. Isso permitiu que ela mostrasse o lado doméstico de Charles Lamb sob uma luz mais clara do que Talfourd ou Procter haviam feito. | |
| On its publication in 1883, Mary Cowden Clark wrote her, from Genoa, a most appreciative letter, regarding it as one of the “most perfect pieces of biographical compositions” she ever read. She noted particularly the | Na publicação da obra, em 1883, Mary Cowden Clark ²⁷¹ escreveu-lhe, de Gênova, uma carta de grande apreço, considerando-a como uma das “mais perfeitas peças de composições biográficas” que já havia lido. Ela notou particularmente o “espírito | Na sua publicação em 1883, Mary Cowden Clark escreveu, de Gênova, uma carta muito apreciada, considerando-a uma das “peças mais perfeitas de composições biográficas” que ela já leu. Ela notou particularmente o. | |

²⁷¹ Mary Victoria Cowden Clarke (1809-1898), escritora inglesa que também assinava como M.H. e Harry Wandsworth Shortfellow.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|---|--|-------------|
| “exquisitely tender spirit” in which she had achieved her task. | requintadamente terno” com o qual ela havia cumprido a sua tarefa. | “espírito delicadamente delicado” em que havia cumprido sua tarefa | |
| The <i>Academy</i> pronounced it to be a “thoughtful and sympathetic life.” W. M. Rossetti said of it, “A very substantial, able and even master piece of work; full without wordiness and remarkable for that true and nice discrimination of character which neither sympathy without comprehension nor comprehension unprompted by sympathy could supply.” It was said to be the best of the series, | A revista <i>Academy</i> ²⁷² a declarou como uma “biografia cuidadosa e sensível”. W. M. Rossetti a chamou de “um trabalho muito significativo e capaz. Uma obra prima; completa e sem exageros, notável por essa verdadeira e agradável descrição de personalidade, que nem a simpatia sem compreensão nem a compreensão sem simpatia poderiam proporcionar”. Foi considerada a melhor da série e, com uma exceção, a mais popular. | A Academia declarou que era uma “vida atenciosa e solidária”. W. M. Rossetti disse a respeito: “Uma obra de arte muito substancial, capaz e até mesmo mestre; completo, sem prolixo, e notável por aquela discriminação de caráter verdadeira e agradável que nem a simpatia sem compreensão, nem a compreensão desprovida de simpatia poderiam fornecer.” Foi considerado o melhor da série e, com uma exceção, o mais popular. | |

²⁷² *The Academy* foi uma revista de literatura e assuntos gerais que circulou em Londres de 1869 a 1902.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| and with one exception, the most popular. | | | |
| <p>Página 51</p> <p>When this work was done, Mrs. Gilchrist did not forget John Burroughs' desire and advice. "I must try once more," she wrote, "to give a reason for the faith that is in me." As a result, "A Confession of Faith" was written, which proved to be about her last piece of finished work.</p> | <p>Página 51</p> <p>Ao terminar esse trabalho, a Sra. Gilchrist não esqueceu o desejo e os conselhos de John Burroughs. "Tenho de tentar mais uma vez", ela escreve, "dar uma causa para a fé que há em mim". Como resultado, foi escrito "A Confession of Faith", que foi o seu último trabalho acabado.</p> | <p>Página 51</p> <p>Quando este trabalho foi concluído, a Sra. Gilchrist não esqueceu do desejo e do conselho de John Burroughs. "Devo tentar mais uma vez", escreveu ela, "para dar uma razão para a fé que há em mim". Como resultado, foi escrita "A Confissão de Fé", que provou ser sobre sua última obra concluída.</p> | |
| <p>It was published in a London magazine a short time before her death. "Most people will think her worship of Walt Whitman excessive," said the <i>Atheneum</i> (March 26, 1887),</p> | <p>O artigo foi publicado em uma revista londrina pouco tempo antes da sua morte. "A maioria das pessoas vai pensar que a sua adoração a Walt Whitman é</p> | <p>Foi publicado em uma revista de Londres pouco antes de sua morte. "A maioria das pessoas vai pensar que sua adoração a Walt Whitman é excessiva", disse o <i>Atheneum</i> (26 de março de 1887), "mas que</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|---|--|
| <p>“but that its effect on her own character was wholly beneficial can hardly be doubted.”</p> | <p>excessiva”, disse o <i>Atheneum</i>²⁷³ (26 de março de 1887), “mas não há dúvidas de que o efeito desta adoração sobre o seu próprio caráter foi totalmente benéfico”.</p> | <p>seu efeito sobre seu próprio caráter foi totalmente benéfico dificilmente se pode duvidar.”</p> | |
| <p>She was living at this time in the Hampstead home, bought in 1879. A deep bow-window gave her a pretty outlook over an old Hampstead garden. With different friends, or alone, she took quite rambles on the Hampstead Heath, or through old streets where Constable and Richardson had worked, and</p> | <p>Nessa época, ela vivia na casa de Hampstead, comprada em 1879. Uma saliente janela arredondada (217) lhe proporcionava uma bela vista de um velho jardim de Hampstead. Com diferentes amigos, ou sozinha, ela passeava por Hampstead Heath, ou pelas ruas antigas, onde Constable²⁷⁴ e Richardson²⁷⁵ haviam trabalhado,</p> | <p>Naquela época, ela morava na casa de Hampstead, comprada em 1879. Uma profunda janela em arco dava-lhe uma bela vista de um antigo jardim de Hampstead. Com diferentes amigos, ou sozinha, ela andava bastante em Hampstead Heath, ou pelas velhas ruas onde Constable e Richardson trabalharam, e onde Du Maurier e muitos outros artistas moravam.</p> | <p>217) No original é usado “bow-window”. Optei por descrever a janela “saliente janela arredondada” por não haver uma palavra específica na LC.</p> |

²⁷³ *The Atheneum* era uma revista literária publicada em Londres entre 1828 e 1921.

²⁷⁴ John Constable (1776-1837), pintor romântico inglês.

²⁷⁵ Samuel Richardson (1689-1761), escritor e editor inglês.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|--|
| where Du Maurier and many other artists lived. | e onde Du Maurier ²⁷⁶ e muitos outros artistas viviam. | | |
| Her hospitable home was thrown open on Sundays to her friends, including Sir Frederick Leighton and other London artists. In this Hampstead home she prepared a second edition of the <i>Life of William Blake</i> , to which she added a <i>Memoir</i> of her husband. In this, as in the earlier edition, she had the assistance of the Rossettis, especially Dante Gabriel. | A sua casa hospitaleira ficava aberta aos domingos aos seus amigos, incluindo Sir Frederick Leighton ²⁷⁷ e outros artistas londrinos. Nesta casa, em Hampstead, ela preparou uma segunda edição de <i>Life of William Blake</i> , à qual acrescentou um Memoir (218) de seu marido. Nessa, como na edição anterior, contou com a ajuda dos Rossetti, especialmente de Dante Gabriel. | Sua casa hospitaleira foi aberta aos domingos para seus amigos, incluindo Sir Frederick Leighton e outros artistas de Londres. Nessa casa em Hampstead, ela preparou uma segunda edição da <i>Vida de William Blake</i> , à qual acrescentou um livro de memórias de seu marido. Nessa, como na edição anterior, contou com a ajuda dos Rossettis, especialmente de Dante Gabriel. | 218) Optei por um empréstimo aqui e deixei a palavra na LP por não ter conseguido encontrar, na LC, uma palavra que trouxesse o mesmo significado da LP. |
| She ever appreciated the genius of this painter, and | Ela sempre apreciou a genialidade deste pintor, e | Ela sempre apreciou o gênio desse pintor e | |

²⁷⁶ George Louis Palmella Busson du Maurier (1834-1896), cartunista e escritor franco-britânico.

²⁷⁷ Frederic Leighton, o 1º Barão Leighton (1830-1896), foi um pintor e escultor inglês.

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|---|--|-------------|
| <p>Página 52</p> <p>mourned his departure from earth. His death, she wrote the brother William, made her believe more than ever “in Nature’s great laws of Continuity and Indestructibility for souls as well as for atoms and forces.”</p> | <p>Página 52</p> <p>lamentou a sua partida da terra. A sua morte, ela escreve ao irmão William, a fez acreditar mais do que nunca “nas grandes leis de Continuidade e Indestrutibilidade da Natureza, tanto para as almas como para os átomos e forças”.</p> | <p>Página 52</p> <p>lamentou sua partida da terra. Sua morte, ela escreveu ao irmão William, a fez acreditar mais do que nunca “nas grandes leis da Natureza de Continuidade e Indestrutibilidade para as almas, bem como para os átomos e forças”.</p> | |
| <p>If she had not believed this, as well as in the “transfers and promotions,” she said she could not have borne the burden of life after her daughter Beatrice was taken from her.</p> | <p>Ela dizia que, se não acreditasse nisso, bem como nas “transferências e progressões”, não poderia ter suportado o fardo da vida depois que a sua filha Beatrice lhe foi tirada.</p> | <p>Se ela não tivesse acreditado nisso, assim como nas “transferências e promoções”, ela disse que não poderia ter suportado o fardo da vida depois que sua filha Beatrice foi tirada dela.</p> | |
| <p>In this Hampstead home she had begun some personal reminiscences of the Carlyles when her last illness came upon</p> | <p>Nesta casa de Hampstead, ela tinha começado algumas memórias pessoais dos Carlyle quando a última doença lhe acometeu. A</p> | <p>Nessa casa de Hampstead, ela havia começado algumas reminiscências pessoais dos Carlyle quando sua última doença</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|-------------|
| her. The “transfer and promotion” was finally hers one Sunday evening in November, 1885 (November 29), when she gave herself up to the “sure-winding arms of cool-folding death.” | “transferência e progressão” foi finalmente dela, em uma noite de domingo, em novembro de 1885 (29 de novembro), quando ela se entregou aos “braços seguros da morte envolvente e fria”. | a acometeu. A “transferência e promoção” finalmente foi dela em uma noite de domingo em novembro de 1885 (29 de novembro), quando ela se entregou aos “braços seguros da morte envolvente e fria”. | |
| She was in her fifty-eighth year, and it was just twenty-four years, lacking a day, since her husband had been taken from her. | Ela estava no seu quinquagésimo oitavo ano. Faltava só um dia para completar vinte e quatro anos desde que o marido lhe tinha sido tirado. | Ela estava no seu 58º ano, e fazia apenas vinte e quatro anos, faltando um dia, desde que seu marido havia sido tirado dela. | |
| The leading London journals paid most beautiful tributes to her. <i>The Academy</i> (December 5, 1885) said “she combined in an unusual degree the qualities of mature wisdom, fine literary | As principais revistas londrinas prestaram-lhe as mais belas homenagens. <i>The Academy</i> (5 de dezembro de 1885) escreveu: “ela combinava, em um grau incomum, as qualidades de sabedoria madura, tato literário fino e uma | Os principais jornais de Londres prestaram-lhe as mais belas homenagens. A <i>Academia</i> (5 de dezembro de 1885) disse “ela combinou em um grau incomum as qualidades de sabedoria madura, tato literário refinado e um | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| tact, and a perfect womanly sweetness of temper.” | doçura feminina perfeita de temperamento”. | temperamento perfeitamente feminino”. | |
| Edward Dowden wrote, “I shall always have the memory of her brightness, kindness, wisdom; and of the varied learning and culture which appeared, as it were, under and through a genial humanity that put a spell on one beyond culture or learning.” | Edward Dowden escreveu: “Terei sempre a lembrança do seu brilho, bondade e sabedoria, assim como da aprendizagem e cultura variadas que surgiram, por assim dizer, sob e através de uma humanidade genial que encanta as pessoas para além da cultura ou da aprendizagem”. | Edward Dowden escreveu: “Sempre terei a lembrança de seu brilho, bondade e sabedoria; e do aprendizado e cultura variados que surgiram, por assim dizer, sob e por meio de uma humanidade genial que encantou alguém além da cultura ou do aprendizado”. | |
| Her American friends deeply mourned her. John Página 53 Burroughs, upon hearing the news, wrote her son Herbert, “Few men have had such a mother as you. She was the only woman I have ever seen to | Os amigos americanos lamentaram profundamente a sua morte. John Página 53 Burroughs, ao saber da notícia, escreve ao seu filho Herbert: “Poucos homens tiveram uma mãe como a sua. Ela foi a única mulher que conheci para cuja força de | Seus amigos americanos lamentaram profundamente por ela. John Página 53 Burroughs, ao ouvir a notícia, escreveu a seu filho Herbert: “Poucos homens tiveram uma mãe como você. Ela foi a única mulher | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|--|-------------|
| <p>whose strength of mind and character I humbly bowed. As I think of her death, a shadow comes over the whole of that beautiful land; now she is gone, I see how much she stood to me for all England.”</p> | <p>espírito e caráter eu humildemente me curvei. Quando penso na sua morte, uma sombra vem sobre toda aquela linda terra; agora que ela se foi, vejo o quanto ela representava para mim toda a Inglaterra”.</p> | <p>que já vi a cuja força de espírito e caráter me curvei humildemente. Ao pensar em sua morte, uma sombra cobre toda aquela bela terra; agora que ela se foi, vejo o quanto ela me representou para mim por toda a Inglaterra.”</p> | |
| <p>Walt Whitman, on being told the news, sat quiet, and finally, in a deeper tone than usual, he said, “A sincere and loving friend.” (Donaldson’s <i>Walt Whitman</i>.) He wrote to Herbert, “Nothing now remains but a sweet and rich memory – none more beautiful, all time, all life, all the earth.” But he could not go on – he “must sit alone and think.”</p> | <p>Walt Whitman, ao ser informado da notícia, sentou-se em silêncio e, finalmente, em um tom mais profundo do que o habitual, disse: “Uma amiga sincera e adorável”. (<i>Walt Whitman</i>, de Donaldson) Ele escreveu a Herbert: “Nada resta agora senão as doces e ricas memórias – nada mais belo, todo o tempo, toda a vida, toda a terra”. Mas ele não podia continuar –</p> | <p>Walt Whitman, ao receber a notícia, ficou quieto e, por fim, em um tom mais profundo do que o normal, disse: “Um amigo sincero e amoroso”. (<i>Walt Whitman</i>, de Donaldson.) Ele escreveu a Herbert: “Nada resta agora, exceto uma memória doce e rica - nada mais bonito, todos os tempos, toda a vida, toda a terra”. Mas ele não podia continuar - ele “deve sentar-se sozinho e pensar”.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|-------------|
| | “precisava sentar-se sozinho e pensar”. | | |
| <p>Later, however, when this son was preparing a biography of his mother, the poet made haste to write, “I cannot let your book go to press without at least saying – and wishing it put on record – that among the perfect women I have known (and it has been my unspeakable good fortune to have had the very best for mother, sisters and friends), I have known none more perfect in every relation than my dear, dear friend, Anne Gilchrist.”</p> | <p>Mais tarde, porém, quando este filho estava preparando uma biografia de sua mãe, o poeta apressou-se em escrever: “Não posso deixar seu livro ser publicado sem ao menos dizer – e desejar que fique registrado – que entre as mulheres perfeitas que conheci (e foi minha inenarrável sorte ter tido as melhores como mãe, irmãs e amigas), não conheci nenhuma mais perfeita em todos os sentidos do que minha querida, querida amiga, Anne Gilchrist”.</p> | <p>Mais tarde, porém, quando esse filho estava preparando uma biografia de sua mãe, o poeta se apressou a escrever: “Não posso deixar seu livro ir para a impressão sem pelo menos dizer – e desejar que fique registrado – que entre as mulheres perfeitas que tenho conhecido (e foi minha sorte indescritível ter tido o melhor para a mãe, irmãs e amigos), não conheci ninguém mais perfeito em todas as relações do que minha querida e querida amiga Anne Gilchrist”.</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|---|
| <p>To the close of his life, nearly seven years later, he ever held her in tender remembrance. Whenever he mused and thought of his best friends in their distant homes, either here or within the veil – of William O’Conner, of Maurice Bucke, of John</p> <p>Página 54</p> <p>Burroughs, he included her – “friends of my soul – staunchest friends of my other soul, my poems.”</p> | <p>Até o final da sua vida, quase sete anos mais tarde, ele a manteve em terna recordação. Sempre que pensava nos seus melhores amigos nas suas casas distantes, aqui ou noutras dimensões (219) – William O’Conner, Maurice Bucke, John</p> <p>Página 54</p> <p>Burroughs – ele a incluía: (220) “amigos da minha alma e (221) os melhores amigos da minha outra alma, os meus poemas”.</p> | <p>Até o fim de sua vida, quase sete anos depois, ele sempre a teve em terna lembrança. Sempre que ele meditava e pensava em seus melhores amigos em suas casas distantes, aqui ou dentro do véu - de William O’Conner, de Maurice Bucke, de John</p> <p>Página 54</p> <p>Burroughs, ele a incluía – “amigos da minha alma – amigos mais leais do meu outro alma, meus poemas”.</p> | <p>219) No original lê-se “within the veil”, optei por colocar “noutras dimensões” pelo fato do poeta referir-se à amigos tanto vivos quanto já falecidos.</p> <p>220) Optei por substituir o travessão por dois pontos para que fique mais próximo da escrita na LC e não cause tanto estranhamento ao leitor.</p> <p>221) O mesmo motivo me levou a optar pela substituição do travessão por “e”.</p> |
| <p>At his last birthday dinner on earth – 1891 – upon hearing greetings read from some English ladies, he said, “I ask myself more than a little if my</p> | <p>No seu último jantar de aniversário na Terra, em 1891, ao receber os cumprimentos de algumas senhoras inglesas, disse: “Pergunto-me muito se as minhas</p> | <p>Em seu último jantar de aniversário na Terra – 1891 – ao ouvir saudações lidas por algumas senhoras inglesas, ele disse: “Eu me pergunto mais do que um</p> | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| best friends have not been women. My friend, Mrs. Gilchrist, one of the earliest, a picked woman, profound, noble, sacrificing, saw clearly when almost everybody else was interested in raising the dust – obscuring what was true.” | melhores amigas não teriam sido mulheres. A minha amiga, a Sra. Gilchrist, uma das mais antigas, uma mulher diferenciada, profunda, nobre, sacrificada, viu claramente quando quase todos os outros estavam interessados em levantar a poeira, ofuscando o que era verdade”. | pouco se minhas melhores amigas não foram mulheres. Minha amiga, Sra. Gilchrist, uma das primeiras, uma mulher escolhida, profunda, nobre, sacrificada, viu claramente quando quase todo mundo estava interessado em levantar a poeira - obscurecendo o que era verdade.” | |
| One cannot read his tribute to her – <i>Going Somewhere</i> – without catching glimpses of the breadth and deep soul which animated their intercourse. | Não se pode ler a sua homenagem a ela – <i>Going Somewhere</i> – sem vislumbrar a ampla e profunda alma que alimentava a relação entre os dois. | Não se pode ler sua homenagem a ela – <i>Going Somewhere</i> – sem vislumbrar a amplitude e profundidade da alma que animava seu relacionamento. | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|--|---|
| <p>“My science-friend, my noblest woman-friend, (Now buried in an English grave – and this a memory-leaf for her dear sake) Ended our talk – The sum, concluding all we know of old or modern learning, intuitions deep, Of all Geologies – Histories – of all Astronomy – of Evolution, Metaphysics, all, Is that we all are onward, onward, speeding, slowly, surely, bettering, Life, life an endless march, an endless army (no halt, but it is dully over),</p> | <p>“Minha amiga cientista, minha mais nobre amiga, (Agora enterrada em uma sepultura inglesa – isto é um memorial por amor a ela (222)) Terminamos a nossa conversa – A soma, concluindo tudo o que sabemos sobre a aprendizagem antiga ou moderna, intuições profundas, De todas as Geologias; Histórias; de toda a Astronomia; de Evolução; Metafísica; tudo, É que estamos todos seguindo em frente, em frente, a acelerar, lentamente, seguramente, a melhorar,</p> | <p>“Minha amiga da ciência, minha amiga mais nobre, (Agora enterrada em um túmulo inglês – e esta é uma folha de memória, para o bem dela) Terminou nossa conversa - A soma, concluindo tudo o que sabemos sobre aprendizado antigo ou moderno, intuições profundas, De todas as Geologias – Histórias – de toda Astronomia – de Evolução, Metafísica, todas, É que todos nós estamos avançando, avançando, acelerando, lentamente, com segurança, melhorando, Vida, vida uma marcha sem fim, um exército sem fim (sem parar, mas está totalmente acabado),</p> | <p>222) Optei por traduzir como “por amor a ela” em vez de algo como “em consideração a ela”, por achar que a primeira opção dá mais ênfase ao sentimento de amor (talvez não de homem e mulher, mas de amigos) que existia entre eles.</p> |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(continuação)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|---|--|---|-------------|
| The world, the race, the soul – in space and time the universes, All bound as is befitting each – all surely going somewhere.” | A vida, a vida é uma marcha sem fim, um exército sem fim (sem paragens, mas acabada), O mundo, a raça, a alma – no espaço e no tempo, os universos, Todos ligados como é próprio de cada um; tudo certamente indo para algum lugar”. | O mundo, a raça, a alma - no espaço e no tempo os universos, Tudo amarrado como convém a cada um – com certeza indo a algum lugar”. | |
| Whenever, in the far-distant future, Walt Whitman’s poems shall be read – (“See, projected through time, For me an audience interminable,”) Página 55 this tribute to Anne Gilchrist will be doubly glorious, because found to crown one of | Sempre que, num futuro longínquo, os poemas de Walt Whitman forem lidos: (“Veja, projetado ao longo do tempo, Para mim um público interminável,”) Página 55 essa homenagem a Anne Gilchrist será duplamente gloriosa, pois | Sempre que, em um futuro distante, os poemas de Walt Whitman serão lidos – (“Veja, projetado através do tempo, Para mim, um público interminável,”) Página 55 este tributo a Anne Gilchrist será duplamente glorioso, porque encontrado para coroar uma das | |

Quadro 1 – Tradução comentada de *Anne Gilchrist and Walt Whitman* (1900), de Elizabeth Porter Gould

(conclusão)

| Texto Original em Inglês | Tradução Daniela | Tradução Google Translate | Comentários |
|--|--|---|--------------------|
| <p>the grandest, purest affections this age or any age has revealed.</p> <p>ELIZABETH PORTER GOULD. BOSTON, MASSACHUSETTS.</p> | <p>aclama um dos mais grandiosos e puros sentimentos que essa época ou qualquer outra já revelou.</p> <p>ELIZABETH PORTER GOULD. BOSTON, MASSACHUSETTS</p> | <p>maiores e mais puras afeições que esta época ou qualquer época revelou.</p> <p>ELIZABETH PORTER GOULD. BOSTON, MASSACHUSETTS</p> | |

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta tese é o de contar a história de Anne Gilchrist e possibilitar, através da tradução para a língua portuguesa de uma das três biografias dedicadas a ela, que um novo público venha a conhecer essa mãe, esposa, escritora, crítica literária e tradutora. Depois de algumas idas e vindas, optei, juntamente com os meus orientadores, por dividir essa tese em quatro capítulos principais.

O primeiro capítulo, como não poderia deixar de ser, é dedicado a contar a história de Anne Gilchrist. Um capítulo assim, já no início da tese, faz-se importante para que o leitor tome conhecimento de quem foi Anne Gilchrist, visto que a obra traduzida ao final da tese retrata apenas uma parte da vida dela. Nascida em 1828 em Londres, época em que as mulheres eram criadas para serem excelentes donas de casa e mães, Anne teve a sorte de ter um pai que aceitava e apoiava seus estudos. Ela era uma leitora voraz, e, apesar de ter estudado formalmente apenas até os dezesseis anos, idade máxima para as meninas, ela seguiu lendo e estudando em casa, o que possibilitou que ela se tornasse uma escritora de grande talento e, como descreve Mishra (1990, p. 64) muitos anos mais tarde: “a woman of strong will, intelligent and capable”²⁷⁸. Seu casamento com Alexander Gilchrist acabou de forma trágica, com a morte dele aos trinta e três anos, deixando-a com quatro filhos pequenos. É no meio desta tristeza e dificuldade, na necessidade de sustentar os filhos e manter a sua independência, e também na solidariedade e auxílio dos amigos, em especial dos irmãos Rossetti, que ela encontrou forças para terminar o *Life of Blake* iniciado pelo marido e deixado inacabado com a sua morte. E é também através dos irmãos Rossetti que ela teve o primeiro contato com a obra do poeta estadunidense Walt Whitman.

Depois de ler os poemas de Whitman, Anne sentiu que algo havia mudado na sua vida, que *ela* havia mudado. Os poemas a faziam perder o fôlego, fazendo com que às vezes ela pensasse que não teria forças para continuar a leitura: “I do assure you that, strong as I am, I feel sometimes as if I had not bodily strength to read many of these poems”²⁷⁹ (GOULD, 1900, p. 4). Foram seis anos de correspondências trocadas entre eles, até que, em 30 de agosto de 1876, Anne embarcou no porto de Liverpool, junto com três dos quatro filhos, para uma temporada nos Estados Unidos da América. Essa viagem, além, é claro, de viabilizar o encontro com Walt Whitman, quem, a essa altura, Anne achava ser seu grande amor, ainda possibilitaria

²⁷⁸ “Uma mulher de grande força de vontade, inteligente e capaz”.

²⁷⁹ “Eu lhe asseguro que, forte como sou, por vezes senti que não teria força corporal para ler muitos desses poemas”.

oportunidades de estudos para os filhos, principalmente para a filha Beatrice, que sonhava em ser médica. Apoiada por uns e condenada por outros, Anne chegou aos Estados Unidos e se instalou na Filadélfia. O encontro com o poeta não foi exatamente como ela ansiava, e, ao invés do grande amor que ela achava que encontraria, o que a esperava em terras americanas era uma amizade forte e duradoura, que proporcionou lembranças inesquecíveis dos anos passados lá.

No segundo capítulo, tratei da biografia como gênero literário, trazendo a possibilidade de que ela seja, de certa forma, também um romance. Essa afirmativa se sustenta na indicação de Watt (2017, p. 10), quando ele coloca que a principal característica do romance é a sua *pretensão* de realidade. Dosse (2009) explica que a biografia traz uma “expectativa de verdade”, algo que se encontra entre a realidade e a ficção. Isso se deve ao fato de que é impossível reproduzir fielmente a vida de uma pessoa na sua totalidade. O biógrafo nunca terá acesso a todas as informações, todos os sentimentos, todos os fatos. Essas lacunas são, então, preenchidas pela imaginação do biógrafo, o que, na visão de Dosse, torna a biografia um gênero *híbrido* (DOSSE, 2009, p. 55).

A biografia de Gould é um claro exemplo deste hibridismo assinalado por Dosse (2009). Narrada em primeira pessoa, a biógrafa, muitas vezes, *aparece* no texto, como quando ela cita suas conversas com Walt Whitman sobre um trabalho anterior: “[h]e had already sent me two most appreciative letters for the article on his life among the soldiers included in the book, when it appeared in the *New York Critic*”²⁸⁰ (GOULD, 1900, p. 37). A biografia toda é permeada de citações sem menção às fontes, o que faz com que a confirmação de veracidade de alguns dos fatos seja bastante difícil. Sabemos, no entanto, que a maior parte das informações sobre Anne, contidas no livro, foram conseguidas através da biografia escrita por Herbert Gilchrist, publicada em 1887. A biografia de Gould apresenta traços que a enquadram no que Pereira (2012) chama de “tradição processual” da concepção de uma biografia, na qual o biógrafo se faz visível e, em vez de atentar para a cronologia dos fatos, preocupa-se em mostrar a sua admiração ao biografado, muitas vezes expressando sua própria opinião.

O terceiro capítulo é dedicado à observação do papel da tradução e do tradutor na literatura mundial. Como suporte teórico, contei com autores como Berman (2012), Venuti (1995), Britto (2012), Rónai (1981), entre outros, verificando questões como a literalidade e a importância ou não da preservação da forma e/ou do sentido na tradução. Qual é o real papel do tradutor? Seria ele apenas uma “ponte” entre o original e a tradução ou, como bem coloca Cronin (2013), o rio que corre por baixo dessa ponte, passando por várias culturas e absorvendo

²⁸⁰ “Ele já me havia enviado duas cartas de agradecimento pelo artigo sobre sua vida entre os soldados incluído no livro, por ocasião da sua publicação no *New York Critic*”.

um pouco de cada uma delas? Um bom tradutor seria aquele que aparece no texto, deixando claro que o leitor está lendo uma tradução, como defende Berman (2012), ou o invisível, preferido por Britto (2012), que faz um trabalho mais próximo da realidade da língua e da cultura de chegada? Venuti (1995) indica duas formas de tradução: a *estrangeirização* e a *domesticação*. A primeira é quando um texto traduzido conserva os valores do original, expondo o leitor a um certo estranhamento e à certeza de estar lendo uma tradução. A segunda é quando a tradução sofre uma “deformação” de sua forma original, fazendo com que o leitor da tradução não perceba que não está lendo o original.

O capítulo 4 traz a tradução comentada da biografia *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, de Elizabeth Porter Gould. A tradução é apresentada em um quadro com quatro colunas. Além do texto original, em língua inglesa e a minha tradução, optei por colocar uma tradução feita pelo tradutor automático Google Translate, com o propósito de ter uma outra versão que servisse como parâmetro e comparação para a minha. A quarta coluna foi usada para os comentários da tradução. A numeração em ordem crescente dos comentários também teve a finalidade de facilitar o reconhecimento e localização das expressões tanto na minha tradução quanto na tradução automática.

Procurei realizar uma tradução ética, nos moldes de Berman (2012), mas, ao mesmo tempo, tomei a liberdade de fazer algumas adaptações para que a leitura do texto, em língua portuguesa, fosse, simultaneamente, equivalente à mensagem do texto original, mas sem causar um estranhamento ao leitor da tradução a ponto de provocar algum tipo de desconforto ou levar a uma má interpretação do conteúdo.

Em se tratando de tradução literária, seja de prosa ou poesia, o processo tradutório é complexo e exige pesquisas, leituras e estudos. É preciso buscar um equilíbrio entre as estratégias de tradução, levando em consideração o contexto social e cultural da obra original e do público ao qual a tradução é destinada, encontrando um meio-termo entre a *estrangeirização* e a *domesticação*. Não há uma tradução correta. O que há são várias versões de uma mesma obra. Acredito, no entanto, que uma boa tradução é aquela em que o tradutor consegue passar a mensagem do texto original, adaptando-o apenas ao ponto que o estranhamento causado não chegue a interferir no entendimento. O tradutor não é o autor de uma nova obra, ele é aquele que possibilita que o leitor tenha contato com literaturas e culturas que, de outra forma, não teria. E, pelo outro lado, o tradutor também faz o trabalho inverso. É através da tradução que o autor se torna conhecido e respeitado por uma legião de leitores que não teriam acesso à sua obra na língua original. Essa possibilidade de mostrar ao leitor de outra língua, outra cultura, uma obra que, não fosse a tradução, ele não teria acesso, deve ser o grande motivador dos

tradutores e norteador das traduções. A necessidade que senti em trazer, na minha tese, a tradução de uma obra sobre uma mulher que foi, além de escritora, também tradutora e editora, se deu também pelo fato de que ainda hoje no Brasil, diferentemente do contexto Europeu, há muito pouco publicado a respeito de mulheres escritoras do século XIX. Espero conseguir, através da minha tradução de *Anne Gilchrist and Walt Whitman*, proporcionar uma agradável experiência de leitura e, ao mesmo tempo, promover a familiaridade de Anne Gilchrist com o público leitor de língua portuguesa.

O que fiz aqui não é, e nem pretende ser, como dito ainda na introdução desta tese, um trabalho definitivo. Não objetivo, de forma alguma, bater o martelo em quem foi Anne Gilchrist ou no legado deixado por ela como mulher, mãe, escritora, editora e tradutora no século XIX, mas abrir o caminho para futuras pesquisas no tema. Os estudos de e sobre mulheres precisa ganhar espaço na academia e no cenário editorial brasileiro e, se com essa tese, eu conseguir colaborar de alguma forma com isso, meu trabalho já valeu a pena.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, J.F. Itens Culturais-Específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun., 2013.
- ALCARO, M. W. **Walt Whitman's Mrs. G.:** a biography of Anne Gilchrist. New Jersey: Associated University Press, 1991.
- ALCARO, M. W. W. Walt Whitman and Mrs. G. **Walt Whitman Quarterly Review**, Iowa city, n. 6, p. 153-171, Spring 1989. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.13008/2153-3695.1222>>. Acesso em: 02 maio 2018.
- ALLEN, G. W. **The Solitary Singer:** a critical biography of Walt Whitman. New York: The Macmillan Company, 1955.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775/53879>>. Acesso em: 15 out. 2020.
- AUBERT, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida: revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 9, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/19741/21805>>. Acesso em: 15 de out. 2020.
- BELÉM, E. F. O beijo na boca dos poetas Walt Whitman e Oscar Wilde. Disponível. **Jornal Opção**, Goiânia, 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/o-beijo-na-boca-dos-poetas-walt-whitman-e-oscar-wilde>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- BELLO, D. **Is That a Fish in Your Ear?** The Amazing Adventures of Translation. London: Penguin Books, 2012.
- BENJAMIN, W. The Task of the Translator: An introduction to the translation of Baudelaire's *Tableaux Parisiens*. Trad. Harry Zohn. In: VENUTI, L. (Org.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. p. 15-25.
- BENJAMIN, W. Die Aufgabe des Übersetzers. In: BRANCO, L. C. (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin:** quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p. 82-98.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2012.
- BOHUNOVSKY, R. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática da tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 51-62, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5884>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- BOOTH, H. J. John Addington Symonds. In: OXFORD BIBLIOGRAPHIES. **Articles**. 2016. Disponível em: <<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199799558/obo-9780199799558-0096.xml>>. Acesso em: 10 maio 2018.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CADY, J. Not happy in the Capitol: Homosexuality in the *Calamus* poems. **American Studies with American Studies international**, Kansas, v. 19, n. 2, p. 5-22, 1978. Disponível em: <<https://journals.ku.edu/amerstud/article/view/2263>>. Acesso em: 26 maio 2018.

CAMPOS, H. **Metalinguagem**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1967.

CARDOZO, M. M. Na calda do outro: silêncio, mistério e o outro em tradução. In: ESTEVES, L.; VERAS, V. (Orgs.). **Vozes da tradução: éticas do traduzir**. São Paulo: Humanitas, 2014. p. 67-78.

CARPENTER, G.R. **Walt Whitman**. New York: The Macmillan Company, 1909.

CAVITCH, M. Audience Terminable and Interminable: Anne Gilchrist, Walt Whitman, and the Achievement of Disinhibited Reading. **Victorian poetry**, Virgínia, v. 43, n. 2, p. 249-261, 2005. Disponível em: <http://www.english.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Cavitch_Audience.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CHIOVATTO, C. Nota da tradutora. In: BAUM, F. **A Maravilhosa Terra de Oz**. Tradução de Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2014.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CRONIN, M. **Translation in the Digital Age**. London and New York: Routledge, 2013.

DAWSON, S. **The Edward Carpenter Archive: Biographical Note**. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<http://www.edwardcarpenter.net/ecbiog.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DICIONÁRIO informal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/babel%C3%ADstico/>>.

DICKINSON, E. **Loucas noites**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Disal, 2010.

DICTIONARY.COM. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/>>.

DOSSE, F. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUARTE, C. L. Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas: histórias de uma história mal contada. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília, v. 30, p. 63-70, 2007.

ECO, H. **Quase a mesma coisa**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ELIOT, G. **George Eliot's Life as Related in Her Letters and Journals by George Eliot**. London: Dephi Classics, 2017.

ELLIS, S. S. **The Women of England, their social duties, and domestic habits**. London : Fisher, Son & Co., 1839. Disponível em: <<http://webapp1.dlib.indiana.edu/vwwwp/view?docId=VAB7198>>. Acesso em: 05 maio 2018.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **George Sand**: french novelist. [S.l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/George-Sand>>. Acesso em: 27 set. 2018.

EMERSON, R. W. **The Complete Works**. New York and Boston: Houghton, Mifflin, 1904; Disponível em: <<https://www.bartleby.com/90/1121.html>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

FERGUSON-WAGSTAFFE, S. Points of contact: Blake and Whitman. In: ROMANTIC CIRCLES. **Praxis series**. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://www.rc.umd.edu/praxis/sullenfires/sfw/sfw_essay.html>. Acesso em: 10 maio 2018.

FERGUSON-WAGSTAFFE, S. F. Sullen Fires Across the Atlantic: Essays in Transatlantic Romanticism. In: ROMANTIC CIRCLES. **Praxis series**. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://www.rc.umd.edu/praxis/sullenfires/sfw/sfw_essay.html>. Acesso em: 02 maio 2018.

FOLSOM, E.; ROBERTSON, M.; PRICE, K. M. Re-Scripting Walt Whitman: An Introduction to His Life and Work [review]. **Walt Whitman Quarterly Review**, Iowa, n. 23, p. 147-148, 2006. Disponível em: <<http://ir.uiowa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1798&context=wwqr>>. Acesso em: 10 maio 2018.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente. II. A Idade Média. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p.13-28, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5881/5561>>. Acesso em: 20 maio 2019.

GALLOWAY, D. D.; SABISCH, C. **Calamus**: Male Homosexuality in Twentieth-Century Literature: An International Anthology. New York: William Morrow & Co., 1982.

GILCHRIST, A. **The Life of William Etty**. London: D. Bogue, 1855.

GILCHRIST, A. **A Confession of Faith**. London: W. Reeves, 1885.

GILCHRIST, A. G. A Woman's Estimate of Walt Whitman. **The Radical**, London, v. 5, n. 7, p. 1-15, 1870. Disponível em: <http://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Gilchrist_Whitman.pdf>. Acesso em: 02 maio 2018.

GILCHRIST, A. **The Life of William Blake**: Pictor Ignotus. London: Vintage, 1999.

GILCHRIST, G. Chats with Walt Whitman. In: THE WALT WHITMAN ARCHIVE. **Interviews and Reminiscences**. [S.l.], 1898. Disponível em: <<https://whitmanarchive.org/criticism/interviews/transcriptions/med.00568.html>>. Acesso em: 11 maio 2018.

GILCHRIST, H. **Anne Gilchrist: her life and her writings**. London: T. Fischer Unwin, 1887.

GOOGLE translate. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR&tab=mT&authuser=0>>.

GOULD, E. P. (Org.). **Gems form Walt Whitman**. Philadelphia: David McKay Publisher, 1989.

GOULD, E. P. **Anne Gilchrist and Walt Whitman**. Philadelphia: David McKay Publisher, 1900.

HARNED, T. B. (Ed.). **The Letters of Anne Gilchrist**. New York: Doubleday, 2015.

HEIDERMAN, W. (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue alemão/português**. 2. ed. rev. ampl, Florianópolis, UFSC: Núcleo de pesquisa em literatura e tradução, 2010, 344p. 1 v.

HIGGINS, J. French poetry and prose in fin-de-siècle England: how women translators broke new ground. In: DOW, G. E. (Org.) **European Connections. Translators, Interpreters, Mediators: women writers 1700-1900**. Peter Lang: Bern, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=leAHa_dqa84C&pg=PA11&lpg=PA11&dq=translators,+interpreters,+mediators:+women+writers+17001900&source=bl&ots=RbUYHXtLb&sig=zvr2REi03LKRdy_ubzJCIqu18oQ&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwii1rP8o9HaAhWdfZAKHdRhB58Q6AEIQDAE#v=onepage&q=translators%2C%20interpreters%2C%20mediators%3A%20women%20writers%201700-1900&f=false>. Acesso em: 06 maio 2018.

HEISE, E. Weltliteratur, um conceito transcultural. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, p. 35-57, 2007.

HOHLFELDT, A. Exercícios biográficos: arqueologia cultural. In: GUTFREIND, C. (Org.). **Narrar o Biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 41-79.

HUMBLÉ, Ph. Os Estudos da Tradução e os Dicionários. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 44, n. 2, p. 233-246, Jul./Dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tla/v44n2/a05v44n2.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

HUTCHINS, W. J. Machine Translation: A brief history. In. KOERNER, E. F. K.; ASHER, R. E. **Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the cognitivists**. Oxford: Pergamon Press, 1995. p. 431-445. Disponível em: <<http://www.hutchinsweb.me.uk/ConcHistoryLangSci-1995.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2020.

ISER, W. **The Implied Reader: Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1978.

LAGES, S. K. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. Edusp, 2002.

LE GOFF, J. **El Orden de la Memoria: El tiempo como Imaginario**. Barcelona: Paidós, 1991.

LE RAY, J. M. Frederico Pucci: The overlooked pioneer of machine translation. In: TRANSLATION 2.0. **2019: Ninetieth anniversary of Federico Pucci's machine translation concept**. Disponível em: <<http://translation20.blogspot.com/2019/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

LEXICO Oxford English and Spanish Dictionary, Thesaurus, and Spanish to English . Disponível em: <<https://www.lexico.com/>>.

LÖEBLEN, P. Ebb and flow: o que significa esta expressão. MAIROVERGARA. **O que significa em inglês?**. [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://www.maiovergara.com/ebb-and-flow-o-que-significa-esta-expressao/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

LOTT, D. E. Biography of William Douglas O'Conner. In: THE WALT WHITMAN ARCHIVE. **Disciples**. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://whitmanarchive.org/criticism/disciples/oconnor/biography/anc.00251.html>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

LOVING, J. Walt Whitman. In: AMERICAN NATIONAL BIOGRAPHY. **Articles**. Oxford, 2000. Disponível em: <<https://www.anb.org/view/10.1093/anb/9780198606697.001.0001/anb-9780198606697-e-1601761>>. Acesso em: 02 set. 2020

MACMILLAN dictionary. Disponível em: <<https://www.macmillandictionary.com/>>.

MARSDEN, S. A woman waits for me: Anne Gilchrist's reading of Leaves of Grass. In: **Walt Whitman Quarterly Review**. Iowa. v. 23, n. 3. p. 95-125, 2006. Disponível em: <<https://ir.uiowa.edu/wwqr/vol23/iss3/2/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MCLAUGHLIN, D. J. Walt Whitman's gift: his friendship with the Gilchrist family survives in art. In: LAPHAM'S QUARTERLY. **Roundtable**. New York, 2020. Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/walt-whitmans-gift>>. Acesso em: 02 set. 2020

MICHAELIS moderno dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos: Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2020

MILTON, J. **Tradução**: Teoria e Prática. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MISHRA, S. **Rise of William Blake**. New Delhi: Mittal Publications, 1990.

MOMIGLIANO, A. **The development of Greek biography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

NÜNNING, A. On the perspective structure of narrative texts: steps towards a Constructivist Narratology. In: PEER, W. V; CHATMAN, S. **New Perspectives on narrative perspective**. New York: State University of New York Press, 2001. p. 207-224.

PEREIRA, A. M. Biografia Literária: Duas Tradições. **Outra Travessia**, Florianópolis, n. 14, p. 37-48, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2012n14p37/24825>>. Acesso em: 21 set. 2020.

POE, E. A. **O Corvo**. Trad. Isa Mara Lando. Rio de Janeiro: Edição da tradutora, 2013.

POPOVA, M. Dracula Author Bram Stoker's Extraordinary Love Letter to Walt Whitman. In: BRAINPICKING. **Newsletter**. New York, 2019. Disponível em: <<https://www.brainpickings.org/2019/01/09/bram-stoker-walt-whitman-letter/>>. Acesso em 02 set. 2020

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SAMUELSSON-BROWN, G. **Managing Translation Services**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

SCHMIDT, B. B. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, M.; GIMENES, R. A. O. (Orgs.). **Narrar o Passado, Repensar a História**. Campinas: UNICAMP, 2014. p. 191-201.

SCHMIDT, R.T. **Descentramentos/Convergências**. Ensaios de Crítica Feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E. Escritas de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: 1ª JIED JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2008, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2008. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2018.

SHIVELY, C. **Calamus Lovers: Walt Whitman's working class camerados**. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1987.

STANFORD, W. B. (Ed.). **The Odyssey of Homer**. London: St. Martins Press, 1959. 2 v.

STOKER, B. **Dracula**. Peterborough: Broadview Press, 1997.

STOKER, B. Letter to Walt Whitman. In: THE PARIS REVIEW. **Something in the blood, parte 3**. New York, October 31, 2016. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/blog/2016/10/31/something-blood-part-3/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

SWINBURNE, A. C. **William Blake: A Critical Essay**. London: John Camden Hotten, 1868.

THE NEW YORK TIMES. **Anne Gilchrist and Walt Whitman**. New York, 8 set. 1900. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1900/09/08/archives/anne-gilchrist-and-walt-whitman.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

THE WALT WHITMAN ARCHIVE. **Life and Letters**. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://whitmanarchive.org/biography/correspondence/index.html>> Acesso em: 12 de abril de 2018.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAUBEL, H. With Walt Whitman in Camden vol. 1. In: THE WALT WHITMAN ARCHIVE. Disciples. [S.l.], 1906. <<http://www.whitmanarchive.org>>. Acesso em: 26 de abril de 2019.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**. A history of translation. New York and London: Routledge, 1995.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução: Por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.

VINAY, J. P; DARBELNET, J. **Comparative Stylistics of French and English**. A methodology for translation. Tradução de Juan C. Sager; M. J. Hamel. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WHITLEY, E. Elizabeth Porter Gould, Author of 'Leaves of Grass': Gender, Editing, and the Nineteenth-Century Literary Marketplace. **ELH**, v. 75, n. 2, p. 471–496, 2008. Disponível em: <www.jstor.org/stable/27654620>. Acesso em: 16 nov. 2019.

WHITMAN, W. **Leaves of Grass: The Original 1855 Edition**. Mineola/New York: Dover Publications, Inc., 2007.

WILLARD, F.E; LIVERMORE, M.A. **Women of the Century. Fourteen hundred-seventy biographical sketches accompanied by portraits of leading American women in all walks of life**. Buffalo; Chicago; New York: Charles Wells Moulton, 1893.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WOOLF, V. **A Room of One's Own**. Harcourt Brace & Company: San Diego, 1929.

WOOLF, V. **The Common Reader: First Series**. New York: Harcourt, Brace & Company, 1984.

WYATT, E. **Whitman and Anne Gilchrist**. [S.l.]: Early Journal Content, 1919. Disponível em: <<http://archive.org/stream/jstor-25120328/25120328#page/n1/mode/2up>>. Acesso em: 02 maio 2018.

APÊNDICE A

APÊNDICE A - A TRADUÇÃO DE “A WOMAN’S ESTIMATE OF WALT WHITMAN” (1870)

(continua)

| <p style="text-align: center;">Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p style="text-align: center;">Tradução Daniela</p> |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">A Woman’s Estimate of Walt Whitman</p> <p style="text-align: right;">London, November 20, 1869</p> <p>The great satisfaction which I felt in arranging, about two years ago, the first edition (or rather selection) of Walt Whitman’s poems published in England has been, in due course of time, followed by another satisfaction – and one which, rightly laid to heart, is both less mixed and more intense. A lady, whose friendship honors me, read the selection last summer, and immediately afterwards accepted from me the loan of the complete edition, and read that also. Both volumes raised in her a boundless and splendid enthusiasm, ennobling to witness. This found expression in some letters which she addressed to me at the time, and which contain (I affirm it without misgiving, and I hope not without some title to form an opinion) about the fullest, farthest-reaching, and most eloquent appreciation of Whitman yet put to writing, and certainly</p> | <p style="text-align: center;">A Apreciação de uma Mulher sobre Walt Whitman</p> <p style="text-align: right;">Londres, 20 de novembro de 1869</p> <p>A grande satisfação que senti ao organizar, há cerca de dois anos, a primeira edição (ou melhor, a seleção) dos poemas de Walt Whitman publicados na Inglaterra foi, no devido tempo, seguida de outra satisfação – e que, com razão, é ao mesmo tempo menos heterogênea e mais intensa. Uma dama, cuja amizade me honra, leu a seleção no verão passado e, imediatamente depois de ler, aceitou o empréstimo da edição completa, que também leu. Ambos os volumes suscitaram nela um entusiasmo esplêndido e sem limites, dignificante de testemunhar, o que encontrou expressão em algumas cartas que ela me dirigiu na época, e que contêm (afirmo isso sem apreensão, e espero que com alguma autoridade para emitir opinião) a mais completa, mais abrangente e mais eloquente apreciação de Whitman já escrita, e</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|---|
| <p>the most valuable, whether or not I or other readers find cause for critical dissent at an item here and there. The most valuable, I say, because this is the expression of what a <i>woman</i> sees in Whitman's poems, - a woman who has read and thought much, and whom to know is to respect and esteem in every relation, whether of character, intellect, or culture.</p> <p>I longed that what this lady had written should be published for the benefit of English, and more especially of American readers. She has generously accepted my request. The ensuing reflections upon Whitman's poems contain several passages reproduced verbatim from the letters in question, supplemented by others which the same lady has added so as more fully to define and convey the impressions which those unparalleled and deathless writings have made upon her.</p> <p style="text-align: right;">W. M. Rossetti</p> | <p>certamente a mais valiosa, quer eu ou outros leitores encontremos ou não motivos para discordância crítica em um item aqui e ali. O mais valioso, digo eu, porque esta é a expressão do que uma mulher vê nos poemas de Whitman, uma mulher que leu e releu muito, que é respeitada e estimada por quem a conhece, em relação a tudo, seja de caráter, intelecto ou cultura.</p> <p>Eu ansiava que o que esta senhora escreveu fosse publicado para o benefício dos leitores ingleses, e mais ainda, dos leitores americanos. Ela aceitou, generosamente, meu pedido. As reflexões que se seguem sobre os poemas de Whitman contêm várias passagens reproduzidas textualmente das cartas que trocamos, complementadas por outras, acrescentadas para definir e transmitir mais plenamente as impressões que aqueles escritos inigualáveis e imortais impuseram sobre ela.</p> <p style="text-align: right;">W. M. Rossetti</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p><i>June 22, 1869.</i> –I was calling on _____ a fortnight ago, and he put into my hands your edition of Walt Whitman’s poems. I shall not cease to thank him for that. Since I have had it, I can read no other book: it holds me entirely spell-bound, and I go through it again and again with deepening delight and wonder.</p> <p><i>June 23.</i> – I am very sure you are right in your estimate of Walt Whitman. There is nothing in him that I shall ever let go my hold of. For me the reading of his poems is truly a new birth of the soul. I shall quite fearlessly accept your kind offer of the loan of a complete edition, certain that great and divinely beautiful nature has not, could not infuse any poison into the wine he has poured out for us. And as for what you specially allude to, who so well able to bear it – I will say, to judge wisely of it – as one who, having been a happy wife and mother, has learned to accept all things with tenderness, to feel a sacredness in all? Perhaps Walt Whitman has forgotten – or, through some theory in his head, has overridden – the truth that our instincts are beautiful facts of nature, as well as our bodies; and that we have a strong instinct of silence about some things.</p> | <p><i>22 de junho de 1869.</i> Conversava com _____ há quinze dias, e ele colocou em minhas mãos sua edição dos poemas de Walt Whitman. Nunca deixarei de agradecer-lhe por isso. Desde então, não consigo ler outro livro: ele me prende como que enfeitiçada, e leio e releio com um profundo deleite e admiração.</p> <p><i>23 de junho.</i> Estou certa de que você tem razão em sua estimativa de Walt Whitman. Não há nada nele que eu deixarei escapar. Para mim, a leitura de seus poemas é verdadeiramente um novo nascimento da alma. Aceitarei destemidamente sua amável oferta de empréstimo de uma edição completa, certo de que a natureza grande e divinamente bela não derramará veneno sobre o vinho que ele serviu por nós. E quanto ao que você, especialmente alude, a quem tão bem pode suportar, direi, julgando-o sabiamente, como alguém que, tendo sido uma esposa e mãe feliz, aprendeu a aceitar todas as coisas com ternura, a sentir uma sacralidade em todos? Talvez Walt Whitman tenha esquecido, ou, por causa de alguma teoria em sua cabeça, tenha ignorado a verdade de que nossos instintos são belos fatos da natureza, assim como nossos corpos; e que temos um forte instinto de silêncio sobre algumas coisas.</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p><i>July 11.</i> – I think it was very manly and kind of you to put the whole of Walt Whitman’s poems into my hands; and that I have no other friend who would have judged them and me so wisely and generously.</p> <p>I had not dreamed that words could cease to be words, and become electrical streams like these. I do assure you that, strong as I am, I feel sometimes as if I had not bodily strength to read many of these poems.</p> <p>In the series headed “Calamus,” for instance, in some of the “Songs of Parting,” the “Voice out of the Sea,” the poem beginning “Tears, Tears,” &c., there is such a weight of emotion, such a tension of heart, that mine refuses to beat under it, - stands quiet and still, - and I am obliged to lay the book down for a while. Or again, in the piece called “Walt Whitman,” and one or two others of that type, I am as one hurried through stormy seas, over high mountains, dazed with sunlight, stunned with a crowd and tumult of faces and voices, till I am breathless, bewildered, half dead. Then come parts and whole poems in which there is such calm wisdom and strength and thought, such a cheerful breadth of sunshine, that the soul bathes in them renewed and</p> | <p><i>11 de julho.</i> Achei muito viril e gentil de sua parte ter colocado todos os poemas de Walt Whitman em minhas mãos; não tenho outro amigo que os julgasse e julgasse a mim tão sábia e generosamente.</p> <p>Eu nunca havia sonhado que as palavras poderiam deixar de ser palavras para tornarem-se correntes elétricas como estas. Eu lhes asseguro que, forte como sou, às vezes me sinto como se não tivesse força corporal para ler muitos destes poemas. Na série intitulada “Calamus”, por exemplo, em alguns dos “Songs of Parting”, no “Voice out of the Sea”, e o poema que começa “Lágrimas, Lágrimas”, há um peso tão grande de emoção, uma tensão tão grande no coração, que o meu se recusa a bater no seu ritmo, fica quieto e quase pára, e sou obrigada a soltar o livro por um tempo. Ou, na peça chamada “Walt Whitman”, e uma ou duas outras desse tipo, fico como se estivesse correndo através de mares tempestuosos, sobre altas montanhas, aturdida com a luz do sol, atordoada com uma multidão e tumulto de rostos e vozes, até ficar sem fôlego, desnorreada, meio morta. E logo vem partes ou poemas inteiros em que há uma calma sabedoria e</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|--|
| <p>strengthened. Living impulses flow out of these that make me exult in life, yet look longingly towards “the superb vistas of Death.” Those who admire this poem, and don’t care for that, and talk of formlessness, absence of metre, &c., are quite as far from any genuine recognition of Walt Whitman as his bitter detractors. Not, of course, that all the pieces are equal in power and beauty, but that all are vital; they grew – they were not made. We criticize a palace or a cathedral; but what is the good of criticizing a forest? Are not the hitherto-accepted masterpieces of literature akin rather to noble architecture; built up of material rendered precious by elaboration; planned with subtle art that makes beauty go hand in hand with rule and measure, and knows where the last stone will come, before the first is laid; the result stately, fixed, yet such as might, in every particular; have been different from what it is (therefore inviting criticism), contrasting proudly with the careless freedom of nature, opposing its own rigid adherence to symmetry to her willful dallying with it? But not such is this book. Seeds brought by the winds from the north, south, east, and west, lying long in the earth, not</p> | <p>coerência de pensamentos, uma alegre luminosidade, na qual a alma se banha, renovada e fortalecida. Destes, saem impulsos vivos que me fazem exultar na vida, mas, ao mesmo tempo, olhar longamente para “as magníficas perspectivas da Morte”. Aqueles que leem este poema e não se importam com isso, e falam de falta de forma, ausência de metro etc., estão tão longe de qualquer reconhecimento genuíno de Walt Whitman quanto seus amargos detratores. Não, claro, que todas as peças sejam iguais em poder e beleza, mas são todas vitais; elas cresceram, não foram feitas. Nós criticamos um palácio ou uma catedral; mas de que adianta criticar uma floresta? As obras-primas da literatura, até então aceitas, não são mais parecidas com a arquitetura nobre; construídas de material tornado precioso pela elaboração; planejadas com arte sutil que faz a beleza andar de mãos dadas com regra e medida, e sabe onde virá a última pedra, antes que a primeira seja colocada; o resultado majestoso, fixo, como poderia, em cada caso; tem sido diferente do que é (portanto convidando à crítica), contrastando orgulhosamente com a liberdade descuidada da natureza,</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|---|
| <p>resting on it like the stately building, but hid in and assimilating it, shooting upwards to be nourished by the air and the sunshine and the rain which beat idly against that, - each bough and twig and leaf growing in strength and beauty its own way, a law to itself, yet, with all this freedom of spontaneous growth, the result inevitable, unalterable (therefore setting criticism at naught), above all things, vital, - that is, a source of ever-generating vitality: such are these poems.</p> <p>“Roots and leaves themselves alone are these, Scents brought to men and women from the wild woods and from the pondside, Breast sorrel and pinks of love, fingers that wind around tighter than vines, Gushes from the throats of birds hid in the foliage of trees as the sun is risen, Breezes of land and love, breezes set from living shores out to you on the living sea, - to you, O sailors! Frost-mellowed berries and Third-month twigs, offered fresh to young persons wandering out in the fields when the winter breaks up, Love-buds put before you and within you, whoever you are, Buds to be unfolded on the old terms.</p> | <p>opondo-se à sua própria aderência rígida à simetria com ela? Mas não é assim este livro. Sementes trazidas pelos ventos do norte, sul, leste e oeste, lançadas à terra, não descansando sobre ela como o edifício imponente, mas se escondendo e assimilando-a, crescendo para serem alimentadas pelo ar, pelo sol e pela chuva que cai despreziosamente, cada ramo e galho e folha crescendo em força e beleza à sua maneira, uma lei para si mesma, mas, com toda essa liberdade de crescimento espontâneo, o resultado é inevitável, inalterável (portanto, sem críticas), acima de tudo vital, ou seja, uma fonte de vitalidade sempre crescente: assim são estes poemas.</p> <p>“Raízes e folhas sozinhas são estas, Perfumes trazidos para homens e mulheres dos bosques selvagens e das margens dos lagos, Peitos doloridos e róseos de amor, dedos que se enroscam como as videiras, Jorros da garganta dos pássaros escondidos na folhagem das árvores quando o sol nasce, brisas de terra e de amor, brisas das costas vivas para vocês no mar vivo, – para vocês, ó marinheiros! Frutas adoçadas pela geada e galhos do terceiro mês, oferecidas frescas aos jovens que vagueiam pelos campos quando o inverno acaba,</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|--|--|
| <p>If you bring the warmth of the sun to them, they will open, and bring form, color, perfume, to you: If you become the aliment and the wet, they will become flowers, fruits, tall branches and trees.”</p> <p>And the music takes good care of itself too. As if it <i>could</i> be otherwise! As if those “large, melodious thoughts,” those emotions, now so stormy and wild, now of unfathomed tenderness and gentleness, could fail to vibrate through the words in strong, sweeping, long-sustained chords, with lovely melodies winding in and out fitfully amongst them! Listen, for instance, to the penetrating sweetness, set in the midst of rugged grandeur, of the passage beginning,-</p> <p>“I am he that walks with the tender and growing night; I call to the earth and sea half held by the night.”</p> <p>I see that no counting of syllables will reveal the mechanism of the music; and that this rushing spontaneity could not stay to bind itself with the fetters of metre. But I know that the music is there, and that I</p> | <p>Os botões de amor colocados à sua frente e dentro de você, quem quer que você seja, Botões a serem desvelados nos termos antigos. Se você levar o calor do sol para eles, eles se abrirão e trarão forma, cor, perfume, para você: Se você se tornar o alimento e o molhado, eles se tornarão flores, frutas, galhos altos e árvores”.</p> <p>E a música também cuida bem de si mesma. Como se pudesse ser de outra forma! Como se esses “grandes e melodiosos pensamentos”, essas emoções, agora tão tempestuosas e selvagens, agora de ternura e doçura insondável, não conseguissem vibrar através das palavras em acordes fortes, arrebatadores e duradouros, com belas melodias entrando e saindo entre elas! Escutem, por exemplo, a doçura penetrante, ambientada em meio à grandeza robusta, do início da passagem:</p> <p>“Eu sou aquele que caminha na terna e crescente noite; Eu clamo à terra e ao mar meio tomados pela noite”.</p> <p>Vejo que nenhuma contagem de sílabas revelará o mecanismo da música; e que esta espontaneidade apressada não poderia ficar para se</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|---|
| <p>scorns the present, hardly seeing any greatness but what is shrouded away in the twilight, underground past; naming the present only for disparaging comparisons, humiliating distrust that tends to create the very barrenness it complains of; bidding me warm myself at fires that went out to mortal eyes centuries ago; insisting, in religion above all, that I must either “look through dead man’s eyes,” or shut my own in helpless darkness. Poets fancying themselves so happy over the chill and faded beauty of the past, but not making me happy at all, - rebellious always at being dragged down out of the free air and sunshine of to-day.</p> <p>But this poet, this “athlete, full of rich words, full of joy,” takes you by the hand, and turns you with your face straight forwards. The present is great enough for it. It flows through him as a “vast oceanic tide,” lifting up a mighty voice. Earth, “the eloquent, dumb, great mother,” is not old, has lost none of her fresh charms, none of her divine meanings; still bears great sons and daughters, if only they would possess themselves and accept their birthright, - a richer, not a poorer, heritage than was ever provided before, - richer by all the toil and suffering of</p> | <p>prender com os grillhões do metro. Mas sei que a música está lá, e que eu não trocaria de ouvido com aqueles que não a podem ouvir. E sei que a poesia deve fazer uma de duas coisas, ou possuir este homem como igual a seus manifestantes mais elevados e completos, ou ficar de lado, e admitir que há algo que vem ao mundo mais nobre, mais divino do que ela mesma, que está livre do universo, e pode contar seus segredos como nenhum antes.</p> <p>Não penso nem acredito nisso; mas vejo com a mesma definição inconfundível de percepção e plena consciência que vejo o sol, neste momento, no céu do meio-dia, e sinto seus raios brilhando sobre mim enquanto escrevo ao ar livre. O que mais você pode pedir das obras da boca de um homem do que “serem absorvidas em você como alimento e ar, para depois ressurgirem em sua força, no seu caminhar, no seu rosto”, que sejam “fibra e filtro para o seu sangue, alegria e satisfação para toda a sua essência?”</p> <p>Estou certa de que uma grande fonte deste poder de vitalização, suponho que <i>a</i> grande fonte, seja a compreensão do presente, a forma destemida e abrangente de lidar com a realidade. Até agora os líderes</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p>the generations that have preceded, and by the further unfolding of the eternal purposes. Here is one come at last who can show them how, whose songs are the breath of a glad, strong, beautiful life, nourished sufficingly, kindled to unsurpassed intensity and greatness by the gifts of the present.</p> | <p>do pensamento têm sido (exceto na ciência) homens com seus rostos resolutamente virados para trás; homens que fizeram do passado um tirano que mendiga e despreza o presente, quase não vendo nenhuma grandeza, mas o que está envolto no crepúsculo, no passado subterrâneo; nomeando o presente apenas para comparações depreciativas, desconfiança humilhante que tende a criar a própria esterilidade de que se queixa; me aquecendo às fogueiras que se apagaram aos olhos mortais séculos atrás; insistindo, na religião acima de tudo, que devo ou “olhar através dos olhos do homem morto”, ou fechar meus próprios olhos na escuridão indefesa. Os poetas se fantasiam tão felizes com a beleza fria e desbotada do passado, mas não me fazem feliz de forma alguma, rebeldes sempre por serem arrastados para fora do ar livre e do sol do dia a dia.</p> <p>Mas este poeta, este “atleta cheio de palavras ricas, cheio de alegria”, pega você pela mão, e vira seu rosto para frente. O presente é grande o suficiente para isso. Ele flui através dele como uma “vasta maré oceânica”, levantando uma voz poderosa. A Terra, “a eloqüente, muda, grande mãe”, não é velha, não perdeu nenhum de seus encantos,</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|--|
| <p>“Each moment and whatever happens thrills me with joy.”</p> <p>“O the joy of my soul leaning poised on itself, - receiving identity through materials, and loving them, - observing characters, and absorbing them! O my soul vibrated back to me from them!</p> <p>“O the gleesome saunter over fields and hillsides! The leaves and flowers of the commonest weeds, the moist, fresh stillness of the woods, The exquisite smell of the earth at daybreak, and all through the forenoon.</p> | <p>nenhum de seus significados divinos; ainda carrega grandes filhos e filhas, se ao menos eles aceitassem seu direito de nascença, uma herança mais rica, não mais pobre do que jamais foi proporcionada antes, mais rica por toda a labuta e sofrimento das gerações que os precederam, e pelo desdobramento posterior dos propósitos eternos. Aqui vem, finalmente, alguém que pode mostrar-lhes como, cujas canções são o sopro de uma vida alegre, forte, bela, nutrida de forma suficiente, acesa a uma intensidade e grandeza insuperáveis pelos dons do presente.</p> <p>“Cada momento, aconteça o que acontecer, me emociona de alegria”.</p> <p>“Ah alegria de minha alma apoiada em si mesma, – receber a identidade através dos materiais, e amá-los, observar os personagens, e absorvê-los! Ó minha alma vibrou de volta para mim a partir deles!</p> <p>“Ah, o alegre pastor sobre os campos e encostas! As folhas e flores das ervas daninhas mais comuns, a quietude úmida e fresca do bosque, O cheiro requintado da terra ao amanhecer, e tudo isso durante a manhã.</p> <p>“Ah para realizar o espaço!</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|---|
| <p>“O to realize space! The plenteousness of all – that there are no bounds; To emerge, and be of the sky – of the sun and moon and the flying clouds, as one with them. “O the joy of suffering,- To struggle against great odds, to meet enemies undaunted, To be entirely alone with them – to find how much one can stand!”</p> <p>I used to think it was great to disregard happiness, to press on to a high goal, careless, disdainful of it. But now I see that there is nothing so great as to be capable of happiness; to pluck it out of “each moment and whatever happens;” to find that one can ride as gay and buoyant on the angry, menacing, tumultuous waves of life as on those that glide and glitter under a clear sky; that it is not defeat and wretchedness which come out of the storm and adversity, but strength and calmness.</p> <p>See, again, in the pieces gathered together under the title “Calamus,” and elsewhere, what it means for a man to love his fellow-men. Did you dream it before? These “evangel-poems of comrades and of love “speak, with the abiding, penetrating power of prophecy, of a “new and superb friendship;” speak not as beautiful dreams, unrealizable</p> | <p>A plenitude de todos, que não há limites; Sair, e ser do céu, do sol e da lua e das nuvens voadoras, como um com eles. "Ah a alegria do sofrimento, Lutar contra grandes probabilidades, encontrar inimigos sem medo, Estar totalmente sozinho com eles, para descobrir o quanto se pode suportar"!</p> <p>Eu costumava pensar que era ótimo desconsiderar a felicidade, continuar a perseguir um objetivo elevado, descuidando, desdenhando dela. Mas agora vejo que não há nada tão maravilhoso quanto ser capaz de ser feliz; de arrancar a felicidade “a cada momento,aconteça o que acontecer”; de descobrir que se pode cavalgar feliz e leve as ondas furiosas, ameaçadoras e tumultuadas da vida, como naquelas que deslizam e brilham sob um céu claro; que não é derrota e miséria que resultam da tempestade da adversidade, mas sim força e tranquilidade. Veja, novamente, nas peças reunidas sob o título “Calamus”, e em outros lugares, o que significa para um homem amar seus semelhantes. Você já sonhou isso antes? Estes “poemas caridosos de companheirismo e de amor” falam, com o poder permanente e</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|--|
| <p>aspirations to be laid aside in sober moods, because they breathe out what now glows within the poet's own breast, and flows out in action toward the men around him. Had ever any land before her poet, not only to concentrate within himself her life, and when she kindled with anger against her children who were treacherous to the cause her life in bound up with, to announce and justify her terrible purpose in words of unsurpassable grandeur (as in the poem beginning, "Rise, O days, from your fathomless deeps"), but also to go and with his own hands dress the wounds, with his powerful presence soothe and sustain and nourish her suffering soldiers, - hundreds of them, thousands, tens of thousands, - by day and by night, for weeks, months, years?</p> <p>"I sit by the restless all the dark nights; some are young, Some suffer so much: I recall the experience sweet and sad. Many a soldier's loving arms about this neck have crossed and rested, Many a soldier's kiss dwells on these bearded lips: -</p> | <p>penetrante da profecia, de uma "nova e soberba amizade"; não falam como sonhos bonitos, aspirações irrealizáveis a serem deixadas de lado em humores sóbrios, porque expiram o que agora brilha dentro do próprio peito do poeta, e fluem em ação para os homens ao seu redor. Teve, alguma vez, alguma terra diante de seu poeta, não apenas para se concentrar em sua vida, e quando se irritou com seus filhos que não compreendiam à causa com a qual sua vida estava ligada, para anunciar e justificar seu terrível propósito em palavras de grandeza insuperável (como no início do poema, "Levanta-te, ó dias, de tuas profundezas insondáveis"), mas também para ir e com suas próprias mãos cuidar das feridas, com sua poderosa presença acalmar e sustentar e alimentar seus sofridos soldados, – centenas deles, milhares, dezenas de milhares, – de dia e de noite, durante semanas, meses, anos?</p> <p>"Sento-me ao lado dos inquietos durante todas as noites escuras; alguns são jovens, Alguns sofrem tanto: Eu me lembro da experiência doce e triste. Muitos dos braços amorosos de soldados que estiveram sobre este pescoço já se cruzaram e descansaram, Muitos beijos de soldados habitam estes lábios barbudos;</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p>Kisses, that touched with the fire of a strange, new, undying eloquence the lips that received them! The most transcendent genius could not, untaught by that “experience sweet and sad,” have breathed out hymns for her dead soldiers of such ineffably tender, sorrowful, yet triumphant beauty.</p> <p>But the present spreads before us other things besides those of which it is easy to see the greatness and beauty; and the poet would leave us to learn the hardest part of our lesson unhelped if he took no heed of these; and would be unfaithful to his calling, as interpreter of man to himself and of the scheme of things in relation to him, if he did not accept all – if he did not teach “the great lesson of reception, neither preference nor denial.” If he feared to stretch out the hand, not of condescending pity, but of fellowship, to the degraded, criminal, foolish, despised, knowing that they are only laggards in “the great procession winding along the roads of the universe,” “the far-behind to come on in their turn,” knowing the “amplitude of Time,” how could he roll the stone of</p> | <p>Beijos que tocaram com o fogo de uma estranha, nova e eterna eloquência os lábios que os receberam! O gênio mais transcendente não poderia, sem ser ensinado por aquela “experiência doce e triste”, ter expirado hinos para seus soldados mortos de tão inefavelmente terna, dolorosa e ao mesmo tempo triunfante beleza.</p> <p>Mas o presente se espalha diante de nós, outras coisas além daquelas das quais é fácil ver a grandeza e a beleza; e o poeta nos deixaria sem ajuda para aprender a parte mais difícil de nossa lição, se não prestasse atenção a elas; e seria infiel ao seu chamado, como intérprete do homem para si mesmo e do esquema das coisas em relação a ele, se ele fizesse ou aceitasse tudo, se ele não ensinasse “a grande lição da recepção, nem preferência nem negação”. Se ele temesse estender a mão, não de piedade condescendente, mas de companheirismo, aos degradados, criminosos, insensatos, desprezados, sabendo que eles são apenas retardatários no “grande cortejo sinuoso ao longo dos caminhos do universo”, “os distantes a vir por sua vez”, conhecendo a “amplitude do Tempo”, como ele poderia rolar a pedra do desprezo do coração como</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|---|
| <p>contempt off the heart as he does, and cut the strangling knot of the problem of inherited viciousness and degradation? And, if he were not bold and true to the utmost, and did not own in himself the threads of darkness mixed in with the threads of light, and own it with the same strength and directness that he tells of the light, and not in those vague generalities that everybody uses, and nobody means, in speaking on this head, - in the worst, germs of all that is in the best; in the best, germs of all that is in the worst, - the <i>brotherhood</i> of the human race would be a mere flourish of rhetoric. And brotherhood is naught if it does not bring brother's love along with it. If the poet's heart were not "a measureless ocean of love" that seeks the lips and would quench the thirst of all, he were not the one we have waited for so long. Who but he could put at last the right meaning into that word "democracy," which has been made to bear such a burthen of incongruous notions?</p> <p>"By God! I will have nothing that all cannot have their counterpart of on the same terms!"</p> | <p>ele faz, e cortar o nó estrangulador do problema da maldade e degradação herdada? E, se ele não fosse ousado e fiel ao máximo, e não possuísse em si mesmo os fios das trevas misturados com os fios da luz, e a possuísse com a mesma força e direcionamento que ele conta da luz, e não naquelas generalidades vagas que todos usam, e ninguém quer dizer, ao falar sobre esta cabeça, no pior, germes de tudo o que está no melhor; no melhor, germes de tudo o que está no pior, – a irmandade da raça humana seria um mero florescimento de retórica. E a irmandade não é nada se ela não trazer consigo o amor do irmão. Se o coração do poeta não fosse "um oceano de amor sem medida", que busca os lábios e sacia a sede de todos, ele não era aquele que esperamos há tanto tempo. Quem, senão ele, poderia finalmente colocar o significado correto naquela palavra "democracia", que foi feita para suportar uma tal carga de noções incongruentes?</p> <p>"Por Deus! Não terei nada de que todos não possam ter sua contraparte nos mesmos termos"!</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p>flashing it fourth like a banner, making it draw that instant allegiance of every man and woman who loves justice. All occupations, however homely, all developments of the activities of man, need the poet's recognition, because every man needs the assurance that for him also the materials out of which to build up a great and satisfying life lie in hand, the sole magic in the use of them, all of the right stuff in the right hands. Hence those patient enumerations of every conceivable kind of industry:-</p> <p>“In them far more than you estimated – in them far less also.”</p> <p>Far more means, next to nothing as an end; whereas we are wont to take it the other way, and think the result something, but the means a weariness. Out of all come strength, and the cheerfulness of strength. I murmured not a little, to say the truth, under these enumerations, at first. But now I think that not only is their purpose a justification, but that the musical ear and vividness of perception of the poet have enabled him</p> | <p>Exibindo-a como uma bandeira, fazendo com que atraia a fidelidade instantânea de todo homem e mulher que ama a justiça. Todas as ocupações, por mais caseiras que sejam, todos os desenvolvimentos das atividades do homem, precisam do reconhecimento do poeta, porque todo homem precisa da garantia de que, para ele, também os materiais para construir uma grande e satisfatória vida estão na mão, a única magia no uso deles, todas as coisas certas nas mãos certas. Daí as enumerações pacientes de todo tipo de indústria concebível:</p> <p>“Neles muito mais do que você estimou – neles muito menos também”.</p> <p>Muito mais como um meio, quase nada como um fim; enquanto que nós estamos acostumados a tomar o outro caminho, e pensar no resultado, mas o resultado significa um cansaço. De todos vêm a força, e a alegria da força. Eu murmurei um tanto, para dizer a verdade sob estas enumerações, a princípio. Mas agora penso que não só seu propósito é uma justificativa, mas que o ouvido musical e a vivacidade</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|---|
| <p>to perform this task also with strength and grace, and that they are harmonious as well as necessary parts of the great whole.</p> <p>Nor do I sympathize with those who grumble at the unexpected words that turn up now and then. A quarrel with words is always, more or less, a quarrel with meanings; and here we are able to be as genial and as wide as nature, and quarrel with nothing. If the thing the word stands for exists by divine appointment (and what does not so exist?), the word need never be ashamed of itself; the shorter and more direct, the better. It is a gain to make friends with it, and see it in good company. Here, at all events, “poetic diction” would not serve, - not pretty, soft, colorless words, laid by in lavender for the special uses of poetry, that have had none of the wear and tear of daily life; but such as have stood most, as tell of human heart-beats, as fit closest to the sense, and have taken deep hues of association from varied experiences of life – those are the words wanted here. We only ask to seize and be seized swiftly, overmasteringly, by the great meanings. We see with the eyes of the soul, listen with the ears of the soul; the poor old words that have served</p> | <p>da percepção do poeta lhe permitiram realizar esta tarefa também com força e graça, e que eles são partes harmoniosas e necessárias do grande todo.</p> <p>Também não simpatizo com aqueles que resmungam com as palavras inesperadas que aparecem de vez em quando. Uma briga com palavras é sempre uma briga com significados; e aqui somos capazes de ser tão geniais e amplos como a natureza, e brigar com nada. Se o que a palavra significa existe por indicação divina (e o que não existe?), a palavra nunca precisa se envergonhar; quanto mais curta e mais direta, melhor. É um ganho fazer amizade com ela, e vê-la em boa companhia. Aqui, em todo caso, “dicção poética” não serviria, nem palavras bonitas, suaves, incolores, colocadas em lavanda para os usos especiais da poesia, que não tiveram nenhum desgaste da vida cotidiana; mas tais como as que mais se aguentaram, como o relato das batidas do coração humano, como as que mais se assemelham ao sentido, e que tomaram profundas tonalidades de associação a partir de variadas experiências de vida: essas são as palavras desejadas aqui. Pedimos apenas para</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|--|---|
| <p>so many generations for purposes, good, bad, and indifferent, and become warped and blurred in the process, grow young again, regenerate, translucent. It is not mere delight they give us, - <i>that</i> the “sweet singers,” with their subtly wrought gifts, their mellifluous speech, can give too in their degree; it is such life and health as enable us to pluck delights for ourselves out of every hour of the day, and taste the sunshine that ripened the corn in the crust we eat (I often seem to myself to do that).</p> <p>Out of the scorn of the present came skepticism; and out of the large, loving acceptance of it comes faith. If <i>now</i> is so great and beautiful, I need no arguments to make me believe that the <i>nows</i> of the past and of the future were and will be great and beautiful too.</p> | <p>com os ouvidos da alma; as pobres palavras antigas que serviram a tantas gerações por propósitos bons, maus e indiferentes, e que se tornaram deformadas e desfocadas no processo, tornam a crescer jovens novamente, regeneram, translúcidas. Não é mero prazer que eles nos dão, que os “doce cantores”, com seus dons sutilmente trabalhados, seu discurso melífluo, possam dar também em seu grau; é tal vida e saúde que nos permitem arrancar prazeres para nós mesmos a cada hora do dia, e saborear o sol que amadureceu o milho na crosta que comemos (muitas vezes me pareço fazer isso).</p> <p>Do desprezo do presente veio o ceticismo; e da grande e amorosa aceitação do mesmo vem a fé. Se o agora é tão grande e belo, não preciso de argumentos para me fazer acreditar que o agora do passado e do futuro foram e serão grandes e belos também.</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|--|
| <p>“I know I am deathless I know this orbit of mine cannot be swept by the carpenter’s compass. I know I shall not pass, like a child’s carlacue cut with a burnt stick at night. I know I am august. I do not trouble my spirit to vindicate itself or be understood.</p> <p>“My foothold is tenoned and mortised in granite: I laugh at what you call dissolution, And I know the amplitude of Time.”</p> <p>“No array of terms can say how much I am at peace about God and death.”</p> <p>You argued rightly that my confidence would not be betrayed by any poem of this book. None of them troubled me even for a moment; because I saw at a glance that it was not, as men had supposed,</p> | <p>apreender e ser apreendidos rapidamente, com excesso de mestria, pelos grandes significados. Vemos, com os olhos da alma, ouvimos,</p> <p>“Eu sei que sou imortal Eu sei que esta minha órbita não pode ser varrida pela bússola do carpinteiro. Sei que não passarei, como um carrapato tirado de uma criança com um pau em brasa à noite. Eu sei que sou respeitável. Não perturbo meu espírito para se vindicar ou ser compreendido.</p> <p>“Meu pé está tenso e mortificado em granito”: Eu rio do que vocês chamam de dissolução, E eu conheço a amplitude do Tempo”.</p> <p>“Nenhuma palavra exprime o quanto estou em paz sobre Deus e a morte”.</p> <p>Você argumentou corretamente que minha confiança não seria traída por nenhum poema deste livro. Nenhum deles me perturbou, nem por um momento; porque vi num relance que não era, como os homens</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p>the heights brought down to the depths, but the depths lifted up level with the sunlit heights, that they might become clear and sunlit too. Always, for a woman, a veil woven out of her own soul – never touched upon even, with a rough hand, by this poet. But, for a man, a daring, fearless pride of himself, not a mock-modesty woven out of delusions – a very poor imitation of a woman’s. Do they not see that this fearless pride, this complete acceptance of themselves, is needful for her pride, her justification? What! Is it all so ignoble, so base, that it will not bear the honest light of speech from lips so gifted with “the divine power to use words?”. Then what hateful, bitter humiliation for her, to have to give herself up to the reality! Do you think there is ever a bride who does not taste more or less this bitterness in her cup? But who put it there? It must surely be man’s fault, not God’s, that she has to say to herself, “Soul, look another way – you have no part in this. Motherhood is beautiful, fatherhood is beautiful; but the dawn of fatherhood and motherhood is not beautiful.” Do they really think that God is ashamed of what he has made and appointed? And, if not, surely it is somewhat superfluous that they should undertake to be so for him.</p> | <p>havia suposto, as alturas sendo levadas às profundezas, mas as profundezas sendo elevadas ao nível das iluminadas alturas, para que elas também se tornassem claras e iluminadas pelo sol, para que elas pudessem se tornar claras e iluminadas também. Sempre, para uma mulher, um véu tecido de sua própria alma, nunca tocado, nem mesmo com uma mão áspera por este poeta. Mas, para um homem, um orgulho ousado e destemido de si mesmo, e não uma modéstia de traição tecida por ilusões: uma imitação muito pobre de uma mulher. Não veem eles que este orgulho destemido, essa completa aceitação de si mesmos, é necessária para seu orgulho, sua justificação? É tudo tão ignóbil, tão básico, que não suportará a luz honesta da fala de lábios tão dotados com “o poder divino de usar palavras”? Então que humilhação odiosa e amarga para ela, ter que se entregar à realidade! Você acha que existe alguma noiva que não sente mais ou menos este amargo em seu copo? Mas quem a colocou lá? Certamente deve ser culpa do homem, não de Deus, que ela tenha que dizer para si mesma: “Alma, olhe para outro lado, você não tem nenhuma parte nisto. A maternidade é bela, a</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|---|
| <p>“The full-spread pride of man is calming and excellent to the soul,”</p> <p>Of a woman above all. It is true that instinct of silence I spoke of is a beautiful, imperishable part of nature too. But it is not beautiful when it means an ignominious shame brooding darkly. Shame is like a very flexible veil, that follows faithfully the shape of what it covers, - beautiful when it hides a beautiful thing, ugly when it hides an ugly one. It has not covered what was beautiful here; it has covered a mean distrust of a man’s self and of his Creator. It was needed that silence, this evil spell, should for once be broken, and the daylight let in, that the dark cloud lying under might be scattered to the winds. It was needed that onde who could here indicate for us “the path between reality and the soul” should speak. That is what these beautiful, despised poems, the “Children of Adam,” do, read by the light that</p> | <p>paternidade é bela; mas a aurora da paternidade e da maternidade não é bela”. Será que eles realmente pensam que Deus tem vergonha do que ele fez e nomeou? E, se não, certamente é um tanto supérfluo que eles se comprometam a ser assim para Ele.</p> <p>“O orgulho do homem é acalmante e excelente para a alma”.</p> <p>De uma mulher acima de tudo. É verdade que o instinto de silêncio do qual falei é também uma parte bela e imperecível da natureza. Mas não é belo quando significa uma vergonha ignominiosa que brota no escuro. A vergonha é como um véu muito flexível, que segue fielmente a forma do que cobre, belo quando esconde uma coisa bela, feio quando esconde uma coisa feia. Ele não cobriu o que era belo aqui; ele cobriu uma desconfiança mesquinha de si mesmo e de seu Criador. Era necessário que o silêncio, este feitiço maligno, fosse quebrado de uma vez, e que a luz do dia entrasse, para que a nuvem escura sob ele pudesse ser espalhada aos ventos. Era preciso que quem aqui pudesse nos indicar “o caminho entre a realidade e a alma”, falasse. É o que fazem estes belos e desprezados poemas, “Children of Adam”, lidos</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|---|--|
| <p>glows out of the rest of the volume: light of a clear, strong faith in God, of an unfathomably deep and tender love for humanity, - light shed out of a soul that is “possessed of itself.”</p> <p>“Natural life of me faithfully praising things, Corroborating for ever the triumph of things.”</p> <p>Now silence may brood again; lovingly, happily, as protecting what is beautiful, not as hiding what is unbeautiful; consciously enfolding a sweet and sacred mystery – august even as the mystery of Death, the dawn as the setting; kindred grandeurs, which to the eyes that are opened shed a hallowing beauty on all that surrounds and preludes them.</p> <p>“O vast and well-veiled Death! “O the beautiful touch of Death, soothing and benumbing a few moments, for reasons!”</p> | <p>pela luz que brilha do resto do volume: luz de uma fé clara e forte em Deus, de um amor insondavelmente profundo e terno pela humanidade, luz derramada de uma alma que está “possuída de si mesma”.</p> <p>“A vida natural de mim, louvando fielmente as coisas”, Corroborando para sempre o triunfo das coisas”.</p> <p>Agora, o silêncio pode renascer; amorosamente, alegremente, como a proteger o que é belo, não como a esconder o que não é bonito; conscientemente envolvendo um mistério doce e sagrado – augusto até mesmo como o mistério da Morte, o amanhecer como o cenário; grandezas afáveis, que aos olhos que se abrem derramam uma beleza santa em tudo o que os rodeia e os preludia.</p> <p>“Ó vasta e bem velada Morte! Ó belo toque da Morte, calmante e entorpecente, por momentos, por razões!”</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p>He who can thus look with fearless at the beauty of Death may well dare to teach us to look with fearless, untroubled eyes at the perfect beauty of Love in all its appointed realizations. Now none need turn away their thoughts with pain or shame; though only lovers and poets may say what they will, - the lover to his own, the poet to all, because all are in a sense his own. None need fear that this will be harmful to the woman. How should there be such a flaw in the scheme of creation that, for the two with whom there is no complete life, save in closest sympathy, perfect union, what is natural and happy for the one should be baneful for the other? The utmost faithful freedom of speech, such as there is in these poems, creates in her no thought or feeling that shuns the light of heaven, none that are not as innocent and serenely fair as the flowers that grow; would lead, not to harm, but to such deep and tender affection as makes harm or the thought of harm simply impossible. Far more beautiful care than man is aware of has been taken in the making of her, to fit her to be his mate. God has taken such care that <i>he</i> need take none; none, that is, which consists in disguisement,</p> | <p>Aquele que pode olhar com destemor para a beleza da Morte pode muito bem ousar nos ensinar a olhar com olhos destemidos e sem problemas para a beleza perfeita do Amor, em todas as suas realizações designadas. Agora ninguém precisa desviar seus pensamentos com dor ou vergonha; embora apenas amantes e poetas possam dizer o que quiserem, o amante para si mesmo, o poeta para todos, porque todos são, em certo sentido, seus próprios. Ninguém precisa temer que isso seja prejudicial para a mulher. Como deve haver tal falha no esquema de criação que, para os dois com quem não há vida completa, salvo em íntima simpatia, união perfeita, o que é natural e feliz para um deve ser banido para o outro? A máxima liberdade de expressão fiel, tal como existe nestes poemas, não cria nenhum pensamento ou sentimento que afaste a luz do céu, nenhum que não seja tão inocente e serenamente justo como as flores que crescem; levaria, não a prejudicar, mas a um afeto tão profundo e terno que torna o malefício ou o pensamento de malefício simplesmente impossível. Um cuidado muito maior do que o homem imagina foi tomado na sua elaboração, para que ela se adapte para ser sua companheira. Deus tomou tanto cuidado que não precisa</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|--|
| <p>insincerity, painful hushing-up of his true, grand, initiating nature. And, as regards the poet's utterances, which, it might be thought, however harmless in themselves, would prove harmful by falling into the hands of those for whom they are manifestly unsuitable, I believe that even here fear is needless. For her innocence is folded round with such thick folds of ignorance, till the right way and time for it to accept knowledge, that what is unsuitable is also unintelligible to her; and, if no dark shadow from without be cast on the white page by misconstruction or by foolish mystery and hiding away from it, no hurt will ensue from the passing freely through her hands.</p> <p>This is so, though it is little understood or realized by men. Wives and mothers will learn through the poet that there is rejoicing grandeur and beauty there wherein their hearts have so longed to find it; where foolish men, traitors to themselves, poorly comprehending the grandeur of their own or the beauty of a woman's nature, having taken such pains to make her believe there was none, - nothing but miserable discrepancy.</p> | <p>tomar nenhum; nenhum que consista em disfarce, insinceridade, doloroso silenciamento de sua natureza verdadeira, grandiosa e iniciática. E, quanto às afirmações do poeta, que, por mais inofensivas que sejam, poderiam ser consideradas prejudiciais ao cair nas mãos daqueles para os quais são manifestamente inadequados, acredito que mesmo aqui o medo é desnecessário. Pois sua inocência é dobrada com pregas grosseiras de ignorância, até a maneira e o tempo certos para que ela aceite o conhecimento, que o que é inadequado também é ininteligível para ela; e, se nenhuma sombra escura for lançada na página branca por má construção ou por mistério tolo e se esconder dela, nenhuma mágoa passará pelas suas mãos.</p> <p>Isto é assim, embora seja pouco compreendido ou realizado pelos homens. Esposas e mães aprenderão, através do poeta, que há ali grandeza e beleza regozijantes, onde seus corações ansiavam tanto encontrá-la; onde os homens tolos, traidores a si mesmos, mal compreendem a grandeza própria ou a beleza da natureza de uma mulher, tendo se esforçado tanto para fazê-la acreditar que não havia nenhuma, – nada além de uma discrepância miserável.</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p>One of the hardest things to make a child understand is, that underneath your feet, if you go far enough, you come to blue sky and stars again; that there really is no “down” for the world, but only in every direction an “up.” And that this is an all-embracing truth, including within its scope every created thing, and, with deepest significance, every part, faculty, attribute, healthful impulse, mind, and body of a man (each and all facing towards and related to the Infinite on every side), is what we grown children find hardest to realize too. Novalis said: “We touch heaven when we lay our hand on the human body;” which, if it mean anything, must mean an ample justification of the poet who has dared to be the poet of the body as well as the soul, - to treat it with the freedom and grandeur of an ancient sculptor.</p> <p>“Not physiognomy alone nor brain alone is worthy of the muse: - I say the form complete is worthier far. “These are not parts and poems of the body only, but of the soul. “O, I say now these are soul.”</p> | <p>Uma das coisas mais difíceis de fazer uma criança entender é que, debaixo de seus pés, se você for longe o suficiente, você chega ao céu azul e às estrelas novamente; que realmente não há “para baixo” para o mundo, mas apenas em todas as direções um “para cima”. E que esta é uma verdade abrangente, incluindo dentro do seu escopo cada coisa criada e, com o mais profundo significado, cada parte, faculdade, atributo, impulso saudável, mente e corpo de um homem (cada um e todos enfrentando e relacionado ao Infinito em todos os lados), é o que nós crianças crescidas achamos mais difícil de perceber também. Novalis disse: “Tocamos o céu quando colocamos nossa mão sobre o corpo humano”; se isso significa alguma coisa, deve significar uma ampla justificação do poeta que ousou ser o poeta do corpo assim como da alma, tratá-lo com a liberdade e a grandeza de um antigo escultor.</p> <p>“Nem só a fisionomia nem o cérebro é digno da musa: Eu digo que a forma completa vale mais longe. “Estas não são partes e poemas apenas do corpo, mas da alma”. “Ah, digo agora que estas são almas”.</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p>But while Novalis – who gazed at the truth a longway off, up in the air, in a safe, comfortable, German fashion – has been admirably quoted by high authorities, the great American who has dared to rise up and wrestle with it, and bring it alive and full of power in the midst of us, has been greeted with a very different kind of reception, as has happened a few times before in the world in similar cases. Yet I feel deeply persuaded that a perfectly fearless, candid, ennobling treatment of the life of the body (so inextricably intertwined with, so potent in its influence on the life of the soul) will prove of inestimable value to all earnest and aspiring natures, impatient of the folly of the long prevalent belief that it is because of the greatness of the spirit that it has learned to despise the body, and to ignore its influences; knowing well that it is, on the contrary, just because the spirit is not great enough, not healthy and vigorous enough, to transfuse itself into the life of the body, elevating that and making it holy by its own triumphant intensity; knowing, too, how the body avenges this by dragging the soul down to the level assigned itself. Whereas the spirit must lovingly embrace the</p> | <p>Mas, enquanto Novalis – que olhou para a verdade de longe, no ar, de forma segura, confortável e alemã – foi admiravelmente citado por altas autoridades, o grande americano que ousou levantar-se e lutar com ela, e trazê-la viva e cheia de poder no meio de nós, foi recebido com um tipo de recepção muito diferente, como já aconteceu algumas vezes no mundo em casos semelhantes. No entanto, sinto-me profundamente convencida de que um tratamento perfeitamente destemido, franco e enobecedor da vida do corpo (tão inextricavelmente entrelaçado, tão potente em sua influência sobre a vida da alma) provará um valor inestimável para todas as naturezas sérias e aspirantes, impaciente da loucura da crença há muito prevalecente de que é por causa da grandeza do espírito que ele aprendeu a desprezar o corpo, e a ignorar suas influências; sabendo bem que é, ao contrário, só porque o espírito não é grande o suficiente, não é saudável e vigoroso o suficiente, para se transformar na vida do corpo, elevando-o e tornando-o santo por sua própria intensidade triunfante; sabendo, também, como o corpo vingava isso, arrastando a alma até o nível que lhe foi atribuído. Enquanto o</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p>body, as the roots of a tree embrace the ground, drawing thence rich nourishment, warmth, impulse. Or, rather, the body is itself the root of the soul, - that whereby it grows and feeds. The great tide of healthful life that carries all before it must surge through the whole man, not beat to and fro in one corner of his brain.</p> <p>“O the life of my senses and flesh, transcending my senses and flesh!”</p> <p>For the sake of all that is highest, a truthful recognition of this life, and especially of that of it which underlies the fundamental ties of humanity, - the love of husband and wife, fatherhood, motherhood, - is needed. Religion needs it, now at last alive to the fact that the basis of all true worship is comprised in “the great lesson of reception, neither preference nor denial,” interpreting, loving, rejoicing in all that is created, fearing and despising nothing.</p> <p>“I accept reality, and dare not question it.”</p> | <p>espírito deve abraçar amorosamente o corpo, como as raízes de uma árvore abraçam o solo, extraindo dali alimento rico, calor, impulso. Ou melhor, o corpo é ele mesmo a raiz da alma, aquilo pelo qual ele cresce e se alimenta. A grande maré de vida saudável que carrega tudo antes que ela surja através do homem inteiro, e não bater de um lado para o outro em um canto de seu cérebro.</p> <p>“Ah vida dos meus sentidos e carne, transcendendo meus sentidos e carne!”</p> <p>Para o bem de tudo o que é mais elevado, é necessário um reconhecimento verdadeiro desta vida e, especialmente, daquela que está subjacente aos laços fundamentais da humanidade, o amor de marido e mulher, paternidade, maternidade. A religião precisa dela, agora finalmente viva para o fato de que a base de todo verdadeiro culto está na “grande lição de recepção, nem preferência nem negação”, interpretando, amando, regozijando em tudo o que é criado, não temendo e não desprezando nada.</p> <p>“Aceito a realidade, e não ousou questioná-la”.</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|--|
| <p>The dignity of a man, the pride and affection of a woman, need it too. And so does the intellect. For science has opened up such elevating views of the mystery of material existence that, if poetry had not bestirred herself to handle this theme in her own way, she would have been left behind by her plodding sister. Science knows that matter is not, as we fancied, certain stolid atoms which the forces of nature vibrate through and push and pull about; but that the forces and the atoms are one mysterious imperishable identity, neither conceivable without the other. She knows, as well as the poet, that destructibility is not one of nature's words; that it is only the relationship of things – tangibility, visibility – that are transitory. She knows that body and soul are one, and proclaim it undauntedly, regardless, and rightly regardless, of inferences. Timid onlookers, aghast, think it means that soul is body, - means death for the soul. But the poet knows it means body is soul, - the great whole imperishable; in life and in death continually changing substance, always retaining identity. For, if the man of science is happy about the atoms, if he is not baulked or baffled by apparent decay or</p> | <p>A dignidade de um homem, o orgulho e o afeto de uma mulher, também precisam dela. E o intelecto também. Pois a ciência abriu visões tão elevadas do mistério da existência material que, se a poesia não tivesse se agarrado a este tema à sua maneira, ela teria sido deixada para trás por sua irmã sofredora. A ciência sabe que a matéria não é, como imaginávamos, certos átomos estólios pelos quais as forças da natureza vibram e empurram e puxam; mas que as forças e os átomos são uma misteriosa identidade imperecível, nem concebível sem a outra. Ela sabe, assim como o poeta, que a destrutividade não é uma das palavras da natureza; que só a relação das coisas – tangibilidade, visibilidade – é que são transitórias. Ela sabe que corpo e alma são um só, e a proclama de forma destemida, independentemente, e com razão, das inferências. Os espectadores tímidos, horrorizados, pensam que significa que a alma é corpo, significa morte para a alma. Mas o poeta sabe que corpo é alma. O grande todo imperecível; na vida e na morte mudando continuamente de substância, sempre mantendo a identidade. Pois, se o homem da ciência está feliz com os átomos, se não se abala</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|---|
| <p>destruction, but can see far enough into the dimness to know that not only is each atom imperishable, but that its endowments, characteristics, affinities, electric and other attractions and repulsions – however suspended, hid, dormant, masked, when it enters into new combinations – remain unchanged, be it for thousands of years, and, when it is again set free, manifest themselves in the old way, shall not the poet be happy about the vital whole? Shall the highest force, the vital, that controls and compels into complete subservience for its own purposes the rest, be the only one that is destructible? And the love and thought that endow the whole be less enduring than the gravitating, chemical, electric powers that endow its atoms? But identity is the essence of love and thought, - I still I, you still you. Certainly no man need ever again be scared by the “dark hush” and the little handful of refuse.</p> | <p>ou se comove pela aparente decadência ou destruição, mas pode enxergar longe o suficiente para saber que não só cada átomo é imperecível, mas que seus dotes, características, afinidades, e outras atrações e repulsões elétricas, por mais suspensas, escondidas, adormecidas, mascaradas, quando entram em novas combinações permanecem inalteradas, até por milhares de anos, e, quando novamente libertadas, manifestam-se da maneira antiga, o poeta não ficaria feliz com o todo vital? Será que a força mais elevada, a vital, que controla e obriga à completa subserviência para seus próprios fins o resto, será a única que é destrutível? E o amor e o pensamento que dotam o todo será menos duradouro do que as potências gravitantes, químicas, elétricas que dotam seus átomos? Mas a identidade é a essência do amor e do pensamento: eu ainda sou eu, você ainda é você. Certamente, nenhum homem precisa se assustar novamente com o “silêncio escuro” e com o pequeno punhado de recusas.</p> |

(continuação)

| <p>Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti.</p> | <p>Tradução Daniela</p> |
|--|--|
| <p>“You are not scattered to the winds – you gather certainly and safely around yourself.” “Sure as Life holds all parts together, Death holds all parts together.” “All goes onward and outward: nothing collapses.” “What I am, I am of my body; and what I shall be, I shall be of my body.” “The body parts away at last for the journeys of the soul.”</p> <p>Science knows that whenever a thing passes from a solid to a subtle air, power is set free to a wider scope of action. The poet knows it too, and is dazzled as he turns his eyes toward “the superb vistas of death.” He knows that “the perpetual transfers and promotions” and “the amplitude of time” are for a man as well as for the earth. The man of science, with unwearied, self-denying toil, finds the letters and joins them into words. But the poet alone can make complete sentences. The man of science furnishes the premises; but it is the poet who draws the final conclusion. Both together are “swiftly and surely preparing a future greater than all the past.” But, while the man of science bequeaths to it the fruits of his toil, the poet, this mighty poet, bequeaths himself – “Death making him really undying.” He will “stand as nigh as the nighest” to these men and</p> | <p>“Você não está espalhado ao vento – você se reúne certamente e com segurança ao seu redor”.</p> <p>“Assim como a Vida mantém todas as partes juntas, a Morte mantém todas as partes juntas”.</p> <p>“Tudo vai para frente e para fora: nada desmorona”.</p> <p>“O que eu sou, eu sou do meu corpo; e o que eu serei, eu serei do meu corpo”.</p> <p>“As partes do corpo afastam-se finalmente para as viagens da alma”.</p> <p>A ciência sabe que sempre que uma coisa passa de um ar sólido para um ar sutil, o poder é liberado para um escopo de ação mais amplo. O poeta também sabe disso, e fica deslumbrado quando vira seus olhos para “as magníficas perspectivas da morte”. Ele sabe que “as perpétuas transferências e promoções” e “a amplitude do tempo” são tanto para um homem quanto para a terra. O homem da ciência, com uma labuta desesperada e desinteressante, encontra as letras e as une em palavras. Mas só o poeta pode fazer frases completas. O homem da ciência fornece as premissas; mas é o poeta que tira a conclusão final. Ambos juntos estão “preparando rápida e seguramente um futuro maior do que</p> |

(continuação)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|--|---|
| <p>women. For he taught them, in words which breathe out his very heart and soul into theirs, that “love of comrades” which, like the “soft-born measureless light,” makes wholesome and fertile every spot it penetrates to, lighting up dark social and political problems, and kindling into a genial glow that great heart of justice which is the life-source of Democracy. He, the beloved friend of all, initiated for them a “new and superb friendship;” whispered that secret of a godlike pride in a man’s self, and a perfect trust in woman, whereby their love for each other, no longer poisoned and stifled, but basking in the light of God’s smile, and sending up to him a perfume of gratitude, attains at last a divine and tender completeness. He gave a faith-compelling utterance to that “wisdom which is the certainty of the reality and immortality of things, and of the excellence of things.” Happy America, that he should be her son! One sees, indeed, that only a young giant of a nation could produce this kind of greatness, so full of the ardor, the elasticity, the inexhaustible vigor and freshness, the joyousness, the audacity of youth. But I, for one, cannot grudge anything to America.</p> | <p>todo o passado”. Mas, enquanto o homem da ciência lhe legou os frutos de seu trabalho, o poeta, este poderoso poeta, legou ele mesmo: “a morte o torna realmente imortal”. Ele “ficará tão perto quanto o mais perto” para estes homens e mulheres. Pois ele lhes ensinou, em palavras que expiram seu próprio coração e alma para dentro do deles, aquele “amor de camaradas” que, como a “luz suave e sem medida”, torna saudável e fértil cada ponto em que penetra, iluminando problemas sociais e políticos sombrios, e acendendo um brilho genial naquele grande coração de justiça que é a fonte de vida da Democracia. Ele, o amado amigo de todos, iniciou para eles uma “nova e soberba amizade”; sussurrou aquele segredo de um orgulho divino no eu de um homem, e uma confiança perfeita na mulher, pela qual seu amor mútuo, não mais envenenado e sufocado, mas aproveitando o sorriso de Deus, e enviando a ele um perfume de gratidão, alcança finalmente uma completude divina e terna. Ele deu uma declaração de fé que é a “sabedoria que é a certeza da realidade e imortalidade das coisas, e da excelência das coisas”. Feliz América, por tê-lo como seu filho! Vê-se,</p> |

(conclusão)

| Texto original, publicado em 1870 na revista <i>The Radical</i>, com o preâmbulo de William Michael Rossetti. | Tradução Daniela |
|---|--|
| <p>For, after all, the young giant is the old English giant, - the great English race renewing its youth in that magnificent land, “Mexican-breathed, Artic-braced,” and girding up its loins to start on a new career that shall match with the greatness of the new home.</p> | <p>de fato, que somente uma nação jovem e gigante poderia produzir este tipo de grandeza, tão cheia do ardor, da maleabilidade, do vigor e frescor inesgotáveis, da alegria, da audácia da juventude. Mas eu, por exemplo, não posso guardar rancor de nada para a América. Pois, afinal de contas, o jovem gigante é o velho gigante inglês, a grande raça inglesa renovando sua juventude naquela terra magnífica, “de sopro mexicano, de raça ártica”, e cingindo seus lombos para começar uma nova carreira que deve condizer com a grandeza da nova casa.</p> |